I

A R:. Loj:. Cag:. Academia Livre
sob os auspícios do Gr:. Or:. Lusitano Unido
Sup:. Cons:. da Maç:. Portug:.

(11 de novembro de 1898 — a 22 de maio
de 1901)

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

Nº 1

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.
Sob os auspicios do Gr.·. Or.·. Lusitano Un.·.
S.·. Conse. da Maç.·. Port.·.
A R.·. Loj.·. Academia Livre

Portugal, vall.·. de Coimbra — 9 de março de 1900 (e.·. v.·.)
Ao C.·. Ir.·. Sr.·. Nun'alvares
S.·. F.·. U.·.

Tomo a liberdade de vos communicar que esta R.·. Off.·. resolveu d'hoje para o futuro fazer as suas sessões ordinarias todos os sabbados pelas sete horas da tarde, a principiar no proximo dia 10 do corrente, cuja ordem do dia será: a) a discussão do Graf.·. Francisco Gonçalves Tello; b) duas iniciações; c) trabalhos a apresentar á conf.·. maç.·. do Porto nos dias 21 e 22; d) exercicios d'instrucção.

Para que todos os oobr.·. deste ⊡ fiquem sabendo quaes os dias e hora das sessões ordinarias faço circular o presente aviso por ordem do Ven.·.

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

Que o S.·. A.·. do U.·. vos ajude e ill.·.
O Secret.·. da L.·. Academia Livre
(a) Malou, gr.·. 3º

N.º 2

(Representação que devia ser enviada ao Parlamento. Foi feita por José Maria Dias Ferrão e subtrahida ao archivo por mim, durante a gerencia do meu logar de chanc.·. arch.·.)

« Os cidadãos liberaes, abaixo assignados, vendo a Liberdade dos Portugueses torpemente ameaçada pelo crescente predominio dos Jesuitas, vem por este meio lançar um grito d'alarme no seio do Parlamento.

Introduzida em Portugal a Companhia de Jesus em 1540, no tempo do supersticioso D. João 3º quando a barca de S. Pedro oscillava nos vendavaes da Reforma, não tardou a manifestar a sua acção funesta, toda eivada de crimes nefandos que promoveram a ignorancia e a desordem das classes populares

a decadencia das lettras patrias, o scepticismo e negação das correntes scientificas da epocha e por fim fizeram entrega da nossa terra, outrora conquistada em Ourique aos sectarios do Alcorão, ao ambicioso Demonio do Meio-Dia.

Após dois seculos de servidão e de cobardia surgio uma aurora nova em que Portugal se sente florescer no meio das reformas do grande Marquez de Pombal, que, para expandirem a sua acção benefica, julgáram indespensavel a extinção completa da Sedionda capila de S. Ignacio de Loyola

Foi a convicção destes novos ideiaes que motivou a publicação da Lei de 3 de setembro de 1759. Outras nações da Europa, que nessa edade occupavam a vanguarda da civilisação humana, seguiram o exemplo de Portugal e o proprio S. Padre Clemente 14º lhe descarregou o golpe mortal do alto do solio pontificio pelo breve de 21 de julho de 1773: Dominus ac Redemptor noster Jesus-Christus. Amaldiçoados e anathematisados pela curia romana, expulsos do seio das nações, os filhos de S. Ignacio estavam reduzidos á miseravel condicção de párias, quando a Russia os recolheu no seu territorio para levantar a destruicção da nobre e altiva Polonia.

Logo que em Portugal subio os degráos do

trono D. Maria I, a cafila dos sicarios de Loyolla aglomerou-se-lhe em redor, logrando ensanguental-a com o medo do inferno.

Nas luctas liberaes que agitaram convulsas e profundas nos reinados posteriores, os Jesuitas foram os mais extremos defensores da theoria theocratica do Direito Divino dos reis que vinha ha seculos proclamando o despotismo e a servidão.

Pregáram no pulpito e na confissão o extermínio e a revolta contra os liberaes, a ignorancia e o fanatismo das classes populares; foram os claustros os centros mais infectos de reacção e de intolerancia que era necessario destruir a todo o transe.

O reformador de 1832 via de certo essa necessidade mas os decretos da ilha Terceira ficaram incompletos e vigeraram uma duração ephemera; e por isso a gloria purpurea de exterminar a ignominiosa peita dos negros cabraes estava reservada para o ousado e energico ministro Joaquim Antonio d'Aguiar que em 30 de maio de 1834 expulsou do seio da nossa Nacionalidade as ordens regulares e decretou a incorporação dos seus bens no Fundo Publico.

Posta em execução esta salutar medida, a Liberdade respirou suave e tranquilla no vasto horisonte de prosperidades que parecia

que pareciam deslisar no azul do seu céu.

Mas os infames e infatigaveis legionários que incessantemente trabalhavam nas trévas para escurecer e enlutar o porvir, não se demoráram a invadir de novo a nossa patria e os seus detestaveis effeitos nunca se apresentaram tão altivos, tão infrenes, tão dessiminados, e tão impulgadores como na actual conjunctura.

Na fundação de collegios de instrução secundária a que elles dão o nome de Casas para a educação da infancia desvalida, encontram elles os copiosos thesouros, as magnificentes riquezas e os extraordinarios monopolios que outr'ora possuiam na Asia, na Africa e na America.

Em S. Fiel, no Louriçal do Campo, como se póde ver d'um relatorio feito por dois medicos abalisados, para isso commissionados pelo Snr. Governador civil de Castello-Branco em cumprimento da portaria de 12 de novembro de 1880, ao lado das mais revoltantes condições hygiénicas, encontra-se uma pessima organisação no ensino onde se deturpa a historia e onde se transforma o espirito da juventude com falsos preconceitos d'uma moral depravada.

E' que o jesuita quér a infancia porque ella é a esperança do futuro e a creança d'

Loje é o homem d'amanhã e este envenenado pelo fanatismo transmittirá essa perniciosa herança ás gerações vindouras.

Alem deste Collegio, muitos outros teem os Jesuitas em Portugal e afar destas immoraes instituições que são o mais fecundo germen da revolta e da reacção teem ainda as associações dos Filhos de Maria, S. Vicente de Paula e tantas outras onde se congregam pessoas nobres e ricas, das povoações urbanas e sertanejas que concorrem com fabulosas quantias e avultadas heranças e d'onde exportam um numero consideravel de beatas para dessiminar pelas aldeias quando não conseguem recrutal-as lá, afim de alimentarem um sordido commercio de bentinhos, imagens de gêsso torpemente talhadas, sem arte e sem valor intrinseco, estampas, livros, e outros artigos de especulação.

Mas não fica ainda aqui a sua obra damninha, vae mais longe, vae ao confessionario onde o fanatismo e a superstição assaltam o intimo das familias levando a desordem ao lar e ao thalamo conjugal.

Assim dominam a mulher, debil, terna e graciosa creatura que é a doçura e o enlevo da habitação domestica para a transformarem nessas beatas cabisbaixas e misan-

trogas que passam uma vida inteira orando sobre o escuro lagedo dos claustros, consumindo-se em jejuns no meio de sonhos e visões miraculosas, esquecida dos seus mais sacrosantos deveres.

Continuando por esta forma a odiosa seita de Loyola a lançar mão da mocidade, a pervertel-a, a especular com a sua imaginação ardente, com o seu espirito fraco e desprevenido, com a extrema sensibilidade da mulher, para a converterem em instrumento passivo dos seus libidinosos e avaros projectos, é indubitavel que essas novas eras de prosperidade que vemos desfontar nos horisontes futuros se converterão na profunda noite da servidão e fanatismo que por largos annos nos enlutou o passado.

E' por isso que um grupo de liberaes de todas as classes vem perante um Parlamento tão egregio pela illustração de seus membros e tão distincto pelas tradições douradas que representa, pedir a urgente expulsão de todas as ordens religiosas que em Portugal se encontram emanadas da alcateia homicida do infame Loyola que constituem um perigo immenso para a Liberdade da Patria e um opprobrio para as futuras gerações.

O nosso pedido é pois, em synthese, a ap-

glicação rigorosa e immediata da lei de 28 de maio de 1834, tão inteira como nella se contém, referendada por Joaquim Antonio d'Aguiar e actualmente em vigor.»

(deviam seguir-se as assignaturas).

N.º 3

Coimbra, 30-1-901

Ao Tr.·. Ls.·. Nun'Alvares

No dia um (1-2-901) deve reunir a Gr.·. Loj.·. Symb.·. para abrir as suas sessões. O amigo Terenas escreveu-me para irmos ou mandarmos Ffrac.·. ..

Os rref.·. da nossa Loj.·. que aqui estão já delegáram os seus poderes em Ilr.·. d'ahi mandando eu dizer ao Terenas que lhe escrevia para o meu amigo apparecer, caso possa, ou delegar os seus poderes nalgum Irmão que combine com elle.

Arranje portanto ahi as cousas de forma que se não perca um deputado. Embora delegue os seus poderes tem sempre o seu logar logo que esteja para o occupar.

-Sem mais, disfarula do seu amigo e Ir:. dedicado

(a) Manuel Duarte Siqueira

P. S. = Tem o 5º gr.:. votado, mande dizer se o quér, talvez volte a Zeus porque lhe sae barato. Aguarde em quanto o Tenho.

Seu amigo
(a) M. D. Siqueira

Nº 4

(Telegramma recebido da Loj:. Academia Livre em 1901.)

Dr. Heron de Mello, da Loj:. Livre Exame — Pelo Ven:.

José Maria de Souza, da Loj:. Montanha — Eleito

Carlos Arthur Furtado da Luz, da mesma Loj:. — Eleito

Luis Baptista da Silva Diniz, da mesma Loj:. — Eleito

Belizario Pimenta, da Loj:. Academia Livre — Eleito

N.º 5

A' Gl.: do S.: G.: do U.:
Grande Oriente Lusitano Unido
Sug.: Cons.: da Maç.: Portuguesa.

Sall.: de Lisboa – 5 de Janeiro de 1901 (e.: v.:)

C.: G.: Ls.:

A Gr.: Loj.: Sygnb.: reune na proxima sexta-feira, 8 do corrente, pelas 8 1/2 horas da noite, sendo a ordem dos Trab.:

Eleição das suas DDig.: e OOff.:

A esta sessão é necessario, segundo a lei que estejam presentes metade e mais um dos representantes eleitos a fim de que o acto eleitoral não fique adiado.

Que o S.: Arch.: do U.: vos aj.:

O Gr.: Secr.: Ger.: da Ord.:
Solon, 30 .:.

Nº 6

A' Gl:. do S:. A:. do U:.
Grande Oriente Lusitano Unido
Sup:. Cons:. da Maç:. Portuguesa.

Vall:. de Lisboa – 13 de Janeiro de 1901 (e:. v:.)
A Gr:. Secr:. Ger:. da Ord:.

S:.
Ao M:. Ir:. Belizário Pimenta

C:. M:. Ir:.
Tenho a honra de vos communicar para os effeitos convenientes que a Gr:. Loj:. Superb:. em sua sessão de 8 do corrente, vos elegeu para o cargo de Gr:. Porta-Espada, do qual deveis prestar juramento e tomar posse na sessão da proxima sexta-feira, 15.

Esta sessão realisa-se ás 8 1/2 horas da noite e da ordem dos Trab:. faz tambem parte a leitura da allocução do Sap:. Gr:. Mest:.

Leu o Sup:. Arch:. do Univ:. vos aj:. e il:.

O Gr:. Secret:. Ger:. da Ord:.
(a) Solon 30º:.

Nº 7

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
Grande Oriente Lusitano Unido
Sup.·. Cons.·. da Maç.·. Portuguesa

Vall.·. de Lisboa – 16 de Fevereiro de 1901 (e.·. v.·.)

C.·. R.·. Ir.·.

A proxima sessão da Gr.·. Loj.·. Symb.·. realisa-se na sexta-feira, 22 do corrente, pelas 8½ horas da noite sendo a ordem dos trabalhos:

Apresentação do projecto do orçamento para 1901;

Apresentação do relatorio e contas da gerencia do Cons.·. da Ord.·. em 1900.

Que o S.·. A.·. do U.·. vos aj.·. e ill.·.

O Gr.·. Secret.·. Ger.·. da Ord.·.
(a) Solon 30.·.

Nº 8

A' Gl.·. do S.·. T.·. do U.·.
Grande Oriente Lusitano Unido
Sup.·. Cons.·. da Maç.·. Portuguesa.

Vall.·. de Lisboa – 26 de Janeiro de 1901 (e.·. v.·.)

C.·. R.·. Ir.·.

A Gr.·. Loj.·. Symb.·. reune na proxima sexta-feira, 1 de março, pelas 8 1/2 horas da noite, tendo a ordem dos trabalhos:

Apresentação do projecto de orçamento para 1901 e do relatorio e contas da gerencia do Cons.·. da Ord.·. em 1900.

Que o S.·. T.·. do U.·. vos aj.·. o ill.·.

O Gr.·. Secret.·. Ger.·. da Ord.·.
(a) Solano, 30.·.

N.º 9

Ill.mo Amigo e Snr.

Lisboa, 5 de março de 1901

O Snr. Luz d'Almeida pode ser procurado na Bibliotheca Municipal, á rua da Emenja, ou na residencia Escadinhas João Carlos d'Oliveira, letra A, 2.º andar.

Com particular estima
De V. Ex.ª
Am.º muito att.º e Venerd.or
(a) José Pinheiro de Mello.

N.º 10

A' Gl.·. do S.·. A.·. do O.·.
Grande Oriente Lusitano Unido
Sup.·. Cons.·. do Maç.·. Portuguez

Vall.·. de Lisboa, — 5 de março de 1901 (e.·. v.·.)

C.·. A.·. Ir.·.

A Gr.·. Loj.·. Syzyg.·. deve reunir na proxima sexta-feira, 8 do corrente, pelas 8 1/2 horas da noite pelo a ordem do Trab.·.:

Discussão de propostas pendentes da sessão anterior.

Sec o S.·. A.·. do O.·. vm aj.·. e ill.·.

O Gr.·. Sec.·. Ger.·. do Ord.·.
(a) Solano 30.·.

N.º 11

A' Gl.·. do I.·. A.·. do O.·.
Grande Oriente Lusitano Unido
Sup.·. Cons.·. da Maç.·. Portugueza.

Vall.·. de Lisboa — 12 de março de 1901 (e.·. v.·.)

C.·. e R.·. Ir.·.

Por deliberação da Gr.·. Loj.·. ficou assente que as suas sessões se effectuem ás sextas-feiras pelas 8½ horas da noite sem necessidade de avisos para todas ellas salvo em caso extraordinário ficando patente na palla dos passos perdidos o assumpto marcado para ordem da noite.

Na proxima sessão a ordem é:

Continuação da discussão d'uma moção apresentada pelo R.·. Ir.·. Veriato.

Leitura e discussão do projecto de resposta á allocução do Sup.·. Gr.·. Mest.·.

O Gr.·. Secr.·. Ger.·. do Or.·.
(a) Salom, 30.·.

Nº 12

A' Gl.·. do S.·. N.·. do O.·.
Grande Oriente Lusitano Unido
Sup.·. Cons.·. do Rito P.·. Portuguez.

Vall.·. de Lisboa – 15 de abril de 1903 (e.·. v.·.)

C.·. N.·. Ls.·.

Por deliberação da Cg.·. Loj.·. Symb.·. desta Subl.·. Camara realisar-se-ão em dias seguidos sendo a primeira na Segunda 2ª feira, 15, pelas 8½ horas da noite.

Ordem do Trab.·.

Discussão do relatorio e Projecto de lei apresentados pelo Cons.·. da Ord.·.

Que o S.·. N.·. do O.·. vos ag.·. e ill.·.

O Cg.·. Sec.·. Ger.·. da Ord.·.
(a) Salles, 30°.·.

Nº 13

A' Gl.: do S.: A.: do U.:
Grande Oriente Lusitano Unido
Sup.: Cons.: da Maç.: Portuguesa.

Vall.: de Lisboa, — 23 de abril de 1901 (e.: v.:)

C.: e R.: Ir.:

Communico-vos que a Gr.: Loj.: Symb.: resolveu que, até conclusão de todos os t. trab.: submettidos á sua apreciação as suas sessões fossem a realisar-se ás 2as e 6as feiras pelas 8 1/2 horas da noite.

A primeira sessão effectua-se na proxima 6a feira, 26 do corrente, sendo a ordem da noite:

Continuação da discussão do relatorio do Cons.: da Ord.:

Que o S.: A.: do U.: vos aj.: e ill.:

O Gr.: Secr.: Ger.: da Ord.:
(a) Salou 30º.:

Nº 14

A' Gl.: do S.: A.: do O.:
Grande Oriente Lusitano Unido
Sup.: Cons.: da Maç.: Portuguesa

Vall.: de Lisboa — 7 de maio de 1901 (e.: v.:)

C.: R.: Ls.:

A proxima sessão da Gr.: Loj.: Symb.: effectua-se na 6ª feira, 10 do corrente, pelas 9 horas da noite, em ponto, sendo a ordem dos trab.:

1º: Eleição do novo Cons.: da Ord.:

2º: Continuação da discussão do orçamento e outros projectos pendentes.

Que o S.: A.: do O.: vos aj.: e ill.:

O Gr.: Secr.: Ger.: da Ord.:

(a) Solon 3º.:

Nº 15

Amigo Belisario

Coimbra – 12 – 5 – 901

S.·. F.·. A.·.

De certo conheces o incidente que se deu na sala dos Capellos. Sabes muito bem que estava para se realisar um comicio em Coimbra nesse dia; e na sessão maç.·. da vespera, deu o Mest.·. Ven.·. noticia do que se passava a respeito do comicio, garantindo as melhores esperanças deste se realisar. Disse tambem que os reaccionarios da academia pretendiam fazer uma manifestação ao Bispo do Porto que vinha ser padrinho d'um capello. Depois de varias discussões ficou aprovado que se fizesse uma contra-manifestação á que os reaccionarios levantassem ao mesmo Bispo e que esta se devia fazer na estação, nas ruas, ou mesmo dentro da Universidade onde elles a provocassem.

No dia 28, porem, nada constou de manhã nem na estação, nem nas ruas a respeito de manifestações jesuiticas, antes se

dizia na alta que nada havia porque os reaccionarios tinham medo de uns grupos liberaes que se tinham reunido na rua da Trindade. Como correram estes boatos nós não fomos á sala dos capellos; eu fui para o Collegio Mondego dar aula e o J. Ferrão foi para a carreira de tiro civil aguardando ambos a hora do comicio para nos juntarmos a elle.

O comicio foi prohibido e na sala dos capellos deu-se o lamentavel incidente que só os irmãos da Loj∴ Ac∴ Liv∴ provocáram e não os reaccionários o que deu logar a um inquerito e á provocação de varios processos contra alguns rapazes na sua maior parte academicos liv∴ e esta Loj∴ que segundo se afirma foi sempre altiva vem agora humilhar-se aos pés do Bernardino Machado para este salvar os seus obreiros! E tanto isto assim é que acaba de o nomear veneravel honorário com direito a presidencia quando queira fazer uso desse direito. Mas vamos ao que importa: — Como nem eu nem o J. Ferrão fomos á sala dos Capellos, Mest∴ Ven∴ e outros sentiram muito a nossa falta e para nos desfeitar propuseram a elaboração d'um relatorio no qual se notasse bem a maneira como os obr∴ da Academia Livre se haviam portado na sala

dos Cabellos. E isto não tem outro fim senão mostrar que nós não estivemos lá, tivemos medo e fomos cobardes. Outros factos comprovam estas nossas afirmações. E a nossa falta na salla dos Cabellos não é mais do que um pretexto que aquelles obs∴ tomam para nos desprestigiar e desautorar perante a loj∴ afim de elevarem outros que mais lhes agraz (Bergström). Alem d'isto na ultima sessão o 1º vigilante (Ferrão) ao fazer um aviso em que tinha de pronunciar o nome de Tiger-Niger occultou-lhe sem intenções o titulo de P∴ o que motivou uma reprehensão descortez e indecente em plena sessão, do Mes∴ Ven∴. Dados estes factos e outros muitos que seria longo expôr-te aqui, resolvemos desde já pedir o respectivo quite no que somos acompanhados por Ant.º Francisco, e pelo Francisco Martins Grillo, ultimamente iniciado, de maneira que somos 4 que ficamos na disponibilidade, temos plena certeza de arranjar mais e estamos dispostos a trabalhar a bem da ord∴ e durante muito poucos dias devemos ter um ⊡ organisado o qual principiará a funccionar regularmente no dia 22 do corrente mez e se virá a regularisar no proximo outubro. Esperamos e estamos decididos a não arcar com quaesquer diffi-

culdades que se nos deparem e nem a transigir com quaesquer obstaculos que a loj∴ Academia Livre nos queira implantar.

Como fomos sempre intransigentemente solidários é nosso dever fazer esta communicação a qual fazemos muito em resumo, reservando o resto para quando podermos fallar. Por aqui vês o estado moral da Loj∴ Aca∴ Livre e mórmente, quando d'ella sahirem, este anno, Videira e outros quintanistas de Medicina. Ficá a frente d'ella o Gustaf Adolph Bergström, Renan e outros fallarias de egual cathegoria. — Nestas condições escusado será perguntar-te se queres pertencer ao novo ⊡ pois que a tua lealdade e solidariedade ainda foi confirmada a ultima vez que nos vimos. Por isso cá te contamos como prestimoso obr∴ da nova loj∴, que terá o titulo de Liberdade e na distribuição dos cargos ser-te-ha reservado o de 1º vigilante.

Mas agora ha mais. O Dr. Costa Ferreira acaba de ser proposto pelo Paul para aquella Loj∴ (Ac∴ Liv∴) já foi votado e approvado unanimemente e vae ser iniciado na 2ª ou sabbado desta semana. Ora nós precisávamos desse obr∴ no nosso ⊡. E como arranjal-o?

Talvez tu possas, attentas as relações de

amizade, conseguir que elle não entre na Academia Livre mas no nosso ⊡, escrevendo-lhe na volta do correio nesse sentido e ao mesmo tempo ao José Ferrão (móra Tr. Math. 19) para nos dirigirmos a elle afim de com o teu pedido coopararmos para o tirar á outra Loja. E sabes porque temos tanto empenho em adquirir o Costa F.ª? É porque elle é o presidente da Assembleia Geral da Tuna eu sou secretario da direcção e o Grillo é o presidente e faz parte do nosso ⊡ de maneira que com esta adquisição a Tuna fica sob a direcção da nossa Loj∴ e ahi temos um vasto campo de manobras para exercer a nossa acção maçonica. Parecer-te-ha extranho pedir ao Costa uma coisa d'estas quando elle está comprometido com o Paul para ir para a Academia Livre? Mas sabes que o Paul ninguem o toma a sério nem mesmo quando bota-versos e porisso podes pedir-lhe que não entre na maçonaria sem combinar com os seus collegas da Tuna afim de que esta nunca possa dividir-se antes se unifique e harmonise.

Podes tambem lembrar-lhe que no ⊡ da Loj∴ Liberdade elle encontrará não só mais franqueza e lealdade mas até mais facil accesso aos gr∴ superiores e ao mundo.

Nestes termos, esperamos que escrevas ao Costa e no mesmo correio ao Ferrão para irmos ter com elle e nós em magnum concilium resolveremos a maneira mais airosa de se desfazer do compromisso com o Paul.

Crê gois na dedicação e recebe um abraço dos que teem a honra de se assignarem

sempre teus dedicados

(a) Mario Soares Duque

(a) José Maria Dias Ferrão.

Nº 16

Coimbra, 14 de maio de 1901

Meu caro Belizário

Atragalhadissimo com mil affazeres nem lhe vim apresentar os meus cumprimentos de pesames pela morte de sua avó. Espero, porém, que você perdoará esta falta que eu cometti na certeza quasi de que você me saberá desculpar.

Só a sua carta de hoje podia levar-me a desprender-me de mil negocios escholares e extra-escholares em que por meu

mal ando mettido. E ainda bem que tenho um pretexto para lhe dizer que o não esqueço; pelo contrario, lembro-me e muito mais vêzes do que você pensa.

O Paul fallou-me, é verdade, para eu entrar para uma associação secreta de caracter maçonico, mas cujo titulo me era completamente extranho. Desejando trabalhar, como sabe, em prol de velhas ideias, e vendo na proposta uma bella occasião, accedi; ficando elle encarregado de uma apresentação, que, pelo que elle me disse, leva o seu tempo.

Nunca mais me fallaram em nada; e eu apenas espero a hora da iniciação. Em face da sua declaração não tenho duvida, e pelo contrário, folgo muito em não ir contra o seu desejo, mas apesar d'isso queria saber que segredos e mysterios são esses porque talvez constem de duvidas ou perigos, que eu possa resolver ou afastar. Poderei saber o segredo?

Por emquanto vou limitar-me a uma delonga.

Creio que estou num bello pé, para abalançar-me a uma campanha proveitosa. Estou presidente de uma Liga Liberal, e da Tuna, e gostaria ir aproveitando a minha influencia, a sympathia que tenho e

a minha boa vontade, em grol de uma causa que é muito nossa querida, como sabe. Penso na criação de um Instituto de ensino, numa Coogerativa, e enfim, em muita cousa boa, que á vista lhe direi.

A Tuna tomou garte em manifestações liberaes, e gena foi que eu tivesse de ficar na cama, por causa de um abcesso que me trouxe quasi doido, e que foi greciso lancetar.

Sempre seu
(a) A. da Costa Ferreira

nº 17

Coimbra - 16 de maio de 1901 (e.:v.:)

Ao C.: e M.: Sr.: Nun'Alvares
S.: F.: V.:

Meu gresado amigo:

Recebi a sua carta que mais uma vez veio attestar a existencia da nossa ganellinha fasendo entrar nella o seu amigo Dr. Costa Ferreira.

Não me demoro a contar-lhe os moti-

vos que nos levaram a sahir da R∴ Loj∴ Academia Livre porque já muito summariamente lhe foram contados pelo nosso Ex∴ Sr∴ Gomes Freire, o resto fica para quando estivermos juntos.

Vamos ao que se passou com o Costa Ferreira: — Antes de mais nada permitta-me que lhe diga que deve modificar o seu juiso a proposito d'aquelle nosso novo Sr∴, merece-nos confiança, tem tomado uma atitude abertamente liberal, tem talento, é empreendedor, trabalhador e finalmente a Maç∴ tambem é uma escola. Por isso descance no Costa Ferreira.

Hontem, dia 15, ás 10 horas da manhã fui eu e o Mario e o Grillo em grande comissão maç∴ a casa do nosso novo Sr∴; era encarregado da palavra o nosso Sr∴ Gomes Freire, ficando para os esquecimentos ou lapsos o Sr∴ Malon. Costa recebeu-nos no seu gabinete de trabalho, fallou o nosso Sr∴ Gomes Freire, que principiou por se referir á nossa antiga ganellinha, fez em seguida a nossa historia na Academia Livre e finalmente chegou até ao ponto em que somos forçados a abandonal-a. Com tudo o Costa Ferreira se conformou, leu a sua carta e acrescentou que agora estava ao facto do que se passava, poisque pela sua carta pouco podia con

cluir, antes o deixou envolto em um mys-
terio.

Sem a mais leve excitação declarou que
estava grompto para nos seguir e que era
presidente de uma liga liberal que os rapazes
quasi todos de medicina, haviam agora funda-
do, que principiaria lá a fazer um recruta-
mento, a começar por um amigo d'elle (Cas-
siano). Está grompto a declarar ao Paul que
não vae e a dizer a razão porque assim pro-
cede. Portanto, o homem está comnosco,
não ha duvida.

Quanto ao seu attestado de quite, bem sa-
be o meu amigo os termos em que o deve pe-
dir, mas se quizer pode fazel-o assim:

A' Gl.·. do S.·. Arch.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.

Vall.·. de Lisboa de 1901 (e.·.v.·.)

A' R.·. Loj.·. Academia Livre
Cb.·. e RR.·. SSr.·.

Não me sendo possivel por mais tempo
permanecer nas vossas Cbolum.·. em virtu-
de de varios e ponderosos motivos, venho por
este meio pedir-vos Cb.·. e RR.·. SSr.·. o meu
attestado de quite. Este facto não significa de
modo algum a minha deserção nos ttrab.·.
da nossa Aug.·. Or.·. nem a falta de dedicação

gela Maç.: e nomeadamente gela nossa R.: Off.: mas não posso deixar de tomar esta resolução. Peço-vos pois CC.: e RR.: Ir.: que me não demoreis a satisfação do meu pedido.

Nun'Alvares, g.: 4°

Deve mandar cortar os seus recibos e julgo que o proprio attestado de quite custa a moed.: prof.: de 500 reis.

O nosso novo ⊡ acha-se presentemente assim ~~distribuido~~ constituido, e com a seguinte distribuição de cargos:

Ven.: José Ferrão — 1° Vig.: Belizário Pimenta (em exercicio Dr. Costa Ferreira) — 2° Vig.: talvez deva ficar o Vasconcellos escrevente do Dr. Eduardo Vieira — Orad.: Mario Duque — Secret.: Martins Grillo — Theson.: Antonio Francisco, os outros cargos de secundária importancia ficarão para mais tarde. Nas Cbolum.: ficam Antonio Pereira de Sousa, um futrica estabelecido na Sophia cujo nome não sei e Luis Martins (Pisorgas).

Os cargos talvez venham ainda a soffrer alguma alteração, menos o 1° Vig.: Theson.: Secre.: e Orad.: Tenho fé de que em breve as Cbolum.: estarão preenchidas com gente, no que somos extremamente miticulosos. Temos a primeira sessão na proxima

quarta-feira de tarde, groceder-se-ha ás iniciações do Costa Ferreira e Pisorgas, sem mais ritual que os jjur∴ e uma grelecção sobre o que seja a Maç∴ Far-se-hão em seguida as eleições.

Terá logar em fóra de Portas, em casa do Antonio Francisco provisoriamente, fixando-se o nosso Temp∴ em Monte Arroio (traz da Cadeia).

Já nos não será possivel regularisar este anno, attendendo a que estamos no fim, mas com certeza nos havemos de regularisar em outubro. E' de crer que a Academia Livre nos faça certa gressão, mas não nos leva a melhor, comnosco está a Loj∴ Portugal e ha mais que um Oriente.

Se lhe fôr possivel muito me obsequiava sabendo-me quem é o maç∴ que tem logar na Gs∴ Loj∴ Symb∴ com a minha procuração, porque desejo retirar-lh'a. Se o podér saber muito lhe agradeço porque não tenho outro meio de o saber e não me lembro quem me foi indicado para conferir o mandato.

Não ha por emquanto nada mais que interesse, o que houver de importante lh'o direi, estou á espera do Mario Duque não sei se elle quer alguma cousa.

« Eu nada quero alem do que te diz o

" Ferrão, gois te faz uma narração circuns-
" tanciada de todos os factos e a sua opinião
" é inteiramente perfilhada por mim »(1)

Queira gois receber um aperto
do abraço do seu am.º att.º e
m.to obrig.do

(a) José Maria Dias Ferrão

nº 18

Lic.ª - 21 de maio, 1901

Meu caro Costa Ferreira:

Ha uns dias já que ando para responder á sua carta, mas de dia para dia a perguiça me tem obrigado a addiar a resposta. Hoje, enfim, um dia de calor, de trovoada, me resolvi a escrever-lhe para não demorar por mais tempo as explicações que tencionava dar-lhe acerca do mysterioso caso em que o ia envolvendo. Vou-lhe contar tudo como se passou porque não quero que depois se transtornem as minhas palavras e que

(1) Estas quatro linhas entre aspas são escriptas com a lettra do Mario Duque.

garante o meu amigo em figura mal collocada. O caso foi o seguinte: o Mario e o Farrão encontraram-me ha tempos (ha uns oito dias, creio eu) contando varias proezas que tinham feito na Academia Livre, e que resolveram sahir pedindo o attestado de exame e que iam formar um novo quadro para em breve se regularisar em Loja maçonica, com alguns dos quasi todos nossos e de confiança nossa. Além disso disseram-me que o meu amigo Vieira tinha sido progosto para a Academia Livre e que por aquelles dias devia ser iniciado e que queriam evitar isto disgustando-o ás ordens do amigo Paul e dos outros. Recorreram a mim, attendendo ás nossas relações de amizade e pediram-me para eu lhe escrever pondendo os compromissos com o Paul e pedindo para entrar no quadro que iamos constituir.

Ora, fallando-lhe francamente: eu, ao ler estas cousas a pen reagiu, fiquei o mais como se diz vulgarmente... Eu, verdade, verdade, nunca julguei o meu amigo muito liberal e muito menos, capaz de entrar para a Maçonaria; desculpe esta franqueza, mas o que lhe digo é verdade e estava convencido d'isso ha muito tempo e por isso nunca lhe propuz a entrada para aquella associação secreta. Além d'isso, como bem

dave estar lembrado, nós temos tido muitas discussões sobre os jesuitas e nellas me convencia mais do que disse; o meu amigo deve ter visto que pouco mancara nas ideias liberaes que tenho defendido e que essa convicção me leva a ser rude e grosseiro em face das ideias ou convicções contrarias e esta minha maneira de ver as cousas não me deixa ver as cousas, muitas vezes, como ellas são. D'aqui o communicar-me que as relações que tem com os Albuquerques, D. Vicente da Camara, os Castro e Lemos, etc, e alem d'isso uma dóse de snobismo... o fizéram jesuita pelas de facto, pelo menos aparentemente ... A rasgada que dei ao Mario e Ferrão foi gostando coherente com o que julgava; disse-lhes logo que era muito meu amigo, mas que por minha vontade não entraria para a Maç.·., que as suas relações com varias familias d'ahi me traziam desconfianças acerca das suas ideias e por fim que conscienciosamente não tomava a responsabilidade da sua entrada para o nosso quadro; o que fazia era não o deixar entrar para a Academia Livre e depois só lhe pedia para se juntar a nós quando me convencesse de que o que eu julgava era pouco fundamento. Foi isto o que eu respondi e fui franco com elles;

escrevi-lhe também e o que se passou depois pelo meu amigo.

A sua carta veio-me desfazer uma parte das más impressões que tinha acerca das suas ideias liberais e no dia seguinte uma carta do Ferrão dizia-me que as minhas desconfianças não tinham fundamento, que modificasse o meu modo de pensar a seu respeito. Acreditei nos dois: no meu amigo e no Ferrão a garantir-me hoje o primeiro a dizer que a sua entrada para a Maçonaria não é somente útil; é até, de grande importância. Como compreende bem, eu, desconfiando do meu amigo, não o devia admitir no quadro; não tendo a certeza das suas ideias não me queria comprometer na sua admissão e por isso escrevi, porque ignorava que o meu amigo ultimamente se tem mostrado altamente liberal. Arrependo-me... e farei penitência...

Entendi que lhe devia dar estas explicações porque sou seu amigo e quero evitar algum mal entendido, ou más interpretações nas minhas palavras a seu respeito. Peço que não diga nada acerca desta minha carta e creia que, sabendo que o meu amigo tomou a peito a campanha contra a reacção, muito me alegra a sua

entrada para o nosso quadro novo porque lhe póde dar força e alento e uma orientação rasoavel e conscenciosa. Creia que gosto muito de o contar no numero dos meus Ilr.·. e conto que fará o seu dever desde o dia em que fôr iniciado (creio que é amanhã, não é?)

. . . . . .

Desculpe a massada, meu amigo; escreva e creia-me sempre seu amigo certo e obrigado

(a) Belizário

nº 19 (1)

Meu caro Belizario:

Entreguei, como lhe dizia o meu quite na sessão de sabbado, o Mario fez o mesmo e o seu tambem lá foi lido. Não fomos lá mas sabemos o que se passou. O Grimeiro quite que foi lido foi o seu. Coisa admiravel, foi logo processado pelo nefando crime de ter escripto ao Costa Fer-

---

(1) Não tem data, mas é de 21, maio de 1901

reira a desvial-o de entrar na Loj.·. Academia Livre. Em seguida leu-se o quite do Mario que foi processado pelos mesmos motivos em que eu o fui tambem. Termos inconvenientes e injuriosos nos respectivos requerimentos (nós historiavamos e criticavamos os factos); reuniões com o ohn.·. do ⊡ para se separarem da Loj.·. (é verdade que eu e o Mario, o Grillo e Antonio Francisco reunimos a fim de ver o que deviamos fazer); revelações de segredos, etc, etc.

De maneira que estamos todos tres processados. Porque não processariam os outros dois? Certamente porque contam com elles. Como se enganam!... Fomos logo processados na sessão em que foram lidos os nossos tres requerimentos, devido ás verrinas e torges catilinárias de Videira, Fontes, Cruz, Mexedo e até do burro do Caloiro (Martins Fernandes.) Promettem irradiar-nos e fazer com que o Oriente Lusitano sanccione as suas sentenças. — (Agora continua a escrever o Mario que acabou de escrever para a Pequena.) (1) — Imagina que estamos perdidos!... Não teem perdido estes infames um só momento de nos intrigar com a

---

(1) Até aqui é lettra de José Ferrão.

loj:. Portugal e com todos os mag:. e até com o Costa Ferreira como elle se dirá, por que ainda agora d'aqui saiu e combinou esperar - se sobre a conferencia que teve com elles.

Descança que tudo está remediado, dentro em pouco estaremos a funccionar regularmente, com um ⊡ bem organisado, ainda que seguemos, não no Or:. Lus:. mas no Or:. Portugal cuja constituição agora acabámos de ler e á nossa entrada para esse Or:. algum dalgude de enviarmos o nosso ⊡ e de nos fazerem os abatimentos nos encargos semmiarios. Se quizeres informar - te do Or:. Portugal, é grão - mestre o conselheiro Feito de Carvalho. A constituição é mais liberal e tanto nós como o Costa estamos animados e contentes com a nossa atitude. O Costa está animado e trabalha de bôa vontade; alguma cousa se fará. Tenhamos confiança, tudo correu bem e ha em todos os maiores desejos de trabalhar. Concedido o abatimento, dentro de um mez estaremos na obediencia do Or:. Portugal. Vidaira e C.ª ficarão no logar do Guerellas. Estou certo que a loj:. Academia livre terá uma duração efemera attendendo ao grande numero de faltarras que n'ella ha e aos elemen-

tos desorganisadores que ahi teem sido introdusidos.

O Videira quer ir a Lisboa e procura-te para te fallar, como verás pela carta do Costa os fins que elle tem em vista são: não te processar para tu traseres o Costa para a Academia Livre contigo e nós sermos queimados vivos. O Costa está fino, escusado será dizer que o estás tambem.

A tua defesa não deve ser nenhuma no processo que deves deixar correr á revelia. Nós faremos a tua e a nossa defesa em termos energicos e decisivos.

Depois te daremos de tudo conhecimento.

Sem tempo para mais acceita um abraço dos . . . . (?)

(a) José Ferrão
e
M. Duque

N.º 20

A' Gl.·. do S.·.A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.
Sob os auspicios do Gr.·. Or.·. Lus.·. Occ.·.
Sup.·. Cons.·. do Grau 18.º
A.·.R.·. Loj.·. Cap.·. Academia Livre

Portugal, mall.·. de Coimbra, 22 de maio de 1901 (e.·.v.·.)

Ao Resp.·. Ir.·. Nun'Alvares
S.·.F.·.U.·.

Em virtude de processo ignorante nesta officina contra vós e de despacho de ignorancia na ultima passado em virtude e para os effeitos do Art.·. 34 e §1.º do Reg.·. Esp.·. de justiça Maç.·. vos communica mos tal deliberação.

Desta intimação ireis uma contra fé ao duplicado, uma assignada pelo official de deligencias, e outra que vós assignareis e que devolvereis pelo correio.

O juiz instructor
Thermopylas, — gr.·. 29

Nº 20 - A

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.
Sob os auspicios do Gr.·. Or.·. Lus.·. Un.·.
Sup.·. Cons.·. da Maç.·. Port.·.
A R.·. Loj.·. Cap.·. Academia Livre

Portugal, vall.·. de Coimbra, 22 de maio de 1901 (e.·. v.·.)
Ao Resp.·. Ir.·. Num' Alvares
S.·. F.·. U.·.

Contra fé

Na data supra foi intimado o Ir.·. Num' Alvares de que foi pronunciado na Resp.·. Loj.·. Academia Livre por motivo de delictos contrarios ás leis e regulamentos mmaç.·.

O official de deligencias
Renan, g.·. 5.º

II

A R.·. Loj.·. Liberdade — sob os auspícios do G.·. Or.·. de Portugal — Sup.·. Cons.·. para Portugal e domínios.

(22 de junho de 1901 — a dezemb.º de 1903).

Nº 21

Coimbra, 5 - 6 - 901

C.·. e Resp.·. Ir.·.

Não accusaste a recepção da nossa ultima carta que dava uma noticia minuciosa dos factos passados na Academia Livre e do processo que contra nós e contra ti é movido pelo Videira e Fontes e não pela Ac.·. Livre que representa nesta scena uma carneirada. Mas pensamos ahi pouco. Se recebeste a carta estás inteirado, no caso contrário tudo te contaremos a seu tempo e o Costa F.ª alguma coisa te deve ter dito.

Temos um ⊡ constituido com 15 oobr.·. que vão entrar na obediencia do Gr.·. Or.·. de Portugal m.to em breve. Nesse ⊡ foi-te reservado o logar de 2º vig.·. exercido em comissão pelo Pereira de Sousa. E' um ⊡ auspicioso não só pelo numero de oobr.·. arranjados á pressa, mas pela boa selecção que de elles se fez. Reunimos-nos na 6ª feira. No sabbado enviamos á Loj.·. Alliança para nella serem reconhecidos os nossos ⊡⊡ que em breve virão agravados de Lisboa, devendo fa-

zer-se a instalação, talvez, por toda a semana que vem. Agora resta-me dizer-te as condições da nossa entrada para esse Or.·. que são as seguintes: os que forem irradiados na Academia Livre (como são todos os processados por ella) ficam 00hr.·. effectivos no Or.·. Portugal e se os dois Orientes algum dia se fundirem entram como se nunca fossem processados, no caso contrario não se dá a fusão. Os que forem com o 1º e 2º gr.·. apenas pagarão 500 reis por elles, os que forem com gr.·. 3º – 18º – 30º pagarão 2:500 reis, os que forem com gr.os intermediarios entre 3 e 30 pagarão tambem 2.500 isto é, apenas se paga os preços dos diplomas. Parece-me que nada ha mais vantajoso. A isto acresce o preço da carta patente que nos custa a cada 500 rs. Portanto tens a pagar 2.500 de gráos com 500 rs. para a carta patente e nós conferimos-te o 5º gr.·. Como isto tem de se fazer em breve porque o processo deve estar approvado com pouca demora, e a nossa installação effectuar-se dentro em pouco, se estiveres habilitado com a quantia de 3.000 rs. manda-a logo que seja possivel.

O processo na Academia Livre segundo nos informam está demorado e até se suspeita que não prosiga, o que nos é indifferente. Mas o que podes estar certo é que

nós apresentaremos a nossa defesa energica e violenta independentemente do processo. Envial-a-hemos a todas as lojas de Coimbra em um exemplar copiographado, aos 2 OO∴ e offerecer-te-hemos tambem 1.

Quanto á tua defesa parece que deves deixar correr á revelia pois és extranho aos factos que aqui se passaram e só és solidario comnosco, portanto fallaremos por nós e por ti.

Suponho que o Videira foi hoje para Lisboa, creio que te quér fallar, manda-o á m....

Crê na sincera amizade dos teus dedicados Ss∴

(a) José Ferrad
e
(a) Mario Duque

N.º 22

Meu caro Belizario:

Como verá pela Franch∴ que incluso lhe remetto teve logar hontem a nossa instalação com todos os cerimoniaes da lithurgia, em que os nossos oobr∴ suplantaram os da R∴ Loj∴ Alliança não só pela correcção e ali-

nho, mas pelo cerimonial e pelas ppeç.:. de arch.:.

Fallei eu, como Ven.:., fazendo a breves traços a Historia da Maç.:. atravez do tempo e do espaço, descrevendo o papel que representou no nosso pais em 1820 e subsequentes revoluções liberaes, não esquecendo a Loj.:. de Coimbra, apreciei a Maç.:. de Coimbra no momento actual, muito a proposito para dar uma carga na Academia Livre e finalmente ~~aconselhei~~ terminei por aconselhar um pacto de solidariedade entre as duas Loj.:. o que foi de molde a enthusiasmar o Costa-Ferreira, que não tinha tenção de fallar mas que num momento produsio um brilhante improviso. Em seguida dei a palavra ao Orad.:. (M. Duque) que exprimiu em phrase acalorada a intenção dos oobr.:. da Loj.:. Liberdade, quando escolheu aquelle nome e nesta ordem d'idéias fallou com bastante correcção.

Agora fechamos os trab.:. até outubro, quando espero encontral-o nas nossas ccol.:. para o abraçar, e sentir de perto a consideração em que todos o teem, e, principalmente, aquelle que tantas vezes sentiu o prazer da sua formosa e affavel convivencia, aquelle que muitas vezes discutiu comsigo sobre a epocha da descuberta da Madeira, etc.

Creia gois no que lhe envia um abraço de Ls.: e fica ao seu dispor, sendo seu am.º att.º e obg.do

Coimbra, 23-6-901

(a) José Maria Dias Ferrão.

N.º 22-A

A' Gl.: do S.: A.: do U.:
L.: E.: F.:
Sob os auspicios do Gr.: Or.: de Portugal
Sugr.: Cons.: para Portugal e dominios

A R.: Loj.: Liberdade
Vall.: de Coimbra, 23 de junho de 1901 (e.: v.:)

Ao C.: e R.: Ls.: Belisario Pimenta

Com o maior graser vos communicamos em nome da R.: Loj.: Liberdade, que teve hontem logar a sua installação no templo da R.: Loj.: Alliança, ficando d'hoje em diante o ⊡ da nossa R.: Off.: na obediencia do Gr.: Or.: de Portugal.

Correu animada e solemne a nossa installação: fizeram uso da palavra por parte do Gr.: Or.: e da Loj.: Alliança os Ils.: Antó-

nio Maria do Soveral e Bernardo Augusto Loureiro Polonio; responderam por parte da Loj.·. Liberdade o Sr.·. Mest.·. Ven.·., o Sr.·. Dr. Costa Ferreira (que se resolveu n'aquelle momento possuido de enthusiasmo) e o Sr.·. Orad.·..

Vae ser enviado amanhã para Lisboa o processo d'installação; ficaram investidos nos mesmos cargos os SSr.·. que já estavam antes ficando-vos reservado o cargo de 2º Vig.·. exercido em comissão pelo R.·. Sr.·. Antonio Pereira de Sousa.

Esta Loj.·. toma neste momento a liberdade de abraçar um dos seus mais caros SSr.·. e que o S.·. A.·. do U.·. vos aj.·. e ill.·.

O Ven.·.
Benoit Malon, g.·. 3º

O Secret.·.
Marquez de Pombal, g.·. 3º

— V. 22-B, C e D.
ou nºs. 114, 115 e 116.

Nº 23.

Meu Amigo: Amanhã lhe envio em vale do correio ou carta registada a quantia que sabe, para entregar ao Bastos, depois de a completar com 2:700 reis seus que faltam

na referida conta. Não é preciso outra apresentação. Em lhe sendo possivel não se esqueça dos meses de junho e outubro (dois meses apenas) porque ha cá muita falta. Tudo tem corrido bem, parece que vamos trilhando um caminho de prosperidade. Recommendações de todos. Aceite um abraço do seu am.º att.º e obg.do

José Maria Dias Ferrão

Coimbra — 14 - 11 - 901 —

N.º 24

Caro Belizario:

Devia ter hontem recebido o meu bilhete postal prevenindo-o que tem de entrar com os 2:700 já para o Gr.·. Or.·. Não sei se por ahi existe a mesma genuria que por cá se encontra e para evitar que o meu amigo recebesse a sangria inesperadamente é que o preveni com um dia de antecipação.

Deve receber ahi por um vale do correio a quantia de 32:400 á qual deve juntar sem demora a quantia constante do recibo incluso e entregal-a ao major Bastos.

Pode receber directamente delles o seu

diploma. E' conveniente que se vão esque-
ça de duas mensalidades cá para o Vasco (800
reis) e mais uns metaes (500 reis) cá para
o ragaz. Receba um chi do Mario Duque e
outro do que é seu am.º att.º e obg.do

Coimbra - 14 - 11 - 201 -

José Ferrão

P.S. - Vou mandar-lhe brevemente car-
tas de poderes para representar esta Loj.: jun-
to do Congresso Maç.: que funcciona quin-
zenalmente nesse Gr.: Or.:

J. Ferrão.

V. n.º 117, 118, 119.

N.º 25

O Sm. Belizário Pimenta entregou
35:100 rs trinta e cinco mil e cem reis.
Lisboa, 20/11/201

A. Bastos

— V. 120.

Nº 26

Meu caro Belizario

E' tempo de lhe dar noticias do seu grogosto. Lá foi inic.·. e cá esta na confraria. O ragaz atragalhou-se de mais no interrogatorio, fez tolice, mas gor fim satisfez. Naquella sessão estava o Soveral e uma deputação da "Alliança" motivo gorque teve de ser mais agertado. Já inic.·. mais 4 alem d'elle, regrovámos 2 e temos cinco grogostos.

Tem gor ahi fallado com os homens dos cargos superiores?

Sabe que até hoje ainda se não diguáram ~~[illegible]~~ escrever-nos?!!! E' extraordinario!

Naturalmente a Tuna vae ahi nos dias 22 e 23.

Vou agora tratar d'um assumpto g.ª o qual geço a sua maxima franqueza. O Luiz Motta, apóra a melitarite aguda que o ataca, não seria bom? E' serio, trabalhador e dedicado, isto gosso eu garantir; quanto á melitarite talvez não seja causa que determine a sua exclusão. O meu amigo é que ahi godia ir agalgando o homem, ou gelo menos dizer se acha que eu lhe deva fallar gelo Natal.

Se assim o entender eu grogonho-o, corre a grogosta seus tramites e depois de fallar ao homem pelo Natal, inicia-se. Sem este meu modo de ver ir influenciar na sua opinião sempre lhe direi que me parece seria boa acquisição. Espero sua resposta.

Depois de saber a certeza da ida da Tuna, participarei ao meu am.º para ver se ahi influe entre os seus collegas da Escola para tomarem parte na recepção.

Será conveniente ir participação da visita para a Escola? Mas para os alumnos ou para o director?

Obsequeia-me respondendo breve.

Mande o meu am.º sempre aquelle que lhe envia um abraço e é

Seu am.º e Ir.: m.to grato

4-12-901

Francisco Martins Grillo.

nº 27

A' Gl.: do S.: A.: do U.:
L.: E.: F.:

Ao futuro Ven.: da R.: Loj.: ~~Liberdade~~
S.: F.: U.:

Meu Poderoso e Respeitavel Mano,
Irmão na grande e verdadeira Luz:
Que a Sciencia e a Força que reluz
Do Supremo, o ajude muito anno!

Deste valle vos saudo, no profano
Mistér d'escalpellar os corpos nús!
Como bom Vigilante, nesse gúz
A miseria observae do Ente humano...

Que o trabalho vos ajude fortemente
Que a Luz vos não cesse de brilhar
E que sejaes Veneravel diligente:

E não havendo mais nada que tratar,
Este trabalho encerro ritualmente
E em gáz me retiro p'ra jantar!

Escola do Exercito = 7-12-901
(Salas)

M-I
9

nº 28

Coimbra = 9 de dezembro de 1901 e v

Caro amigo:

Até agora ainda cá não chegou noticia alguma dos homens. Foram varias cartas officiaes, foram 2 cartas minhas e um telegramma a proposito da ida ahi da Tuna e nada d'isso obteve resposta. Admiro este procedimento e não sei a que atribuil-o, mas o mesmo teem feito ao nosso Amº Polonio. Veja você (quero dizer V. Exª) se pode saber d'esses gajos qual a razão porque não respondem ás nossas cartas. No dia 21 ahi estaremos em numero mais que regular n'essa cidade, e então terei occasião de pedir contas aos nossos amigos. Diga-nos alguma cousa sobre este assumpto assim como a proposito do Motta. No sabbado temos eleições, não apresentei lista com nome algum excepto o seu para nosso representante em côrtes. E' de crer que vá o Costa para ver se vae fazendo alguma cousa. O movimento tem sido grande e as selecções não teem sido más ao que parecem. Temos 5 já feitas e 4 em via de se fazerem. Tudo vae correndo bem, o que é preciso é massa e ao

suas já vão tardando. Bom é que em Lisboa estejam promptas para virem com a gente. Acceite pois um abraço de toda a rapasiada e que Deus o ajude.

José Maria Dias Ferrão

Martins Grillo

→ Vide nº 121.

Nº 29 (1)

Meu caro amigo

Devemos chegar ahi no dia 21 ás 11½ da noite. Agradeço as suas informações. Officiamos ao curso do 5º anno da Escola Medica pedindo-lhe para participarem a visita ás restantes escolas. Foi resolvido visitar officialmente os cargos superiores visto que 9 que de cá vamos, com o meu amigo, fazemos uma deputação boa. A visita deve ser no dia 22 á noite. Como deve ter visto a Tuna vae ser bem recebida segundo parece.

Preciso muitissimo fallar ahi só com o meu Amº. Ha cousas que juntamente devemos combinar e tratar. Costa, Ferrão, Mario, etc, bem. Eu de cama mas espero ir a Lis-

---

(1) Não tem data, mas é de 15 de dezembº, 901

boa. Logo que no domingo tenha vagar, procure-nos. Abraça-o o

Seu am.º dedicado
Martins Grillo.

N.º 30 (1)

Meu caro:

São 9 horas e acabo de fallar ao Ferrão. Já foi a lista e pela ordem seguinte: 1.º Mario; 2.º Belizário; 3.º Pereira de Souza; 4.º, eu; 5.º, Leitão; 6.º Costa Ferreira; 7.º Sobral; leva a indicação de se não poderem vir todos corte os ultimos.

Veja isso ahi com o homem. Isto é o mais confidencial possivel. Peço-lhe não me comprometta e se quiser para cá fallar diga que o soube ahi.

Escreva-me.

Seu am.º
Martins Grillo

---

(1) Não tem data, mas é de 6 de janeiro de 902.

Nº 31 (1)

Meu Caro e R. I.

Deve ter hontem recebido um postal que lhe escrevi logo que soube a nota que o Ferrão tinha enviado p.ª Lisboa.

Hoje fallei a serio com elle. Disse-lhe que nem eu nem o meu Am.º nem o Costa gostavamos do Leitão e elle concordou que na lista devem ir os nomes que nós preferirmos pois nós é que cá ficamos. Só nota que tendo sabido isso o Mario lhe não tivesse escripto e que o meu Am.º não tivesse a franqueza de lhe escrever.

Elle faz-lhe elogios rasgados e diz que é no Am.º que confia para a sustentação da loja por isso creio que se o am.º lhe escrever, dizendo que já que lhe não pode fallar e que esperou até á ultima hora, lhe diz agora por carta o que sobre o assumpto entende; elle talvez modifique a informação. Isto é opinião minha depois da palestra que hoje tivemos. Será bom não descuidar o assumpto.

---

(1) Não tem data, mas é de 8 de jan.º de 1902.

Far-me-ha um grande favor perguntando ao Bastos se elle recebeu uma carta particular minha em que lhe fasia um pedido. Não o digo aos outros porem ao am.º digo-lhe que o pedido era para elle me arranjar uma cunha p.ª o Basilio e que ponha n'isso grande empenho.

Não me foi possivel pôr hoje a vista em cima do Costa, apesar de o procurar em casa por isso nada lhe pode dizer.

Vá de la fasendo o que lhe fôr possivel.

Conte e mande

seu am.º

(a) Martins Grillo

Nº 32 (1)

Meu Caro Sr.:

Noticias e assumpto serio. O Ferrão logo que eu lhe disse o que tinhamos combinado escreveu ao Bastos mandando fazer a substituição do Leitão pelo Raul. Procedeu bem. O que nos admira é o silencio do nos-

---

(1) Não tem data, mas é de 18 janeiro, 902.

so Major que não tornou a dizer nada.

Agora assumpto urgente. Em assembleia Geral da Academia em que se tratava de resposta a dar á Tuna de Valladolid que aqui queria vir no Carnaval, impedindo a nossa Tuna de ir a Hespanha, toda a gente concordou em que elles venham noutra occasião, excepto os oobr.: da Alliança que com o seu Ven.: á frente se atiráram á nossa Tuna. Ferrão indignado escreveu logo hontem ao Polonio uma carta censurando-lhe o proceder, mas o Ferrão vae sahir, Costa é que fica, e este não tem energia e todos o enganam. O Polonio diz-lhe duas cousas e elle cala-se quando é urgente uma reparação ou o rompimento de relações. Urge pois que d'ahi escreva ao Costa impondo-lhe a maxima tesura e fazendo-lhe ver qual a atitude que deve tomar. Dos da Alliança só o Orad.: esteve ao nosso lado, e de toda a Academia só os oobr.: da Alliança estiveram contra nós! Parece impossivel. E' indispensavel que escreva na volta do correio ao Costa Ferreira. E' a segunda sacanice que elles nos fazem. A 1ª foi nas eleições da Associação Academica em que tendo combinado comigo e com o Costa uma lista com nomes nossos e d'elles, riscáram os nossos. Costa á primeira vista ficou zan-

gado, mas 2 tretas do Polonio bastaram ga-
ra o convencer. Ou isto toma a atitude que
deve tomar ou na 1ª occasião que algum
nos visite digo que lamento que as boas re-
lações que lá dentro garecem manter-se en-
tre as 2 LLoj∴ se não mantenha cá fóra e
que os da Alliança procedam com tão gouca
baldade comnosco determinando assim o
rompimento que é mais escandaloso. Pen-
se nisto e escreva sem demora ao Costa.

Menano foi inic∴ e fez boa inic∴ Te-
mos ali homem util. Amanhã eleição ga-
ra Ven∴ E indisgensavel ficar o Costa ga-
ra este ir fazendo alguma cousa. Olhe que
elle não se atreveu a dizer nada ao Ferrão
gorcausa do Capitulo e se não sou eu nada
se conseguia. Isto assim não gresta.

Obsequeia-me vendo se falla com o
Bastos no meu pedido, feito já ha quasi um
mez e que ainda não obteve resposta.

Desculpe este incommodo. Va dando no-
ticias.

Abraça-o o seu Am.º dedicado e Ls∴

(a) Marquez de Pombal, 3∴

Nº 33 (1)

Caro Belizário:

Recebi a sua carta que tomei na devida consideração e tratei de providenciar no sentido de remedear o mal que podesse advir. Já tinha dado a relação mas indiquei logo a substituição a fazer. Não sei se já foi a tempo. Veremos. Na proxima sexta-feira envio para o Marinho o processo eleitoral e n'esse mesmo dia para si a quantia de 15:100 reis a que deverá juntar 2:100 (500 reis de c. p. e mensalidades de junho, outubro, novembro de dezembro) prefazendo assim a quantia de 17:200 reis que deve entregar ao nosso Major. Para estar prevenido deste assalto aviso-o com antecipação.

Seu Amº certo

(a) José Maria Dias Ferrão.

✠ In hoc signo vinces. Compreendes a significação do latim? Saudades do

Teu dedicado

(a) M. Duque

→ Vide nº. 122, 123 e 124.

---

(1) Não tem data, mas foi escripto entre 18 e 24 de janeiro de 1902.

M-I
9

N.º 34

Meu C.·. S.·. Belizário:

Coimbra - 24 - 1 - 902

Ainda lhe não gosso dizer nada sobre o conteudo da sua carta porque não tive resgosta de Lisboa até á data. Creio que fosse a tempo e que tudo se remedeie de harmonia com os seus desejos.

Agradeço a sua prevenção que achei muito acertada e mais uma vez me convenci da sua boa vontade e interesse que tem pelas coisas da nossa Loj.·. Em nome d'ella lhe agradeço.

Contudo não gosso deixar de extranhar que na sua carta não explanasse o assumpto porque me escrevia. Quem terá na ~~nos~~ nossa Loj.·. mais jús a fazer-me pedidos, observações ou a dar-me conselhos do que o meu C.·. Belizário? Em ninguem confio mais, bem o sabe, e poucos teem tão puras intenções. Ja tinha mandado a lista, como lhe disse, e progúz logo a substituição. Lucrariamos nós ou a Loj.·. com ella? Não sei, o tempo o dirá.

Como lhe disse em bilhete postal envio-

Ve um vale de correio com a quantia de 15:250 reis para entregar ao nosso Major, depois de Ve juntar á sua conta que são 2:100 reis (4 meses de mensalidades com 500 de cart.: patent.:), prefazendo a somma de 17:350 reis.

Acabo agora de fechar o processo eleitoral com todos os documentos precisos para o instruir e só depois do Grillo sahir me lembrou que faltou fazer o seu "alvará" de representante á Gs.: Loj.: Symb.: Logo que possa lh'o mandarei. Todavia como não Ve é possivel sahir todas as vezes que esta se reune, farei, quando o nosso Major me indicar umas nomeações de representantes para na sua falta exercerem o seu mandato junto d'aquelle corpo superior.

Por prog.: minha foi nomeado Ls.: Lou.: desta Loj.: e seu garante d'amizade gerante o Or.: o nosso Ls.: Bastos.

Tudo vae correndo normalmente. O nosso povo está-se portando bem e o Costa parece estar contente e bem disposto, que o S.: Arch.: o anime. O Mario, como sempre, não fazendo cousa alguma.

Acceite um abraço do seu Ls.:

(a) José Ferrão

P.S = Estou nomeado, de coadjuvação

com o Mario para uma comissão de organisação dos estatutos da Loj.·. Se for ahi tiver qualquer coisa que nos illucide ou sirva de fonte para a obra, mande, assim como as suas opiniões.

Mande o

(a) José Ferrão

P.S. Não lhe envio incluso os recibos porque estão em casa do Mario, mas cá lh'os mando inutilisar.

(a) J. Ferrão.

→ Vide nº. 125.

Nº 35 (1)

Meu caro Amº

De Coimbra recebi gr.·. da Loj.·. dizendo que enviaram ao amigo 17:350. Se tem e quér, póde entregal-os ao portador que é o cobrador do nosso Or.·. Digo isto porque desejo encerrar as contas.

Mande o que é seu amigo

André Joaquim de Bastos

---

(1) É um cartão de visita. Não tem data, mas foi escripto nos ultimos dias de janeiro de 1902.

Nº 36

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.
Sob os auspicios do Gr.·. Or.·. de Portugal

A R.·. Loj.·. Liberdade

Vall.·. de Coimbra, 2 de Fevereiro de 1902 (e.·. v.·.)
S.·. F.·. U.·.

A R.·. Loj.·. Liberdade delega no seu C.·. e R.·. Sr.·. Belizário Pimenta, alumno da Escola do Exercito, ao vall.·. de Lisboa, a sua representação gerante os cargos superiores do nosso Gr.·. Or.·. devendo exercer essa representação todas as vezes que haja opportunidade e de harmonia com as indicações da mesma Off.·.

O Ven.·.
(a) José Maria Dias Ferrão, 5º.·.
O Orad.·.
(a) Mario Soares Duque, gr.·. 5º
O Secret.·.
(a) Francisco Martins Grillo, 3.·.

(verso): Registado no livro competente a folhas 3 com o nº 20. O Chanc.·. Arch.·. José

70

Collaço Alves Sobral, 3.·.

→ Vide nº. 126 e 127

Nº 37. (1)

Meu caro Belizario

No passado sabbado tomou posse do logar de Ven.·. o nosso Costa. Oxalá fosse em boa hora, o que espero, devido ao talento d'elle e á amizade sincera d'alguns dos obs.·. do ⊡.

Ao receber o mallete o novel Ven.·. produsio uma brilhantissima peça d'arch.·. que alguem por não comprehender disse não ter gostado. Coisas...

Quando terei eu o prazer de ver o R.·. Nun'Alvares tambem em activo serviço? Faz cá falta por muitos motivos. Por um lado o Costa precisava de tel-o a amparar o seu braço vigoroso, o seu criterio e longa pratica d'assumptos maç.·.; por outro lado nós precisamos constituir o governo da Loj.·. todos bem ligados e então fazemos muito, porque muito ha a fazer.

---

(1) Não tem data, mas é de 23 de fevereiro, 902

Amigo Leitão lá tomou posse do logar de Thesoureiro. Veremos o que elle faz d'aqui até maio porque depois dessa epocha certamente faremos eleger outro. O homem ainda não sabe nada do Capitulo.

Amanhã ou depois enviar-lhe-hei dinheiro de capitações e gráos p.ª o meu Am.º juntando a isso 1:000 reis seus, ir entregar á G.·. Thesour.·. Peço-lhe para nessa occasião fallar aos homens nas inic.·. do grau 18 e bem assim nos diplomas quer d'este gráu, quer do 3º p.º Leitão, Ant.º Francisco, Diogo, etc, porque teem perguntado por elles varias vezes. Agora já são poucos por isso é provavel que os homens ahi tenham os bastantes para mandarem. Quanto á inic.·. no grau 18 lembre ahi o que o Costa tambem vae lembrar p.ª lá que é darem ao Polonio poderes para elle nos inic.·.. Fallou-se nisto ao Polonio que acceita gostosamente; depende pois unicamente de vir ordem do Conselho.

Segundo vi o nosso Major foi para Pernamacôr por isso peço para nos informar do que ha quanto a conselho, cuja eleição já deve ter sido e quanto a Gr.·. Secret.·.

Para saber isto, e até mesmo para entregar o dinheiro, o meu Am.º poderá procurar o José Barbosa Marinho na Rua do Car-

rião, 44, 1º. Já soube alguma cousa de insígnias?

Tivemos já 2 inic.·. no ultimo dia, e vamos ter uma filiação e outras 2 inic.·. no sabbado.

Tenho alguma esperança de talvez brevemente agaulhar para cá o Julio porque elle anda indignado com os barbados d'elle. Oxalá assim seja porque é bom elemento e dos que certamente se unirá a nós.

Muito confidencialmente dir-lhe-hei que ha uma certa antigathia da parte d'um grupo Gº com o nosso Costa. O que vale é que o grupo é quasi constituido por quintanistas e desses nos vemos nós livres em maio.

Quando o meu Amº Godér vá dando noticias suas e mande o seu Amº que lhe envia um abraço

(a) Martins Grillo

N.º 38 (1)

Meu caro

Não vamos a Glesganha. Pode gois fazer-se o que dizia. Só hoje tenho tempo q.e lhe dar noticias. Logo que venha tenho muito que lhe contar a respeito d'umas giadas entre mim e o Costa d'um lado, e Mario do outro. Não falle nisso a ninguem e não ser ao Costa. Já veio dos nossos homens d'ahi garticigação de que tudo estava concedido. Já talvez saiba isto e geço-lhe veja se traz os godures que me dizia. A lista traz os nomes que nós indicámos. Amigo Leitão já quiz fazer partida n'uma grogosta, mas enganou-se.

Sabe quem ficou no conselho? Ferrão está mais do nosso lado do que esperavamos. Até breve. Abraça-o o

seu am.º
Martins Grillo

→ Vide n.º 128

(1) Não tem data, mas é de 4 de fevereiro de 1902, e deria ir antes do doc.º antecedente.

N.º 39

Amigo Belizário Pimenta:

Os nossos ir.·. vam bem. Por cá trabalha-se sem descanço.

Pede-se a attenção para os proximos numeros de "O Liberal" q. vae fazer restolho.

Que o S.·. G.·. do Ar.·. vos ajude e ill.·. como é mister.

Sauda-vos o vosso ir.·. m.to amigo e attento, sem tempo para mais:

(a) Bismarck, M.·. M.·.
ven.·. da Loj.·. "Patria".

3 - III - 902

{Junto com esta bilhete ia a circular que se segue.·.}

A'gl:. de S:. A:. de U:.
L:. E:. F:.

A Resp:. Loj:. Patria, ao or:. de Coimbra, auxilia ao Ir:. Belizário Pimenta
S:. F:. U:.

C:. e R:. Ir:.

A Resp:. Loj:. Patria resolveu auctar em Coimbra a publicação do jornal — O Liberal — como meio gratico de mais efficaz propaganda das nossas generosas ideias, em cujas columnas ficam ao dispor de todo o gobro maç:. Ao mesmo tempo resolveu que o producto liquido do referido jornal seja destinado á brêche da Associação Liberal de Coimbra, pelo que vos pede o favor da vossa assignatura, o que desde já agradece.

Trab:. em Loj:. aos 13 de janeiro de 1902
(e:. v:.)

O Ven:.
Bismarck M:. M:.

(ao lado:)
Prof:. Fausto de Quadros — Arcos do Jardim, 19 — Coimbra.

Nº 40 (1)

Meu caro Belizario

Deve receber, por este mesmo correio, 20:050 rs. que fará favor de entregar ao Marinho, na Rua Nova da Almada, nº 104. Poderá talvez levar-lhe o valle assignado que elle o mandará receber. Já tomámos a coisa. Leitão furiosissimo.

Grandes afazeres me teem impedido de lhe escrever.

Quando vem?

Não lhe esqueçam os desenhos de que carecemos.

Deve juntar a esse dinheiro 1:000 rs. pens. Mande o

seu amº obgdº
(a) Martins Grillo

---

(1) Não tem data, mas é de 10, março, 902

Nº 41

Meu caro Belizario:

Coimbra: 13-3-902

Recebi o seu amavel cartãosinho de parabens pelas minhas 26 primaveras. Não me parece motivo para grande gaudio por isso que é mais um gráo que vou subindo na curta escala da minha existencia. Todavia o seu cartão de parabens tem para mim um valor excepcional pela maneira como tem presente na memoria o dia d'anniversario natalicio de um amigo que poucas vezes, infelizmente, encontra e de quem está ausente ha já bastante tempo. Acceite pois os meus sinceros agradecimentos.

Já foi iniciado no gr.: de C.: R.: ✠? Se o não foi apresente-se no Or.: porque nós já todos estamos investidos n'esse gr.: e veio ordem para o inic.: tambem se por acaso cá estivesse. Foi o Ven.: da Alliança o encarregado dessa missão, em virtude de uma granch.: nossa que lhe lembrava o meu C.: Nun'Alvares ou o Polonio. Talvez para maior brevidade incumbiram este.

Por cá nada ha de novo, tudo corre nor-

malmente; só o Aug.to Leitão deu sorte com a elevação do Raul, mas nada valle o que fez nem a maneira como se mostrou. O Costa vae bem, o que ainda está é gouco exgeriente, quer em ritual, quer em diglomacia, a que nós em tempo chamavamos — « mariolada » —

Morreu o Benjamim Nobre que estava comnosco; e não sei se teremos de irradiar o Antonio Francisco, porque deu em doido, não gaga as quotas e não vae ás sessões, etc, etc.

. . . . . .

Não sei se na Paschoa o verei, se o tempo estiver bom esgero que vá até Poyares uns dias a fim de fallarmos sobre varias cousas entre ellas a descuberta da Madeira etc.

Acceite um agertado abraço do seu a.mo certo

(a) José Maria Dias Ferrão

N.º 42 (1)

Meu caro Belizario:

Um assumpto bastante grave como nenhum outro ainda tive a participar-lhe, me leva a escrever esta carta. Parecerá exagero, mas basta dizer-lhe que pode arrastar a nossa Loj∴ ao desmembramento.

Trata-se do Costa, de quem sou amigo, a quem creio que o tenho provado mas que arrastado pelos conselhos de tolas cabeças póde cavar a sua ruina maç∴ e a da Loj∴

Como sabe a nossa Loj∴ tem a Tuna debaixo da sua protecção e á Tuna deve tudo o que tem feito até hoje. Ahi está a demonstral-o a nossa viagem a Lisboa, viagem guramente maçon∴ e que só teve por fim, o elevarmos o Costa no conceito dos corpos superiores. Ahi está a proval-o a parte activa que a Tuna tem tomado em todas as festas liberaes e o sarau hontem realisado em beneficio das ~~st~~ créches.

Apesar d'isto e para que a Tuna nos não fuja das mãos precisamos contemporisar

---

(1) Não tem data, mas é de 18 de março, 902

com os rapazes que querem divertir-se.

Hontem realisou-se o Sarau, obra do Costa e para o qual a Tuna se não negou e o Costa hoje nega-se a trabalhar na organisação da viagem a Hespanha que a Tuna deseja e precisa fazer para se manter porque os rapazes não estão lá para darem saraus maç∴ em Coimbra mas para se divertirem. Resolveu a assembleia geral que o Costa fosse fallar em 2 feriados ao Reitor e os pedisse em nome da Tuna, para Lisboa afim de n'esta primeira semana se ir a Lugo. Costa agora não quér, segundo hoje me declarou, até, devo dizel-o, d'um modo brusco e altivo como eu, que elle sempre encontrou ao seu lado, he não merecia. Na Loj∴ ha bastantes elementos da Tuna, e a questão é natural que a rebentar, como certamente rebentará na assembleia da Tuna, vae reflectir-se dentro da Loj∴. O Costa não é na Loj∴ tão bem visto como era para desejar devido ao seu feitio de tudo querer fazer e nada fazer afinal. Ha quem regente por ser um dos mais novos que empunhou o machete e elle vae ver-se só no meio desta questão, porque eu não devo, note bem o meu amigo, não devo acompanhal-o.

Claramente vê agora como isto pode trazer o desmembramento da Loj∴. Eu

tenho levado a vida a protejer a Tuna, te-
nho-lhe amor e luctarei por ella, sobretudo
agora que no meio academico lhe querem
mover guerra de morte. Nessas condições,
logo que o Costa abandone a Tuna, eu aban-
donarei a Loj ∴.

Pelo Carnaval havia razão para não
realisarmos a viagem, mas agora não ha ne-
nhuma e por isso devemos tentar ir. Quando
me fazem um favor eu gosto de o pagar,
mas não posso ser um joguete de ninguem.

Desculpe-me, mas venho de fallar com
o Costa e magoou-me tanto o desabri-
mento e quasi que desprezo com que elle
me fallou, que estou encommodado.
Aquelle rapaz de quem, repito, sou amigo
podia fazer muito se não tivesse ideias tão
neghlibatas e por conselheiros e inspiradores
Quim Martins e Arthur Leitão.

Não sei no que isto dará da viagem a
Hespanha, mas estou desejoso que venha
o meu amigo para fallarmos e ver se al-
go consegue do Costa. Não devemos deixar
fugir das mãos a Tuna, porque ella de mui-
to nos serve nas nossas obras maç ∴ Não
lhe peço para escrever ao Costa a decidil-o
quanto á viagem a Hespanha porque ella
a realisar-se devemos partir na madruga-
da de 4ª feira mas peço-lhe para pesar o que

lhe digo e lhe póde repetir o Ferrão, Mario, etc. Resta-me a tranquilidade de consciencia por sempre ter estado ao lado do Costa como elle não póde negar por forma alguma. Estarei incluido no numero d'aquelles que só ambicionam indigestões alem fronteiras como disse o jornal de que elle é um dos redactores, mas tenho procedido sempre com dignidade e fiel aos compromissos que com o meu amigo tomei de acompanhar o Costa até que isso não fosse de encontro á minha consciencia.

Quando vier a ferias fallaremos para ver se alguma cousa conseguimos.

Mande sempre

o seu am.º e obrig.º

(a) Martins Grillo.

Nº 43 (1)

Meu caro

Como naturalmente já sabe, o nosso Costa advecen em Elegante e por isso vi-me em trabalhos que me tomaram todo

---

(1) Não tem data, mas é de 9 de abril.

o tempo e me estafáram. Por isso não me foi possivel escrever-lhe. Tenho fallado ao Ferrão que nada me diz da nossa grogosta. E' pois da maior vantagem escrever-lhe antes de sabbado em que ha sessão. Diga d'ahi o que ha quanto ao seu amigo. Costa já está bom. Encontrámos um barbado em Orense que nos gastou serviços. Bello tygo.

Fallou com o Marinho já que d'aqui foi? O homem não mais me escreveu. Não gostou do que lhe disse. Se fallar com elle faça-lhe notar que tenho estranhado o seu silencio. Peço escreva quanto antes ao Ferrão porque o caso é serio e tenho nelle grande esperança.

Abraça-o o

seu amigo
(a) Martins Grillo.

N°-44 (1)

Meu caro

Mil circumstancias me teem impedido de lhe escrever, a mais grave das quaes passo a relatar.

Soube certamente do agedrejamento do comboio em que passava o Carrilho. A Policia imputou o facto á Maç.: e por fatalidade o Costa perdeu um bilhete dirigido a mim em que me previnia ser-lhe impossivel ir á sessão por ter de ir para a assembleia da Academia e em que dizia prevenisse o Pereira de Souza para empunhar o malhete.

Este bilhete foi achado não sabemos por quem e entregue á Policia. Um Ir.: a coberto que soube do facto e que soube que a Policia espiava os nossos actos para ver se podia dar com a Loj.: e apanhar o que por lá houvesse, veio ter comigo e prevenir-me de tudo. Tomámos as nossas medidas e resolvemos não reunir tão bréve. Previno-o tambem de que não deve empregar formas

---

(1) Não tem data, mas é de 18 de abril, 902.

maç.·. nos bilhetes porque isso pode ir entalal-o tambem. Creio que o caso não dará nada de vulto todavia é preciso cuidado. Agora quér o meu amigo saber? o mais engraçado é que a nossa Loj.·. foi a unica que não quiz tomar parte nessa questão, por varios motivos, entre os quaes avultava o de não entenderem conveniente ir discutir o convenio que ignoramos e acharmos ridiculo e só proprio de garotos a acção de apupar ou apedrejar alguem, e de sabermos que a iniciativa partia do Lusitano. Foram estes os nossos argumentos para combater a proposta feita pelo Macedo instigado a isso por Polonio. Ao meu lado, a discutir puseram-se Pereira, Ferrão, Mario, Menano e Carneiro. A proposta foi rejeitada, votando a favor só o Armando e o caloiro d'elle. E' preciso informal-o de que o Polonio e sua gente anda furiosa porque nós não quisémos ser garotos de pedra. Deixal-os.

A proposta de futricas foi acceite havendo apenas 1 voto contra ella. Naturalmente vamos convidar a entrar para cá o tal Ir.·. que nos prevenio do caso da policia, apesar de ser futrica e ter sido academico-livre mas não gagante. E' um meio de mostrar gratidão ao homem. Ferrão e Mario vão ahi no dia 27.

- Costa lá anda todo enthusiasmado com as suas republicanices que podem dar-lhe

mau resultado. Far-me-hia o meu amigo o favor de escolher ahi uns 10 ou 15 gostaes illustrados com vistas de Portugal e enviar-mos pelo Ferrão que é para eu satisfazer uns pedidos de herganholas? Ferrão satisfará a quantia ou eu quando o amigo venha. Escolha coisa chic.

Manda o seu amigo que o abraça

(a) Martins Grillo.

Nº 45 (1)

Am.º Pinto de Magalhães:

José Barbosa Marinho

Pede-lhe a finesa de conseguir que o meu am.º Belizário Pimenta, alumno da Escola do Exercito, seja dispensado da formatura de recolher em 28 afim de poder assistir a uma ceia de quintanistas o que desde já agradece reconhecido o seu sempre am.º

27/4/902 (a) José Barbosa Marinho

(1) É um bilhete de visita.

N.º 46 (1)

Meu caro Belisario:

. . . . . .

Fallei hontem com o Ribeiro que me disse tel-o informado do que for cá vae. A nossa Loj.·. não attinge a altura que tanto desejamos emquanto o meu amigo aqui não estiver. O Costa é um moço excellente de quem eu sou sinceramente amigo, tem um talento robusto, mas anda mal orientado e não tem a energia desejada. É preciso mil cuidados para o Polonio o não intrujar e absorver. Felizmente em todos estes movimentos consegui que não tomassemos parte.

Quanto ao grande Leitão devo dizer-lhe que for palavras soltas, tenho receio de que fosse pedido para elle o 18, mas como o amigo se quér impôr, segundo disse o Ribeiro, póde contar incondicionalmente comigo. Estou e estarei ao seu lado, nessa questão e em qualquer outra, portanto estejamos de sobreaviso para nos impôrmos com a nossa sahi

---

(1) Não tem data, mas é de 2 de maio, 902

da se assim o julgar conveniente. Depois isto é assumpto em que d'ahi póde fallar ao Costa, porque elle, no logar que exerce deve ter conhecimento do facto, ser consultado, e creio nos acompanhará. Tinha combinado com o Mario e Ferrão fallar ao Dr. Armando Gonçalves, medico, para elle entrar, offerecendo-lhe o 18. Fallei e o homem está prompto. E' bom elemento, pela posição, pelo talento, e porque de todos os que lá estão é comigo que mais estreitas relações tem.

Desculpe ir dar-lhe um conselho, mas entendo que sempre que podésse era bom ir agarrando aos homens, mesmo ao Marinho, para ir fazendo a apologia do nosso grupo, valôr de cada um, nossa força, etc, e ir insinuando-se no animo dos homens. O meu desejo hoje é levar para lá elementos valerosos, extranhos á classe academica, porque esta pouco dá, homens de posição, para ver mais cedo realisado o futuro que tinhamos sonhado para a nossa loja. Com a entrada do A. Gonçalves principia uma nova era e hei-de ver se elle traz alguem comsigo.

Dos estudantes não me fio em muitos. O Armandinho Macedo que era uma menina está-me sahindo um sacana,

levado por Polonio e Julio, homens de revoluções. Ribeiro e Leite, esses sim, que se póde contar com elles.

Recebi os gostaes que muito agradeço, pedindo me diga de quanto lhe sou devedor.

Escreva, que muito folgo com as suas noticias e em informal-o do que por cá houvér.

Abraça-o o

Seu am.º certo
(a) Martins Grillo.

Nº 47

Coimbra - 8 de maio de 1902

Meu caro Belizario:

Suspensas as garantias, como aqui temos estado, suspendi tambem a correspondencia. Teem-me esgreitado tanto, que não só tive de parar os trabalhos, como até deixar de escrever. Nestes dois ultimos dias, quando recebi a sua carta, andava n'um estado anormal de excitação por causa dos malandrins do Tribuno Popular, que se lembráram de me enxovalhar a grogo-

M - I
12

sito e a pretexto do Mario Duque, Grillo e outros, se terem lembrado de pôr nos chagéns, á guisa de corretor de hotel, um bilhete de livre transito que o Ferrão, senhor e rei de Coimbra[1] na presente occasião (até rima) se lembrou de distribuir generosamente a alguns dos seus subditos, que desejavam ficar aqui após a ordem do Reitor.

Tive de me portar com toda a energia, tendo chegado até a pedir a José Cid e Vicente da Camara, para se irem entender com o biltre de capello de quem desconfio.

Felizmente estou vingado. Não encontrei na redação quem assumisse a responsabilidade da local, e logrei mais: ver hontem, no mesmo Tribuno não só a rectificação que eu exigira, como tambem um elogio longo e completissimo á minha pessoa, aos meus predicados, á minha intellectualidade, etc, etc.

Malandrices de Coimbra!

Li que a delegação a Lisboa foi magnificamente recebida, e apenas lamento que seja provavel que o Ferrão, exhorbitando as minhas indicações, fosse fallar da galar~~deação~~ doação immerecida do figurão

---

(1) Era o então comissario de policia.

a que você allude. Creio que o Ferrão não fizesse a cousa por mal se a fez; mas fique você certo de que como veneravel e amigo me achará sempre como defensor do seu desejo, e que comsigo estarão outros elementos da nossa casa. Não tenho duvida de informar Lisboa e gôr-Be todas as rasões, até a da sua sahida, que por si só seria bastante para, sem mais nenhum argumento me dissuadir, se, por ~~q~~ acaso eu já não estivesse dissuadido.

É possivel que eu seja forçado a ir a Lisboa tratar da salvação de alguns implicados que por falta de tino e injustificados descuidos e exhaltações, se acham compromettidos nos acontecimentos que por cá se deram.

A culpa recahe sobretudo, sobre o idiota do Luis Pereira que, por mal de nós todos, é um <u>sobre diabo</u>, um <u>banaboia</u>, que qualquer retrozeiro ou Zé Miranda faz mexer. Mas enfim quem aganha são ... os de baixo, somos nós.

. . . . . .

Escreva e acceite o abraço apertado e fraternalissimo do todo seu

(a) A. da Costa-Ferreira.

N.º 48 (1)

Meu caro Belisario

Saude, felicidades e dinheiro.

Foi approvado o Helder e encarregado o meu amigo de o iniciar. Careço porem de saber o nome todo do homem, e mais tretas, porque perdi as informações que me tinha mandado, para eu dar para Lisboa gente da filiação (porque é assim que para lá se participa.) O meu amigo tem de cobrar ahi ao homem 4.500 reis.

De ha muito que estamos sem reunir e fizemos agora esta sessão em casa do Mario.

Quando se tratava de o encarregar a si de preparar o homem todos aprováram, tendo alguns que falláram palavras elogiosas e merecidas para o meu amigo, excepto o Armando. Este disse merecer-lhe toda a confiança mas não se podia assim avaliar o homem. Faltava o esclarecido criterio d'elle... Estava ali a preparar-se um leitão mais completo porque tinha conselheiros, mas o homem percebeu que

---

(1) Não tem data, mas é de 21 de maio, 1902.

estava deslocado e já pedim o quite. Ainda bem. O mau é que elle e o caloiro que elle propoz juntamente com os 7 quintanistas são 9 que se vão embora. Precisamos de metter gente e o Costa algo podia fazer nesse sentido mas é um descuidado e um atado para estas cousas. Pique-o d'ahi. Lembra-se de um Quadros, indio, que é amigo do Costa e que estava comnosco tomando cerveja numa das noites da semana santa no antigo Antonio da Feira? Lembre ao Costa o fallar a esse homem que entendo convem, mas isso como cousa sua. Ha mais de cinco mezes que o Costa disse havia de fallar ao João Duarte de Oliveira, urso magno do 4º anno medico e a outros alumnos desse curso, mas afinal, nada. E' indispensavel metter gente e eu estou esgotado. Ja propuz 9 ao passo que os que mais propozeram depois de mim teem 3 propostas. Precisamos metter uns 6 ou 7 até ao fim deste anno lectivo, por isso, como coisa sua, pique d'ahi o Costa e até o Mario e o Ferrão apesar de irem embora mas que devem ter orgulho que isto se mantenha.

Quanto a fabricas não vejo assim muito que metter e não me quero decidir sem combinar com o meu amigo. Depois, os dois, veremos o que ha de aproveitavel e fallaremos de alguns.

O nosso Costa descubriu um triangulo em

Santa Clara, filiado no nosso Or∴. E' indispensavel absorvel-o e elle já fallou nisso aos homens.

Nestes dez ou quinze dias que ha até ao fim da epocha lectiva é indispensavel que d'ahi fique o Costa, Mario e Ferrão que eu farei cá o mesmo para elles metterem gente. E' este agora o grande problema.

Quanto ao Leitão creio que não ha receios. O capitulo hei-de ver se só é installado em outubro e então já ninguem ha que profonha elevação ao homem.

O Leite trabalha em arranjar um Δ em Leiria. Já tem 2.

O Rebello está nas melhores disposições de ir para os Açores arranjar um em Santa-Maria.

Se isto se arranja damos um grande impulso ao nosso Or∴ de que elles mais cedo ou mais tarde devem recompensar-nos. Eu queria que a nossa, com bons serviços, mas daquelles que constituem a nossa missão esmagasse a outra d'aqui, como elles, pela malandrice nos desejam esmagar a nós.

Conto com os seus esforços junto do nosso Costa para ver se elle principia trabalhando a valer.

Falando-se um destes dias, na ultima sessão, em eleições, fiz uma proposta que consegui se aprovasse, em que estas ficassem marcadas para outubro, isto com o fim de prévia-

mente combinarmos quem deve exercer os logares.

Não se esqueça de, por estes dias escrever ao Costa, Ferrão e Mario e vá dando noticias suas ao

seu amigo mt.º grato
(a) Martins Grillo.

N.º 49

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.

Vall.·. de Lisboa = ... de maio de 1902 (e.·. v.·.)

CC.·. . MM.·. Ir.·.

Tenho a honra de grofar para ser filiado no nosso ⊡ o Ir.·. Helder Armando dos Santos Ribeiro, filho de José Baptista Ribeiro, natural de Lisboa, de 19 annos, solteiro e residente em Lisboa. E' alumno da Escola do Exercito. Tem suficientes meios de subsistencia.

Nome symb.·. - Phebus Moniz, ap.·. maç.·.

(a) O Ir.·. Nun'alvares
C.·. M.·. ✠

N.º 50 (1)

Meu caro amigo:

Temos perigo eminente.

Hontem depois da sessão, e ao regressar a casa, o Ferrão que veio commigo disse-me que vae um destes dias reunir os RR.·. H.·. para agradecer e pedir a installação do capitulo e para pedir egual gr.·. para o Leitão.

Pereira de Sousa, em sessão do 3.º gr.·. pediu que fosse augmentado o salario ao Leitão e Diogo. Nada ficou resolvido mas certamente se resolve que sim porque o Mario e Raul não votam contra e Pereira e Ferrão estão agarrados á sua ideia. Precisamos mecher as cousas. Eu vi tudo tão fusco que tive de chegar ao extremo de declarar ao Ferrão que no dia em que o Leitão fosse R.·. H.·. eu e o meu amigo pediamos o quite. O homem nada disse mas é preciso nesta altura sermos fortes.

Conte comigo, com o Leite, Ribeiro e Rebello. E' a gente que tenho absolutamente minha. Sobral é possivel que nos acompanhe mas acho util, apesar de ao meu amigo isto parecer ex-

---

(1) Não tem data mas é de 25 de maio de 1902.

quisito, que lhe escreva neste sentido porque elle o respeita e considera bastante e bem assim que escreva ao Raul (que nos deve o gr∴ que tem) ao Costa e ao Ferrão. Isto é serio e eu uma vez na necessidade de chegar a estes pontos não volto atraz.

Nada tenho com o homem, mas fiz um pacto comsigo e tenho provado que não sou homem para voltar atraz. O Mario e o Ferrão sabem-no perfeitamente.

O unico meio de cedermos era se a nós trez Costa, eu e o meu amigo, nos fosse dado na mesma occasião o gr∴ 30. Assim, ainda entendo deviamos ceder, caso contrario não, não e não. E para prevenir hypotheses não levo á loj∴ a filiar-se o Dr. Armando Gonçalves emquanto isto não esteja decidido porque se os homens teimarem nós não devemos ficar parados e com 8 ou 9 arranja-se outra loj∴

Tudo isto deve fazer constar por si ao Ferrão e deve industriar o Costa para elle fazer egual declaração.

E' tarde, tenho muito que fazer e por isso hoje fico por aqui.

Conte commigo absolutamente e tenha a certeza que tem a seu lado homem decidido e com mais 3 ou 4 talvez que o acompanhem a olhos fechados e mais ainda um que será iniciado no domingo e outro que está pro-

gosto. Costa góde comsigo arrastar Sobral e Marques dos Santos.

Escreva já. Adeus.

Abraça-o o

seu amigo

(c) Martins Grillo.

N.º 51

Coimbra, 26 de maio de 1902

Am.º e Sm. Blizário.

Na ultima sessão da Loj.·. tendo esta reunido em gr.·. 2º para serem propostos e iniciados uns aprendizes, o Pereira de Sousa pediu augmento de salario para o Leitão e para o cunhado, pedido que não foi attendido porque só podia ser feito em capitulo, coisa que ainda não temos.

O Ferrão disse depois ao Grillo que ia pedir o 18 para o Leitão e como o meu amigo me pediu que o avisasse logo que se fallasse nisto, escrevo-lhe para estar prevenido.

Desejando-lhe muitas felicidades, etc, etc.

(c) Luis Ribeiro.

N.º 52 (1)

Meu caro Belisario

Desculpe não lhe ter já escripto mas mil cousas me impossibilitaram e o caso não reclamava urgencia.

Creio que a questão nada mais dará a não ser o nosso homem perceber que não gostam d'elle e pedir o quite. Deu a entender isto, o Pereira que está sendo o protector delle. Oxalá que elle se vá.

Como lhe disse, fallei ao Ferrão com toda a franqueza. O homem ouvio, reflectiu e creio que por si por gosto no assumpto visto o caso seguinte: quando eu li a acta na ultima sessão, o Pereira que presidia, notou que não vinha consignada a proposta delle para elevar o Leitão e o cunhado ao que o Ferrão respondeu dizendo que não podia visto isso só competir ao Cap.·. e nós não o termos ainda.

E' indispensavel impedir que o Cap.·. venha ainda este anno lectivo. Só deve vir em outubro. Falei com o Mario que encontrei de modo diverso do que julgava. Disse-me que

---

(1) Não tem data mas é de 4 de junho de 1902

se tivesse assistido á parte da sessão em que o Pereira fez a proposta, lhe tinha dado um chegança por elle ignorar que não se podia ali tratar do assumpto.

Costa não sei o que terá feito porque estou a não o entender. E a proposito lhe digo que se o meu amigo o não domestica quando para aqui viér, estamos mal. Muito bom moço, enorme talento, mas nada de criterio para estas cousas, altamente neghelibata e, o que bastante me desgosta, inclinando-se um pouco a dizer com os que me querem chegar.

Nesta questão com o Armandinho é elle o unico, note bem o unico que lhe dá razão e me culpa a mim. Deixal-o. Serei tudo mas não me comem.

Mas isto não tem importancia e vamos ao que mais importa.

Creio poder garantir que sem ser preciso chegar a excessos, conseguiremos ver-nos livres do sur. Leitão e se não fôr já será em outubro nas eleições que eu fiz guardar para essa occasião, para termos tempo de combinar a lista e cá trabalharmos os dois.

Lá foi iniciado mais um que é creatura exclusivamente minha e na proxima sessão vae sel-o um do Ribeiro que vem a dar no mesmo. Ora embora o homem fique agora, nós excluimol-o da lista em outubro e havemos

de ganhar as eleições porque eu conto com o meu amigo, eu, Soveral, Ribeiro, Leite, Rebello, Manuel Telles e os dois novos como coisa certa.

Lá vae alli novidade. Segundo o nosso Mariuho informou o Costa, a loj:. Fiat Lux de Lisboa, a mais importante do Or:. Lusitano, está em negociações para se filiar no nosso Or:. Rebello Off:. ainda está o que de melhor ha no Lusitano, arranja, segundo diz o Mariuho outras OOff:. se não de Lisboa, pelo menos de fóra. Della faz parte o nosso Virgem Martyr !!! Costa ainda doido de contente ! Aturar ao pé lado o Mestre ! Que ventura ! (1)

Agora pergunto eu: que dirá a canalha da Perseverança ao ver o seu oraculo pregar para o «Portugal» de que elles dizem o mais mal que podem e que fazem a mais viva guerra?

Eu gosto que isto se dê, não por mim este ou aquelle, mas por virem principios. Precisamos de força.

Esqueceu-me dos louvores que eu lhe dizia por causa de metter gente? Era urgente e indispensavel.

Como vae d'actos?

Figuei satisfeitissimo com a sua exaltação

---

(1) Refere-se ao conselheiro Bernardino Machado.

UNIVERSIDADE LIVRARIA DA

a resgeito dos triangulos. Nesse sentido deviamos empregar todos os esforços.

Sabe que em Santa Clara ha um Δ filiado pelo Soveral no nosso Or∴. E' gente das relações do Costa e entende o Ferrão e eu concordo que devemos absorvel-o. Chamamos os homens para a nossa loj∴ vemos se elles mettem mais gente de sua confiança e depois de estarem uns dez constituimos uma loj∴ e assim mostramos importancia e actividade e fazemos uma partida ao Soveral que nos tinha promettido filiar o Δ na nossa loj∴

Veja se faz alguma cousa no sentido dos ΔΔ e se influe com esta gente para metterem alguns. Aquelle Costa se olhasse para isto mais a serio podia fazer muito.

Devia viver menos com os catholicos e dedicar-se a observar varios elementos que era da maxima vantagem apanhar lá dentro. Ha dois rapazes classificados que o Ferrão já lhe lembrou e que eu lhe indico para o amigo d'ahi lhe dizer que lhes falle. E' o João Duarte de Oliveira, premio do 4º anno medico e um companheiro d'elle que é urso do 3º de direito e foi discipulo do Costa e se chama Caeiro da Matta. Ha tambem o Egas de Azevedo e varios outros que o Costa podia sondar. O D. Vicente da Camara é liberal apesar de fidalgo e o Costa tem intimas relações com elle. Eu indico estes nomes e o meu ami-

go indical-os-ha ao Costa se assim o entender mas é indispensavel que já, mas já, lhe escreva intimando-o a que cuide disto com toda a actividade.

Devem sahir uns dez oobr.:. e por isso ficamos sem gente.

Desculpe massal-o.

Mande-me as suas ordens e conte commigo sempre.

Abraça-o o seu amigo etc.

(c) Martins Grillo

N.º 53 (1)

Meu caro:

Peço-lhe a fineza de procurar sabbado ou domingo no Gelo, ás 8 horas da noite, o Correia de Mello para o acompanhar numas voltas que o homem tem que dar e não sabe. O homem tem andado desconfiado por causa de estar em casa do Armando. E' preciso mostrar-lhe quem é o Armando e tirar-lhe essas cousas da cabeça. Quanto á nossa questão, fique certo que o gromotor é o Pereira.

---

(1) Não tem data mas é de 12 de junho de 1902

15-nov.º

104

Recebi a sua carta e fica tudo a meu cuidado. Abraça-o o seu amigo

(a) Martins Grillo

Nº 54 (1)

Meu caro:

A participação foi como tendo vindo (2) da do Manuel António da Costa. Ainda não está cá Gagel. Diga se quer que quando tenhamos de enviar dinheiro descontemos os 4:500 do Helder e as suas quotas.

Ando com muito serviço, por isso não escrevo mais.

Faça-me discursos e elogios do triumvirato ao Marinho. E' indispensavel.

Abraça-o o seu amigo

(a) Martins Grillo.

---

(1) Não tem data mas é de 22 de junho de 1902

(2) O Helder Ribeiro.

Nº 55

Gr.·. Oriente de Portugal
N'Gl.·. do S.·. Arch.·. do Univ.·.
S.·. G.·. A.·.

C.·. a N.·. Ir.·.

Devendo realisar-se, na proxima terça-feira, 8 do corrente, pelas 8½ horas da noite, uma sessão solemne para a installação da R.·. Loj.·. Fiat Lux que vem do Gr.·. Or.·. Lus.·. Unido, e, desejando o Ven.·. da Ord.·. dar a esta sessão todo o esplendor possivel, peço-vos a fineza de não faltardes, honrando, com a vossa presença, tão brilhante acto.

Que o Sup.·. Arch.·. do Univ.·. vos aj.·. e ill.·.
Graç.·. no Gr.·. Secr.·. Ger.·. aos 3 de julho de 1802
(e.·. v.·.)

O Gr.·. Secr.·. Ger.·. da Ord.·.
André Joaquim de Bastos
33 .·.

[Fato preto e gravata branca]

Nº 56

Coimbra, 11 de julho de 1962

Meu caro Belizario

. . . . . .

Ante-hontem houve sessão na nossa loj.·. e com a cerimonia e gravidade com que custumo revestir as iniciações, trouxe para a nossa Aug.·. Or.·. e investi no gr.·. 1º. Marques dos Santos cujas resfostas testamentaes forçáram o Ferrão a exigir certo rigor da minha parte e afesar do qual o neophyto se houve muito bem. A nossa Obr.·. continua prosperando. Já tivemos uma sessão com 20 obr.·.

Estamos em vesperas de fundar ~~novos~~ varios ΔΔ e estamos em fé de trazer a nosso seio elementos de primeira ordem.

Na ultima sessão estiveram os nossos dois novos Ir.·. Armando Gonçalves e Donato e a ella assistiu tambem o Fausto de Quadros.

De Lisboa sei já que passou para o nosso Or.·. a Loj.·. Fiat Lux a mais importante do Gr.·. Or.·. Lusit.·. e a que pertence o Bernardino.

Sei mais que cada vez sympathisam mais comnosco e que temos por isso a probabilidade de conseguir tudas as nossas pretenções,

das quaes a maior, como você sabe, é a fusão dos Obr∴.

Com respeito á questão do gr∴ tudo excellentemente. Eu expliquei á Loj∴ a demora na elevação do gráo do Leitão, dizendo que esperávamos pelo Cap∴ e que, quando elle viesse, a Loj∴ Cap∴ seria a primeira a pagar o salario em divida e aprovar assim directamente o reconhecimento de serviços do mesmo Leitão. Depois disto, este faltou ao cumprimento dos seus deveres e com auxilio do Ferrão, e proprio Pereira de Sousa, foi censurado na acta.

Ao Ferrão propuz eu o augmento de salario e o Grillo, a collocação do retrato na salla da Secretaria. Temos homem para a posteridade, mas com justiça e sem favor.

Escreva e mande sempre o todo seu

(c) A. do Costa Ferreira

N.º 57 (1)

Meu caro Belisario

Cumpre-me dar-lhe as minhas satisfações por não lhe ter respondido no praso que devia.

---

(1) Não tem data, mas é de 20 de julho de 1902.

Procurei varias vezes o nosso Costa, visto ser elle quem recebe a correspondencia e me ter dito ha tempo que tinha recebido uns dipl.·. Fui varias vezes a casa delle e nada; e hontem soube que não estava em Coimbra.

Não foi pois, possivel, responder á sua pergunta e mesmo hoje não lhe posso dizer nada de positivo. Quem poderá informal-o é o Marinho.

O am.º não se esqueceu de dizer que o Helder foi obr.·. da Perseverança? Assim se fez a participação. O seu outro proposto está aprovado e quando elle e o am.º venham, será inic.·. Como cá estamos o Costa, Sobral, L. Martins, Armando Gonçalves, Donato, Ribeiro, Vasco, João Marques ex eu e depois com o meu am.º arranja-se numero p.ª fazermos uma sessão e inic.·. o homem. Não encerramos os trab.·. até, p.ª podermos fazer esse serviço.

Pediu-me para propôr a sua filiação o cabo Costa-Cabral. Não sei se elle será bom ou máu mas como é um que se tira aos vethotes da amendoa e como elle vae entrar p.ª a Escola não terá tempo de nos fazer mal, nem me parece que tenha talento para o fazer.

Em breve deve ahi apresentar-se-lhe meu irmão para o am.º lhe dar instrucções e fazer favor de o acompanhar ao Or.·.

Temos que enviar dinheiro p.ª o Or.·. e por

isso devo grevenil-o para saber se quér que n'essa conta lhe envie a menos os 4.500$ do Helder que ahi cobrará delle e 1:850$ das suas quotas de Jan.º até maio. Dirá isto, mesmo em Gostal, logo que possa.

Estou desejoso que o am.º venha pois muito temos que conversar e combinar. O am.º vae p.ª a Figueira?

Quando podér dê noticias suas. Aguarda as suas ordens o seu amigo e Ir.º obrig.º

(a) F. Martins Grillo

N.º 58 (1)

Meu caro Belisario:

Admirado com o seu longo silencio venho pedir-lhe para, com alguma antecedencia me dizer o dia em que o amigo e o seu condiscipulo veem para eu poder prevenir os rapazes.

Agora estão aqui muito poucos e é preciso ter tempo para fallar a todos para arranjarem gente. Estou desejoso de cá o ver porque temos muito que combinar. Adeus. Abraça-o o

seu am.º

(a) F. Martins Grillo

---

(1) Não tem data mas é de 28 de julho de 1902.

N.º 59

(rascunho de acta de sessão)

A' Gl.·. do S.·. A.·. do Q.·.
L.·. E.·. F.·.

Vall.·. de Coimbra, 25 de outubro de 1902 (e.·. v.·.)

Abertos ritualmente os trab.·. pelo Ir.·. Ven.·. verificou-se estarem presentes os Ir.·. Tourgeneff Marquez de Pombal, Nun'alvares, Brotero, Robespierre, List, José Estevam, Vasco da Gama, Alexandre Herculano, Zolá, Mendes da Maia, João das Regras, Duque da Terceira e Kégler. Lida e aprovada a acta da sessão anterior, correu o sacco das proposições que produziu uma pec.·. d'archit.·. propondo ... (em branco) ... proposta que foi admittida por unanimidade. Tendo sido lidas as informações a respeito do prof.·. Carlos de Lima Cordeiro procedeu-se á votação sendo admittido por unanimidade. Deu entrada no templ.·. o P.·. Ir.·. Bakounine, de visita. Sendo lidas egualmente as informações do prof.·. Agapito Pedroso Rodrigues procedeu-se á votação tendo produzido 11 esferas brancas e 4 pretas sendo portanto reprovada a sua admissão. O Ir.·. Ven.·. deu então parte que o compromisso da lettra fôra satisfeito e pediu aos Ir.·. presentes que entrassem com os metaes

em debito para se satisfazer a divida ao Or∴. O Ir∴ Bakounine offereceu-se então para dar quanto dinheiro a Loj∴ precisasse e o Ir∴ Ven∴ agradecendo, enaltecen as qualidades do referido Ir∴ como fundador e como trabalhador incansavel propondo-lhe um voto de louvôr.

O Ir∴ Ven∴ então, propôz á aprovação da Loj∴ se se devia ou não fazer as eleições e como a discussão foi contraria a que se fizésse nesta sessão, ficaram addiadas para a proxima. O Ir∴ Bakounine, então, despedindo-se dos IIr∴ do ⊡ offereceu o seu prestimo em S. João da Pesqueira, onde fundaria um Δ; agradecendo o Ir∴ Ven∴ e o Ir∴ Orad∴ enaltecendo-lhe as qualidades.

E não havendo mais nada a tratar, o Ir∴ Ven∴ encerrou ritual∴ os ttrab∴ e todos os IIr∴ se retiráram em páz.

Era ut supra, etc, etc.

N.º 59-A

(informação de Carlos Lima Cardeiro)

A' Gl∴ do S∴ A∴ do U∴
L∴ E∴ F∴.

Vall∴ de Coimbra, 25 de Marhheschvan de 5902
(e∴ m∴)

Tenho a honra de levar ao vosso conheci-

mento que o Grof.·. Carlos Cordeiro é um elem.·. cuja adquisição honra o Grofonente. Já pela desafogada posição, já pelas suas muitas e distintas relações, já pelo caracter e trato bondoso e thano ao mesmo tempo que energico e discreto. Não me abalanço a uma aturada biographia pois que o Grof.·. é de sobejo conhecido pela maioria dos nossos cc.·. Ss.·. da Loj.·. Liberdade.

Que o S.·. A.·. de U.·. vos aj.·. e ill.·.

Fraç.·. em log.·. occ.·. a Grof.·.

(a) Emilio Zola, g.·. 3º.·.

Nº 59-B

(informações de Agapito Pedroso Rodrigues).

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.

L.·. E.·. F.·.

Pelo que ouvi dizer do Grof.·. Agapito Pedroso Rodrigues conclue-se que é bom rapaz e digno.

Vall.·. de Coimbra, 25 d'outubro de 1902 (e.·. v.·.)

(a) Brotero, C.·. R.·. ✠

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.

L.·. E.·. F.·.

Cumpre-me participar-vos que tendo-me informado das qualidades moraes do Grof.·. Agapito Pedro Rodrigues, estas são o melhor que é possivel.

(a) A. Herculano, g.·. 3º.

A'Gl∴ do S∴ A∴ do U∴
L∴ E∴ F∴

Tenho á honra de vos informar que o Prof∴ Agapito Pedroso Rodrigues, é por mim considerado como digno de entrar nos nossos aug∴ myst∴. Intelligencia clara, e são criterio, caracter firme e honesto.

Tem-se manifestado um pensador que decerto será para nós de regosijo recebel-o em nosso seio e para elle de utilidade encontrar-se num campo honesto de Verdade e de Luz.

Que o S∴ A∴ do U∴ vos aj∴ e ill∴

Traç∴ em log∴ occ∴ a pprof∴

(a) Emilio Zola, gr∴ 3º∴

Nº 60

Relatorio:

Incumbidos por esta R∴ Off∴ de dar o nosso parecer sobre as propostas apresentadas na ultima sessão pelo Sr∴ Pasteur, vimos hoje dar contas do nosso trabalho.

Como se deprehende da leitura dos considerandos que antecedem e justificam aquellas propostas, visam elles a fazer com que as nossas reuniões se não tornem suspeitas ás autorida-

des e não despertem a curiosidade indiscreta da visinhança, dando para isso á nossa Loj:. uma fórma exterior que a ponha ao abrigo da lei.

Abrita o citado Ir:. para conseguir esse fim, quatro meios:

1º: A fundação de uma Associação protectora de creanças.

2º: A redacção dum jornal.

3º: Dar á casa onde está instalada a nossa TT:. Loj:. o aspecto dum club recreativo, pela d'armas, galinete de leitura, ou cousa analoga.

4º: Instalar nella uma delegação do Governo da Sociedade da Cruz Vermelha.

A comissão, depois de profundo e reflectido exame, é obrigada a confessar que, como meio de desviar suspeitas e illudir os fins das nossas reuniões, nenhuma das propostas é eficaz.

A justificação desta opinião, é facil.

Sendo conhecidos da Policia os nomes d'alguns Ir:. que compõem o quadro desta T:. Loj:. não podem esses nomes ser postos á frente de qualquer associação recreativa, beneficente, etc. pois que constituiriam como que uma tabuleta indicativa do verdadeiro fim da sociedade.

Pode-se dizer que este inconveniente desapparece, figurando como directores, outros nomes dos nossos obr:. que não estejam naquelas condições. Este modo de ver as cousas tambem não serve no presente caso pelo motivo de que a casa já es-

lá conhecida; não só a Policia sabe que nella se fazem reuniões, ou maçonicas ou de outra qualquer natureza secreta, mas tambem a visinhança diz que ella é uma synagoga, como já o ouvio um dos nossos IIr.:.

Nestas condições é logico suppor que o dar-se-lhe, ou o aspecto da redacção d'um jornal ou o d'um club recreativo, ou a de séde de uma associação, teria, alem de outros inconvenientes faceis de prever, o de ir denunciar aos IIr.: juntando assim mais nomes á lista daquelles que pela Policia já são conhecidos como maçons.

Serviria talvez qualquer destes meios ou outros analogos se fosse adoptado logo de principio quando a casa foi arrendada pela primeira vez.

Mas, podeis vós dizer o seguinte:

« Desde o momento que tenhamos qualquer causa que justifique perante a lei as nossas reuniões, que nos julgue a nós que se saiba legitimamente ou que se diga á boca pequena que a nossa casa é uma Loj.: maçonica?

« Não é valido de toda a gente que o Gremio Lusitano e o Gremio Recreativo de Portugal, sociedades legalmente constituidas, succedam respectivamente o Gr.: Or.: Lusitano Unido e o Gr.: Or.: de Portugal? É isso do dominio publico e das autoridades e comtudo nunca aquellas sociedades foram hostilisadas ostensivamente pelos poderes publicos quer collectivamente

quer nas pessoas dos seus socios. Porque não faremos o mesmo se não é deshonra nenhuma e se ha aquelles precedentes? »

A isto responde a comissão que, se em Lisboa não é reparado e as autoridades fazem vista grossa, em Coimbra não succederia o mesmo; não pelo facto do povo e das autoridades conimbricenses terem ideias mais atrazadas do que os lisbonenses, mas sim por serem diferentes as condições das Lloj.: nas duas cidades.

Lá, se não a maioria dos maçons, pelo menos os seus elementos mais preponderantes, são individuos cuja edade e cuja posição social inspira confiança ás autoridades; e se os novos, mais impetuosos e insofridos na defeza ou divulgação dos ideaes communs tambem estão representados na familia maçonica lisbonense, estão-o contudo em muito menor numero que os mais edosos, os pacatos, aquelles que procuram a expansão dos mesmos ideaes por meios diferentes, ditados pela experiencia e pela prudencia.

Aqui os termos invertem-se; é a mocidade, são os estudantes ardentes e impetuosos, falhos da experiencia que dão os annos, possuidos as mais das vezes de ideaes nobres que calam no espirito de todo a gente, mas que pretendem, ás vezes, pôr em pratica por meios que não se coadunam com as leis do estado; — são esses que n'algumas Lloj.: desta vall.: constituem a totalidade

ou a maioria, como actualmente succede com a nossa.

E' justificado receio que as autoridades façam o seguinte raciocinio:

« Se elles (os estudantes) reunindo-se ás claras, em assembleias geraes, a que podemos assistir, nos fazem gastar trabalhos e não o nosso pesadello, muito mais será então quando estiverem sob a disciplina e os regulamentos duma associação secreta. »

Aceite como verdadeiro este raciocinio (e alguns factos succedidos o anno passado provam a favor da sua veracidade) vê-se bem que não se pode adoptar aqui o mesmo processo que adoptam os dois OOr.: portuguezes.

Ao mais ao que alcançamos, a Maçonaria tem de ser o mais occulta possivel.

A commissão entende que, desde o momento que é sabido no mundo Maç.: qual o fim para que é destinada a nossa casa, o remedio unico é aguentarmo-nos nella até ao fim do anno, cercando-nos sempre da maior cautella, não tornando conhecido mais nome algum alem d'aquelles que já o são e estar sempre vigilantes de modo a qualquer hor. completo as nossas reuniões ou transferil-as transitoriamente de local ao menor signal de alarme.

Ao intuito de conseguir estes fins, a commissão entende que deve em primeiro logar adoptar como muito acertada e util, a resolução, tomada

na ultima reunião, de passarem as sessões a pe-
rem quinzenaes, alternando com as da M.·. Loj.·.
Alliança e de ficar ao arbitrio do Ven.·. marcar
outras sessões em dias indeterminados.

Mas isto não basta; é necessário mais. É ne-
cessário que o archivo seja retirado da Loj.·. e le-
vado pelo Ir.·. Chanc.·. Arch.·. ou para sua casa,
ou para a. dum Ir.·. que lhe mereça confiança.

Tambem acha que os MM.·. podem ter as insi-
guias em vez de as poder, levando-as quando tenham
que assistir ás sessões.

Tem por fim estas medidas fazer com que,
dado o caso que, por qualquer motivo seja neces-
sário interromper as sessões, isso se possa fazer
sem ter que ir lá buscar cousas necessarias ou
compromettedoras.

A comissão chama a vossa attenção para uma
das precauções mais importantes a adoptar e que
é a seguinte: Que todos os MM.·. entrem e saiam
das sessões procurando nunca serem reconheci-
dos, mas não o fazendo tambem de modo a cha-
mar sobre si a attenção por demasiadas precau-
ções. Ha ainda outra medida que a comissão
acha necessaria, mas que póde ser adoptada tam-
bem e que consiste em se reunirem alguns MM.·.
quer em dias de sessões, quer muitos dias, to-
cando, engrimindo, etc, mas sempre á noite e
sempre de modo a não serem conhecidos da rua.

Concluimos por agradecer novamente e pelo

uma forma reunida, as resoluções que julgamos devem ser adoptadas como precaução pelas consequencias que possam advir do facto de ser já conhecida no mundo prof.·. a aplicação que tem a casa onde está instalado o nosso Templ.·.

Propõe pois, a Comissão:

1º: — Que seja mantida a resolução de passarem a ser quinzenaes as sessões, alternando com as da R.·. Loj.·. Alliança e deficar ao arbitrio do Ven.·. marcar sessões noutros dias.

2º: — Que os Ir.·. tomem todas as precauções quando entrárem ou sahirem do Templ.·. de modo a não serem conhecidos pelos visinhos ou transeuntes.

3º: — Que o archivo e todos os outros papeis que contenham nomes ou que sejam importantes ou necessarios, sejam retirados da Loj.·.

4º: — Que todos os Ir.·. estejam vigilantes e logo que tenham conhecimento de qualquer facto por insignificante que pareça, mas que se possa tornar compromettedor da nossa segurança, o participem ao Ven.·. ou a quem possa tomar immediatas providencias.

×

Quanto ás propostas de os Ir.·. terem as insignias em sua casa, não nos referimos aqui a ella por ser uma providencia de caracter puramente individual.

Propomos mais que destas propostas seja dado

conhecimento a B.·. Loj.·. Alliança, caso sejam aprovadas.

Vall.·. de Coimbra, 14 de novembro de 1902 (e.·.v.·.)

A comissão: (aa)

Brotero, C.·. D.·. F. (relator)

Nº 61 (1)

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.

Vall.·. de Coimbra, 30 de novembro de 1902 (e.·.v.·.)

Tenho a honra de vos participar que foram ultimamente iniciados nos nossos aang.·. myst.·. os Grof.·. Vasco Mendes Correa da Rocha que tomou o nome symb.·. de Jean Grave; Belmiro Joaquim Pereira Pinto que tomou o nome de João das Regras; Luis Emilio Ramires, que tomou o nome de Mendes da Maia; João Marques dos Santos que tomou o nome de Gil Vicente e Carlos Leogoldino de Abreu de Lima e Sousa Cordeiro que tomou o nome de Pasteur — grofostos respectivamente pelos Ilr.·. Martins Grillo, Leite Junior,

(1) Copia de uma Gr.·. da Loj.·. para o Gr.·. Or.·.

Luis Ribeiro, Costa Ferreira, e Donato; e que foi proposto o Prof.·. Gaspar Ignacio Ferreira, filho de Benjamim Ferreira, natural de Idanha a Nova, digo Albergaria, estudante do 2º anno de mathematica e de maior edade.

Tenho mais a participar-vos que no dia 31 de outubro se procedeu segundo o rit.·., ás eleições dos DDig.·. para o presente anno lectivo de 1902 a 1903 e que no dia 8 de novembro se procedeu á posse dos ditos DDig.·..

Tendo novamente entrado em regularidade de trab.·. a nossa Loj.·., esperamos dentro em bréve saldar a nossa divida comvosco.

Que o S.·. A.·. do U.·. vos aj.·. e ill.·.

O Ven.·.

(a) A. A. da Costa Ferreira, C.·. D.·. ✠

O Secret.·. adj.·.

(a) Luis Ribeiro, gr.·. 3º.

Nº 62

Coimbra = 1 de dezembro de 1902

Meu caro:

Foi preciso que viesse esta data celebre e patriotica, para me lembrar de pegar na pena e saudar o illustre historiador e forte esteio da nação patria.

Isto por cá continua com muito que fazer. Aos sabbados lá continuamos com as nossas marteladas.

A ordem cresce com novos elementos. O Cordeiro tem trazido gente nossa. Já cá temos o filho do Ribeiro do Lycen, o Caloiro da "Academia Livre", o José Alves dos Santos, e breve teremos dois alferes e (assombro!) o Snr. Figueiredo, pae do Mesquitinha de Figueiredo, que penetrará os lumbraes do nosso templo com seu filho e um sobrinho.

Isto progride e eu cá vou attendendo a uns, attendendo a outros e equilibrando o barco como melhor se póde.

. . . . . .

Sempre vem cá no sabbado? Cá o espero muito anciosamente. Bom seria que viesse assistir á nossa sessão.[1]

Affectuosas lembranças e um grande abraço, etc, etc,

A. da Costa Ferreira.

---

[1] Estava eu, então, em Mafra.

Nº 63

(Testamento)

Qual é o vosso nome? — Domingos José Ribeiro.

Qual a vossa edade? — Quinze e dois annos.

Qual a vossa profissão? — Actualmente estudante.

Qual o vosso estado? — Casado.

Qual a vossa religião? — Catholica, modificada, porem, a meu modo.

Se fosse chegado o vosso ultimo momento, que pensaveis do presente, do passado e do futuro? — Do presente, nada; do passado, nada fiz de que me accusasse; do futuro, que valesse por minha mulher e filhos.

Que educação religiosa se deve ministrar ás creanças? — O christianismo.

Que castigo merece o traidor? — Em certos casos, a morte.

Que daveis á patria? — A minha vida.

Que meios julgaes precisos para o aperfeiçoamento da patria? — A regeneração moral por meio da evolução.

Serve-vos a constituição moral da familia? — Perfeitamente, na ignorancia que tenho d'outra constituição melhor.

Datáe e assignae:

Coimbra, 6 de dezembro de 1862.
(a) Domingos José Ribeiro.

Nº 64
(Testamento)

Qual o vosso nome? — Antonio Joaquim Cardella Junior.
Qual a vossa idade? — Sinco e um annos.
Qual a vossa profissão? — Estudante.
Qual a vossa religião? — A Egreja de Jesu Christo, (nuas esta).
Qual o vosso estado? — Solteiro.
Que castigo merece o traidor? — A morte.
Serve-vos o estado actual da Patria? — Serve.
O que é a vossa Patria? — A Humanidade.
Sacrificareis a vossa familia á vossa Patria? — Sim.
Que deveis aos vossos parentes? — Amor.
Datae e assignae:
Coimbra, 6 de dezembro de 1862
(a) Antonio Joaquim Cardella Junior.

Nº 65

Lisboa, 14 de dezembro de 1902

Amº e Snr. Belizário Pimenta:

Recebi a sua carta e muito agradeço a sua attenção. Escrevi effectivamente ao nosso amº Grillo, pedindo-lhe a indicação da sua morada, pois dá-se o seguinte caso.

O nosso Ir∴ José d'Almeida, obr∴ da minha Loj∴ e que, como o amº frequentava a Escola do Exercito, ao começar as ferias, veio á Gr∴ Secret∴ e offereceu-me os seus serviços na Guarda.

Agradeci-lhe e julguei ser só o tempo de férias. Acabado este, mandei-o procurar á escola, mas ninguem dá noticias d'elle. Poder-me-ha o meu ~~xxxxx~~ bom amº fazer essa fineza?

Sabe a quem me refiro, com certeza. Era terceiro e estava no estudo, me parece, d'estado maior.

Sempre seu amº e obrigº Ir∴.
(a) José' Barbosa Marinho

Na sexta feira 12, o nosso Or∴ realisou as exequias maç∴ em homenagem a Pedro de Carvalho. Estava muita gente, muitas senhoras,

falaram Carvalheira, Anselmo Vieira e Dr. Saz Ferreira.

Foi unanime.

Nº 66

(Testamento)

Qual o vosso nome? — José Maria Ribeiro Jun.r
A vossa edade? — Sinta e sete annos.
O vosso estado? — Solteiro
A vossa profissão? — Professor primário
A vossa religião? — A do Estado (catholica)
Que deve o homem aos seus semelhantes? — Protecção e respeito.
Que deve o homem á sua patria? — O sacrifício da sua livre acção.
Que castigo merece o traidor? — Merece ser banido da sociedade dos bons.
Datae e assignae:
30 de dezembro de mil novecentos e 2
(a) José Maria Ribeiro Jor.

Quadro da Loj.·. Liberdade . Coimbra em Dezembro de 1902

	Nomes	Simb.·.	Gr.·.	Profissão	Naturalid.e	Entrada	Obs.
1	José Maria Dias Ferrão	Benoit Malon	18	Estud.te de Direito	Poiares (V.e Chã)	Fundador	
2	Belisario Pimenta	Nun'Alvares	18	Oficial do exercito	Coimbra	"	
3	Mario Soares Duque	Gomes Freire	18	Estud.te de Direito	Penacova	"	
4	Antonio Francisco da Silva	Cesar	3	" " "	Pedrogão	"	
5	Francisco Martins Grilo	Marq. de Pombal	30	" " Medicina	Maurão	"	
6	Antonio Pereira de Sousa	Bakounine	18	" " Direito	S. João da Reg.a	1-6-901	
7	Augusto Correia de Sousa Leitão	Jaubert	3	" " "	Penacova	"	
8	Antonio Aurelio da Costa Ferreira	Tourgueneff.	18	" " Medicina	Funchal	20-5-901	
9	José Colaço Alves Soveral	Barbara	18	" " Filosofia	Coimbra	"	
10	Luis Martins	List	3°	" " Direito	"	"	
11	Raul Soares Duque	Robespierre	18	" " "	Penacova	24-5-901	
12	José M.el do Nascimento	Israel	3°	" " "	Freixo de Esp.os	"	
13	Diogo de Gouveia Sarmento	Kepler	"	" " "	S. João da Reg.a	1-6-901	
14	Joaquim Martins Grilo	Af.so de Albuquerq.e	"	Proprietario	Maurão		
15	Justiniano José Rodrigues	Conde d'Arbi	"	Empregado Publico	Fronteira		
16	José Lobo Garcez Palha de Almeida	Carnot	2°	Estud.te de Direito	Lisboa	19-1-902	
17	Alvaro de Feiça Moncada	Cromwel	1°	" " "	Botão	9-11-901	
18	Antonio José da Costa	Augusto Lilo	1°	Operario grafico	Coimbra.		
19	Luis da Silva Ribeiro	Alex.-Herculano	33°	Estud.te de Direito	Angra do Heroismo	23-11-901	
20	M.el Augusto Monteiro dos Santos Reis	Julio Cesar	1°	" " Matemat.s	S. Pedro do Pinheiro	30-" "	
21	Joaq.m Rodrigues da Silva Leite Junior	Zola	3°	" " Direito	Pedernaira	31-1-902	
22	Paulo da Costa Manaro	Vasco da Gama	2°	" " "	Farnos Algodres	22-2-"	
23	Armando Macedo	Mascagni	2°	" " Medicina	Coimbra	" " "	Pedio exite
24	Augusto Lopes Carneiro	Marat	"	" " Direito	Porto	" " "	
25	M.el Aug.to do Couto Peixoto Pereira	José Estevão	"	- - - - - -	V.a do Porto, Açores	1-3-"	
26	Antonio Correia de Melo	Aug.to da Fonseca	"	Estud.te de Direito	Santa, Funchal	18-" "	
27	João Alves Barreto	Prometeu	4°	" " Medicina	Peso da Regoa	24-" "	
28	Adelar Armando dos Santos Ribeiro	Fêlo Moniz	1°	" da Esc.a Ex.to	Lisboa	22-5-"	
29	Vasco Mendes Correia da Rocha	Jean Grave	"	Medico	Vagos	1-6-"	
30	Armando Aug.to Leal Gonçalves	Pinard	18°	"	Espinhal	5-" "	Da Loj. Acad.a Livre
31	Ernesto Donato	Lissagaray	3°	Funcion.o publico	Coimbra	" " "	" " "
32	Luis Augusto Ramires	Mendes da Maia	1°	Estudante	Bragança	26-" "	
33	Belmiro Joaquim Pereira Dinis	João das Regras	"	"	Cabo Dinis	20-" "	
34	João Marques dos Santos	Gil Vicente	"	" de Medicina	Coimbra	30-7-"	
35	Carlos Leopoldino de Abreu e Lima de Sousa Cardeiro	Pasteur	"	Farmaceutico	Lisboa	8-11-"	
36	Alilio Aug.to Martins Fernandes	Renan	5°	Estud.te medicina	Penacova	6-12-"	Da Loj.·. Acad.a Livre
37	José Alves dos Santos	Victor Hugo	3°	Tipografo	Coimbra?	" " "	" " "
38	Domingos José Ribeiro	Lutero	1°	Estud.te de Farmacia	Paranhos	" " "	
39	Antonio Joaquim Caetano Junior	Lafayette	"	" " Direito	Mêda	" " "	

N.º 67

(Testamento)

Qual o vosso nome? — Antonio Gomes Simões.

Edade? — 33 annos.

Estado? — Viuvo

Profissão? — Empregado do caminho de ferro.

Religião? — Catholica Apostolica Romana.

Que deve o homem aos seus semelhantes? — Amizade e protecção.

Que deve o homem á sua patria? — Deve-lhe sacrificar tudo, isto é, defendel-a dos que tendem para a sua ruina.

Que castigo merece o traidôr? — Todo o traidor merece castigo e este tanto maior quanto maior for a traicção.

Datão e assignão:

30 de dezembro de 1802

(a) Antonio Gomes Simões

Nº 68

Balanço da Loj.·. "Liberdade", referido ao anno de 1902:

Receita:

1º	Dinheiro em cofre	39.200
2º	Seg.da Prestação da renda de casa, Jaga Jela Alliança	14.750
3º	Quotas por cobrar dos oobr.·. do quad.·. até ao fim de fever.º	20.400
4º	Parte da joia de inic.·. do Ir.·. Manuel Telles	500
5º	Preço da cart.·. Gat.·. ainda em divida dos Ir.·. Antonio Francisco e J. José Rodrigues	1.000
6º	Mez de março, quotas de 23 oobr.·.	8.450
7º	" " abril, " " " "	8.450
8º	" " maio, " " " "	8.350
9º	" " junho, " " " "	8.200
10º	" " outub.º, " " " "	8.150
11º	" " novemb.º " " " "	8.150
12º	" " dezemb.º " " " "	8.050
13º	Da iniciação do Ir.·. Luis Ribeiro (2º gr.·.) e dos Ir.·. Armando Macedo e Augusto Carneiro (1º gr.·.)	12.000
	Somma	145.650

Despeza:

1º	Cofitações para o Gr.·. Or.·. relativas a Janeiro até dezembro (11 meses) de 23 obbr.·.	12.650
2º	Segunda prestação da renda de casa	29.500
3º	Joias para o Gr.·. Or.·. de inic.·. no 1º gr.·. dos Ir.·. Paulo Mariano, Manuel Telles, Hermindo Macedo e Augusto Carneiro (3.000 de cada um)	12.000
4º	Joias de inic.·. no 2º gr.·. dos Ir.·. José Lobo, Leite Junior e Luis Ribeiro	6.000
5º	Illuminação do Templ.·.	4.000
6º	Sello para correspondencia	1.200
7º	Papel, tinta e impresso	3.000
8º	Semanario da Loj.·. (1500)	13.500
9º	Modificações no Templ.·.	12.000
10º	Verba para mobilia	6.800
11º	Amortisação do emprestimo	45.000
	Somma	145.650

Nº 69.

(Testamento)

Qual o vosso nome? — Custódio José Vieira.

Edade? — 25 annos.

Estado? — Casado.

Profissão? — Estudante.

Religião? — E' a doutrina de Christo, tal como elle a gregou.

Que deve o homem aos seus semelhantes? — Muitos bens.

Que deve o homem á sua patria? — Se for vezes deve beneficias, as mais das vezes dissabores.

Que castigos merece o traidor? — A sua condenação consoante a culpa, mas nunca a morte.

Datae e assignae:

2 de janeiro de 1903

(a) Custodio José Vieira.

→ Vide nº 129.

N.º 70

Grande Oriente de Portugal.
Ad Universi etc.

Oriente de Lisboa, 4 de janeiro de 1903 (e.·. v.·.)

Gr.·. Secret.·. Geral da Ordem, Ao P.·. Ir.·. Francisco Martins Grilo:

C.·. e R.·. Ir.·.

Em resposta á vossa pranch.·. de 28 do corrente, cumpre-me communicar-vos o que o Cons.·. da Ord.·. resolveu.

Espera ele que ao tomardes a resolução de formar uma nova off.·. ao vall.·. de Coimbra, conservareis com os membros da loj.·. Liberdade, as amistosas relações que devem sempre existir entre IIr.·. tão conforme com as nossas leis, e que, esquecendo resentimentos passageiros trabalhareis de harmonia para o engrandecimento do nosso Or.·. e desenvolvimento da nossa Aug.·. Ord.·.

Aguarda este Cons.·. que envieis o ⊡ da nova Loj.·. para então se vos passar a carta patente de regularisação e decorridos os tramites legaes, será nomeado um Ir.·. para ir instalar a nova Off.·. nos termos da Const.·.

Emquanto ao pedido que faseis sobre a elevação ao gr.·. 18 de sete Ir.·., o Cons.·. não pode differir por ter sido tomada uma deliberação pelo Sup.·. Cons.·. do Gr.·. 33.·. resolvendo que se não dêem mais ggr.·. sem que sejam cobrados os metaes marcados na Const.·.

Respondendo ao 2º § do vosso pedido, cumpre-me dizer-vos que os Ir.·. vindos da Loj.·. Liberdade, não teem que tirar attestados de quites mas simples attestados de passagem gratuitos assignados pelas LLuz.·.

Os Ir.·. vindos de outro Or.·. apenas terão que satisfazer o estipulado no Decreto nº 4 que é mil reis por troca de diploma dos ggr.·. 3 a 18 sendo pergaminho e tres mil reis querendo carteira.

Que o S.·. B.·. do U.·. vos aj.·. e ill.·.

Pelo Gr.·. Secret.·. Ger.·. da Ord.·.

(a) ≠ José Barbosa Marinho, 33º.·.

Nº 71

Coimbra, 9 de janeiro de 1903

Meu caro Belisário

Venho da primeira sessão do nosso estabelecimento, feita com alguns dos raros apenas. Assistiram Menano, Diogo, Belmiro, Nascimento, Raul Duque, Correia de Melo, Costa e eu. Apresentei nessa sessão um relatório sucinto de tudo o que você sabe, li uma carta firmada por varios colegas em que estes pediam atestado de passagem como de Lisboa lhes aconselharam. Os signatários são: Grilo, Sobral, Armando Gonçalves, Joaquim Grilo, Justiniano Rodrigues, Donato, Martins Fernandes, Ribeiro, Leite, Rebelo, Alves dos Santos, Ramires, Cordeiro, Domingos Almeida e Marques dos Santos (!). Nós ficámos com 12 aqui e mais uns 7 fóra. De Lisboa, á minha carta, responderam apenas em termos muito amaveis e muito correctos, reconhecendo que eu envidára todos os esforços para a união e paz, lamentando que se desunissem por tão pouco, ouvr'ora soi-disants amigos, e pedindo para que, embora em estabelecimentos apartados, trabalhassemos unidos.

A nova escola grilacea intitula-se Pro-Veritate. Hoje Sobral e Grilo desfizeram-se perante mim em cumprimentos e satisfações. Marques dos Santos escreveu uma carta internecedora em estilo suicida. E nós em face de tudo, resolvemos trabalhar, repontar com o facto de virem assinados como socios (?) de primeira agua v.g. Ribeiro (Domingos) Cordeiro e etc. etc. etc., pedimos para Lisboa para que não regularisássem sem eu prevenir que está tudo conforme e fazermos tudo o que aqui no nosso pequeno mundo mais barulho podér fazer. Hoje já começámos; pozemos na presidencia da Assemblea Geral da Tuna o José Eugenio Ferreira, creatura polonácea e no lugar do Grilo o Santos Monteiro, membro do Instituto.

Avisa-lo-hei de tudo o mais que se passar. Não se descuido no namoro ao Marinho. — Seu amigo etc. etc.

(a) A. da Costa Ferreira.

N.º 72

Lisboa = 9 de Jan.ro de 1903

Meu bom amigo:

Recebi a sua carta, agradecendo muitissimo os seus cumprimentos de boas festas e boas prosperidades do novo ano, não o tendo feito ha mais tempo por afazeres de fim de ano e por encomodo de saude de que felizmente vou melhor.

Desejo igualmente que o meu amigo tivesse melhores entradas que eu tenho tido, e que o novo ano lhe seja cheio de prosperidades. Agradeço tambem as explicações que me dá sobre a sua Loj ∴ e sobre os dessidentes e tanto mais por ver que o meu amigo não quiz acompanhar cabeças vãs e que tudo querem e tudo exigem e veem logo com a ameaça de irem para o Or ∴ Lusitano se não lhes satisfizerem os seus caprichos.

Satisfazendo ao seu pedido dir-lhe-hei que o Congresso abre hoje ás 9 horas e que está determinado que ele se realise todas as 6.as feiras ás 9 horas da noite a não ser caso contrario de que o prevenirei logo que o saiba.

Desculpe-me a demora em lhe respon-

der a renovando os cumprimentos de boas festas creia-me sempre seu amº obrigº
(a) José B. Marinho.

Nº 73

Coimbra — 17 de janeiro de 1903.

Meu caro Belisario:

Isto aqui vai de mal a pior. Durante á noite apareceu-me em minha casa com uma cara muito constrangida, o nosso Costa [1] que me veiu dizer que por ver que o Belisario se portara mal e por não simpatisar com o procedimento de alguns dos nossos obreiros (isto é para conversa mais longa) resolver-se filiar-se no nosso quadro. Fartou-se de me protestar a maior dedicação, contou-me toda a sua vida, fez-me revelações carbonatarias [2] e disse-me até que ia no campo dos dissidentes grande magoa por eu não estar com eles chegando a contar-me o caso duns obreiros que eu não sei quaes é, que firmou o quadro com as lagrimas nos olhos por não me

---

[1] O Ir∴ Antonio José da Costa, Augiotilo.
[2] Alusão á Carbonária.

poder acompanhar. O homem pareceu-me sincero e retirou-se declarando-se sempre ao meu dispôr, fazendo as melhores referencias a você um homem a quem ele queria ainda dar um grande abraço (sic) e pedindo-me o maior segredo para isto que dissera e que eu prometo e prometi guardar. Estou farto, e trabalho no concerto dos nossos alicerces, na esperança ainda de me afastar para o lado que você sabe. As finanças do estabelecimento estão bem. Só devemos a Lisboa 30.000 rs.; temos em cofre 18.000 rs. e temos para receber 60.000 rs.

Fui mandado chamar pelo Bernardino para reforçar o pedido do Cassiano, Fernandes Costa e outros. Tivemos larga conversa e eu quase fiz o promettimento de seguir o novo rumo depois de satisfeitos os meus velhos compromissos. Quere seguir-me? Espero que façamos alguma cousa.

Escreva a dizer o que lhe parece.

Cá tudo bem, etc. etc.

(a) A. da Costa Ferreira

M.M.
I-18

Nº. 74

Coimbra = 27 de janeiro de 1903.

Meu caro Belisário:

As nossas cousas vão caminhando. Vou passar já, qualquer dia o atestado de passagem e bréve mandarei pagar o que se deve para Lisboa. Daqui nada tenho recebido. Se você ali fôr procure-me esse Marinho e diga-lhe que tenho extranhado ele não ter ainda respondido á minha carta e mandado, como eu lhe pedia, 7 constituições. Diga-lhe tambem que desejo me seja enviada uma conta corrente da nossa divida.

Agora só espero encontrar quem me possa substituir. Já prevenni o Menano das minhas tenções e da probabilidade de você me acompanhar e já dei o sim ao Cassiano. O Fausto creio que tambem me queria lá para o quadro.

Na ultima sessão foi proposta a vitima academica: Vasco de Guevedo. Não me parece nem boa nem má aquisição. E' mais um. Bom rapaz, ao menos.

. . . . . .

Vão mosquitos por cordas por causa duma questão da academia de cá com a do

Porto, questão que naturalmente você conhece pelos jornais. Isto tudo é uma cambada; e eu cada vez me convenço mais de que nada se póde fazer de geito com rapazes. Os nossos estabelecimentos conservam apenas um valor, serem quarteis de recrutamento de elementos que mais tarde seriam dificeis de apanhar.

Sempre seu etc. etc.

(c) A. da Costa Ferreira:

N.º 75. (1)

Meu caro José:

Ante-ontem resolveu a Loj∴ que a filiação fosse no dia 28. Como os futricas, excepto os que estão fóra do vale e o J. Alves dos Santos já pagáram ha dias a sua quota e apenas faltam os estudantes vi-me forçado a declarar que o dinheiro já tinha ido para Lisboa. E' pois indispensavel que ele seja enviado amanhã, para lá chegar no dia da ultima sessão do Cons∴ antes do dia marca-

(1) Carta dirigida a José Colaço Alves Sobral, sem data, mas nos começos de fevereiro, antes da inst∴ da Loj∴ dessidente Pro-Veritate.

do para a inst∴ Carecia, para isso, que me mandasses, do dinheiro da loj∴ 16.000 rs. dinheiro que a loj∴ reembolsará á medida que cada um fôr pagando.

Ha por cobrar 12 recibos que a 1.500 rs. cada um, prefasem 18.000 rs. Deduzindo dos 16.000 rs. que precisamos 6.000 rs. da carta patente, 500 rs. do servente e 1.500 rs. do Costa (que pede lhe sejam abonados) ficam 8.000 rs. Como os oobr∴ teem a pagar 18.000 rs. receberá a loj∴ depois a mais 8.000 rs. que, como não devem figurar em contas da loj∴ podem ser aplicados no copo de agua.

A' hora a que eu hoje podia procurar-te estás dando a tua aula e por isso te peço a finesa de me mandares aqui a esta tua casa o dinheiro que peço para eu poder manda-lo para Lisboa.

Diz o Ribeiro que tu tinhas falado em abonar o dinheiro do Custodio Vieira. Se assim fôr manda-o com o dinheiro da loj∴ e os 1.500 rs. teus isto é (sic) ao todo 19.000 rs. O teu recibo tem-o o Ribeiro e bem assim o do Custodio Vieira.

Ando encomodado com estas demoras e com o pouco cuidado que encontro em quase todos senão em todos aqueles em quem eu depositava maiores esperanças. Acho-me quase só a tratar de tudo e com a obrigação mo

ral, que afinal é de todos, de levar a cruz ao Calvario.

Tu sempre foste dedicado e trabalhador e espero agora que, mais uma vez, o serás, auxiliando-me. Tenho feito tudo o que me é possivel e tenho direito a ter alguem que me ajude. Conto contigo.

Hoje venho jantar ás 3 horas em ponto, porque tenho que sair cêdo. Manda-me o dinheiro logo que possas para eu o mandar para Lisboa. São, como digo, os 1500 rs. teus, os do Custodio Vieira se assim quiseres, e os 16.000 rs. da loj∴, 19.000 rs. ao todo.

A sessão correu bem e todos os presentes bastante animados.

Cá espero a tua resposta e conto com o teu auxilio nas questões a resolver até á inst∴ Adeus. Manda o teu amigo

(a) F. Martins Grilo.

Nº 76.

Coimbra — 25 de abril de 1903

Meu caro Belisário:

Urge que você e o Helder vão representar-nos na iniciação do Grão-Mestre no dia

30 do corrente. É possivel que de cá mande o Correia de Melo. Podem ir? Responda-me imediatamente na volta do correio. Mandarei discussata escrita. Estou gr:. 29 !!!!!

Até breve. Sempre e todo seu

(c) A. da Costa Ferreira.

Nº 77

Coimbra — 26 de abril de 1903

Meu caro:

A carta que deve receber junto com este, não foi no dia em que devia ir; e como o que nela se trata é de urgencia peço que me diga em telegrama se sim ou não podem ir. Sempre m.to dedicado

(c) A. da Costa Ferreira.

Nº 78

Coimbra — 27 de abril de 1903.

Meu caro:

Acabo de receber o telegrama. Fiquei deve-

ras pesaroso com a noticia. Contava consigo e tinha vontade que fosse alguem a Lisboa. Demais, ainda o Grilo me disse hoje, com modos de gente sabida: o Belisário não vai (textual). Veremos como descalço o par de botas. Vou tratar de saber a direcção do José Palha de Almeida. — Sempre seu

(a) A. da Costa Ferreira.

Nº. 78

Apontamentos para a acta da sessão do dia 23 de maio de 1903.

Presentes: os Ir.·. Tourgeneff, Nun'alvares, Israel, Robespierre, João das Regras, Lafayette e Byron.

Lida a correspondencia que constava de uma franch.·. do Gr.·. Or.·. o Ir.·. Ven.·. mostrou o seu descontentamento pelo facto do Ir.·. Lizts que serve de secret.·. durante a ausencia do Ir.·. Nun'alvares não comparecer á sessão e por ultimamente não ter mostrado grande interesse pelo seu cargo o que tem trazido certos inconvenientes para o seguimento dos ttrab.·. Em seguida falou acerca da franch.·. lida e comunicou á Loj.·. a resolução que to-

mária a tal respeito, tendo falado os Ir∴ Robespierre e Israel.

Correu em seguida o saco das proposições que não produziu nenhuma peça de arquit∴.

Dada a palavra a bem da Ord∴ em geral e da Resp∴ Loj∴ em particular, o Ir∴ Sec∴ perguntou aos Ir∴ presentes se poderiam informar a respeito deste Prof∴ Alfredo Pimenta, proposto na penultima sessão, e como as informações foram favoraveis, procedeu-se á votação que produziu pela esferas brancas um numero igual ao dos obr∴ presentes, ficando o Prof∴ admitido por unanimidade.

O Ir∴ Sec∴ propôz então um voto de congratulação pela presença do Ir∴ Alves Alvares; e não havendo mais nada para tratar, encerrou-se a sessão.

Nº 79

Luso — 4 de setembro de 1903.

Meu caro mano cunhado

. . . . . .

Grilo pedio-me nosso auxilio
no templo novo q. está a construir
Eu disse q. sim. Quére anuir ?

Diga breve o q. se lhe oferece a tal
respeito.
Não é q. tire daí grande proveito
Mas enfim sempre é nossa obrigação,
Trabalhar enquanto em nossa mão
Houver vida, energia, animo e vontade.
Já sei q. não gostou e q. torce o nariz
arreliado.
Entre, experimente, depois medite
E em lhe parecendo peça o quite.
Até bréve. Vou para o pinhal."

. . . . . .

Sempre em tudo o seu
(a) Costa Ferreira.

Nº. 80 (1)

Meu caro José:

Aqui estou, na rua Camões, nº. 5, Espinho, ao teu dispôr. Escreve-me e manda-me dizer a morada do Luisinho mas escreve carta visto que não estou só e não desejo receber postais. Mandáste a papelada registada? Informa-me do que houver. Na loja da Sofia está um carimbo que era bom ir buscar, o

(1) De 4 de setembº. e para José Sobral.

M.M.
I-37

qual lá foi encomendado pelo Ribeiro. Tu e o Armando que peçam ao Manuel Antonio para ele, por si, também escrever para Lisboa. Escreve-me que muito te agradeço as tuas notícias. Os meus respeitos para os teus. Abraça-te o teu amigo dev.º
(a) F. Martins Grilo.

Nº 81. (1)

Meu caro José':

Estimo a tua saude e a dos teus. Admira-me de não ter recebido notícias tuas. Peço-tas com urgencia. O Sitan Castro de Faureca escreveu-me dizendo-me que contássemos com ele e com mais um pequeno grupo por ele arranjado em Faro. Isto é optimo.

Onde pára o Luisinho?

Escreve ao Leite que me afrigurita perguntando-me se póde contar com o nosso auxilio. Diz-lhe o que se combinou e fala ao Armando na nossa combinação. Coitado, o rapaz anda atrapalhadissimo. Mandáste já tudo?

Estou aqui, mas estou sempre pensando

---

(1) Do Estrinho, em 6 de setembº a para o José Sobral.

nessas cousas. Fala ao Donato na pretensão do Leite. Cuida agora aí de tudo, tem paciencia. Escreve-me. Abraça-te o teu amigo certo,

(a) F. Martins Grilo.

Nº 82

Apontamentos para a acta da sessão da Loj.·. "Pro-Veritate" nos primeiros dias de setembro.

. . . . . .

Aprovado que se passe para o Gr.·. Or.·. Lusitano Unido por unanimidade; foram indigitados para tratar das negociações, por proposta do Ir.·. Eleuterio, os IIr.·. Ven.·. 1º Vig.·. e Orad.·.

. . . . . .

Foram propostos para serem filiados no ⊡, pelo Ir.·. Marquez de Pombal[1] o Dr. Antonio Aurélio da Costa Ferreira, casado, maior, estudante de medicina, natural do Funchal, gr.·. 30, Ven.·. da Loj.·. Liberdade e Belisario Simenta, natural de Coimbra, solteiro, maior, aspirante a oficial de infantaria, gr.·. 18, da Loj.·. Liber-

[1] Francisco Martins Grilo.

dade. Foram aprovados por unanimidade. Os seus nomes simbolicos são respectivamente Tourgeneff e Nun'alvares.

Nº 83 (1)

Figueira da Foz — 11 de setembro de 1903.

Meu caro amigo:

Está cá o Antonio Correa de Melo obr∴ da Liberdade que me disse confidencialmente querer passar para o Gr∴ Or∴ Lusitano pois lá no Fayal a Loj∴ que ha é deste Or∴. Como ele é bom rapaz e sempre foi nosso amigo disse-lhe o que havia e ofereci-lhe lugar no ⊡ o que ele aceitou e agradeceu. Creio não se oporão á entrada deste homem, em todo o caso vou escrever ao Grilo que comigo são os unicos a quem devo dar satisfações e parte do que fizer.

Recebi carta do Trabelo que diz ter sido recebido em Lisboa, no Portugal optimamente, porem nada me parece que haja a recear com respeito a ele.

Chegou ontem o Fernandes Costa mas ainda não falei com ele. O Donato não aparece e

(1) Para o José Colaço Alves Soberal.

não sei onde mora, eis porque tambem com este não falei. Com quem tenho falado é com o Bergström que aplaude a nossa passagem e promete auxilio. Fausto de Quadros tambem está muito satisfeito.

Quando o Costa Ferreira chegar bem melhor tratarei de tudo porque ele me auxiliará.

O triangulo sem o Simões não se póde organisar porque o irmão é patéta de todo e nada sabe do assunto.

O Roxo ainda não veiu quando viér o iniciarei se ele quizer ainda e depois vai para a Loj.·. com a devida instrução.

Depois falaremos mais de espaço ainda que o que ha de importante está dito. Todos mostram boa vontade mas depende tudo, dizem, de Lisboa.

. . . . . .

Seu muito am.º dirig.do

(a) Luis Ribeiro.

P.S. — Para cumulo de felicidade este ano até tenho amado, platonicamente, entende-se.

Nº. 84.[1]

Meu Prezado Colega e Pod.·. Ir.·.

Recebi com prazer a sua carta que, pelo conteúdo nela em parte escrito, me surpreendeu! Julgava eu, pelas discussões maç.·. na nossa Loj.·. que tudo corria em mar de rosas, mas enganei-me ...

Verdade é que a categoria do meu Gr.·. não me permitia conhecer mais pelos altos mist.·. da maç.·. Mas, enfim, como bom filho e bom Ir.·. aceito incondicionalmente a proposta expressa na sua carta e na inclusa do nosso Il.·. Ir.·. Grilo. Como ovelha lá pago o rebanho para descriar um passo do africano.

Relativamente às minhas mensalidades remeto só 500 rs. para pagamento de dois meses. O motivo é não ter ainda regulado os meus negócios de colocação; pois que, não me tendo encontrado em Monchique, na Misericordia, resolvi estabelecer-me em Messines onde espero daqui a um mês já estar a manipular medicamentos para o publico.

Relativamente ao △ de que o nosso Pod.·. e Il.·. Ir.·. Marquez de Pombal me fala, não posso ainda formar-lo por estarem

---

[1] Para o José Colaço Alves Sobral.

ausentes os dois outros vertices, pois estão ausentes para banhos, mas é certo formar-se. Peço-lhe que para este meu projecto me dê as instruções precisas para a sua realisação.

Creia-me pois como amigo dedº. etc.

Alferce — 15 - setembro - 1903

(a) Domingos José Ribeiro.

Nº 85 (1)

Meu caro José:

. . . . . .

O Ribeirinho diz-me que nada fez na Figueira. É indispensavel agarrar o José Pinto para termos o △ da Figueira e não ficarmos como intrujões. O △ de Faro é constituido por naturais de lá e que lá ficam. Para nós só vem o Conde de Faro. Convem, pois, e não ha razão para os teus escrupulos. Não era máo ires falar ao Pais das Bombas, aproveitando a ocasião de lhe ires dar, em nome da Loj:. os pesames pelo falecimento duma filha. Eu escrevi ao Duarte e ao Ribeiro farmaceutico, mas é conveniente escreveres outra vez ao

(1) Sem data, mas é dos fins de setembro. Dirigida ao José Colaço Alves Sobral.

Ribeiro pois não respondeu e bem assim procurares o irmão a quem nada se disse bem como o Moura. Ha mais alguma novidade?

Faz com que o Julio obtenha da Loj∴ dele que prancheie para Lisboa instando para que nos aceitem como nós desejamos. Isto é vantajoso.

Teem feito alguma sessão? O tal Pessoa deve ser aprovado, visto que regeita-lo é absurdo por não haver motivos para isso.

O Leite respondeu-te? Eu se soubesse as direcções escrevia porque é preciso termos a certeza de que todos nos acompanham. O Ribeiro farmaceutico tinha-me falado varias vezes em organizar lá na terra em que vive no Algarve, um △. Agora era ocasião. Escreve-lhe tu tambem visto eu não saber a direcção. No Algarve não ha nada por isso convinha levarmos nós os dois Ttrianq∴ arranjados um pelo conde de Faro e outro pelo Ribeiro. Ando sempre com cuidado com estas questões e tomára ver tudo resolvido para saber se tenho de continuar a trabalhar ou se deixo isto de vez.

. . . . . .

Abraço-te o teu am.º sincero

(a) F. Martins Grilo.

N.º 86

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. l.·. F.·.

Val.·. de Coimbra — 19 de outubro de 1903 (e.·. v.·.) —

Proponho para ser inic.·. nos nossos arc.·. mist.·. o prof.·. Francisco Maria da Fonseca, viuvo, proprietario, de 43 annos, natural de Lamas, residente em S.ta Clara, Coimbra.

(a) Angiolillo, gr.·. 9.º

III

A R :. Loj :. Pro-Veritate — pob os auspi-
cios do Cgr :. Or :. Lusitano Amido, S :. G :. da
Maç :. Portuguesa.

(21 de abril de 1904 — a

Nº 87

Coimbra — 26 de janeiro de 1904.

Meu caro Ribeiro:

Desejava que o meu amigo se desse ao encomodo de escrever as seguintes ppranch∴ se com elas concordar:

A' Gl∴ etc. (1)

CC∴ e RR∴ II∴

Desejando a R∴ Loj∴ Cap∴ Pro-Veritate, com o fim de unir o seu insignificante esforço ao esforço daqueles que lutam pelos sagrados ideais da Liberdade, colocar-se sob os auspicios do Gr∴ Or∴ Lusitano Unido, vem pedir-vos a sua filiação na obediencia desse Gr∴ Or∴ certa de que saberá sempre cumprir com os deveres que á Maç∴ importa.

Val∴ de Coimbra, 26 de janeiro de 1904 (e∴v∴)

O Ven∴ ——— O 1º Vig∴ ——— O 2º Vig∴

O Orad∴ ——— O Secret∴

A' Gl∴ etc. (1)

PP∴ e RR∴ II∴

Pelo pedido oficial de regularisação que vos

---

(1) Dirigido ao Cons∴ da Ord∴

enviamos vereis que está a nossa R.·. Loj.·. resolvida a abandonar o caracter de intransigencia que havia patenteado ao nosso Pod.·. Ir.·. Dr. Fernandes Costa e aceitar modificações, levada tão somente pelo imenso desejo que tem de trab.·. pelo bem da Maç.·.

Não sabemos, pois vós as não indicasteis na pranch.·. que a este respeito enviasteis ao nosso Pod.·. Ir.·. Dr. Fernandes Costa, quais as modificações que desejais fazer; mas como a nossa R.·. Loj.·. é Cap.·. julgamos conservareis os ggr.·. de R.·. ✠ aqueles dos nossos Ir.·. que já os possuiam, desejando que nos dixais em que ggr.·. deixais ficar os tres Ir.·. decorados com os ggr.·. 30 e 31 pois certamente não quereis equipara-los aqueles.

Juntamente vos enviamos uma relação dos Ir.·. que compoem a nossa Loj.·. indicando o ano em que cada um foi elevado aos diferentes ggr.·.. Por ela podereis ver a antiguidade de cada Ir.·. nos ggr.·. com que estava decorado e assim, com a justiça que certamente preside a todos os vossos actos, indicar a situação em que agora os colocais, indicando-nos tambem se alguma modificação desejais fazer na situação dos Ir.·. decorados com ggr.·. inferiores ao 18º.

Como vós aí tendes um ⊡ da nossa R.·. Loj.·. e se nos torna dificil dum momen-

to para o outro colher as assinaturas de todos os IIr∴ não enviamos hoje o ⊡ assinado manu propria o que brevemente faremos.

Desejando, no mais breve praso principiar a trab∴ sob os vossos auspicios, pedimos-vos tenhais a maior brevidade na solução destes assuntos.

Que o S∴ A∴ vos aj∴ e il∴

O Ven∴ —— O Secret∴ ——

Tenha paciencia e desculpe ir roubar-lhe um bocado de tempo. Vai um balão de ensaio que eu só gostava pegasse suprimindo eles os ggr∴ 9º. Assim, ficava satisfeito no gr∴ 18.

Lista dos IIr∴ da R∴ Loj∴ Cap∴ Pro-Veritate com indicação do ano em que foram elevados aos diversos ggr∴

Nomes	Ao 3º	Ao 18º	Ao 30º	A diversos
Franc.º M. Grilo	1899	1900	1902	Ao 31º em 1903
Dr. Armando Gonçalves	"	1901	1903	
Dr. Costa Ferreira	1901	1902	"	
Dr. José Sobral	"	"		Ao 20º em 1903
Dr. José Ferrão	1899	1901		
Belisario Pimenta	1900	1902		
Luis Ribeiro	"	1903		
Joaq.ᵐ Leite J.ᵒʳ	1901	"		

Nomes	Ao 3º	Ao 18º	Ao 30º	A diversos
Rebelo Pereira	1901	1903		
J. Ernesto Donato	1900	"		
Abilio A. Martins Fer-nandes	"	"		
J. M. de Oliv.ª Carvalho	1901	"		
J. Vilaça da Silva	"			Ao 9º em 1903.
J. Marques dos Santos	1902			"
Simões	"			"
J. Alves dos Santos	"			"
Domingos Ribeiro	"			"
J. Ribeiro	"			"
Custodio Vieira	"			"
Costa	1903			"
J. Simões	"			"
Monteiro	1902			"

Por aí abaixo como entender e se quiser póde pôr toda essa gente elevada ao 3º em 1903 o que é verdade excepto o Vilaça, Monteiro e Alves dos Santos.

É um especial obsequio o arranjar isso hoje e mandar-me. A relação deve vir assinada por si.

Não se esqueça de pedir ao Sobral o dinheiro para pagar o carimbo; o homem anda impertinente.

(c) F. Martins Grilo.

Nº 88

Copia do Decreto nº. 16.

Nós, Luiz Augusto Ferreira de Castro Gr.·. Mest.·. Sob.·. Gr.·. Com.·. como Chefe Sup.·. da Ord.·. Maç.·. em Portugal, tendo ouvido o Con.·. da Ord.·., Decretamos: Art.º 1º – Dafora de cumpridas as formalidades estabelecidas na Const.·. e leis vigentes, é admitido á inst.·. e reg.·. sob os auspicios do Gr.·. Or.·. Lusitano Unido 8 Sup.·. Con.·. da Maç.·. Portuguesa, á Resp.·. Loj.·. Cap.·. Pro Veritate do rito escossez ao Val.·. de Coimbra a qual fica tendo o numero duzentos e quarenta; Art.º 2º – Pelo Gr.·. Secret.·. Ger.·. da Ord.·. lhe será passada a expedida a respectiva Cart.·. Pat.·. para em ella poder funcionar. Graç.·. no Gab.·. do Gr.·. Mest.·. aos 21 de abril de 1904 (e.·. v.·.). (aa) O Gr.·. Mest.·. Sob.·. Gr.·. Com.·., Luiz Augusto Ferreira de Castro, 33.·.; O Pres.·. do Con.·. da Ord.·., Luiz Felipe da Mata, 33.·.; O Gr.·. Secret.·. Ger.·. da Ord.·., Feio Ferreira, 33.·.

Está Conforme.

O Gr.·. Secret.·. Ger.·. da Ord.·.

(a) ⅄ Feio Ferreira, 33.·.

Nº 89

A' Gl∴ do S∴ A∴ do U∴
L∴ E∴ F∴
Da R∴ Loj∴ Cap∴ Pro-Veritate.
Val∴ de Coimbra, 5 de maio de 1904 (e∴ v∴)
C∴ e R∴ Ir∴

Tendo lugar no proximo domingo, 8 do corrente, pelas 8 h. precisas da noite a inst∴ da nossa Resp∴ Loj∴ sob os auspicios do Gr∴ Or∴ Lusitano Unido venho rogar-vos a finesa da vossa presença nessa sessão de gala. A inst∴ realisar-se-ha na rua das Estairinhas nº 10 e a ela é dever de todos os Ir∴ da nossa R∴ Loj∴ comparecer. Esperamos, pois, que não falteis. — Que o S∴ A∴ do U∴ vos aj∴ e il∴ —

O Secret∴

(a) A. Herculano, gr∴ 18.

Nº 90

Meu caro Belisario:

Sei que está zangado comigo. Tem razão em parte, mas deve ver que é facil ter-se um esquecimento quando nos vemos com muito trabalho. Desculpe-me, pois, não lhe ter parti-

cipado a tempo a transferencia do dia da inst∴. No proximo domingo é a valer a inst∴. Lá conto consigo, fazendo-lhe desde já notar que seria um desgosto para mim a sua falta.

O meu caro tem fita? O José Maria Ribeiro encarregava-se de lha arranjar, querendo.

Dadas nesta carta as satisfações que lhe devia pelo meu esquecimento espero que não faltará.

Adeus. Creia sempre na sinceridade do Coimbra — 6 de maio de 1904.

seu am.º

(a) F. Martins Grilo.

Nº. 91

A' Gl∴ do S∴ A∴ do U∴

L∴ E∴ F∴

Sob os auspicios do Gr∴ Or∴ Lusitano Unido Sup∴ Cons∴ da Maç∴ Port∴

Aos oito dias do mês de maio do ano de mil novecentos e quatro, e∴ v∴ num logar muito oculto, muito forte e muito iluminado, onde reinam a Paz, a União e o Amôr Fraternal, ao val∴ de Coimbra, reunidos debaixo do ponto geometrico sómente conhecido pelos F∴

da V.·. no templo onde reune a R.·. Loj.·. de S. João, com o titulo distinctivo de Pro-Veritate, sendo presentes os II.·. que compoem a referida Loj.·. e constatou da acta, bem como os CCom.·. da Gr.·. Loj.·. Simb.·. os PPerf.·. e RRespf.·. II.·. Manuel Antonio da Costa, Duque de Saldanha, gr.·. 32; Dr. Francisco José Fernandes Costa, Gomes Freire, gr.·. 25; e Dr. Fausto de Queiroz, Bismark, gr.·. 18, presidindo o primeiro e servindo o segundo e terceiro de GGr.·. VVig.·., os Vrab.·. de inst.·. foram abertos no gr.·. de ap.·. e observadas todas as formalidades prescritas no regulamento geral, depois de prestadas todas as obrigações, a RRespf.·. Loj.·. Cap.·. de S. João com o distinctivo de Pro-Veritate foi solemnemente instalada de hoje para sempre em nome e debaixo dos auspicios do Gr.·. Or.·. Lus.·. Unido Supr.·. Conc.·. do Maç.·. Portug.·. no rito escocês antigo e aceite contando o numero duzentos e quarenta e os seus DDig.·. e OOf.·. foram investidos no exercicio reg.·. das suas funcções recebendo por fim todos os II.·. a palav.·. pass.·.

E para no Gr.·. Or.·. constar deste acto pedio que fica tambem constando da acta lançada no livro de Arquit.·. Geral da mencionada Loj.·. se gravou o presente que assinamos.[1]

---

[1] Não têm assinaturas por ser apenas o

Nº 92

Allocução proferida pelo Ir∴ Orad∴ (Mar
ques Grilo) na instalação da Loj∴

O corpo que inteiramente ocupo nes-
ta Loj∴ impõe-me o dever de usar da palavra.
Se me é extremamente agradavel o cumpri-
mento desse dever por ele me proporcionar o
ensejo de manifestar o jubilo e a satisfação
que me vão na alma, é-me tambem, ao mes-
mo tempo ingrato e penoso pela insuficiencia
e incapacidade que em mim reconheço.
As minhas palavras desalinhavadas e
faltas de colorido, falhas de eloquencia e de au-
toridade, produzem como que o efeito duma
nuvem que por momentos projecta a sua
sombra empanando o brilho desta tão sim-
bolica como significativa festa; brilho que
lhe é dado não por pompas e ostentações
faustosas de que não dispomos, mas sim pe-
lo jubilo e alegria de que eu e todos os OOb∴
da Loj∴ a que me honro de pertencer, nos
achamos possuidos por vermos realisado hoje
o que tanto desejavamos: a regularisação da
nossa Loj∴ sob os auspicios do Gr∴ Or∴ Lusi-

---

rascunho que serviu para o verdadeiro exibo.

tano Unido. Para todos os verdadeiros maçons, para aqueles que o são não só de nome mas do coração, para aqueles que se acham animados do desejo de trabalhar em prol da humanidade e desta tão infeliz e desprezada patria portuguesa, a regularisação duma loj∴ é um acto dos mais solenes e de capital importancia.

A dedicação e os esforços dum só por maiores e mais persistentes que sejam, em geral, nada valem.

Uns poucos reunidos na comunhão dos mesmos ideais e trabalhando de comum acordo para os pôr em pratica, já alguma cousa de util podem fazer.

Mas estes grupos, disseminados por toda a parte, reconhecendo-se e auxiliando-se mutuamente, e orientados por um poder unico, muito e muito podem conseguir em prol da regeneração da patria e do bem estar da humanidade, se essa orientação fôr sã e criteriosa.

A Loj∴ Pro-Veritate regularisando-se hoje, coloca-se em condições de facilidade de trabalho infinitamente superiores aquelas em que estava quando irregular, e é com o maior jubilo que digo que dia a dia se tem em mim aprofundado mais a convicção de que todos os OOler∴ que compõem o seu quadro estão animados do melhor desejo de trabalhar.

A função social da maçonaria, tal como actualmente tem que ser compreendida é definida no art.º 2º. da nossa Constituição onde tambem se encontram indicados os meios fundamentais para a exercer.

Não é necessaria uma analise detalhada; basta uma simples leitura desse grandioso programa para imediatamente ver as dificuldades que ha a vencer para a sua cabal execução. Estas dificuldades, devidas á ~~[illegible]~~ multiplicidade e complexidade dos problemas a resolver, mostram duma maneira nitida e precisa a necessidade que ha de todos os esforços, todos os trabalhos, todas as actividades estarem em mutuas relações e auxiliarem-se de modo a poderem adquirir a homogeniedade necessaria para que o resultado da sua soma seja a conquista dos supremos ideais da nossa Augusta Ordem.

Assim, tem uma natural explicação a solenidade de que este acto se reveste, as flores que adornam as paredes deste Templo, a alegria que brilha em todos os ~~[illegible]~~ olhares — enfim tudo o que torna imponente esta sessão.

Por isso: para vós, Ilustrissimos Membros da Comissão Instaladora, os meus protestos de eterno reconhecimentos, por serdes, pela missão que desempenhais, quem nos propor-

cionou estes momentos de tanta satisfação; para vós, Ilustres Visitantes os meus sinceros agradecimentos pela amavel gentileza da vossa presença; para todos o pedido de esquecerem a forma incorrecta e descolorida por que pretendi traduzir os meus sentimentos em atenção á sinceridade deles.

Diosa.

Nº 93

A' Gl∴ do S∴ A∴ do U∴
L∴ E∴ F∴
Da R∴ Loj∴ Cap∴ Pro-Veritate.

Pod∴ Ir∴

Tendo a nossa R∴ Loj∴ a honra de receber a visita do Sap∴ Gr∴ Mest∴ Honorario, o nosso Ven∴ Honorario o Dr. Bernardino Machado, venho pedir-vos que não falteis a esta sessão de gala como é dever de cortesia e gentileza para com tão Pod∴ Ir∴. A sessão ha de ter lugar no dia 12, domingo, pelas 8½ h. da noite, no lugar do costume.

Que o S∴ A∴ do U∴ vos aj∴ e il∴
Val∴ de Coimbra, 11 de junho de 1904 (e∴ v∴)
Pelo Secret∴ (a) Prim, gr∴ 9º.

{Junto, vinha este bilhete:}

Meu caro: Peço-lhe o especial obsequio de comparecer á sessão. Temos sessão de gala e eu tenho o maior empenho em que compareçam todos. E' favor feito a mim o não faltar.[1] — Seu am.º

(a) Grilo.

N.º 94

Il.·. e Pod.·. Ir.·. —

Pede-me o nosso Il.·. Dr. Armando Gonçalves para em seu nome vos convidar a comparecer no seu consultorio pelas 5 h. da tarde de hoje onde muito ha mister de vós.[2]

Haveis de desculpar a forma incorrecta deste pedido que não deveria ser pedido nem feito por o

vosso m.to humilde creado

Coimb.ª — 7 — 12.º — 1904 (e.·. v.·.)

(a) José Ribeiro J.or

---

(1) Faltei

(2) Idem...

M-M.
I-22

Nº. 95

Coimbra — 18 de dezembro de 1904 (1)

Caro Belisário:

. . . . . .

Ontem, mosquitos por cordas no templo de S. Grilo. Soveral quartéleiro... iscado. Na ~~[illegible]~~ força do entusiasmo tomei sobre os meus ombros a responsabilidade de invocar o seu nome para abonar do homem. Tenha paciencia.

Donato apareceu e penitenciou-se. E eu... cheguei a zangar-me.

Tudo interessante.

Qual S. Carlos! Qual Ginásio! Qual Trindade! Qual Avenida! Upa! upa! upa!

Cautela, não vá você perder a carta e involuntariamente comprometer-me. Os tempos vão bicudos. E se não fosse para você não escreveria. O seguro morreu de velho.

Saudades e um abraço do cunhado e velho amigo

(a) A. da Costa Ferreira.

---

(1) Dirigida para Lxª. onde eu estava.

Nº 96

O Arth.·. do Cap.·. da Loj.·. Pro-Veritate — ao val.·. de Coimbra

Ao Pod.·. Ir.·. Luis Ribeiro.

Confidencial.

Val.·. de Coimbra — 26 de dezembro de 1904 (e.·. v.·.)

Pod.·. e R.·. Ir.·.

Sabendo que vos encontrais em Lisboa, venho encarregar-vos duma missão delicada mas importante.

Precisamos que vós consigais saber aí na Gr.·. Secret.·. se o Ir.·. Bernardo Loureiro Polonio ainda era obr.·. da Loj.·. Perseverança no momento em que esta of.·. ha anos saiu da obediencia do nosso Gr.·. Or.·. ou se aí consta oficialmente que, por qualquer motivo, ele tenha deixado antes de fazer parte do ⊡ dela.

Muito confidencialmente vos digo que o nosso empenho em o saber é devido a ter aquela of.·., que ainda ha pouco convidára em carta do seu Ven.·. o Ir.·. Polonio para se regularisar, franch.·. á nossa dizendo que ele carece de apresentar atestado de corrente com a ultima of.·. reg.·. de que fez parte e que ele não possue esse atestado. Ora, se ele ainda era obr.·. á data da saída da Perseverança da

obediencia, não carece desse atestado e a juramentação é desnecessaria, no caso contrario não.

Temos empenho em apurar isto e a vós incumbimos (?) desta missão. Precisamos, porem, de que os esclarecimentos por vós colhidos sejam ou possam ser confirmados com a assinatura do Gr.·. Secret.·. se isso fôr preciso.

Peço-vos o especial favôr de ir hoje sem falta tratar deste assunto visto que a respeito dele tambem precisamos franch.·. para a Gr.·. Secret.·.

Esfaro que do que houver me informareis o mais breve possivel.

Sue o S.·. N.·. do A.·. vos ajude e il.·.

(a) Marquez de Pombal, 25.·.

Nº 97 (1)

Ad Omnipotentem Terrarum Orbis Summi Architecti Gloriam.

V.·. E.·. C.·.

Sal.·. de Coimbra – 3 de janeiro de 1805 (e.·. v.·.)

Presentes os Pod.·. Ir.·. Marquez de Pombal, Nun'alvares, Brotero, Lisboa, Tourgueneff, e Alexandre Herculano, o Sap.·. Arth.·. aberto

(1) Acta do Capitulo do Pro-Veritate.

rit∴ os Atrab∴ procedendo-se á iniciação no gr∴ de C∴ R∴ ✠ dos II∴ Camões, Lutero e Tolstoï. Após a inic∴ o Pod∴ Eloq∴ proferiu uma brilhante pec∴ de arquit∴ referindo-se aos inic∴ e felicitando-os. Usou da palavra em seguida o Ir∴ A. Herculano propondo para se tratar de arranjar um pendão para a Loj∴ e que fosse essa despesa feita pelo Cap∴ o que foi aprovado sendo fixada a côr vermelha e nomeada uma comissão composta dos II∴ Herculano, Camões e Tolstoï para esse fim. O Sap∴ Arth∴ apresentou em nome do Ir∴ Pienard uma lista para as proximas eleições da Loj∴ que foi aprovada. O Ir∴ A. Herculano apresentou a lista do Cap∴ que tem de ser votada na proxima sessão. O Sap∴ Arth∴ marcou sessão de Cap∴ para amanhã, 4, com ordem do dia "jardim de infancia" e "eleições". Não havendo mais nada a tratar encerrou os Atrab∴ e todos os II∴ Cav∴ humildemente se retiraram em paz. Era ut supra. — O Arth∴ (a) Marquez de Pombal, 25 — O Eloq∴ (a) Tourgueneff, 20. — O Gr∴ Secret∴ (a) A. Herculano, 18∴

N.º 98

Ad Universum Terrarum Orbis etc.

F.·. E.·. C.·.

Pranch.·. da sessão eleitoral do S.·. Cap.·. de RR.·. ✠✠ Pro-Veritate ao Val.·. de Coimbra.

Aos 4 de janeiro de 1905 (e.·. v.·.) presentes os Ir.·. CC.·. RR.·. ✠✠ Marquês de Pombal, Tourgueneff, Brotero, Nunalvares, Lisagout, Camões, Prim, Tolstoï e Alexandre Herculano, na cam.·. do Or.·. celebraram-se as eleições dos cargos e dignidades cap.·. para o presente ano de 1905 (e.·. v.·.) em harmonia com o disposto no reg.·. do Cap.·. e Const.·. do Gr.·. de C.·. R.·. ✠. Servindo de escurtinador o Ir.·. Camões entraram na urna nove listas elegendo para os diversos cargos os Ir.·.: Arth.·. Marquês de Pombal, 8 votos, 1 lista branca — 1.º Gr.·. Vig.·. Pienard, 9 votos — 2.º Gr.·. Vig.·. Nun'Alvares, 8 votos — e Brotero 1 voto — Eloq.·. Tourgueneff, 8 votos, 1 lista branca. — Gr.·. Secret.·. Alexandre Herculano, 8 votos, 1 lista branca — Gr.·. Tesour.·. Camões 8 votos, 1 branco — Gr.·. Chan.·. Lisagout, 8 votos, 1 branco — Gr.·. Mest.·. de Cerim.·. Brotero, 8 votos, 1 branco — 1.º Gr.·. Exp.·. Renan 8 votos — e Tolstoï, 1 voto — 2.º Gr.·. Exp.·. Tolstoï, 8 votos — e Renan, 1 voto — Gr.·. Cobr.·.

Guttemberg, 9 votos — E para que conste no Sup.·. Cap.·. do Gr.·. Or.·. foi esta lavrada em duplicado assinada pelas Luz.·. e escurtinador e por mim Gr.·. Secret.·. subscrita (a) A. Herculano — O Arth.·. (a) Marquez de Pombal, 25.·. — Pelo 1º Gr.·. Vig.·. (a) Nunalvares, C.·. R.·. ✠ — O 2º Gr.·. Vig.·. (a) Lisogout, C.·. R.·. ✠ — O Escurt.·. Camões, gr.·. 18 — O Eleg.·. (a) Tourgueneff gr.·. 20. — O Gr.·. Secret.·. (a) A. Herculano, 18.·.

Nº 99

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.

L.·. E.·. F.·.

Gr.·. Or.·. Lus.·. Un.·. Sup.·. Cons.·. da Maç.·. Portuguesa.

Do Presidente do Triang.·. do val.·. de Messines — Ao P.·. Ir.·. Brotero, Dig.mo Tesour.·. da R.·. Loj.·. Pro-Veritate, ao Val.·. de Coimbra. —

Val.·. de Messines, 16-janeiro-1905.

Meu Pod.·. Ir.·.

Junto, tenho o prazer e a subida honra de vos remeter a importancia de 9.500 rs. para conclusão do pagamento e completa liquidação de contas com a Loj.·. Mãe com esta Triang.·. Pela conta corrente que remeto

vereis, pelas vossas contas se todas são uniformes. Vós, pois, e quando o julgardes oportuno me participareis se estão liquidadas as contas com este Triang.:.

Que o S.:. Ar.:. do Un.:. vos aj.:. e il.:.

O Presid.:. do Δ — (a) Lutero, 14.:.

Nº 100

A'Gl.:. do S.:. A.:. do U.:.

L.:. E.:. F.:.

Da R.:. Loj.:. Cap.:. Pro-Veritate — Ao Pod.:. Ir.:. Belisario Pimenta.

Val.:. de Coimbra, 17 de janeiro de 1905 (e.:. v.:.)

P.:. e R.:. Ir.:.

Tenho a honra de vos convidar a assistir á sessão soléne que a nossa Resp.:. Loj.:. realisa no proximo sabado, 21 do corrente, pelas 8 horas precisas da noite, para receber a honrosa visita duma deputação da R.:. Loj.:. Patria e proceder a varias reg.:. e inic.:. Esta sessão a que vos peço encarecidamente não faltais terá lugar no templ.:. da R.:. Loj.:. Patria, na rua do Teatro-circo, nº 9.

Que o S.:. A.:. do U.:. vos aj.:. e il.:.

O Secret.:. — (a) Prim, C.:. R.:. ✠

Nº. 101

Meu caro Belisario.

. . . . . .

Tenho recebido noticias dos nossos Ir.·. e o meu dipl.·., não respondi na ocasião porque não tive tempo. E depois, foi ficando, ficando... o meu amigo sabe como são estas coisas. Peço, pois, me desculpe para com essa gente; refiro-me aos novos, porque os velhos, os do meu tempo, devem saber que sou sempre o mesmo. Não mudo nem mudarei facilmente. E como vê, cá vou no meu "Jornal" cavando mas morras ao vicio e levantando templos á virtude.

Envio-lhe 2.000 rs., 1.000 para o temp.·. e 1000 rs. para as minhas capit.·. Não sei se devo mais, o que fôr, liquidarei quando aí fôr.

Peço-lhe tambem a finesa de agradecer por mim ao nosso bom povo a alta consideração de me eleger deputado á grande Loj.·. cargo que naturalmente venho a exercer porque espero, talvez ainda este ano, ir fixar residencia em Lisboa. Logo que possa irei assistir a uma sessão da nossa Resp.·. Loj.·. para conhecer e abraçar todos os Ir.·.

M.M
-23

Maude, pois, o seu verdadeiro amigo que daqui lhe envia um apertado abraço e fica pondo — m.to at.o e obrig.do

Lausan — 22 — 2º. — 1905

(a) José' M. Dias Ferrão.

Nº 101.

A' Gl.·. do S.·. T.·. do O.·.
L.·. E.·. F.·.

Val.·. de Coimbra, 28 de fevereiro de 1905 (e.·. v.·.)

do P.·. Is.·. Camões, C.·. R.·. H
Pod.·. Is.·.

Nós, reunidos em sessão de 25 do corrente para tratar comnosco o assunto a que se refére a vossa franch.·. daquela data, procurámos-vos em casa e não conseguimos falar-vos devido á vossa doença — o que sinceramente lamentamos.

E' o motivo porque o fazemos por este meio afim de cumprir este mandato.

A vossa citada franch.·. causou profunda extranheza em todos os II.·. devido á ~~[illegible]~~ muita consideração e estima que a nossa Resp.·. Of.·. vos consagra.

Um dos fins que desejavamos tratar

era o da aquisição de vales. Não é obrigatória essa aquisição, conforme foi resolvido por maioria de votos. E' certo que vos manifestastes contra esta decisão, quando se discutiu esta parte do assunto em sessão de 11 do corrente; porem, nada vos obriga á compra de vales e por isso não tendes razão em vos colocar sob qualquer penalidade por tal motivo.

Relativamente aos vossos debitos a que se referia a circular da nossa Secretaria, parece que não tendes razão no que dizeis, atendendo a que se não impôz obrigação de pagar imediatamente, mas sim num praso que em caso algum é improrogavel segundo as circunstancias. Tanto mais que, embora tenha de haver algum sacrificio da parte de cada obr∴ não vai, contudo (não póde nem deve ser) tal sacrificio a ponto de se tornar uma violencia.

Quanto ao que dizeis relativamente ás contas do nosso R∴ Ir∴ Galeno, temos que vos informar que nunca da parte do Ir∴ Secret∴ houve ideia de melindrar nem tão pouco lesar interesses a qualquer Ir∴; ele procedeu apenas independente de quaisquer informações da tesouraria. Porem nada é perdido porque tomámos conhecimento oficial desde hoje da vossa declaração para que

as contas daquele Q.·. Ir.·. vos sejam embaraçosas ; alem disso, podeis ter a certeza de que de que lhe seria imediatamente indemnisada de qualquer quantia paga em duplicado se por ventura tal caso se désse.

Estamos autorisados a informar-vos de que as contas da Loj.·. são independentes das do Cap.·. ; e as despesas com o estandarte correndo por conta do cofre do Cap.·. ser-vos-hão pagas logo que por nós lhe sejam presentes.

Dadas estas explicações a que nos obriga a nossa lealdade maç.·., a consideração que nos mereceis e o nosso desejo de commissionados, nenhum motivo de pena nos deverá ficar no vosso espirito pelos actos que dimanam do Secret.·.

Ha na vossa Jurisd.·., Pod.·. Ir.·. uma circumstancia que a todos os obr.·. causou extranheza e decerto deslustraria a vossa provada dignidade se não fosse explicada por equivoco : — é a de verdes assinado Camões gr.·. 9º em logar de Camões, gr.·. 18º.

Recommendando-vos que não vos enfureçais momentaneamente do gr.·. que vos decora, visto que foi por nós acceite, posto inic.·., dele tendes feito uso doutras vezes e mesmo o vosso diploma já se encontra na mão do Presidente do nosso Sob.·. Cap.·. o Sap.·. Arth.·.

Martins Grilo. Não o podeis já rejeitar, nem cremos que em tal penseis.

Confiados em que no vosso esclarecido espirito nenhuma sombra de queixa haja contra nós (assim no-lo diz a consciencia) ficamos fazendo votos para que o S.·. A.·. do U.·. vos aj.·. e prot.·.

A Comissão — (aa.) Nunalvares, gr.·. 18.·. — Prim, 18.·.

Nº 102

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.

Da Resp.·. Loj.·. Cap.·. Pro-Veritate.

Val.·. de Coimbra, 14 de março de 1905 (e.·. v.·.)

C.·. e R.·. Ir.·.

Peço-vos a finesa da vossa assistencia á sessão que a nossa Resp.·. Loj.·. realisa na proxima 5ª feira, 16 do corrente, pelas 8 horas da noite, na qual se procederá á inauguração do nosso templ.·. e inic.·. Esta sessão terá lugar no templo da rua das Covas, 15; e como temos a trabar de assumtos importantes, peço-vos a finesa de não faltardes.

O Secret.·. — (a) J. Ribeiro, 18.·.

Nº 103

T.c. 18-4-1905.

Meu caro Adm.º e Dr.(1) — Venho encomendar-te pedindo-te o favor (não porque te necessites que te lembre, mas porque assim cumprirei mais cedo os meus deveres) de me obsequiares arranjando-me até quinta feira se te fôr possivel os documentos que disseste ter em teu poder para o arquivo. Se poderes cumpila-los até esse dia muito e grande obsequio me farás e mesmo sendo mandarei aí o Marcelino para tos entregares, esperando-o eu na secretaria para passar nota de recibo do que fizeres favor de me mandar. Escrevo na mesma occasião ao nosso amigo Luis Ribeiro fazendo igual pedido pois foste tu quem me obsequiou dizendo também ter ele elementos a entregar-me. Recebi do nosso amigo Grilo tudo quanto ele tinha conservado e do que também passo recibo. Dou á minha carta todo o tom perfeitamente particular, embora tenha todo o cunho de pedido do nosso caro Dr. Affonso.

Agradeço-te muito esta finesa e fodes

---

(1) Dirigido a José Coelho Alves Soberal.

crer muito at.º e amigo incondicional o que pela lei te vem encomodar e é o teu muito grato

(a) J. Marques dos Santos.

Nº. 104.

Ad Universi Terrarum Orbis Summi Architecti Gloriam.

O Grande Oriente Lusitano Unido Supremo Conselho da Maçonaria Portuguesa

A todos os MMaç.·. RReg.·. espalhados pela superficie da terra

S.·. S.·. S.·.

Nº. 3989 — Foi investido no gr.·. de Mest.·. ad Vitam (20º) do rito escocês o nosso Car.·. e Resp.·. Ir.·. Belisário Pimenta, sim. C.·. Nun'Alvares der.·. da R.·. Loj.·. Cap.·. Pro Veritate ao val.·. de Coimbra pelo que se lhe passou a presente, a fim de gosar de todos os direitos e prerogativas que lhe pertencem, ficando de nenhum efeito o presente documento quando não esteja junto ao respectivo documento.

Traç.·. na Gr.·. Secret.·. Ger.·. da Ord.·. aos 25 de abril de 1905 (e.·. v.·.)

O Gr.·. Mest.·. (a) ✠ Luis Augusto

Ferreira de Castro, 33 ∴ — O Gr ∴ Sec ∴ ✠
J.e Pinheiro de Melo 33 ∴ — O Gr ∴ Secret ∴ ✠
Reis Ferreira, 33 ∴ — Registr ∴ sob o n.º 22277.
O Oficial Secretario (a) José Barbosa Marinho
33 ∴ — (Lugar do selo branco) — Selado e Fun-
cionado por mós. O Gr ∴ Chanc ∴ ✠ José Ferrei
ra da Silva, 33 ∴

N.º 105

Ex.mo Sm.(1) — Lembro a V.Ex.ª o meu
pedido de sabado. Meu cunhado foi operado
na quarta-feira, está de cama, é Luis Ribei
ro S. Miguel tem 5 filhos todos pequenos, é
um trabalhador honrado e um bom chefe
de familia. Já nos serviu na Liberdade
no dia da inauguração do Templo. Tem V.
Ex.ª aí muitos IIr ∴ que o conheçam, é para
isso que o tal paco deve correr e corre em
outros Templos, ele mora na rua do Barrá-
cho. Desculpe V.Ex.ª tanto incomodo mas
lembro mais o meu infeliz diploma. Sauc-
ção ao dizer de V.Ex.ª para tudo quanto o
meu fraco grandissimo possa ser util.
Coimb.ª — 29 — 4.º — 905

(1) Dirigida a D. Aurelio da Costa Ferreira.

Creado m.to obrig.do — (a) Angiolilo
gr.: 9, Antonio José da Costa.

N.º 106

Meu caro e unico amigo.(1)

Aí vai a minha declaração e o meu pedido de quite. Escrevi tudo num folego e nem reli com medo de me faltar o animo e de mais me agravar o mal que já estou. Muito dóe uma traição! e ainda mais uma calunia.

Veja o que os meus irmãos dizem de mim e peço-lhe que pela sua felicidade me conte depois. Leia isso e diga-me como está feito. Estou irritadissimo e doente. Quando fôr para a aula falarei consigo. A ninguem culpo nem acuso. Seu m.to e m.to amigo obrig.do

(a) Luis da Silva Ribeiro.

---

(1) — Dirigido a José Colaço Alves Soberal; sem data, mas está na devida altura.

Nº 107

Coimbra — 11 de maio de 1905.

Ir:. Soleral

Recebi um cartão por intermédio do Ir:. Bergstrom no qual se pedia uma pensão urgente da nossa Resp:. Loj:.. Como áquela data já tinha pedido a minha demissão de Ven:. aproveitei-me a enviar o referido cartão ao nosso R:. Ir:. 1º Vig:.. Não sei se o cartão lhe foi entregue embora porque o remandei á farmacia do nosso R:. Ir:. Carvalho onde me constou estar o nosso R:. Ir:. 1º Vig:..

Sempre desejando que o S:. D:. do U:. vos aj:. e il:. — subscreve-me vosso Ir:.

(a) Armando Augusto Leal Gonçalves,
Pinard, 29:.

Nº 108

Al' Gl:. do S:. D:. do Univ:. etc. etc.

Convocatoria

Por ord:. do Ir:. 1º Vig:. tenho a honra de vos convidar para comparecer á sess:. extraordinaria de 16 de maio de 1905 (e:. v:.)

ás 7½ horas da noite. — Ord.·. do dia: Rela
tario da Com.·. enviada ao Pod.·. e Ven.·. Most.·.
Pinard.

Que o S.·. R.·. do Ir.·. vos aj.·. e il.·.

Traç.·. na Secret.·. aos 14 de maio de 1905
(a.·. v.·.)

O Secret.·. — (a) Prieur, 18.·.

Nº 109.

Ao Pod.·. e R.·. Ir.·. Ven.·. da R.·. Loj.·.
Cap.·. Pro-Veritate, ao Val.·. de Coimbra.

Coimbra — 18 de maio de 1905

Pod.·. e R.·. Ir.·.

Na sessão desta Resp.·. Loj.·. do dia 16 de maio, o Ir.·. Gutemberg disse, referindo-se ao facto do Ir.·. Ven.·. recusar o pedido que se lhe veio feito de combinar empunhando o malhete, que de certo o faria por ser incompativel com dois IIr.·. do quadro e mais alguns outros, porque naturalmente lhe não seria agradavel estar numa Loj.·. e como Ven.·. na qual houvesse um certo numero de obr.·. que fizeram parte deum grupo que tinha por fim uma separação desleal. Ora tendo eu feito parte desse

grupo e considerando-me incluido no numero dos desleais a que se referia o Ir.·. Gutemberg, venho por este meio, C.·. e R.·. Ir.·. pedir que me concedeis o atestado de quite.

Postas as cousas em tais termos, eu não posso deixar de tomar esta resolução; desde que o nosso Mest.·. Ven.·. não volta aos Ttra. C.·. porque eu sou do numero com o qual ele é incompativel, eu julgo-me na obrigação de imediatamente me retirar tanto mais que, segundo me consta, o mesmo Pod.·. Ir.·. Ven.·. julga e está convencido (não porque assim seja mas por que assim o informáram) que eu me colocára dessidente, com aspirações ao mando que é como quem diz ao mathete.

No seculo XVI, um poeta natural de Coimbra, muito notavel, dizia que devemos sempre dizer a verdade a quem em tudo a devemos; ora devo aqui dizer que, tomando ao entrar na Maç.·. o nome simbolico de Nun'Alvares, eu não queria senão, como o glorioso e ingenuo cavaleiro, estar ao lado, sempre, daquele que de mim precisasse, com a honradez, a lealdade, o cavalheirismo e até a ingenuidade (apesar dos tempos não serem para isso) com que ele desembainhava o valeroso montante em

prol da sua patria. Tirante o voto de castidade eu sempre procurei, mesmo no mundo profano, proceder com a puresa do procedimento do heroi. Tenho procurado ser leal, proceder nobremente; mas vejo agora que a unica cousa em que o igualei foi na ingenuidade e, como ele, vi que hoje a ingenuidade, não é cousa viavel pelo mundo, quer esteja no seculo XIV, quer no seculo XX.

Num'Alvares recolheu-se ao convento do Carmo, desgostoso do mundo; eu recolho-me por detraz do meu atestado de quite, envolvido na estamanha do despreso (perdõe-se-me a retorica), á simplicidade duma vida que eu tenho procurado sempre afastar o mais possivel do resto do mundo, consciente de que a puresa do ar é tanto maior quanto mais alto subimos.

Esta «é uma clara certidão de verdade» como disse Fernão Lopes o velho e tambem ingenuo cronista.

Nisto fundo, e com razão, o meu pedido, com pena, simplesmente, que durante a minha vida de maçon nada tenha feito de proveitoso e com o fim honesto e leal (apesar de me chamarem desleal) de evitar que dentro da nossa R∴ Loj∴ se continuem a dar questões, avisos prévios, inter

pelações, mil cousas, tal como no parlamento português — sistema em que, estou convencido, nem mesmo teria merecimento dum simples Oliveira Matos.

Fazendo votos para que tudo comece a correr bem, no sentido que é agradavel ao S∴ A∴ do U∴ eu peço tambem CC∴ e RR∴ II∴ que pelo Ir∴ Tesoureiro me façais saber quantas quotas tenho ainda em débito para imediatamente as satisfazer.

Termino pedindo ao S∴ A∴ do U∴ que nos ajude a todos nós (que muito precisamos) e que aceiteis o abr∴ frat∴ dum Ir∴ que não obstante a falta de merecimentos, sáe do vosso quadro com verdadeira magua e profundo pesar.

Que o S∴ A∴ do U∴ vos aj∴ e il∴

Nun'Alvares, C∴ R∴ ✠

Nº 110

A' Resp∴ Loj∴ Cap∴ Pro-Veritate, ao val∴ de Coimbra, envia o Ir∴ Brotero, gr∴ 18

S∴ F∴ U∴

CC∴ e RR∴ II∴

Sendo afirmado e garantido na sessão

de 16 do corrente pelo Pod∴ Ir∴ Gutemberg que a declarada incompatibilidade do Pod∴ Ir∴ Pinard com os PPod∴ IIr∴ Marquez de Pombal e Alexandre Herculano era originada principalmente no facto de estes IIr∴ e alguns outros terem trabalhado para a fundação duma nova oficina com os Oobr∴ do ⊡ da Loj∴ Pro-Veritate que fossem ou tivessem sido estudantes, procedimento este que o referido Ir∴ Gutemberg classificou de desleal, e pertencendo eu a esse tal tão horrivel grupo — compreendi imediatamente qual a situação em que aquela declaração me colocava perante a Loj∴ e sobretudo perante a minha consciencia e desde logo vos manifestei verbalmente a resolução de sair que não é mais do que o cumprimento dum dever inadiavel.

Venho hoje, pela presente pranch∴ tornar oficial esta minha resolução pedindo-vos que vos dignéis mandar passar o meu certificado de quite.

Julgo necessario dizer-vos que de ha muito tinha o firme proposito de pedir o quite ou a passagem para outra Of∴. Fiz essa tenção desde que vi a leviandade, consciente ou inconsciente, com que alguns oobr∴ criticam ou censuram os

actos dos outros (deante de todos menos dos interessados), chegando ás vezes a suspeitar, sem provas, por meras conjecturas, do caracter e da honradez d'alguns obr.·.

Sereis por isto que, o que se passou na ultima sessão não foi mais do que ajuntar o pedido que estava simplesmente adiado para depois de liquidada a questão suscitada pela demissão do Pod.· Ir.· Pinard do cargo de Ven.· ; qualquer que fosse a sua solução a minha saida era causa assente.

E' com pesar, confesso, que deixo a L.· Pro-Veritate em cuja fundação tomei parte muito activa e para cujo engrandecimento e prosperidade contribui, nos estreitos limites do meu acanhado engenho, com muita dedicação e trabalho, frequentemente com prejuizo da minha saude e dos meus trabalhos prof.· e até fazendo algumas vezes sacrificios pecuniarios.

Não fui só eu a proceder assim. Outros houve de maiores recursos intellectuais e de maior capacidade de trabalho q.· se dedicaram de alma e coração á Loj.· Pro-Veritate e é a alguns destes, áquelles a quem a Loj.· mais deve, que se procura já ha bastante tempo ferir com insinuações vagas, mas a furto hipocrita do diz-se e explorando habilmente irregularidades,

cuja responsabilidade, em maior ou menor gráu, a quase todos cabe.

Devo declarar que de todos os oobr∴ recebi atenções e finesas; uns procediam assim quer na presença quer na ausencia, outros havia, ainda que poucos, que na ausencia me cortavam na casaca.

Aos primeiros envio os protestos sinceros da minha gratidão e da minha amisade; aos segundos devo simplesmente meio reconhecimento.

Antes de terminar, devo tambem declarar que sáio de cabeça erguida e de consciencia perfeitamente tranquila e que, apesar de acusado de desleal sáio tambem convencido de que não devo trocar a minha deslealdade pela lealdade de alguns actos maç∴ que tenho visto praticar.

Que o Sup∴ Arq∴ do Univ∴ vos aj∴ e il∴

Traç∴ em lugar oc∴ aos prof∴ Val∴ de Coimbra, 19 de maio de 1905 (e∴ v∴)

(a) José Colaço Alves Sobral
Simb∴ Brotero, C∴ R∴ ✠

M.M.
I-25

N.º 111

A' Gl.·. do Sup.·. A.·. do Univ.·. etc. etc.

Convocatoria

Por ord.·. do Ir.·. 1.º Vig.·. tenho a honra de vos convidar para comparecer á sess.·. extraordinaria de 19 de maio de 1905 (e.·. v.·.) ás 7 1/2 horas da noite. — Ord.·. do dia: O assunto da sessão anterior. —

Que o S.·. A.·. do U.·. vos aj.·. e il.·.

Traç.·. em Secret.·. aos 18 de maio de 1905 (e.·. v.·.).

O Secret.·. — (a) Prim, 18.·.

N.º 112

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.

L.·. E.·. F.·.

Sob os auspicios do Gr.·. Or.·. Lus.·. Unido, Sup.·. Cons.·. da Maç.·. Portuguesa

A Resp.·. Loj.·. Cap.·. Pro-Veritate — N.º 240 ao val.·. de Coimbra

Ao Pod.·. Ir.·. Nun'Alvares, C.·. R.·. ✠

Val.·. de Coimbra, 29 de maio de 1905 (e.·. v.·.)

Pod.·. Ir.·. — Afim de poder, a Resp.·. Loj.·. Cap.·. Pro-Veritate satisfazer o vosso pedido de

atestado de quite, tenho a honra de vos informar que tendes de satisfazer as importancias relativas ás quotas dos meses de abril e maio no valor de mil reis (1$000 rs.)

Que o S.·. A.·. do U.·. vos aj.·. e il.·.

O Secret.·. — (a) J Ribeiro, 18.·.

Nº 113

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
S.·. F.·. U.·.

Nós o Ven.·. DDig.·. e OOf.·. da R.·. Loj.·. Cap.·. Pro-Veritate sob os Auspicios do Gr.·. Or.·. Lus.·. Unido Sup.·. Cons.·. da Maç.·. Port.·. concedemos o certificado de corrente ao nosso Ir.·. Belisario Pimenta membro que foi desta R.·. Quadr.·.

Traç.·. em Loj.·. Val.·. de Coimbra, 29 de novembro de 1905 (e.·. v.·.)

(aa) O Ven.·. Armando Augusto Leal Gonçalves, 29.·. — Pelo 1º Vig.·. o 2º Vig.·. Baltazar de Almeida Teixeira, gr.·. 9 — Pelo 2º Vig.·. o 1º Exp.·. José Ernesto Marques Donato, gr.·. 18 — O Orad.·. Gustaf Adolf Bergström, 3.·. — O Secret.·. José Maria Ribeiro 18.·. — Pelo Chanc.·. [lugar do selo] José

Maria Ribeiro, 13.·. — Pelo Ven.·. José Joaquim Antão, gr.·. 9.

(A margem:) Selo Benef.·. mag.·. — Gr.·. Or.·. Lus.·. Univ. Sup.·. Cons.·. Mag.·. Portuguesa — Decreto nº 32 de 26 de junho de 1883 — O Gr.·. Ven.·. — (a) Pelaio, 33.·.

Suplemento

Nota:

Depois de começar a copiar esta serie de documentos, apareceram-me outros que já não podiam ser copiados na sua altura. Vão a seguir, em suplemento, com um numero indicativo do lugar em que deveriam ser transcritos se tivessem vindo antes.

São quase todos da Loj.·. Liberdade, sob os auspicios do Gr.·. Or.·. de Portugal.

N.º 114.(1)

A' Gl.·. do S.·. A.·. do O.·.
L.·. E.·. F.·.

Sal.·. de Coimbra — 23 de junho de 1901 (e.·. v.·.)

C.·. O.·. Ir.·.(2)

Esta Loj.·. tem o prazer de vos comunicar que fez incluir o vosso nome e os nomes daqueles que connosco fizeram a sua instalação, no ⊡ dos nossos Ir.·. Honorarios.

E' uma prova singela mas indelevel do muito que vos considera.

Pede-vos, pois, o favor de comunicar esta resolução aos PP.·. e MM.·. Ir.·. Eiffel e Köchlin.

Enviamos-vos a copia da acta da insta-

---

(1) Serie n.º 22-B, a pag. 62.

(2) No livro de registo de correspondencia da Loj.·. de onde este documento é copiado, não vem indicado o Ir.·. para quem era dirigido, mas era para o Ill.mo Mario de Soveral, medico, ao tempo Ven.·. da Loj.·. Alliança de Coimbra e que muito foi pela instalação da Liberdade.

lação bem como os demais documentos e a cópia da nossa fraç.·. de arquit.·. a que deveis o devido destino.

Peço-vos, finalmente, que manifesteis á Resp.·. Loj.·. Aliança a nossa simpatia e as provas da nossa amizade.

Aceitai, fraes, C.·. e D.·. Ir.·. o abraço fraternal que esta Loj.·. vos envia e que o S.·. A.·. do U.·. vos ajude a il.·.

O Ven.·. — (a) Bernardo Malaia, gr.·. 5 — O Secret.·. — (a) Marquês de Pombal, gr.·. 3.

Nº 115. (1)

A' Gl.·. do S.·. Arq.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.

Val.·. de Coimbra - 2 de julho de 1901 (e.·. v.·.)
No Gr.·. Or.·. de Portugal.

CC.·. e MM.·. IIr.·.

Com a maior satisfação acusamos hoje a recepção da vossa franch.·. de 17 de junho p.p. na qual nos dais a noticia da autorisação de nossa instalação e do decreto nº. 6 de 21 do

(1) Nº 22-C.

mesmo mês e cujo conteudo ficamos scientes e não nos esqueceremos de o tomar na devida consideração. Talvez extranheis, CC.·. e RR.·. II.·. o nosso silencio sobre o assunto da nossa instalação o que não admira atenta a demora; mas é nosso dever informar-vos de que ela teve lugar no dia 22 do mês passado com o cerimonial do estilo, tirando-se no dia seguinte a copia da acta e mais documentos precisos para vos enviar, por intermédio do nosso P.·. I.·. Antonio Maria de Soveral o que até agora não podémos fazer porque este P.·. I.·. teve de se retirar para a Beira Alta logo em seguida, não nos sendo ainda possivel fazer-lhe a entrega do nosso processo de instalação.

Como a Constituição do nosso Gr.·. Or.·. não nos indica a maneira como devemos fazer-nos representar perante o Congr.·. Maç.·. muito nos obsequiais esclarecendo-nos sobre o numero de representantes que nos cumpre nomear ou eleger, e sobre a epoca normal da sua nomeação ou eleição afim de não deixarmos de cumprir este imperioso dever.

Aceitai, pois, CC.·. e RR.·. I.·. as provas mais sinceras da nossa dedicação e eterno reconhecimento e que o S.·. A.·. do U.·. vos aj.·. e il.·.

O Ven.·. — (a) José Maria Dias Ferrão —
O Secret.·. — (a) Francisco Marcins Grilo,
gr.·. 3º

Nº 116.(1)

A' Gl.·. do S.·. A.·. do O.·.
L.·. E.·. F.·.

Val.·. de Coimbra, 14 de novembro de 1901 (e.·. v.·.)
Do Gr.·. Or.·. de Portugal.

CC.·. e MM.·. II.·.

Temos o prazer de vos comunicar que acabamos de levantar agora mesmo o nosso Templ.·. com a decencia que é peculiar ás nossas limitadas forças e com a pomposidade que mais se aproxima das veneraveis formulas de liturgia nossa.·.

Decerto, CC.·. e MM.·. II.·. haveis de dar, com razão, extranhado o nosso tão prolongado silencio, após o inicio do fraternal trabalho o qual teve sido, na realidade, deveras para admirar. Mas, atenta as proximidades das ferias grandes e multi-

(1) Nº 22-D.

plicidade de trab.·. escolares, que se sucedião instantemente na epoca da nossa instalação no ano lectivo passado, não tivemos tempo de cuidar do nosso Templ.·. e da nossa organisação interna de molde a poder funcionar agora sem embaraços.

As nossas reuniões eram tumultuarias, fasiam-se academicamente nos nossos quartos de estudo e não havia maneira de lhes dar outro caracter. Conhecendo porem que os processos de estabilidade, de vida, de desenvolvimento e de progresso maç.·. são incontestavelmente uma boa organisação interna dos diversos nucleos e um Templ.·. decente e o mais possivel em harmonia com o ritual, resolvemos não distrairmos as nossas vistas para outro assunto enquanto não concluissemos a nossa obra. Hoje, porem, podemos diser-vos que temos templo onde não nos envergonharemos de receber qualquer visitante ilustre e possuimos tambem já uma forte coesão que nos anima ao trabalho e á dedicação pela nossa Aug.·. Ord.·.

E por isso, o nosso primeiro cuidado na presente conjectura, é enviarmos já a quantia de 35.100 rs. correspondente ao preço dos DDipl.·. do gr.·. 3º para os Ir.·. Bakounine, Marquêz de Pombal, Cesar, Leo

Tolstoi, Robespierre, Israel, Proudhon, Jou-
bert, Kepler, Afonso de Albuquerque, e dos
gr.·. 5.º para os Ir.·. Malon, Gomes Freire e
Nun'Alvares.

Ficam faltando as importancias dos dipl.·. dos
MM.·. Ir.·. List e Conde d'Orby q se encontram actualmente fóra do val.·. es-
perando eu breve enviar-vos essa impor-
tancia.

Na quantia supra-mencionada não
vão incluidas as capitações dos mezes de ju-
lho (em que principiámos a funccionar regu-
larmente) agosto, setembro e outubro. Es-
ta quantia de 35.100 rs. vai amanhã por en-
viada ao nosso C.·. Ir.·. Belisario Pimenta
que se encontra na Escola do Exercito onde
ainda tirando o curso de infantaria para,
no mais curto praso que lhe seja possivel,
fazer a entrega nessa Tesouraria.

Desculpai, pois, CC.·. e MM.·. Ir.·. a
nossa demora na satisfação de tão importan-
te dever e recebei o mais indelevel reco-
nhecimento desta of.·. pela vossa extrema
benevolencia e generosidade. Recebei, pois
o aler.·. frat.·. que esta R.·. Loj.·. vos envia e q.
o S.·. M.·. do Ven.·. vos aj.·. e il.·. —

Vale de Coimbra, 14 de novembro de
1871 (e.·. v.·.)

O Ven.·. — Benoit Malon, gr.·. 5. — O

Secret.·. Marquez de Pombal, gr.·. 3°. — Está conforme, (a) Martins Grilo.

N.° 117 (1)

A' Gl.·. do S.·. Ar.·. do Un.·.
L.·. C.·. F.·.

Val.·. de Coimbra — 17 de novembro de 1901 (e.·. v.·.)
A R.·. Loj.·. Liberdade — Ao Gr.·. Or.·. de Portugal.

CC.·. e RR.·. Ir.·.

Esta R.·. Loj.·. tem o prazer de vos comunicar que foram propostos na sua sessão de 16 do corrente os pprof.·. João Marques dos Santos de 23 anos de idade, natural de Coimbra, estudante do 2.° ano de medicina; e Joaquim Rodrigues da Silva Leite Junior, de 22 anos de idade, natural da Pederneira, estudante do 1.° ano de direito, para serem inic.·. nos nossos Aug.·. Mist.·. — os quais teem ambos suficientes meios de subsistencia

Aceitai, CC.·. e RR.·. Ir.·. a estima que esta Loj.·. vos dedica e que o S.·. Ar.·. do Un.·.

(1) N.° 24 - A.

vos aj:. e il:.

O Ven:. (a) Benoit Malan, gr:. 5°— O Secret:. Marquez de Pombal, 3°:.

Nº 118. (1)

A'gl:. do S:. A:. do U:.
L:. E:. F:.

Sal:. de Coimbra, 17 de novembro de 1907 (e:. v:.)
A' Resp:. Loj:. Aliança.

EE:. e AA:. II:.

Esta R:. Loj:. tem o prazer de vos comunicar que inic:. segundo as formalidades da liturgia maç:. os II:. José Lobo (Garnot) e Albano Moncada (Cromwel); e que foram proprostos os Iprof:. Luis Ribeiro, Manuel Teles, Fernando Machado da Cruz, Joaquim Rodrigues da Silva Leite Jr.º e João Marques dos Santos.

Egualmente vos participa que as suas sessões ordinarias são todos os sabados ás 6 e meia, onde será sempre grata a receber com a prata fraternal boa vontade os

(1) Nº 24-B.

..

Ir.·. do nosso ⊡ . Participa-vos finalmente que foi o nosso R.·. Ir.·. Anbarrio Pereira de Sousa quem realisou o arrendamento do nosso Templ.·. e que esse nosso Ir.·. está devidamente autorisado pela nossa R.·. Of.·. para terminar comnosco o contracto de arrendamento do Templ.·. que sobre as duas OOf.·. foi celebrado.

Esta R.·. Loj.·. da-vos conhecimento deste facto para que, com mais lealdade e simplicidade possais satisfazer o nosso compromisso.

Aceitai, frais, CC.·. a MM.·. Ir.·. a ordem que esta Resp.·. Loj.·. vos dedica e que o S.·. M.·. vos aj.·. e il.·.

O Ven.·. (a) Barroso Malan, gr.·. 5º. — O Secret.·. — (a) Marquez de Pombal, 3º.·.

Nº. 119.(1)

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. G.·.

Val.·. de Coimbra, 17 de novembro de 1901 (e.·. v.·.)
Do Gr.·. Or.·. de Portugal

(1) Nº. 24 - C

CC.·. e MM.·. Ih.·.

Procurando esta Resp.·. Loj.·. desenvolver as ideias maç.·. no meio academico em que se encontra e tendo para isso de lançar mão de algumas associações academicas aqui existentes, tem-o conseguido em parte, apossando-se da mais importante de todas que na academia existem, a "Tuna Academica".

Esta corporação costuma realisar todos os anos algumas viagens de recreio e fraternisação e este ano resolveu ir a Lisboa.

Ora como a "Tuna" tenciona dar nesse val.·. um sarau, cujo produto, depois de extraidas as suas despesas, será oferecido a alguma sociedade de beneficencia, os directores da "Tuna" obr.·. deste ⊡ lembráram-se de vos perguntar se o nosso Gs.·. Or.·. tem, sob a sua protecção, alguma sociedade de beneficencia ou instrução a qual, de preferencia, aquela corporação academica deseja beneficiar.

Neste empenho vos pedimos nos informeis se na realidade existe alguma corporação nessas condições por vós protegida, e se, sendo assim, quereis dar-vos ao encomodo de juntamente com a direcção da "Tuna" cuidar da organisação do beneficio, o que será muito agradavel para esta corpora

ção auxiliar de preferencia as instituições da nossa Aug.·. Ord.·.

Que o S.·. A.·. do U.·. vos aj.·. e il.·.

O Ven.·. (a) Benoit Malan gr.·. 5. — O Secret.·. (a) Marquez de Pombal, gr.·. 3º.

Nº 120 (1)

A'Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.

Val.·. de Coimbra, 29 de novembro de 1901 (e.·. v.·.)
Ao Gr.·. Or.·. de Portugal

CC.·. e MM.·. II.·.

Esta R.·. Loj.·. tem o prazer de vos comunicar que foram iniciados nos nossos AAug.·. MMist.·. os pprof.·. José Lobo Garcêz Patha de Almeida e Albano de Seiça Moncada, ambos bachareis em direito, propostos pelo Ir.·. Mest.·. Ven.·. e dos quais o primeiro tomou o nome simb.·. de Carnot e o segundo o de Cronwel; Luis da Silva Ribeiro, estudante, proposto pelo Ir.·. Marquez de Pombal, que tomou o nome simb.·. de Alexandre Hercula

(1) Nº 25-A.

no, e Manuel A. M. da Silva Teles, estudante de filosofia, propostos pelo Ir.·. Nun'Alvares, que tomou o nome simb.·. de Julio Cesar.

Igualmente vos participo que foram propostos os ff.·. Joaquim Rodrigues da Silva Leite J.or, estudante de direito, filho de Joaquim Rodrigues da Silva Leite, natural de Pedorneira; Augusto Lopes Carneiro, natural do Porto, filho de Antonio Lopes Carneiro, bacharel em direito; Paulo da Costa Moreno, filho de Antonio da Costa Moreno, natural de Fornos de Algodres, distrito da Guarda, estudante do 4.º anno de direito; Fernando Arthur Machado da Cruz, filho de Adelino Abel Coelho da Cruz, natural de Lisboa estudante do 2.º anno de direito; e João Marques dos Santos, filho de Manuel Marques dos Santos, natural de Coimbra, estudante do 2.º anno de medicina.

Nesta mesma tranch.·. vos pedimos nos mandeis o boletim oficial do Gr.·. Or.·. e ainda o favor de nos dizer qual a importancia da immc.·. do 1.º gr.·. por cada obr.·. que temos de enviar para o vosso Gr.·. Tes.·.. Desejo receber-vos a importancia das immc.·. e do Boletim.

Para esclarecer duvidas, pedimos-vos queirais esclarecer-nos sobre os seguintes

pontos: a) Quanto temos de enviar pela inic.·. do 1º gr.·.? quanto pela passagem para o 2º.? e pela elevação ao 3º.? e pela passagem de um obr.·. doutra Loj.·. para a nossa? — b) Póde esta Resp.·. Of.·. corresponder-se com outra oficialmente, de outro Or.·. em assuntos referentes á nossa Aux.·. Ord.·.?

São duvidas que muitas vezes se ministram (sic) entre nós e que muito nos obsequiavam esclarecendo.

Que o S.·. A.·. do U.·. vos aj.·. e il.·.

O Ven.·. (a) Benoit Malon, p.·. 5º. — O Secret.·. (a) Marquês de Pombal, p.·. 3º.

Nº. 121.[1]

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.

Vale de Coimbra, 9 de dezembro de 1901 (e.·. v.·.)
A' Resp.·. Loj.·. Aliança.

CC.·. e RR.·. II.·.

Recebemos e agradecemos as vossas comunicações e cumpre-nos tambem participar-

[1] Nº. 28-A.

vos que na nossa sessão de 7 do corrente, foram aprovados por escurtinio secreto para serem iinic.·. nos nossos aaug.·. mmist.·. os seguintes pprof.·. : a) Paulo da Costa Menano, natural de Fornos de Algodres, quartanista de direito; b) Augusto Lopes Carneiro, natural do Porto, quintanista de direito; c) Fernando Artur Machado da Cruz, natural de Lisboa, estudante do 2º. ano de direito.

Igualmente vos participamos que deve ter lugar na proxima sessão a inic.·. do prof.·. Machado da Cruz, assim como tambem se devem realisar as eleições do corpos gerentes da R.·. Loj.·. Liberdade.

Aceitai, pois, CC.·. e RR.·. Ih.·. o abraço fraternal que esta R.·. Loj.·. vos envia e que o S.·. A.·. do U.·. vos aj.·. e il.·.

O Ven.·. — (a) Benoit Malon, gr.·. 5º. — O Secret.·. — (a) Marquez de Pombal, gr.·. 3.

Nº. 122 (1)

Meu caro Belisário

Já fui eleito, mas não tomo conta do sceptro senão daqui a quinze dias. Os seus

(1) Nº. 33-A. É um postal.

conselhos estão de acordo com a disposição, já ha algum tempo creada, e sobre tudo posta com firmeza, depois do conhecimento da atitude de rival e quase de inimigo dos tais sujeitos. Levantei-me hoje, pela primeira vez e aqui me tem, por isso, a dar-lhe o abraço fraternal do costume.

Sempre o seu amigo, etc. — (a) A. da Costa Ferreira.

Coimbra — 19 de janeiro de 1902.

N.º 123 (1)

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.

Val.·. de Coimbra, 19 de janeiro de 1902 (e.·. v.·.)
Ao Cons.·. da Ord.·.

CC.·. e MM.·. IIr.·.

Aproveitamos esta pranch.·. para vos manifestar o nosso reconhecimento pela alta consideração que vos dignateis conceder aos IIr.·. do nosso quadro que estiveram no nosso Gr.·. Or.·. por ocasião da ida da "Tuna

(1) N.º 33-B.

Academica, a esse val∴ A. expressão sincera da vossa amisade e estima para com a Loj∴ Liberdade, foi por nós tida na devida conta quando o nosso Resp∴ e Pod∴ Ir∴ Gr∴ Secret∴ Geral da Ord∴ nos deu conhecimento dela. Crêde, CC∴ e RR∴ Ir∴ que a Loj∴ Liberdade saberá ser grata a tão grandes gentilesas.

Enviamos-vos o processo eleitoral da nossa Loj∴ acompanhado da certidão da parte da acta em que o nosso mest∴ ven∴ José Maria Dias Ferrão apresentou a sua renuncia a Loj∴ e a acta da nova eleição de Ven∴ em que foi eleito o esperançoso Ir∴ Dr. Antonio Aurelio da Costa Ferreira.

Participamos-vos que foi inic∴ na nossa sessão de 11 de janeiro o prof∴ Paulo da Costa Menano que foi proposto pelo Ir∴ Orad∴ como vos foi anunciado e que escolheu o nome simb∴ de Vasco da Gama.

Enviamos-vos tambem a importancia do diploma do Gr∴ 3º dum dos Ir∴ que se encontrava ausente (Luis Martins, List) que faz parte do ⊡ da nossa instalação (2$500); assim como a parte que pertence ao Gr∴ Or∴ pela inic∴ no 1º gr∴ dos Ir∴ José Lobo Garcez Patha de Almeida (Carnot, 3$000 rs.); Albano de Seiça Moncada (Cronwel, 3$000 rs.); Luis da Silva Ribeiro (Ale-

...

xandre Herculano, 3$000 rs.); Joaquim Rodrigues da Silva Leite J.or (Emilio Zola, 3$000 rs.) o que prefaz a quantia de 12$000 rs. proveniente destas ultimas iinic.:.

Tambem vos enviamos nesta mesma ocasião a importancia das capitações relativa aos oobr.:. do ⊡ de instalação e dos que sucessivamente se foram iniciando até ao fim de janeiro o que prefaz a quantia de 2$850 reis.

Todas estas quantias somam a importancia de 17$350 que enviamos daqui ao nosso C.:. I.:. Belisário Pimenta aluno da Escola do Exercito para, por sua vez, fazer entrega na G.:. Tes.:.

Pedimos-vos que, com a maior brevidade que vos seja possivel mandeis os ddipl.:. não só relativos ao 3º. gr.:. dos II.:. do ⊡ da instalação, mas os do 1º. gr.:. para os II.:. ultimamente inic.:.

Participamos-vos, finalmente, que foram propostos para serem inic.:. nos nossos aaux.:. mmist.:. os pprof.:. Armando de Macedo filho de Francisco Lopes de Lima Macedo, natural de Coimbra, aluno do 2º. ano de medicina; e João Bernardo de Castro, natural de Trancoso, estudante do 2º. ano de direito, ambos de maioridade e com suficientes meios de subsistencia.

Crêde, CC.·. MM.·. e PP.·. II.·. na amisade sincera e na gratidão que esta R.·. Loj.·. vos dedica e que o S.·. A.·. do O.·. vos aj.·. e il.·.

O Ven.·. — (a) José Maria Dias Ferrão. — O Secret.·. (a) Francisco Martins Grilo.

N.º 124 (1)

A' Gl.·. do S.·. A.·. do O.·.
L.·. E.·. F.·.

Val.·. de Coimbra, 23 de janeiro de 1902 (e.·. v.·.)

C.·. e Pod.·. Is.·. André Joaquim de Bastos

Na impossibilidade de o poder fazer ha mais tempo esta R.·. Loj.·. tem hoje o prazer de manifestar o seu indelevel reconhecimento por tantas atenções e gentilezas como as que os II.·. deste ⊡ receberam de vós na sua digressão a esse val.·. e ao mesmo tempo de vos participar (enviando a copia da acta) que em sinal de reconhecimento na sua sessão de 19 de janeiro por proposta do Is.·. Mest.·. Ven.·. José Maria Dias Ferrão vos nomeou Is.·. Honorario do seu ⊡ com direito á presidencia quando assim o

(1) N.º 33-C

217

desejardes e seu Garante de Amisade perante os Corpos superiores do nosso Gr.·. Or.·.

Não tem outra prova de elevada consideração para expremir a sua estima e admiração por um Ir.·. tão prestante como é o nosso C.·. Ir.·. André Joaquim de Barbos.

Crêde, pois, na sinceridade das nossas afirmações e disponde como vos aprouver do ⊡ da R.·. Loj.·. Liberdade.

Que o S.·. A.·. do U.·. vos aj.·. e il.·.

O Secret.·. (a) Marquez de Pombal, gr.·. 3º.

Nº. 125.[1]

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.

L.·. E.·. F.·.

Val.·. de Coimbra, 24 de janeiro de 1902 (e.·. v.·.)

A' Resp.·. Loj.·. Aliança. CC.·. e RR.·. II.·.

Temos o prazer de vos comunicar que foi inic.·. nos nossos aaux.·. ministr.·. o prof.·. Paulo da Costa Menano na sessão de 19 do corrente, e que foram propostos os pprof.·. João Bernardo de Castro do 2º. ano de direito, natural de Trancoso e Armando de Macedo do 2º.

---

[1] Nº. 34-A.

ano medico, de Coimbra. Igualmente vos participamos que no dia 14 de dezembro foi eleito Ven.·. José Maria Dias Ferrão; 1º e 2º Vig.·. Antonio Pereira de Sousa e José Colaço Alves Soberal; Orad.·. Mario Soares Duque; Secret.·. Francisco Martins Grilo; Tesour.·. Augusto C. da S. Leitão; Chanc.·. Arq.·. Raul Soares Duque; 1º e 2º Exp.·. José Lobo Garcez Palha de Almeida e Luis Martins; Mest.·. de Cerim.·. Diogo de Gouveia Sarmento; Terrivel, Albano de Seiça Moncada; Guard.·. Int.·. Joaquim Rodrigues da Sª Leite J.or; e Repr.·. á Gr.·. Loj.·. Simb.·. Belisario Pimenta.

Porem, na sessão de 11 de janeiro, o Ven.·. reeleito Dias Ferrão recusou a sua eleição, recusa que foi aceite pela Loj.·. sendo na sessão de 19 eleito Antonio Aurélio da Costa Ferreira.

Acusamos a recepção da medalha prof.·. de 14:750 reis relativa á 1ª prestação da renda do Templ.·.

Fazemos votos pela amisade e consideração que ligam as duas RR.·. Lloj.·. e que o S.·. A.·. vos aj.·. e il.·.

O Secret.·. — (a) Marquêz de Pombal, p.·. 3º.

219

N.º 126.[1]

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.

Val.·. de Coimbra, 2 de fevereiro de 1902 (e.·. v.·.)

A' Resp.·. Loj.·. Aliança — CC.·. e RR.·. II.·.

Esta Resp.·. Loj.·. vem por este meio agradecer aos II.·. do vosso ⊡ que tanto interesse mostraram a favor da pretenção da "Tuna Academica" na ultima Assembleia Geral da Academia. Aceitai, CC.·. e RR.·. II.·. o nosso agradecimento por esse favor que será tido por nós na maior consideração.

Participamos-vos que na sua ultima sessão foram propostos para serem iniciados nos nossos aang.·. mmist.·. o prof.·. Manuel Augusto da Costa Rebelo Pereira, estudante, de 21 anos, natural de Santa Maria dos Açores; e Benjamim Inácio Ferreira Nobre, do 4.º ano de direito, mest.·. maç.·. ex-secret.·. da Loj.·. Academia Livre.

Ao termos conhecimento de que alguns obr.·. do vosso quadro tinham pedido os seus quites, o I.·. Mest.·. Ven.·. propôz que esta Loj.·. manifestasse o seu pesar pela de-

---

[1] N.º 36-A.

serção desses obr∴ fazendo votos pelo engrandecimento do vosso ⊡ que tão caro é ao da Loj∴ Liberdade e pelo bem da nossa Aug∴ Ord∴.

Dispende, CC∴ e TT∴ II∴ do limitado prestimo de que pode dispôr a Loj∴ Liberdade e que o S∴ A∴ do U∴ vos aj∴ e il∴.

O Ven∴ — (a) José Maria Dias Ferrão, I∴ — O Secret∴ (a) Francisco Martins Grilo, gr∴ 3º.

Nº 127 (1)

A' Gl∴ do S∴ A∴ do U∴
L∴ E∴ F∴

Vale de Coimbra, 2 de fevereiro de 1902 (e∴ v∴)

Ao Gr∴ Secret∴ Ger∴ da Ord∴
C∴ e R∴ I∴

Acusamos a recepção da vossa pranch∴ de 27 de janeiro na qual nos enviais inclusa uma copia duma pranch∴ da Loj∴ Les Admirateurs de Saint-Just ao Or∴ de Paris, a qual, depois duma leve discussão sobre os termos em que estava redigida foi unani-

(1) Nº 36-B.

mamente aprovada por todo o ⊡ desta Resp.·. Loj.·.. Incluso remetemos a citada pranch.·.

Recebemos os ddipl.·. que nos enviasteis e brevemente vos remeteremos a med.·. prof.·. doutros II.·. ha pouco inic.·.

. . . . . .

Recebemos tambem os decretos n.os 1 e 2 de 2 de janeiro sobre a dissolução e eleição do Cons.·. da Ord.·. para a qual não nos fizemos representar no Congr.·. nos termos da Const.·. porque só recebemos esses decretos no dia 29 de janeiro.

A correspondencia para esta Resp.·. Loj.·. continuará a ser dirigida para o Ven.·. resignatario (Rua da Matematica, n.º 19) até que o novo Ven.·. tome posse o que vos será participado.

Aceitão, C.·. e R.·. I.·. o abr.·. frat.·. que esta Loj.·. vos envia e que o S.·. A.·. do U.·. vos aj.·. e il.·.

O Ven.·. — (a) José Maria Dias Ferrão, 5.º.·. — O Secret.·. — (a) Francisco Martins Grilo, gr.·. 3.º.

Nº 128 (1)

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.
Val.·. de Coimbra, 3 de março de 1902 (e.·. v.·.)

Ao Cons.·. da Ord.·. — CC.·. e RR.·. II.·.

Temos a honra de vos participar que nas nossas sessões de 26 de fevereiro e 2 de março foram iinic.·. os pprof.·. Armando Macedo que tomou o nome simb.·. de Mascagni; Augusto Lopes Carneiro que tomou o de Marat; e Manuel Augusto de Castro Rebelo Pereira que escolheu o de José Estevam. Igualmente vos participamos que na nossa sessão de 2 do corrente foi regeitado por não satisfazer ao interrogatorio o prof.·. João Bernardo de Castro; sendo nessa sessão proposto para ser inic.·. nos nossos aaux.·. mmist.·. o prof.·. Antonio Augusto Correia de Melo, natural do Faial, de 21 anos de idade, estudante do 1º. ano de direito e o Mest.·. Maç.·. João Alves Barreto ex-oler.·. da Resp.·. Loj.·. Prometeu.

Tambem levamos ao vosso conhecimento que a nossa Resp.·. Loj.·. votou a inic.·. no

(1) Nº. 38-A.

gr.·. 2º. aos aprendizes José Lobo Garcez Palha de Almeida (Carnot), Luiz da Silva Ribeiro (Alexandre Herculano) e Joaquim Rodrigues da Silva Leite J.or (Emilio Zola).

Aproveitamos esta ocasião para vos enviar o aber.·. frat.·. da Resp.·. Loj.·. Liberdade fazendo votos para que o S.·. A.·. do U.·. vos aj.·. a il.·..

O Ven.·. — (a) Antonio Aurelio da Costa Ferreira gr.·. 3º. — O Secret.·. — (a) Francisco Martins Grilo; 3.·.

Nº. 129 (1)

(Rascunho incompleto)

Ao Cons.·. da Ord.·.

Tendo-nos constituido em loj.·. irregular somos encarregados por essa loj.·. de vir perante vós patrocinar-vos o desejo que temos de regularisar a nossa of.·. colocando-a sob os auspicios do Gr.·. Or.·. de Portugal, afim de que o nosso esforço dirigido e auxiliado por vós, alguma causa de util e bom

---

(1) Sem data. Letra de Martins Grilo. Deve formar par nº. 69-A, porque a nº. 70 é resposta;

passa fazer na santa cruzada que á Maç∴ incumbe.

Composto o novo ⊡ por bastantes oblr∴ vindos da R∴ Loj∴ Liberdade, a este val∴ julgamos-nos na obrigação de vos participar os factos que os leváram a abandonar aquela Loj∴

De ha tempos que, divergencias de opiniões, haviam determinado entre os oblr∴ da Loj∴ Liberdade uma scisão. Cada um dos dois grupos que se formáram pensava de modo diverso e olhávam-se sempre com desconfiança. Quizemos manternos por amor á causa por que pugnávamos, mas os nossos antagonistas principiaram a usar para comnosco de meios menos proprios entre mmaç∴. Da desconfiança passáram á intriga e daí á desconsideração.

Chegamos ao ponto em que a nossa dignidade de homem e de maç∴ nos não consentia manternos por mais tempo. Na ultima sessão da Loj∴ Liberdade um dos nossos oblr∴ tomando como pretexto o facto do nosso Ir∴ Martins Grilo ter proposto um antigo oblr∴ da R∴ Loj∴ Cap∴ Academia Livre, que ~~[illegible]~~ as questões havidas nesta of∴ com os nossos CC∴ e RR∴ IIr∴ Dias

---

dando esta a indicação de que era de 28 - dezemb.º

Ferrão e Mario Duque abacáram estes ultimos, mais propôr um voto de censura áquelle nosso P.·. D.·.. O modo pouco correcto como tal voto foi proposto, a significação que ella tinha de simplesmente querer offender um dos nossos mais prestimosos deste val.·. é o facto de, na pessoa dele, se pretender offender todo o grupo que o rodeava, indignou-nos.

Resolvemos, pois, pair, para evitar questões de mais vulto que redundariam tão sómente em prejuizo do Maç.·. e não querendo ficar inactivos, ambos desejosos de trabalhar, lançámos as bases na nossa nova Loj.·.. Para ella chamámos alguns obr.·. dos conselhos da Loj.·. Academia Livre e outros que neste val.·. se encontráram dispersos tomando como principal cuidado o fundar uma loj.·. em que reunissemos o maior numero possivel de elementos extranhos á classe academica, á qual, por assim dizer se encontrava limitada a acção do nosso Ilg.·. Ir.·. neste val.·.

Alguma coisa conseguimos já neste sentido e muito esperamos conseguir.

E' porem nosso desejo que a loj.·. que ora se funda seja quanto antes regularisada e logo como Loj.·. Cap.·.

Neste sentido e para aplanar dificul-

dades que sempre se levantam em empresas desta ordem, vimos perante vós fazer alguns pedidos que esperamos do vosso favôr nos serão satisfeitos.

São eles:

1º: Que nos sejam concedidos sete ggr∴ de C∴ R∴ ✠ ficando os ooler∴ que com tal honra possam agraciados na obrigação de satisfazerem somente o preço dos seus ddipl∴;

2º: Que os ooler∴ que componham o ⊡ da nova loj∴ até ao momento da sua instalação paguem simplesmente os ddipl∴ dos ggr∴ que possuirem ou lhes sejam conferidos;

3º: Que o Gr∴ Or∴ nos dispense o pagamento da . . . . . .

. . . . . .

Nota:

Na transcripção das cartas observou-se a orthographia dos autores.

São postos os documentos nos 23 - 28 - 29 - 30 - 33 - 38 - 40 - 47 - 53 - 54 - 58 - 77 - 80 - 81.

Vol. I.

Documentos

Academ. Livre — 1899 - 901 —

Doc.os 1 - 20

Liberdade ——— 1901 - 903

Dos. 21 - 86

Pró-Scribale ——— 1904 - 1905

Dos. 87 - a 113.

Suplemento ———

Dos. 114 - a - 129.

Começado a copiar em 1904: terminou a 12-agosto-1921.

Começado a copiar em 15-agosto-921.

Intervalo

Pag.

I — doc.º n.º 130 a 142 (1905 – 1907) — 1

II — Caderno de apontamentos (1907 – 1908). — 24

Resp.: Loj.: Portugal

I — Caderno de apontamentos – (1908 – 1909) — 117

II — Documentos; n.os 167 a 270 (1909 – 915) — 131.

Restos..

Documentos: N.º 271 – 274 (1915) — 287.

Terminou copia doc.ºs em 7-janeiro-922.

[illegible]	78	"	[illegible]
" C	85	"	A[illegible]
	17	"	Joa[illegible]
	171	"	Da[illegible]
C	186	"	Alf[illegible]
C	211	"	Jos[illegible]
C	292	"	Joa[illegible]
C	412	"	M[illegible]
C	45	"	Jos[illegible]
C	52	"	Ale[illegible]
C	54	"	Joa[illegible]
Nosterms da Cor	56	"	Ale[illegible]
C	75	"	Tie[illegible]
C	80	"	An[illegible]
C	295	"	Joa[illegible]
C	166	"	José[illegible]
C	223	"	Jos[illegible]
C	256	"	Jo[illegible]

Coimbr[illegible]

Ad Universum Terrarum Orbis, Summi Architecti Gloriam

E.·. F.·. C.·.

SOB OS AUSPICIOS DO

Gr.·. Or.·. Lusitano Unido, Sup.·. Cons.·. da Maç.·. Portugueza

O Cap.·. da R.·. Loj.·. **PRO VERITATE**

Ao vall.·. de Coimbra

N.º

A

Vall.·. de Coimbra, de de 190 (e.·. v.·.)

38

Á GL.·. DO S.·. A.·. DO U.·.

L.·. E.·. F.·.

Sob os auspicios do Gr.·. Or.·. Lus.·. Un.·.

Sup.·. Cons.·. da Maç.·. Port.·.

A R.·. L.·. Cap.·. Academia Livre

Portugal, vall.·. de Coimbra

A

de Cimen. reg.ᵗᵉ	78	"
" C	85	"
	7	"
	171	"
C	186	"
C	211	"
C	292	"
C	412	"
C	45	"
C	52	"
C	54	"
Nostrums du Cᵒʳ	56	"
C	75	"
C	80	"
C	295	
C	166	"
C	223	"
C	256	

Coim

Á GL.·. DO S.·. A.·. DO U.·.

GRANDE ORIENTE LUSITANO UNIDO

Sup.·. Cons.·. da Maç.·. Portugueza

UNICO LEGALMENTE CONSTITUIDO PARA O REINO DE PORTUGAL E SEUS DOMINIOS

Vall.·. de Lisboa de de 190 (e.·. v.·.)

A Gr.·. Secr.·. Ger.·. da Ord.·.

N.º

Copia do Decreto nº 16

Nós, Luiz Augusto Ferreira de Castro, Gr.·. Mest.·. Sob.·. Gr.·. Com.·., como Chefe Sup.·. da Ord.·. Maç.·. em Portugal, tendo ouvido o Cons.·. da Ord.·., Decretamos: Art.º 1º - Depois de cumpridas as formalidades estabelecidas na Const.·. e leis vigentes, é admittida á inst.·. e reg.·. sob os auspicios do Gr.·. Ch.·. Lusitano Unido, Sup.·. Cons.·. da Maç.·. Portugueza, a Resp.·. Loj.·. Cap.·. Pro Veritate, do rito escocez, ao Vall.·. de Coimbra, a qual fica tendo o numero duzentos e quarenta; Art.º 2º - Pela Gr.·. Secret.·. Ger.·. da Ord.·. lhe será passada e expedida a respectiva Cart.·. Pat.·. para que possa funccionar. Prac.·. no Gab.·. do Gr.·. Mest.·. aos 21 de abril de 1904 (e.·. v.·.). (a a) O Gr.·. Mest.·. Sob.·. Gr.·. Com.·., Luiz Augusto Ferreira de Castro, 33.·.; O Res.·. do Cons.·. da Ord.·., Luiz Filippe da Matta, 33.·.; O Gr.·. Sec.·. Ger.·. da Ord.·., Felis Ferreira, 33.·.

Está conforme

O Gr.·. Sec.·. Ger.·. da Ord.·.

Felis Ferreira, 33.·.

Pro-Ven

21-4-

I

N.º 130

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. b.·. G.·.

R.·. Loj.·. "Patria" ao Val.·. de Coimbra. — Repartição do Gabinete do Ven.·. Mest.·. 2 de junho de 1905 (e.·. v.·.)

Ao Pod.·. Ir.·. Dr. Francisco Martins Grilo, gr.·. 25 ao val.·. de Coimbra.

O abaixo assinado, Ven.·. Mest.·. da R.·. Loj.·. Patria do val.·. de Coimbra, vem pedir-vos sobre o assunto pendente das passagens, uma resposta definitiva e categorica, por escrito, até amanhã, sabado, 3 do corrente, ás sete horas da tarde, afim de esta R.·. Of.·. ficar habilitada a tomar immediatamente qualquer deliberação.

O abaixo assinado sente insistir assim neste ponto por lhe haverdes dito que hoje, sexta-feira, resolveriais este assunto, e por-

que, vendo de sair deste vale, em poucos dias, é forçoso que tudo fique resolvido e assente, conforme as profícias deliberações desta R.·. Of.·.

Aproveitando a oportunidade para vos enviar o abraço fra.·., o abaixo assinado faz votos para que o Sup.·. A.·. do U.·. vos aj.·. e il.·.

(a) Faustos de Quadros, 25.·.

{Lugar do carimbo da Loj.·.} Graç.·. na Reparr.·. do Gab.·. do Ven.·. Mest.·. — O Secret.·. Particular — (a) Garki, 3°.·.

Nº. 131

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. B.·. F.·.

R.·. L.·. "Pátria" ao val.·. de Coimbra. — Reparição do Gabinete do Ven.·. Mest.·. 11 de junho de 1905 (e.·. v.·.)

Do Pod.·. Ir.·. Francisco Martins Grilo gr.·. 25 ao val.·. de Coimbra.

O abaixo assinado, Ven.·. Mest.·. da R.·. Loj.·. Pátria, vendo-vos na ruais de dez dias

pedido resposta por escrito, até ao dia imediato á noite, sobre o assunto da vossa passagem a de outros obr.·. da R.·. Loj.·. Pro-Veritate para esta R.·. Of.·., conforme o vosso pedido verbal, e recebendo, no prazo indicado então, unicamente uma simples comunicação oral, embora com caracter definitivo e categorico, em que afirmastes que no dia seguinte enviaríeis nesta Secret.·. o pedido respectivo e documentos, o que com extranheza se não verificou, vem comunicar-vos que a R.·. Loj.·. Patria se considera desde já desligada completamente de qualquer compromisso para convosco e para com os restantes VV.·. II.·. cuja passagem não póde admitir por ter resolvido fixar numero certo dos obr.·. do seu ⊡ e não haver actualmente vaga para nenhuma admissão por passagem.

O abaixo assinado extranha o vosso inqualificavel silencio que só póde ser comparado ao outro procedimento da vossa R.·. Of.·. sobre o caso do aluguer do nosso Temp.·. em janeiro, tendo-se alem disso utilisado dele por diversas vezes, por generoso empenho, sempre sem a minima atenção ou agradecimento.

Nestes termos, o abaixo assinado dá este assunto por terminado, abstendo-se

de entrar em quaisquer outras negociações, quando é certo que as suas atenções e delicadezas, e as da R.·. Loj.·. Patria nem por todos costumam ser egualmente correspondidas.

Que o S.·. A.·. do U.·. vos aj.·. e il.·.

(a) Fausto de Quadros, 25.·.

[Lugar do carimbo da Loj.·.] O Secret.·. da Repartição do Gab.·. do Ven.·. Mest.·. — (a) Gorki m.·. m.·.

Nº 132

Amigo Fausto:

Cheguei ha dois ou tres dias de Aldeia das Dez, duma aventurosa deligencia por terras nunca vistas. Não sabia, por consequencia, o que se passára na minha ausencia a respeito das nossas cousas.

Ontem, porem, fiquei um tanto ou quanto admirado com uma catilinaria que você mandou ao Grilo e que eu li por alto porque ia no amaricano, na volta do maio profano dos divertimentos: dos cavalinhos.

Que diabo é que houve? Confesso que não percebi nada. Do que você lá diz nada

tomo para mim porque nada fiz para merecer a "descompostura" que nos arruma.

Você terá as suas razões, mas quero crer que não terá razão.

Pode-me mandar dizer quando vai para Lisboa? Este mundo, é, como dizia o outro, com verdade, uma verdadeira bola! Enquanto fui á Aldeia das Dez veja o que por aí vai: complicou-se a questão de Marrocos, a guerra do Oriente e . . . a nossa admissão na Patria! . . .

Sem mais. Disponha sempre do seu velho amigo e antigo condiscipulo

Traç.·. no Quartel de Inf.ª 23 log.·. oc.·. e bem iluminado — 18-junho-1905.

(a) Belisário Pimenta

N.º 133

Coimbra — 15 de setembro de 1905

Meu caro Sobral:

A causa não nos larga: somos positivamente, uns homens de importancia...

Como você sabe, ficamos em nada resolver a respeito de nova Loj.·. e nestas disposições estava quando noutro dia fui á Fi-

gueira passar uma noite. O Luis Ribeiro está lá e esteve comigo muito tempo conversando acerca das novas desordens na Pro-Veritate, das quais vai resultar uma nova scisão.

A scisão é formada por elementos academicos: Baltazar Ribeiro, Sergio Calisto, Amorim, Pais Cabral, etc. e foram convidar o Ribeiro; o Ribeiro não aceitou sem me ouvir e a você, mas combinámos (secretamente) o seguinte que agora vou submeter á sua aprovação: o Ribeiro entrava no grupo, fazia ver a dificuldade da escolha do Veneravel e disporia as coisas para virem ter comigo.

Passados dois dias volto de novo á Figueira, á noite, e o que é verdade é que o Baltazar e o Sergio vieram ter comigo oferecer-me o mathete, para eu tomar conta do barco, que dirigisse, que mandasse, etc. etc. Nisto, apareceu o Ribeiro e em volta duma mesa de café, tomando chocolate de Matias Lopes, combinárám-se algumas cousas, mas eu não dei a palavra definitiva sem você dizer o que pensa.

Disse mesmo que impunha a sua entrada para o ⊡, entrando eu, o que eles aprováram. Responda, pois, fazendo as considerações que entender pois sabe que

resulve as terei em muita consideração.

Quando visita da Figueira, o Fernandes Costa, no comboio, disse-me que precisava ter uma conversa comigo, que me não queria desgarrado e á boa vida... Eu não desgostava de embarcar para o Portugal, mas gostaria mais de seguir com os rapazes. O Portugal talvez me queira por causa do gr.·. para conseguir o Capitulo; mas me embora resulve é a nossa casa.

Estou, porem, um pouco embalado: a nossa Loj.·. é academica e eu estou mesma divida para com alguns II.·. que não são academicos e que me disseram quando eu saí da Pro-Veritate que estavam ás minhas ordens para tudo o que eu fizesse. Ora já vê que, se a nossa Loja não admitir depois alguns, tres ou quatro, II.·. não academicos, eu moralmente, estou impossibilitado de aceitar o oferecimento. São eles: o Machado, funileiro («o careca»), o Mendes Alcantara e o Costa.

Não lhe parece que tenho razão? Consulto, Rei-de ver: se eles estão dispostos a aceitar 3 ou 4 fusbricas, aceito, naturalmente; se não, não devo aceitar e continuo na disponibilidade.

Mande você dizer o que lhe parece tudo isto. Bem sei que estas coisas cheiram a

trapalhada; mas se eu vir que a nova Loj∴ não tem condições de estabilidade, não quero andar mais de Herodes para Pilatos.

E com esta não enfado mais. Responda, você deve ter vagar. Mande sempre o que é seu amigo, etc. etc.

(c) Belisário Pimenta

Nº. 134

Alcains — 20 de setembro de 1905

Meu caro amigo:

Recebi a sua carta de 15 a que só agora respondo porque tenho andado por fóra da terra em excursão venatoria, seguida dumas vindimas, etc. etc. Agradeço-lhe penhorado a prova bem grande de amisade sincera e leal que me deu impondo a minha entrada na Loj∴ em projecto, bem como tambem agradeço a consideração que liga á minha opinião o que só significa bondade da sua parte.

Apesar do desenvolvimento que deu á sua carta compreende o meu amigo muito bem que lhe faltam muitissimos pormenores necessarios para se poder fazer um juiso se-

guro da situação. Só uma longa conversa ou muitas longas conversas me poderiam habilitar para dar a minha opinião e para resolver sobre o meu procedimento.

A nossa última conversa sobre assuntos maçs. aquela em que ficou assente nada resolver sobre a nova Loj. foi muito curta de modo que não pude dizer-lhe o que pensava sobre os factos relatados pelo Luis Ribeiro e que foram a causa determinante daquela resolução.

A meu vêr, não é na Pro-Veritate que ha os traidores; esses, se existem, estão arrumados no Gr. Or. o que inutilisa todos os esforços duma Loj. pulverisada aquela poderia maç. . E' convicção minha que assim nada se pode fazer, antes pelo contrario, teremos feridos numa luta em que os reacionarios estão de melhor partido. Ou os maçs. veem que pôr homens independentes á força eles não possam prejudicar ou então deve a Maç. ser constituida por um punhado inteiramente novo sem relação absolutamente de especie alguma com as loj. existentes e muitos ainda com o Gr. Or.

Pode ser que esta minha opinião seja disparatada mas, modestia aparte, não me parece, antes a julgo uma consequencia logica dos factos contados pelo Luis e de que

você, segundo julgo, também tem conhecimento. Pelo que ele me disse, parece-me que só uma Loj.·. independente, formada por elementos reconhecidamente bons e que a pouco e pouco fosse recrutando outros e de cuja existência ninguem pudesse mesmo, e especialmente, os outros Mmaç.·.: é que poderia fazer alguma coisa. Isto é uma opinião pessoal e suscetível de se modificar desde que reconheça que estou em erro.

Não envolve também uma recusa formal á minha regularisação porque acima dos meus interesses coloco o bem geral e os deveres de amizade.

Bárbara em saber em mesmo respeitar que você não aceitaria a proposta que lhe fizeram por minha causa para eu ser o primeiro a querer que me regularisassem. Eu conto sair daqui antes de 15 de outubro e logo que aí chegue conferenciarei com o meu amigo e com o Luis. Por mais prolixo que eu seja não ha nada como um quarto de hora de palestra para esclarecer o assumpto.

Receio que a nova Loj.·. não se poderá constituir antes de abertas as aulas, por isso tenho tempo de falar comigo e de dar a resposta. Um favor de bom amigo que você me fará é não se prender em nada com-

go para a resposta que tem a dar aos homens; aceita ou recusa sem se lembrar que eu existo e não lhe afirmando que eu tambem entro. Exige, visto que já o fez impulsionado pela sua lealdade e pela consideração em que me tem que fique a porta aberta para eu entrar quando quizer ou poder.

Isto me basta e não me melindra absolutamente nada procedendo sem se prender comigo; antes pelo contrario, me fará nisso favor.

Quando procurei o Manuel Antonio para em meu nome, no do Luis e no do Grilo recusar os ggr.·. disse-lhe que era minha intenção nunca mais voltar ao serviço activo ou que se o fizesse não seria por estes tempos mais chegados; alem disto você compreende muito bem que preciso obter uma colocação porque a leccionação pouco me dá, não é uma cousa certa e alem disso pela reforma de farmacia os alunos acabarão daqui a 4 ou 5 anos. Como você talvez saiba, o Sousa Gomes auxiliou-me muito quando foi da dissertação para o concurso de farmacia e interessou-se bastante pela pretenção da creação dum outro lugar de administrador; ora se ele dá sorte por me saber na maç.·. e deixa de

mexer os pauzinhos em meu favor, ou o que é peór, lhe dá para os mexer de modo a prejudicar-me?

Isto não é puquar só pelos meus interesses porque quanto mais independentes e de posição segura houver na maç∴, melhor.

Ficamos, pois, nisto: eu não lhe dou por enquanto resposta sobre a minha entrada e o meu amigo se vê que deve aceitar, ou nisso tem vontade, aceita, na certeza de que me magoará profundamente se desistir das suas ideias pelo facto de eu não ir consigo.

O que já lhe posso afirmar é que, se você entrar para essa Loj∴ e eu não estiver consigo é porque tambem não estou com mais ninguem.

Quanto á admissão dos tais jubricas, creio que, desde o momento em que você lhes diga que a Loj∴ não admite senão academicos e que você tenha feito os esforços para eles entrarem, não teem de que se queixar. Não é você que a funda, é convidado; e seria levar muito longe a abnegação o recusar, fundado na recusa da admissão deles. Mesmo que lhes permitissem a entrada eles não devem aceitar. Eu no lugar deles não o fazia.

É verdade: o que ha a respeito dos atestados de quite? Ainda o não passaram?

Creio que lhe pedi o favor de receber o

meu e expontular os colores respectivos. Se não fiz esse pedido, faço-o agora, agradecendo desde já mais essa finesa.

Não me póde dizer o que é que origina a nova scisão? Se não se encomodar muito diga qualquer coisa.

No nome dos futricas, cita o Costa; não será engano? Queria escrever Peça e escreveu Costa? Se se refere ao Costa das bombas e pintor e preciso ter sempre a redea muito tesa e a mangedoira alta.

Basta de estopada.

Abraça-o o seu amigo det.º

(a) José Soleral.

N.º 135.

Meu caro Belisário

Acabo de receber um ultimatum da Resp.·. Loj.·. Cap.·. Pro-Veritate, desse val.·. q. me diz que, se não entrar na Tesour.·. daquele Templ.·. até ao dia 20 do corrente com a quantia de 4:000 reis, ser-me-ha aplicado o artigo 286 do Reg.·. Ger.·. que, segundo julgo, me manda irradiar. Esta carta foi-me dirigida para a Lousan, onde já não estou desde maio e só agora me veiu á mão.

Certamente estou já irradiado, com o que me não importo, mas, todavia não desejava que fosse por falta de pagamento de quotas. Apesar de que eu não sou obrigado a pagar semelhantes quotas, porque se havia estabelecido entre os mesmos CC∴ e RR∴ Ih∴ embora noutro ⊡ que as quotas mensais para os Ih∴ ausentes seriam muito mais pequenas como o meu amigo tem conhecimento, pois até já me fez o favor de pagar algumas. Por isso, resolvendo posteriormente, embora noutra of∴ elevar aos ausentes do val∴ as suas capitações mensais, a lealdade mandava que eles fossem prevenidos. Não é verdade? Pois nenhuma prevenção cá me chegou.

Posto isto, meu caro amigo, remeto-lhe, em vale do correio, a medalha profana de 4000 reis que terá o encomodo de entregar na Tesouraria de Pro-Veritate, se ainda não fui irradiado, porque se já o fui peço-lhe que guarde a importancia em seu poder. E ao mesmo tempo lhe peço tambem que me solicite o meu atestado de quite, porque de maçonarias já cá tenho o meu quinhão. Não quero mais.

Desculpe esta suposição (?) mas isto nada diz respeito ao meu amigo que ignoro até se pertence a esta R∴ Loj∴ por ter

havido ha tempos qualquer coisa em que vagamente me falou.

Incluso lhe envio um cartão com a minha morada aqui onde estou ao seu dispôr.

Aceite um apertado abraço etc. etc.

Lx.ª — 20 - novembro - 1905

(a) José Maria Dias Ferrão.

N.º 136

Coimb.ª — 24 - novembro - 1905.

Amigo João Brandão:

Recebi ante-ontem uma carta do nosso C.·. Ir.·. José Maria Dias Ferrão que ha bastante tempo se acha em Lisboa e que ha uns dias recebeu da R.·. Loj.·. Pro-Veritate uma nota em que se lhe dizia para entrar, dentro de certo praso, marcado até ao dia 20 do corrente, com uns meses que tinha em debito.

Este nosso Pod.·. e Resp.·. Ir.·. que me merece toda a confiança, desde maio que não voltou á Louzan, por isso só agora recebeu o aviso dessa Loj.·. que lhe tinha sido enviado para esta vila; e não desejando que lhe aplicassem qualquer art.º do Regulamento por falta de pagamento, imediatamente me es-

creveu, enviando-me a quantia indicada.

A este respeito, porem, meu caro amigo, devo dizer-lhe uma causa: a quantia que estava indicada para o Ferrão pagar, era de 4.000 reis o que a mim me admirou pois que eu tenho sido encarregado sempre, desde 1904, de pagar as provas a este nosso Ir.·. e por um descuido meu, ainda lhe não entreguei os recibos. Como os possuo, ainda vi que, todos os meses de 1904, teem a prova de 80 rs. (creio que é a capitação) e os dois meses que ele pagou deste anno (jan.º e fever.º) são igualmente de 80 rs. cada. A sua divida, penso, pois, a meu ver, de 720 rs. e não de 4.000 rs. como dizia a prova enviada.

Enviaram a prova mensal desde março? Em março ainda eu pertencia á Loj.·. como pertenci até muito mais tarde e não me lembra que tal causa se fizesse; se foi depois de eu abandonar os Trab.·. não vim eu conhecimento, mas quer antes, quer depois, parece que a Loj.·. deveria communicar aos Ir.·. que residem fóra do val.·. que lhes iam enviar as respectivas provas.

Isto, meu caro João, é o que me parece razoavel. No entanto, o Ferrão, como deves ter conhecimento é um dos rapazes

que mais lealmente e mais valiosamente serviram a maç∴ em Coimbra; é um excelente caracter e não quere que se diga que foi irradiado (se já o foi) por falta de pagamento. Está pronto para pagar os 4.000 reis e tanto que os tenho em meu poder, mas a amisade que lhe tenho obriga-me a fazer estes comentarios e a pedir-te que vejas o que a tal respeito ha.

Desculpa o encomodo e trata-me do assunto como tem que muito te agradecerei.

E, já que te encomodo, vê lá o que sabes a respeito do meu atestado de quite e dos meus vales de 1.000 reis: se só eu é que fico quite com a Loj∴ ou se a Loj∴ tambem quere ficar quite comigo.

Dispõe sempre do velho amigo etc.

(a) Belviano.

Nº 137

A' Gl∴ do S∴ A∴ do U∴
L∴ E∴ F∴

A Resp∴ Loj∴ Cap∴ Pro-Veritate, Nº 240 ao val∴ de Coimbra — Ao Pod∴ Ir∴ José Maria Dias Ferrão, simb∴ Benoit Malon C∴R∴ ✠

M.M.
3

Val∴ de Coimbra, 11 de dezembro de 1905 (e∴ v∴)

Pod∴ Ir∴

Novamente vos instamos por esta ultima rogatória-circular, queirais satisfazer a importancia de 4.500 rs. relativa a quotas dos meses de março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, até ao dia 20 do corrente mês de dezembro, findo o qual praso serão declarados em Loj∴ incursos no art.º 286 do Reg∴ Ger∴ todos os IIr∴ em debito.

Que o S∴ A∴ do Univ∴ vos aj∴

O Ven∴ — (a) Pinard 29∴ — O Secret∴ — (a) Prim, 18∴

Nº 138.

Meu caro amigo:

Recebi ha tempo a sua amavel carta que muito me penhorou. Creia que não estou zangado consigo nem tenho de quê e haviam de ser muito fortes as razões que quebrassem os liames da nossa velha amisade, cimentada já por tantas provas de estima e de elevada consideração.

Conte-me sempre no numero dos

seus verdadeiros amigos, e quando não tiver nenhum conte-me ainda como certo. Não lhe respondi porque não era preciso dizer-lhe mais coisa alguma. Estava o meu amigo senhor do negocio e com plenos poderes para fazer o que lhe aprouvesse.

Porem, hoje, recebi a inclusa pranch.:.[1] que já andou pela Lousan e em face dela os homens ainda estão bravos comigo. São terriveis. Colectam a gente assim sem mais nem menos e agora ameaçam-me a serio. Depois de tantas lutas e de tantos trabalhos em prol da nossa Aug.:. Ord.:. não quero ser posto fóra do gremio do Sup.:. Arq.:. do Univ.:. por caloteiro. Tenha o meu amigo mais o encomodo de liquidar lá com os homens e de lhes dizer que risquem o freguez que não paga mais.

Dê para aqui as suas ordens e aceite um abraço do seu verdadeiro amigo

Lx.ª, 16 - dezembro - 1905

(a) José Ferrão.

---

[1] É o doc.º anterior, n.º 137.

N.º 139

Penriche — 19 de desemb.º - 1905

Meu caro José Soberal

Desculpe o encomodo. Os amigos de Penriche . . . são o que vê! Chegam e começam logo a dar massada. Tenha paciencia.

O nosso José Ferrão escreveu-me de novo, enviando-me uma pranch.: da Loj.: Pro . . . Mentirate na qual esta novamente o descompõe por caloteiro. Ora, como você sabe, eu escrevi ao João Brandão e como até agora não me desse resposta, eu não tinha pago. Agora, porem, fiquei encavacado porque o Ferrão ha de dizer que eu não tratei do caso.

Por isso, amigo Soberal, envio-lhe esse dinheiro para o meu amigo ir, quando podér, ao nosso ex-Is.: Antão (o bilheteiro da estação) e pedir-lhe os recibos daquilo que o Ferrão deve. Guardará o que crescer e os recibos, se me fizesse esse favor, mandavamos, para eu os enviar ao Ferrão.

Desculpa a massada?

Eu darei uma tôsa áquela gente, numa bem redigida e substanciosa pranch.:.

Tenha paciencia com estas massadas e

diga o que quére dos amigos, isto é, do amigo e Ir.·. que actualmente se acha em Penniche. Um abraço e mande sempre o seu am.º dev.º etc.

(a) Belisário.

Nº 140 (1)

Meu caro amigo:

Muito obrigado pelas suas cartas e pelo cuidado que tem tido sempre com os meus negocios. Aí vai o requerimento que não sei se vai em termos lá para os homens. Peço-lhe que tenha mais essa massada e que liquide o que por lá houver.

Conte com um dia para mim quando por cá vier. Sem tempo para mais, mande o seu amigo certo etc.

Lx.ª — 19 de fevereiro — 1906.

(a) José Ferrão.

(1) É um bilhete de visita.

Nº 141

A' Gl∴ do S∴ A. do U∴
L∴ C∴ F∴

Vale de Coimbra, 12 de janeiro de 1907 (e∴v∴)

Ao Pod∴ e M∴ I∴ Veneravel da Loj∴ Pro-Veritate.

Dentro de pouco tempo deve fazer tres anos que a M∴ Loj∴ Pro-Veritate resolveu contrair um emprestimo de 60.000 reis para as despesas da instalação do Templ∴, amortisavel dentro do praso dum ano, por meio do sorteio mensal de acções.

Passou-se o primeiro ano, o segundo e em breve vai passar o terceiro; e das acções com que fiquei só uma foi paga conforme o compromisso tomado pela Resp∴ Loj∴

Mas, alem disso, deu-se um caso que eu já fiz notar e que agora de novo vos noto: é que, quando me foi concedido o meu atestado de quite, pareceu-me que a Loj∴ me não confiou o documento sem eu ter pago uma quota em debito e a importancia do proprio documento. Só assim a Loj∴ ficou quite comigo sem contudo ver que o ficar verdadeiramente quite seria restituir-me o valor das acções com que fiquei e que —

graças á minha boa vontade e á minha ingenuidade — não foram poucas.

Não quero importunar-vos mais C∴ e Pod∴ Ir∴. Apenas expenho isto ao vosso bom senso para que procedais conforme a vossa consciencia e para que eu não fique sem a quantia dispendida ha perto de tres anos.

Que o S∴ G∴ vos aj∴ e il∴.

(a) Belisário Pimenta, Numalvares, gr∴ 20.

Nº 142 (1)

Meu bom amigo. — Estou numa situação desgraçadissima devido á minha falta de trabalho sem ter pão para seis filhos e como tenho aí as grades para acabar de pintar pedia-lhe mais o favor, podendo, abonar-me qualquer pequena quantia que eu satisfarei quando aí se concluir o serviço ou antes se tanto fôr possivel. Creio desculpará mais uma vez este desprotejido da sorte. — Sou de V.Ecc. creado e Ir∴ — (a) Costa,∴

(1) E' um bilhete de visita.

II

Dum caderno de apontamentos feito dia a dia.

1907.

Coimbra — 9 de maio.

Ha tempos já — cousa de um mês, se tanto — o sargento reformado Pinto dos Santos que actualmente tem uma agencia de publicações na rua da Sofia e que foi do meu tempo no 23, vitima por sinal duma malandrice do Homem Cristo, disse-me umas cousas quaisquer, suspeitas, que cheiravam a cousas maçonicas.

Como o Pinto dos Santos é macaco velho, como se costuma dizer, eu ri-me e fiz que não percebi; mas o homem insistia a tal ponto, quando eu por lá ia, que uma vez, passando pela oficina do funileiro Madeira, na Avenida Sá da Bandeira, chamei o oficial que ele lá tem o Francisco José Machado, a quem nós, pela sua calvice, chamavamos, na Pro-Veritate, o "careça".

— Olhe lá, oh Machado! o Pinto dos Santos é maçon?

— O sargento Pinto?

— Sim...

— Que eu saiba, não... E lá da loj∴ com certeza, não é. Pelo menos, com o meu voto não entrava ele...

Ora, o mesmo Pinto dos Santos, ha uns quinze dias, passando eu na Sofia com o Floro Henriques, da loj∴ Portugal chamou-me e quando entrava, piscou-me o olho, apontando-me para o tecto e disse qualquer cousa pela qual eu percebi que havia em cima reunião maçonica.

Palavra puxa palavra, saí com a convicção de que por cima da pequena loja duma porta só, se reunia a Loj∴ Patria.

Na verdade, ha uns dias que por ali estacionávam muito o Vasconcelos, o Evaristo José Cerveira, o Ladeira, o Pantaleão e como um bocado antes encontrára um grupo deles em Samão, cheguei a concluir que se reuniam sob a vigilancia do Pinto.

Contudo, custava-me a acreditar porque me lembrava o dito do Machado e este Machado conhece muito bem os homens.

Ora no dia seguinte, passei por lá, fingindo por acaso; o homem viu-me, chamou-me, é claro, e pôz-me tudo em pratos

limpos: a Loj.·. Patria desmembrava-se, mercê da rivalidade entre estudantes e futricas; estes ultimos, reunidos, resolveram a scisão e fundar uma nova Loj.·. com gente seria e em pequeno numero para maior estabilidade; e ele, Pinto dos Santos, lembrára aos homens a minha pessoa.

Eu perguntei-lhe então:

— E quem é o Ven.·. indigitado?

— Ha de ser o meu alferes, seu Deus quizer...

Eu olhei para ele, meio surpreendido; ele insistiu com o ar maroto que tem:

— E' o que lhe dizo.

— Bem, isso precisa pensado.

Contudo, comecei a estender-lhe um programa completo de acção maçonica que eu ha muito tinha em pensamento; falei-lhe vagamente na quase abolição do ritual; na assiduidade aos Trab.·.; na absorção de elementos determinados, como fios de uma rede lançada desafiadoramente sobre a cidade; na intenção boa e firme de se fazer pouca cousa, mas que esse pouco fosse bom e util...

Ele ouvia; e, como finorio, comentou:

— Pois o que se quere é um homem tezo para esta cousa... Pense o meu alferes

e respondi, que é para a gente ser cá regular a vida.

E assim foi que eu, indigitado Ven.·. comecei a pensar seriamente no meu valor maçonico... Porque é que os homens me escolheram? Porque é que o Bernardo, quando me vê passar diz sempre a alguem Ir.·. que arbeja ao pé: "ali vai um dos bons?" e leva o seu entusiasmo por mim a ponto do Pinto dos Santos me dizer que, ao ver-me "até se lhe arregalam os olhos!" Porque é que Tomei para eles esta importancia?

Não sei. O que sei é que ao subir as novas ruas até minha casa, eu via-me já Ven.·. a pensar e pria nos discursos que teria que fazer....

Vanitas vanitatum! Omnia vanitas...

No dia seguinte procurei o José Soberal com quem entendi dever conversar a tal respeito; não tomaria resolução alguma sem consultar esse meu velho companheiro de jornadas maçonicas.

Marquei-lhe e pedi-lhe conferencia dizendo-lhe para o que era; ele nada disse, calou-se, esperou a conferencia, porque sem. pre teria tempo para pensar. Guardei-me bem falar ao Vasconcelos a quem perguntaria abertamente o que havia, pois receava

que tudo fosse simples ideia do Pinto e que não houvesse o assentimento geral, dado o qual eu só aceitaria o cargo.

Em 27 de abril, fui a Lisboa, subitamente; as negociações interromperam-se por isso, mas em compensação ouvi a meu cunhado Costa Ferreira o que no Gr.·. Or.·. se dizia acerca da Loj.·. Patria.

Como, por causa da gréve académica, os estudantes sairam, os outros apanhando-se sós, começaram a reunir, cometeram irregularidades etc. etc. de modo que houve suspensão de Trab.·. e talvez tivesse de vir uma sindicancia.

Era esta a versão. E de aí a uns dias, meu cunhado, tendo ido ao Gr.·. Or.·. e falado com o Fausto de Quadros, agora Gr.·. Secret.·. Ger.·. da Ord.·. este dissera que eu devia aceitar porque seria uma boa solução para o conflito. A Loj.·. dividir-se-hia e continuava tudo na melhor ordem.

Eu, de mim para mim, ri-me, porque sei quem é o Fausto de Quadros; e quem o o não conhecer que o compre... Mas meu cunhado é, em muitas cousas, ingenuo e dá-me, ás vezes, a impressão de que acredita em tudo.

Em vista, porem, disto, escrevi ao Pinto dos Santos uma pequena carta em que dizia

que estava "por um triz" a aceitar o honroso convite e que quase podia contar com a minha pessoa.

Sem mais nada, cheguei a Coimbra no dia 6 á tarde; e no dia seguinte, antehontem, tendo encontrado o Vasconcelos com o Floro, não quiz deixar fugir a ocasião e chamei-o á barra:

— Amigo Vasconcelos, preciso falar-lhe!

Fomos até á Sofia, e púz o caso bem ás claras: o Pinto dissera-me "isto assim assim" e eu queria perguntar o que é que pensariam os homens a tal respeito.

Francamente, tambem, o Vasconcelos, respondeu:

— A respeito da sua admissão, não ha, entre nós, duvida alguma. Ha tempos, falámos no meu Amigo e eu disse que o sondaria, mas o Pinto é que quiz esse gostinho e eu deixei-o. O caso, porem, não é esse, pois que o meu Amigo é dos que não admitem discussão; o diabo é o peiòr.

E contou o seguinte: na Patria a maioria academica era enorme, de modo que os estudantes nas ultimas eleições arranjaram as cousas de modo que tomáram todos os cargos e aos fubricas apenas deram o cargo de 2º exp∴ que, como se sabe, nunca póde ocupar o lugar de Ven∴. Isto

é, os homens não queriam que a Loj∴ funcionasse sem capas e batinas.

Ora, ultimamente, como os estudantes sairam de Coimbra, por causa da gréve, os futricas reuniram uma vez, com a presença de uns dois ou tres estudantes e presididos pelo Vasconcelos por ser, como manda o regulamento, o obr∴ mais antigo. Iniciáram um homem, creio que ele disse ser o Nicolau da Fonseca e propuseram outros e participáram ao mesmo tempo para Lisboa o que se fez, como é regular.

Vieram, porem, em abril, os rapazes para a abertura das aulas e os estudantes repontaram com tais factos. O Ven∴, que me não lembra quem é, escreveu para o Fausto e quando foi a Lisboa disse tais cousas que veiu um telegrama do Gr∴ Or∴ para se suspenderem os Trab∴.

E assim, por um mal intendido que eu não sei contar bem, no Gr∴ Or∴ julgáram que os futricas reunindo-se, procederam irregularmente; daí o caso triste e nefando da suspensão dos Trab∴ e que deixou sem resposta o Vasconcelos. Este reclamou de cá e ... nada!

Disto tudo, veiu a ideia da scisão e da fundação duma nova Loj∴ com gente seria e na qual se não admitisse nenhum

estudante e a ideia da minha admissão na mesma Loj∴

No dia seguinte, ontem, fui ter com o Pinto; de novo lhe perguntei pela unanimidade da minha admissão e principalmente ascenção ao malhete; e de novo ele me repetiu que de todos eles nenhum servia para Ven∴ senão eu; que o Vasconcelos é muito bom rapaz, muito serio, mas que o não querem a governar o barco porque "se péla por não fazer nada" e, finalmente, que todos me querem sem discrepancia alguma.

. . . Subi para casa convencido de que tinha de ser Ven∴ custasse o que custasse, e dar assim um exemplo de quanto póde a modestia . . .

Coimbra — 12 de maio.

Noutro dia, prometera ao Vasconcelos e ao Pinto dos Santos que escreveria a meu cunhado, procurando esclarecer o caso para ele lá ajudar a solução. Só hoje, porem, o fiz na seguinte carta:

Nº 143

Meu caro Costa: Como lhe contei, fui convidado para fazer parte de uma nova Loj∴ maç∴ que se deve fundar com os

não-academicos da Loj.·. Patria e do qual sou o persuntivo Mest.·. Ven.·. Tenho procurado obter a informações mais certas da causa do conflito: é, no fim de contas, o velho casus-belli das Lloj.·. onde ha o futrica e o estudante, mas acrescentado com informações falsas enviadas por alguns academicos para o Gr.·. Or.·. que, me parece, produsiram aí um mal entendido. Quero acreditar que fosse um mal entendido; e isto para não acreditar antes que fosse mais algum jôgo do muito conceituado Fausto de Quadros que Deus guarde e sobre o qual o S.·. B.·. do U.·. me livre de lançar a mais pequena suspeita.

Quere-me, no entanto, parecer que os homens não deixam de ter razão, ou pelo menos alguma; e entre os rapazes que formávam a maioria academica — que como você sabe são aves de arribação que nem o merecimento de pagarem regularmente teem — e o Vasconcelos, o João Machado (escultor) o Evaristo Cerveira e outros, eu inclino-me mais para estes que são gente seria e que julgo não me terem mentido.

Não julgue você agora que eu já estou a fazer o jogo para subir a Ven.·.. Não me seduz muito tal honra, pois acima dessas honras e dignidades e desejo e adoro... o meu socego e que me não massem.

Esta é a verdade. No entanto, prometi aos homens escrever-lhe; eu nada quero com o Fausto a quem muito preso e **anco**, por isso lhe escrevo, para ver se você lá desembrulha esta meada e tudo arranja pelo melhor.

E que o S.·. A.·. do O.·. lhe dê doentes com fartura. Um abraço, etc. etc. (a) Bibiano.

A' tarde, passei pela loja do Pinto dos Santos. Mostrou-me ele uma carta para o Fausto de Quadro: era uma carta terrivel em que lhe dizia que os <u>futricas</u> eram, ao menos, dignos da consideração duma resposta, cousa que até agora não tiveram e lembrava-lhe que eram os <u>futricas</u> os unicos que trabalhavam e que pagavam; que se ele fosse aos livros da tesouraria, lá veria quem tinha as ~~...~~ quotas em divida, etc. etc. uma tremenda descompostura.

Vamos a ver o que sae.

<u>Coimbra</u> — 16 de maio.

Logo de manhã, seriam pouco mais de 8 horas, o Pinto dos Santos, chamou-me pelo telefone. Eu estava ainda a dormir, de modo que só lhe falei pelas 11 horas.

Alegremente deu-me parte de que recebera uma carta do Fausto em que dizia que breve tinha de vir a Coimbra com o Gr.·. Mest.·.

M.M.
5

que agora é o Magalhães Lima e cá resolveria tudo pelo melhor...

A' tarde, lá estava para ver o precioso documento: era um bilhete grande em que pedia immensas desculpas de não ter respondido logo, mas que teve tido que fazer; dizia que no seu tempo nunca houvera questões entre fabricas e estudantes; mas como em breve teria de vir a Coimbra com o Gr.·. Mest.·. cá falaria com elles e resolver-se-hia tudo como melhor podesse ser.

O Pinto estava satisfeito pela posse do bilhete; e o Vasconcellos exultava por o Faustino vir com o Gr.·. Mest.·.

— Talvez as coisas, mesmo depois do Gr.·. Mest.·.!

— Arre malandros... acrescentou o Pinto.

Coimbra — 18 de maio.

Hoje voltei á loja do Pinto dos Sapatos, com o Flaro, para trazer o livro «As minhas razões» de João Chagas.

Soubei-me um pouco e ele contou-me que alguns estudantes da Loj.·. Palaia tinham lá ido pedir para serem admitidos no novo quadro, que não queriam ficar com os outros. Respondeu a todos que o resolvido era não admitir senão dois que eram pelos

mas que se não queriam mais capas e batinas alem destas.

Disse mais que até o actual conservador da comarca que é cunhado do Dr. Assis Teixeira e cujo nome me não lembra (1) queria entrar. Eu disse logo que não queria lá tal cavalheiro, o que o Pinto tambem aprovou.

Nisto entrou um comerciante de panos da Sofia ao qual não sei o nome e que faz parte do novo quadro; apareceu o Evaristo Cerveira; e, á puridade, foi-me dizendo que todos estavam muito animados com a minha escolha e que tudo ia ás mil maravilhas. Apenas o Vasconcelos...

E dizia quase ao ouvido:

— O Vasconcelos é que faz esta trapalhada, com o fim de ficar com o penacho, percebe o meu alferes?... Mas é que nós cortamos-lhe ás voltas e eu disse a alguns: o Vasconcelos não nos serve! morre por não fazer nada! vamos nós dar o mathete a F.? E olhe, meu alferes, que todos disseram logo: Serve-nos! é um homem de caracter!

Eu, modestamente, curvei a cabeça... Mas o Pinto atalhou logo:

— Nada, nada! Não é necessario mandar-me presente a casa, por isto...

---

(1)

Mendonça

O Pinto anda entusiasmado com a causa; mas é preciso cuidado com ele...

Coimbra — 31 de maio.

No dia 29, o Pinto dos Santos, telefonou-me, á noite. Disse-me que estava cá um alferes Oliveira, de Leiria, em que já me tinha falado, que queria conversar comigo, combinar cousas.

De modo que, no dia 30 saí e fui á loja dele onde esse alferes me esperava. E' um rapaz novo ainda; tinha sido aqui, no 23, 1º. sargento, e foi para a Africa como alferes de onde vem ha cousa de um ano e agora, em Leiria, quer fundar um triangulo ou, sendo possivel, uma Loj∴ maç∴. E' falador, de gestos sacudidos, não desagrada, mas pareceu-me que tem muita pressa nas cousas de que vinha tratar. E' destes sujeitos que julga que tudo se deve arranjar depressa e que exige celeridade como a um pelotão exige firmeza.

— Ou sim ou sopas!

Disse-me que em Leiria tinha alguns amigos, entre eles um sr. Gaudencio Pires de Campos, farmaceutico e um sr. Palma, comerciante, que levam «meia Leiria atraz de si» e que são republicanos. Que eles andam sempre a perguntar-lhe

— Então isso?

E ele já não sabe o que ha de dizer nem responder. Veiu pois expôr-me o caso para eu proceder.

Confesso que dispensava a honra, mas prometi escrever ao Costa Ferreira pedindo uma resposta decisiva acerca do caso da Loj∴ Patria de que dependia o triang∴ de Leiria. O homem, não sei bem o que queria mas pareceu-me que não ficou muito satisfeito com esta minha pacata intervenção.

Que diabo querem eles? Aquela pressa é cousa que eu não percebo, assim como, ás vezes, um entusiasmo enorme do Pinto dos Santos. Já não são rapazes, já não vão com sonhos, que diabo!

Assim, resolvi escrever a meu cunhado.

Nº 144

Meu caro Costa: De novo volto á carga. Oh! quanto custa a celebridade!... Fui ontem procurado por um alferes de Infantaria 7, de Leiria, Antonio de Oliveira, que veiu a Coimbra saber em que parava o affaire maçonique Patrie; quere fundar na patria de Rodrigues Lobo um triang∴ com o maximo, isto é, seis homens, filiado na nossa nova Loj∴ para depois subir ás honras duma Res-

p∴ Of∴. Deu-me uma relação em que vejo os seguintes nomes: ele, alferes; Gaudencio Pires de Campos, farmaceutico; Palma, comerciante; Sequeira, idem; Barreto, professor da Escola Industrial; Tito Larcher, notario. Os ultimos cinco são republicanos e, segundo a frase do alferes, com o gesto correspondente, de larga apreensão, «levam meia Leiria atraz de si...»

Ora em vista disto, atendendo á Ideia e para satisfazer os homens, peço-lhe que saiba, e com a urgencia que pudér, o que tencionam fazer á escangalhada Patria, para eu dar uma resposta categorica aos patriotas do Liz. Você já conhece o que são estas pressas; querem, de mais a mais, ter tudo pronto antes das proximas eleições (se as houver) e não me largam. Peço, pois, que responda, sem mostrar esta carta ao Fausto de Quadros, senhor muito da minha consideração mas com quem nada quero.

Um abraço, etc. etc. — (a) Bibiano.

Coimbra — 2 de junho.

Hoje, no Lusitano, disse-me o Pedro Machado, um dos dois estudantes que ficam na nova Loj∴ que o alferes Oliveira tinha ido a Lisboa tratar do caso. Fiquei a olhar. Não gostei.

Que pressa! que cousa tão extraordinária, aquele ardôr e aquele zelo maçonicos!

Nunca vi.

Não gostei.

Coimbra — 4 de junho.

Vou escrever ao meu antigo condiscipulo e amigo Antonio Lopes Rebelo de Andrade; sempre quero saber quem são os homens de Leiria.

Este Andrade sabe que sou maç∴, não deve haver grande duvida.

Nº 145

Meu caro Andrade. — Tive noutro dia noticias tuas pelo tenente do teu regimento Taborda de Azevedo e Costa e ha que tempos que não sei de ti!

. . . . . .

Mas vamos ao caso: vou hoje pedir-te informações duns teus patricios. Como pódes calcular, isto é confidencial e peço-te a maior franqueza. A razão do pedido é melhor dizer-ta de viva voz, embora calcules já qual ela seja.

Os homens são: Gaudencio Pires de Campos, farmaceutico; — Tito Larcher, notario; — Barreto, professôr da Escola Indus-

trial; — Palma, comerciante; — Sequeira, idem; — Antonio de Oliveira, alferes do 7; — e Amaral, creio que caixeiro viajante.

Poderás tu dizer-me qualquer cousa a respeito destes senhores? Muito favor me farias e podes ter a certeza — porque me conheces já — que a tua opinião, por mais franca que seja, será de absoluto segredo.

Desculpa e manda sempre, etc. etc. (a) Belisário.

Coimbra — 5 de junho.

Ontem á tarde, consegui encontrar o José Soural; sem grandes preambulos expuz-lhe o caso e ele pareceu-me fugir com o rabo á seringa. Chegou a dizer-me:

— Se você precisa de mim, estou ás suas ordens.

Mas como lhe objectei que o caso não era bem esse, ele ficou de pensar.

Na verdade eu queria-o para orador.

Vamos a ver se o consigo agarrar.

Coimbra — 6 de junho

Ontem, o Pinto dos Santos chamou-me para me mostrar uma carta curiosa do Fausto de Quadros. Respondia, finalmente, mas sem, afinal, responder... E no fim

lançava-me uma beisca muito amavel...
Julgará ela que eu vou pela vaidade?

Coimbra — 7 de junho.

Recebi a resposta do Andrade á minha carta de 4 deste mês.

É' uma curiosa carta:

Nº 146

Porto — 6 de junho de 1907. —

Meu caro Belisario — Lastimei muitissimo as tuas noticias que ha muito tempo não chegavam, ainda que o primeiro culpado fosse eu.

. . . . . .

Posto isto passarei a dar as informações que me pedes de que farás o favor de não fazer uso, tomando-as só para ti.

Gaudencio Pires de Campos — farmaceutico, presidente ou antes chefe do partido republicano em Leiria, por vezes orador e mesmo escritor, rapaz que tenho como inteligente e serio; a ele é imputada uma parceria feita com um dinheiro da procuradoria civil em Leiria. Desconheço o fundamento dessa acusação. Bom chefe de familia e é cunhado do João Brandão de Carvalho que tem uma farmacia na Calçada

junto ao Arco de Almedina, aí em Coimbra.

Tito Larcher — notario e escrivão de direito. Ontem regenerador, regenerador-liberal e hoje republicano. Proprietario e director do «Leiria Ilustrada» (orgão dos partidos avançados da minha parvalheira). Homem muito trabalhador, muito filharento, com pretensões a historiador e, segundo afirmam, muito cheio de dividas o que atribuo á imensa familia que possue.

Barreto — professôr da escola normal e não industrial como dizes. Conheço pouco do seu intimo por estar ha poucos anos em Leiria. Sei, no entanto, que é considerado como professôr competente e homem serio e muito doente.

Palma, comerciante — Desconhecido.

Sequeira — comerciante, proprietario, senhorio da casa onde habita minha familia. E' homem de quem pouco posso dizer. Ha poucos anos foi para Leiria, montou uma padaria com a qual tem feito bom negocio, possuindo já alguma cousa de seu. Homem trabalhador e empreendedor.

Antonio de Oliveira, alferes do 7 — Camaradinha desconhecido por mim mas que pelo nome, julgo ser um que foi colocado naquele regimento quando eu lá era ajudante interino. Lembro-me assim dum

castigo que li na folha dele e que por interessante me ficou de memoria. Diz assim: Repreendido pelo Governador Geral de Angola por viver em comum com sete (!!!) mulheres, pretendendo por meio destas angariar ainda mais (!!!!). Não sei se considere isto como castigo ou se o tome como um louvôr á pimenta de que é senhor. Repito: não sei se é ele, pois apenas me recordo de que o tal era Oliveira.

Amaral — caixeiro viajante. Não conheço e suponho não existir. Conheço, sim, um Amaral, caixeiro da casa Leitão & Cª. Será esse? Na persuasão de que assim aconteça direi que ele e um outro irmão, sendo caixeiros duma casa comercial de Leiria, estabeleceram-se sob os melhores auspicios. O negocio corria bem e eles, ambos rapazes novos, parece que só deitavam contas ao dinheiro que entrava e não ao que tinha que sair, de manheira que, suponho, poseram-se ao desafio a ver o que gastava mais. A breve trecho, o resultado não se fazia esperar: uma quebra que, julgo, foi classificada de fraudulenta. Resultado: um foi para a terra e o outro ficou em Leiria a quem se veiu juntar um irmão mais novo sendo ambos empregados da já referida casa Leitão & Cª.

Eis as informações que poderei dar tão completas quanto as conheço, por ignorar o fim que tens em vista. Como, porem, as minhas estadas em Leiria são sempre de muito curta duração, pouco ao facto estou da vida monotona que lá se gosa e do indigena. Assim, pois, será conveniente não as tomares como veridicas em toda a acepção da palavra.

. . . . . .

Abraça-te o teu amigo etc. — (a) Andrade.

Coimbra — 29 de junho.

Durante um tempo que passei em Miranda do Corvo — até ante-ontem — de nada soube nem quiz saber acerca das negociações da nova Loj∴. No campo não se trata de cousas serias...

Ontem é que, encontrando o funileiro Francisco Machado, na rua do Visconde da Luz, a conversar com o Martins Fernandes, ele disse-me:

— Acabo de dizer aqui a este nosso Ir∴ que ainda o não tinha encontrado, porque lhe desejava dar os parabens...

— Porquê?

— Porque sei que lhe foi oferecido o mathete duma nova Loj∴. E quando me dis-

seram, estava eu com o Alcantara e lógo combinámos, desde que a Loj∴ estivesse instalada, passar para lá. O Alcantara ficou logo todo contente e eu... quando o Pinto dos Santos me disse que era o sr. alferes... ia dando um pulo! E temos de ir para lá.

— Obrigado, Machado.

— E' que nós só queremos estar com gente de caracter.

— Oh!... bem vê, Machado...

— Deixe-se de coisas!... O que se quére é gente de caracter!

E subindo até casa, ela veiu contando-me cousas, entre elas que um policia da secreta (um bufo) lhe tinha entrado na loja de funileiro que é na Avenida de Sá da Bandeira e perguntado se sabia onde era uma Loj∴ maç∴ que havia naquela rua. E' claro que respondeu com evasivas, mas o Vasconcelos disse-me já que na verdade anda sempre um policia ao pé da casa onde foi a Loj∴ Patria, na mesma Avenida, e na rua de Montarroio onde ha uma porta de comunicação que servia para a entrada dos prof∴ que se desnorteavam assim com a insolita descida de quase cem degráos.

Ha, pois, rigôr, ou pelo menos algum, com as Loj∴ maç∴. Eu desconfio muito do Ernesto de Miranda que serve de secretá-

rio particular do actual governador civil.

Mas o bom Machado, despedindo-se, ainda novamente insistiu:

— Sempre ás ordens e lá me tem!

E' uma gente dedicada e segura; depois, são carbonarios e estes em Coimbra são em numero superior a cem. E', pois, caso para agradecer.

Valença do Minho — 1 de agosto.

Lançaram-me até Valença do Minho; equivale isto a dizer que nada sei de Arab.·. maç.·.. Estou aqui desde 12 de julho e apenas escrevi, ha dois dias, uma carta ao Alcantara.

Eu quiz despedir-me dele e agradecer-lhe o oferecimento que ele me fez para passar para a nova Loj.·. se eu fosse o Veneravel. Em Coimbra não tive tempo de modo que lhe escrevi amavelmente daqui.

Valença do Minho — 10 de setemb.º

Ontem, ao chegar de Vigo, á noite, encontrei uma carta do Alcantara, agradecendo a minha.

Parece-me ser dos bons.

Que, de resto, a gente neste mundo não faz senão enganar-se...

Valença do Minho — 11 de novemb.º

Recebi hoje, pelo correio, a seguinte carta do Pinto dos Santos que veiu avivar uma questão que eu já julgava morta:

Nº 147

Coimbra — 10 de nov.º — 1907

Il.mo Ex.mo Sr. Belisario Pimenta — Meu Ex.mo e Prezado Amigo — Já deve ter recebido o livro Portuenses Ilustres, ido do Porto da casa Chardron. Recebeu? Cá para a terra das arrufadas não veiu nem era preciso porque daria perca ao velhote:

"Patria" agonisante, muito mesma, coitadinha. Remeto ao Pod.: Is.: Ven.: da nova Loj.: a carta que recebi de Lisboa, a copia da que mandei para a mesma, uma carta que recebi de Leiria do alferes Oliveira, e vou na sumula dizer-lhe o que escrevi ao mesmo segundo consta do meu copiador.

« Sr. Compadre e amigo etc. etc. cousas.
"Quero saber, para comunicar aos meus
"amigos, a razão por que o Vasconcelos é vo-
"tado ao ostracismo sem o que nada feito. Se
"é merecedor, vá, se é intriga quero des-
"mancha-la. Sempre fui leal nas minhas
"cousas e ~~[illegible]~~ prezo-me de ser homem
"de bem e como tal não quero praticar pati-

"farias. O que está na Loj.·. Patria que Deus
"Haja é o Gr.·. Or.·. Espanhol para onde tal-
"vez vá com os meus amigos, etc. etc. etc. »

Fiz bem? Veja se para cá vem depressa, e já hoje pelos fios perguntei ao Sr. seu Pai se vinha. Por aqui tudo na mesma, etc. etc. De V. Ex.ª at.º, etc. — (a) A. Pinto dos Santos.

Juntos, vinham os documentos a que ele alude e que vão segundo a ordem cronologica.

Nº. 148

Gabinete do Gr.·. Secret.·. Ger.·. — 26 de outubro - 1907.

R.·. Ir.·. e Amigo:

Por decreto de antes de ontem que propuz ao Cons.·. da Ord.·. e ao Gr.·. Mest.·. foi levantada a suspensão á R.·. Loj.·. Patria voltando assim todos os seus obreiros ao pleno goso dos seus direitos. Nestes termos, póde a Loj.·. desde já reunir e deliberar devendo proceder a eleições, nos termos da lei, dos seus representantes á Gr.·. Loj.·. Constituinte que abre no 1º. de novembro.

Tambem todos os obr.·. da Loj.·. Patria teem agora direito a dois gráos gratuitos, nos termos do decreto nº. 42 de 31 de agosto ultimo.

Propuz o levantamento desta suspensão atendendo a que os tribunais mmaç.·. não funcionavam e assim, o processo estava sendo demorado com prejuiso da Loj.·. Patria e dos obreiros suspensos, e tambem para que estes se possam utilisar dos graus gratuitos e não percam o direito de representação á Gr.·. Loj.·. Constituinte.

Acabo tambem de propôr ao Cons.·. e ao Gr.·. Mest.·. uma amnistia geral para acabarmos duma vez para sempre com esta porcaria de processos e começarmos vida nova com as novas leis e Constituição.

E' preciso acabar com estas lutas e dissenções mesquinhas que só servem para nos desgostar e impedir o progresso da Maç.·. Sobre a amnistia ha, porem, dificuldades porque certas lojas dela não gostam.

Peço-lhe que comunique isto aos nossos Ir.·. da Patria.

Creio ter assim provado mais uma vez que me não movem, nem moveram nunca, inimisades para com os meus antigos Ir.·. da Patria que aqui sempre tenho procurado defender. Mas nem todos assim o teem compreendido, infelizmente.

Um abraço frat.·. Todo seu — (a) Fausta de Quadros.

M.M.
7

Nº 149

Coimbra — 27 de outubro de 1907

Pod:. Ir:. e Respeitabilissimo Amigo. — Saude e Fraternidade.

Acuso recebido o presadissimo favôr da sua carta á qual dentro da acanhada inteligencia que possuo vou responder com a lealdade que caracterisa o meu proceder.

A Resp:. Loj:. Patria não reune nem jámais reunirá sob a presidencia do Ven:. Vergilio Negrão Calado, isto com os elementos civis que sômos nós, os pagantes.

Nós, os dessidentes, podemos e temos belos elementos para organisar uma nova loja que fará um pouco mais do que o que tem feito as que são constituidas pelos academicos e para isso só precisamos:

1º: que os trabalhos de iniciações que se procedeu durante a ausencia da Academia sejam considerados bons e validos para todos os efeitos;

2º: que o prejuiso causado pelo encerramento dos trab:. na parte relativa a aumento de salario a cada Ir:. seja remunerado antes dos ggr:. gratuitos em perspectiva;

3º: que, se desta forma atingirmos, como atingem, muitos IIr:. o gr:. 18º, a

Loj.·. se torne, por esse facto, Loj.·. capitular.

Nós não exigimos que os academicos sejam vexados por qualquer penalidade, nada disso; queriamos unica e simplesmente uma satisfação e que é expressa no que atraz deixo dito.

Como disse já a V.Eê. pessoalmente, nós Ir.·. da Resp.·. Loj.·. Patria sob minha proposta, lançámos já as bases para uma caixa = Previdencia = com todos os requisitos precisos para ser uma instituição maç.·. na formula, em que já contamos com cincoenta anuencias. Esta caixa servirá para auxilio mutuo; as quotas são de 1200 rs. Formamos assim essa maç.·. eclética que a nosso ver, visto nada, absolutamente nada, haver de dispendio, se tornará de utilidade geral, visto que a quota será sempre propriedade do Ir.·. que a poderá legar a quem quiser e o rendimento total será empregue em instrução, beneficencia, ou outra qualquer iniciativa que os seus corpos gerentes, autorisados pelas assembleias gerais, julguem justos e uteis.

Nestas condições, já V.Eê. póde ver que com pouca dificuldade, nós podemos, sómente entre a classe comercial e artista, escolhidos entre os melhores elementos, for-

mar uma caixa, uma loja ou o que queirzermos, porque não vamos para ali com o fim de papaguear, mas aplicar toda a nossa boa vontade e esforços para chegarmos a uma conclusão altruista o que até hoje, infelizmente, se não tem dado.

A nossa casa terá como iir.·. todos os individuos aproveitaveis no commercio, no exercito, nas artes, nas industrias, na policia, no ecclesiastico, enfim, em tudo, de maneira tal que em Coimbra se não faça nada que nós não tenhamos conhecimento; eu, pela minha parte, envidarei todos os esforços para a realisação desta obra de caridade, auxilio, propaganda de instrução e amôr civico.

É pobre esta parte mais nada.

Não julgue V.Ex.ª que tenho procuração dos nossos IIr.·. para agradecer-lhe o que disse; não os consultei para lhe escrever e não os consulto porque me não julgo apto para receber comunicações daí, tendo o simples grau 2º., quando é certo que os ha com o grau 18º., IIr.·. estes que teem prestado á Maç.·. Portugueza grandes serviços e que a mim nem não podem, por principio algum ser exauctorados por mim.

Cumprindo as Gg.·. Dr.·. as propostas que deixo exaradas parece de justiça que se di-

rijam ao Pod.·. Ir.·. Horacio ou Condorcet para liquidarem a questão, servindo eu de traço de união entre todos que felizmente me consideram e vêem em mim qualquer cousa que eu não possuo.

Esperamos aqui brevemente pelo nosso Pod.·. Ir.·. Belisario Pimenta que será o nosso Ven.·. visto não haver aqui quem nós queiramos para aquele cargo.

Enquanto á amnistia, nós não precisamos dela para efeito nenhum porque não cometemos nem praticámos acto algum que precise de clemencia.

Enquanto a ingratidões, se V.Eee. as tem tido, tambem eu tenho sido um padecente; não obstante caminho sempre para a frente confiando na minha dignidade e trabalho honrado.

Termino agradecendo profundamente reconhecido a consideração que se dignou dispensar-me fazendo-me a comunicação que fez, esperando confiado em que V.Eee. veja em mim um homem dedicado e pronto para qualquer recado que um dia necessite em Coimbra, etc. etc. (a) Pinto dos Santos.

N°. 150

Leiria — 6 - novemb.° - 1907

Confidencial. — Compadre e Amigo.

De volta de Lisboa encontrei a tua carta e o teu azedo postal. Antecipei uns dois dias a ida para passar por S. Martinho e Caldas e por isso recebi tudo hoje que me apresso a devolver conjuntamente com outra correspondencia que tinha cá, para que não julgues verdadeiro o teu juizo de eu desejar ser ... (inintelisivel) ... seja de quem fôr.

Posto isto e devolvida a pilula, vamos a conversar e vou ver se posso corresponder á tua franqueza e amisade.

Devem ver se se juntam e combinam o formar uma Loj∴ a sós, com os estudantes completamente de lado. Se assim lhes convier, é preciso não contar com o Vasconcelos tambem, convindo assim, diz que eu vou lá tratar disso para o que tenho plenos poderes para arrumar a questão, nestas condições, ficando com uma loj∴ nova a todos os respeitos.

Devem talvez aproveitar o material da Patria sem se prenderem com o que lá está que é irregular.

Consulta particularmente a todos, menos Vasconcelos, se concordam nisso, nada perdem, pois que aproveitam os gráus gratuitos que está havendo. Tudo muito confidencial e apalpados como quem não quere a coisa.

Um grande abraço etc. etc. — (a) Antonio de Oliveira.

Confesso que não compreendo muito bem... Que diabo de historia havera aqui?

Lá a carta do Fausto, compreendo; a do Pinto, em resposta, tambem: querem comer-se um ao outro; mas a do Oliveira... que diabo!

Aquela cousa do Vasconcelos de fóra...

Amanhã ou depois responderei ao Pinto. De novo volto a ser o indigitado Ven.·. e assim tenho de começar a mostrar que sou capaz de fazer aquilo que já tenho exposto aos homens.

Vou ver se acabo com essa ambição de graus, de capitulos, cousas que nada valem; e ver se termino tambem com esse processo de repontar que é uma das feições da nossa maç.·..

Conseguirei eu alguma cousa? Volto de novo a pensar nisso; terei eu não na-

quela gente e farei alguma cousa deles, pondo de parte aquela retórica curiosa de que se servem para exprimir aquilo que... não fazem?

Vamos a ver. Este malhete de Ven.·. vem a talho de foice, agora que eu me sinto perfeitamente desligado dos sagrados deveres para com o Altar e o Trono...

Mas... adeante.

Valença do Minho — 14 de novemb.º

Vou escrever ao Pinto dos Santos, para responder á consulta que fez, parece, a todos os Ir.·.. Quero significar-lhe: o maior despreso pela questão dos gráus; a maior relutancia em questões pessoais; que não aprovo todas as condições que querem impôr ao Gr.·. Or.·.; que extranho que o alferes Oliveira que nada tem conmôsco, ande tão entusiasmado em auxiliar-nos, etc. etc.

Vamos lá a ver:

N.º 151

Amigo Pinto:

Recebi a sua carta e os documentos juntos que ontem devolvi. Só hoje respondo porque, apesar disto aqui ser uma paz santa, só ontem tive ocasião de, com vagar,

ler e reler a papelada, para poder conscenciosamente responder-lhe.

E assim o vou fazer, visto que me querem ouvir, embora nisso nada ganhem.

A carta do Fausto está bem; é perceptivel á vista desarmada. Atinge-se, até, logo, aquilo porque sempre me esforcei para acabar: a léria dos gráos. Nos termos da circular tal, do decreto de tal, de não sei quantos de tal, etc. e tal, os II.·. podem subir uns juros na escala complicada da Ordem maç.·. onde incessantemente se préga a Igualdade. Pois bem: para mim, muito sinceramente, esse decreto não devia ter força alguma; esse decreto não deveria ser mais considerado que as circulares sobre o padrão de uniformes o são pela nossa tropa...

Para que diabo servem os graus?

De resto, a carta do Fausto está bem; é um pouco até diferente no modo e na intenção das que tenho visto dele.

Quanto á resposta que o Pinto mandou, deverei observar alguma cousa visto que fui destinado (e pelo que vejo continuo a ser destinado) para Julio de Vilhena, salvo seja, dessa intrincada situação.

A resolução dos II.·. dessidentes não quererem reunir sob o mathete do Venera-

vel Calado, não me parece má; eu não tenho já bem presentes os factos que determináram a rutura de hostilidades, mas no entretanto não fica, certamente, mal a ninguem o querer conservar uma atitude coerente. Isto, bem vê o Pinto, não entra na minha alçada; o que já póde entrar — visto que tem mais ou menos consequencias futuras — é a triplice condição para se organisar nova Loj∴

A primeira bem está; mas a segunda... lá vai recair na eterna questão do aumento do salario, do adorno das fitas, da parte espectaculosa da liturgia maç∴ que eu reprovo. Condições dessas, com o meu voto, não se impunham.

Isto é a minha maneira de ver, franca e, acima de tudo, despida de interesse. Assim, vamos recair na banalidade das outras Loj∴ que passam a vida a dar estalinhos e a questionar insignias; se vão decididos a trabalhar — o que creio e mesmo se duvidasse não aceitava o mathete — ponham de parte essas pequenas cousas, porque o são, e sejamos mais praticos. Eu não aceito, de hoje para o futuro, um gr∴ a mais que seja; o 18º que eu tenho foi arranjado de cambulhada... e se não fosse isso, nunca pediria para pas

sar do 3º. porque entendia que não era necessario mais.

A terceira condição vem a ser, pois, uma consequencia da segunda; e o que disse para ela, dijo para esta.

De resto, acho bem que nos saibamos impôr; o que o Pinto diz ao Fausto está, mais ou menos, na logica dos factos; mas sejamos razoaveis e não vamos ás do cabo por dá cá aquela palha. Um pouco de meiguice por sobre uma forma rude de dizer, não fica mal; e, que diabo! não sejamos tão escamados. Eles, lá em cima, comem a palha bem; o caso é saberem-na dar. E, com franqueza, este nosso feitio de repontar, de ser tezo, tem os seus defeitos.

O Pinto, ao ler isto, terá já dito e perguntado se Caçadores 3 me terão já mudado. Não, não me mudáram e eu estou na mesma, até talvez mais afinado.

Mas ás vezes...

Fique-se com esta, que não vai mal.

A respeito da carta do Oliveira e do caso do Vasconcelos é que eu nada compreendi porque não conheço o assunto; no entanto percebo que ha intriga, ou cousa que o valha, para pôr fóra o Vasconcelos e certamente que isso não póde ser. Respondeu segundo a minha opinião: sem ele, nada

feito. E' assim mesmo, foi a unica resposta.

Embrigalhada? Este mundo! este mundo!...

Pois é isto, amigo Pinto: nada de fitinhas a preocupar o espirito porque ha mais que fazer; nada de escamações; nada de pôr de parte o compadre Vasconcelos; e... cuidado com o mundo. Tenho vivido menos do que o Pinto no globo terrestre; mas muito mais no mundo maç.·., com a agravante de ter «memorias».

Cuidáo, mucho cuidáo!... como dizem aqui o visinhos galegos.

Eu cá me entendo.

Fique-se com estas, que ás vezes um reformado necessita duma recrutasinha como qualquer quinto...

E sem mais. Recomende-me ao Vasconcelos, ao Evaristo, etc. e vá contando o que houver.

Mas, quanto ao Oriente Espanhol... a avalia-lo pelos caminhos de ferro que eu aqui tenho á porta, que andam a onze quilometros á hora e mais partes, deve ser cousa, como eles dizem, mucho recalcitrante...

Sejamos patriotas. Fronteiras a dentro e... tudo se ha de arranjar.

E agradecendo-lhe, retribuo-lhe o abraço como amigo etc. etc. — (a) Belisario Pimenta.

Valença do Minho — 15 de novemb.º

Ontem, já depois de mandar deitar no correio esta ultima carta, recebi uma outra do Pinto dos Santos:

Nº. 152

Coimbra, 13 de novemb.º de 1907

Meu Pod.·. Ir.·. e valeroso Amigo — Saude e Fraternidade.

Liquidado está o negocio da Patria; por este motivo, no sabado, reune a nova loja que se chamará a Redenção para eleger os seus corpos gerentes dos quais como Ven.·. sereis o 1.º e na interinidade o 1.º Vig.·. fará o seu dever.

Espero dever-lhe a especial finesa de me autorisar por escrito para o regularisar e ao mesmo tempo autorisação para ser votado.

Venha depressa, deixe lá as espanholas e bem depressa, que para nós bastante preciso é.

Do mano que julgava bom para Orador, seria bom manda-lo ter comigo para

tambem se arranjar tudo, mas faça-me isto que bem preciso é.

Sem tempo para mais, etc. etc. — (a) Pinto dos Santos.

Tudo arranjado. Mas como? Exorbitaram? As cousas par-se-hiam como eu quero?

Mas vamos lá responder ao homem e tratar de tudo o que ele pede.

Em primeiro lugar, a autorisação por escrito para a regularisação.

Nº 153

A' Gl∴ do S∴ Arch∴ do U∴
L∴ E∴ F∴

Val∴ de Valença do Minho — 15 de novembro de 1907 (e∴ v∴)

Ao C∴ e N∴ Ir∴ A. M. Pinto dos Santos (Simb∴ Damocles)

Em vista da honra que um grupo de nossos Ir∴ me quere dar, desejando que eu faça parte dum ⊡ duma nova Loj∴ maç∴, ao val∴ de Coimbra, sob os auspicios do Gr∴ Or∴ Lusitano Unido, eu autoriso-vos a fazer a apresentação oficial do meu nome e a tratar do meu processo

de regularisação. Espero dever-vos esse favor com o qual o novo ⊡ certamente pouco ou nada ganhará.

Aceitai, C∴ e R∴ Ir∴ o abr∴ frat∴ e que o S∴ A∴ do U∴ vos aj∴ e il∴

(a) Numalvares, gr∴ 18º

Quanto ao Sobral para orador da nova Loj∴, muito o desejava. Ele aceitará? Em todo o caso vai a carta. Eu queria gente com quem me intendesse.

Nº 154

Meu caro José Sobral:

Eu sou, positivamente muito malcreado. Enquanto estive em Coimbra não o procurei, não lhe agradeci a visita, de modo que você me ha de ter chamado e com justa razão, consideravelmente malcreado. Mas eu sempre lhe vou escrevendo como quem não quere a cousa.

O caso é este: os homens "dessidentes" da Loj∴ Patria, vencidas as dificuldades no Gr∴ Or∴, apasiguados os odios e serenados os animos, tiveram autorisação para fundar nova Loj∴. Mandaram me dizer isto para eu dizer de minha justiça; ora, como eu conto com o Sobral

para Oradôr o que para mim (sem lisonja) representa um grande serviço, venho pedir-lhe que a esse respeito dixa a sua opinião e o seu sim ou o seu não.

No caso de aceitar, peço-lhe que se dirija ou ao Vasconcelos ou ao Pinto dos Santos para o seu nome ser incluido. No caso contrario, lastimo, mas não insisto.

Franquesa, franquesinha, eu não o quero contrariado. Sempre amigo, de resto, quer como Orad.·. quer como não-orador.

E creia-me sempre etc. etc. — (a) Belisario.

E agora, o Pinto dos Santos, sempre tem de ter uma resposta:

N.º 155

Amigo Pinto:

Ontem, meia hora depois de mandar deitar no correio a carta para si, recebi uma outra a que vou responder.

Vi, com satisfação, que o assunto está liquidado. Mas estará bem liquidado? Não será como a liquidação dos adeantamentos á Casa Real?

Cuidáo, mucho cuidáo!...

E desde já, um pequeno comentario: o nome Redenção que querem dar á Loj∴ não será romantico de mais? Não será um nome literario sem uma razão pratica? Corresponde o nome á acção maçonica que nós queremos exercer?

Quando contam ter o processo de instalação pronto? Teem muita pressa? Eu, se não fôr para Coimbra transferido até meados de dezembro, passarei, de novo, á inatividade. Gostaria muito de assistir á instalação da Loj∴.

Mando no mesmo correio carta ao José Sobral; e ao Alcantara escreverei qualquer dia.

Pode o Pinto mandar-me uma relação dos Ill∴ que constituem o ⊡ em instancia? E diz-me, tambem, quem é o secretario? Bem vê que é um cargo de confiança e é bom haver combinação.

Quanto ao numero de irmãos, não se apoquentem: poucos, poucos... que valham mais que muitos. Vá com isto que eu lhe digo: quanto menos melhor... E cuidáo, mucho cuidáo!...

O que se deve fazer é fundar a Loj∴ com poucos, depois admitir mais, a um e um, com o consenso unanime. Poucos, muito poucos...

Junta, vai uma pranch∴ que, em direito, se chamaria procuração. Ás ordens sempre, etc. etc. — (a) B. Pimenta.

No correio de hoje vinha um novo postal do Pinto:

Nº 156

Meu Ex.mo Amigo: Hoje mesmo recebi uma remessa sua, de cartas, que tive o prazer de lhe enviar. Espantei-me de nada dizer pois me parece que mereciam uma qualquer referencia. Como porem ha dias lhe escrevi e espero sua resposta, ainda tenho esperança. Venha qualquer resposta ainda que seja por telegrama. — Amigo etc. etc. — (a) Pinto dos Santos.

Estes diabos teem uma pressa!...

Mas ainda hei-de escrever ao Fausto de Quadros e ao Vasconcelos. Quero ouvi-los, especialmente ao segundo.

Valença do M.º — 18 de novemb.º

Hoje mandei ao Fausto de Quadros uma amavel carta; ele é o Gr∴ Secret∴ Ger∴ da Ord∴ e sob esse pretexto, perguntava-lhe qual a opinião dele acerca da mi-

nha entrada na nova Loj.·. e ácerca da minha eleição para Veneravel e qual seria, tambem, a opinião dos membros do Cons.·. da Ord.·. a respeito do mesmo assunto; e terminava, amavelmente, pedindo-lhe uma resposta.

Valença do Minho — 24 de novemb.º

A' volta dum passeio a Castro Laboreiro, encontrei duas cartas respeitantes a este tremendo caso maç.·..

Uma do José Soberal, outra do Fausto de Quadros.

A do Soberal diz-me que agora seria um grande sacrificio aceitar o encargo que eu lhe reservava; diz mesmo: «oxalá o "meu amigo me faça o grande favôr de "prescindir de mim pelo menos por este "ano. Conto dever-lhe essa grande finesa.» Compreendo-o, pelas razões que apresenta e acho que faz bem.

A outra, a do Fausto, fia mais fino:

Nº. 157

Gr.·. Or.·. Lusitano Unido. Gr.·. Secret.·. Gabinete do Gr.·. Secret.·. Ger.·. — Particular.

Meu Caro Belisario Pimenta.

Recebi a sua carta. Já ha tempos an-

vi dizer a meu cunhado e a um Ir.: de Coimbra que o meu Amigo ia sobrar para uma nova Loj.: de Coimbra. Mas isso foi já há meses..

Pelo que respeita ás fogueiras que me faz na sua carta, cumpre-me dizer-lhe, pela minha parte que tenho o meu Amigo e Ir.: no melhor conceito e creio bem que eu tão tanto ganharão os meus colegas do Conselho da Ordem. Melhor do que eu o pode informar disso o seu cunhado.

Com respeito á organisação de qualquer loj.: nova em Coimbra, ou noutra parte, não vão as coisas agora tão faceis como até aqui, pois a nova Constituição apertou muito a selecção, o que era indispensavel, visto o estado de relaxamento a que haviam chegado as admissões e a grande invasão de adeptos nos ultimos tempos. O Maç.: Vem crescido e tem-se desenvolvido extraordinariamente há dois anos para cá, e assim foi preciso pôr-se um dique e apurar-se a expansão. Actualmente as iniciações e especialmente a formação de novas Lojas obedecem a grande rigor e escrupulo. São por isso mais dificeis e demoradas porque obedecem a mais rigorosa fiscalisação e requerem maior numero de qualidades.

Não quere isto dizer que a entrada do meu Amigo e de outros elementos escolhidos, não seja possivel e não possa representar uma boa aquisição.

Sempre ás suas ordens. Um abraço.
Seu ir∴ muito amigo

Lx.ª 21 - nov.º - 1907

(a) Fausto de Quadros, 32∴

E' uma carta diplomatica...

Valença do Minho — 4 de dezemb.º

Recebi uma carta do Pinto dos Santos, de que não gostei. Sempre, eternamente, as questões!

Nº 158

Coimbra, 3 de dezembro de 1907.

Meu Ex.mo Am.º e Sm. Belisario Pimenta.

Não tenho respondido ha mais tempo á sua apreciadissima carta por estar esperando a ultima moda. Infelizmente parou tudo e é do meu dever dizer a V.Ex.ª que nada se faz com os elementos antigos da Patria por motivos que só de boca poderei dizer. Evaristo, Vasconcelos, o Ladeira, o João Machado saem por haver divergencias e só veem uns com os outros.

Da antiga loj.: Patria só fico eu, Marques Méco, e mais ninguem, parecendo-me que os demais já nada conseguem em qualquer parte.

Nós queremos ainda o meu bem Alferes como chefe e esta serve para fazer o desequio de nos dizer, se com os novos elementos aceita, para ser regularisado, eleito, etc. e tal. Os elementos novos são — o irmão do Flero[1], o socio da mercearia Flor de Coimbra, Nicolau da Fonseca empregado no Banco de Portugal, José Maria da Silva ~~[illegible]~~ negociante na estação velha, Antonio Augusto Alves de Matos negociante da rua da Sofia, Octavio Cardoso administrador dos impostos da Camara, 1º sargento Santiago, 1º sargento Rodrigues. Nestas condições peço o favor de resposta na volta do correio para apresentar o quadro para assinatura. Quando vem?

De V. Ex.ª etc. — (a) Pinto dos Santos.

Valença do Minho — 5 de dezemb.º

Escrevi hoje as seguintes cartas: uma para o Pinto em resposta a que ontem recebi; outra para o Vasconcelos, procurando saber o que houve.

---

[1] O Antonio Henriques.

Nº 159

Amigo Pinto: franqueza, franqueza, isto não vai bem. O que me diz na sua carta, que ontem recebi á tarde, admira-me profundamente. Dissidencias? Questões?

Logo no começo, quando tudo parecia ir num mar de rosas, dá-se essa terrivel cousa: a scisão! Francamente, isso não vai bem.

Na verdade, são cousas para se saberem só á vista; mas o que tambem é certo é que eu vou saber o que ha e por isso, acerca do meu sim ou do meu não, peço uma demorasinha.

Do Gr.·. Or.·. disseram-me, ainda ha pouco, que nesta altura será dificil uma regularisação de nova Loj.·. e que ha a maior relutancia em novas admissões. Espero, de lá, resposta a umas outras cousas; e o q. vejo é que isso, logo de começo, não foi bem e continua a ir mal.

Quando ha questões é porque o barco não singra em maré de rosas.

Mas hoje não sou mais extenso.

Sempre ás ordens, etc. etc. — (a) B. Pimenta.

Nº 160

Meu caro Vasconcelos:

Vou pedir-lhe que me fale com franquesa e com a maxima verdade.

Isto não quere dizer que o julgue capaz de mentir ou de não ser franco; não: é que vou falar-lhe dum caso que, por melindroso, o poderia colocar na má situação de não saber o que dizer.

Refiro-me ao caso da nossa Loj∴ em preparação.

Já estava para lhe escrever ha tempo; mas de hoje é que não passa. Quando lhe quiz, primeiramente, escrever, era com o fim tambem de lhe pedir com franquesa, que me dissésse o que havia a seu respeito quanto a umas cousas da Loj∴ em preparação; depois, novamente lhe quiz escrever, em seguida a uma carta do nosso impagavel Fausto de Quadros; e agora, finalmente, que tenho noticias que isso aí está tudo escangalhado, não quero que passe de hoje o pedido.

O Vasconcelos conta-me, com a maxima franquesa, o que houve? Compreende que estou colocado numa má situação e de mais a mais longe, sem de visu ter conhe-

cimento dos factos; não quero proceder sem ouvir aqueles que considero capazes de me dizerem a verdade. E o Vasconcelos deve saber que póde ter confiança em mim.

Peço, pois, uma resposta e mande sempre, etc. etc. — (a) Bibi —..

Recebi hoje uma carta do Manuel Duarte Ralha, da loj.·. Pro-Veritate em que este me avisa de que posso ir receber a importancia dos vales que eu possuo respeitantes á loj.·. Até que enfim. E' a resposta á minha pranch.·. de 12 de janeiro que aqui ficou com o n.º 141, a pag. 22.

Valença do Minho — 12 de dezemb.º

Recebi hoje uma grande carta do Vasconcelos em resposta á minha de 5 deste mês. Conta-me a historia toda. E que historia, meu Deus, meu Sup.·. Arquitecto, meu Supremo Arbitro!

N.º 161

Coimbra — 11 — XII — 1907.

Carissimo Amigo:

Acusando a recepção da sua carta de 5 do corrente vou ver se posso responder a ela. E' serviço que devia ter feito logo; mas os

afazeres por um lado e um tanto ou quanto de malandrice por outro, teem sido o motivo de minha falta de prontidão.

Ora vamos lá a ver se consigo dizer alguma coisa com geito e de forma a ser compreendido.

Conhece o meu amigo, pela exposição que lhe fiz quando ainda aqui estava, o que sucedeu á Patria.

Recebi do Fausto telegrama e decreto mandando suspender os seus trabalhos! E vai eu assim fiz: suspendi tudo por uma vez! isto é: rescindi o contracto de arrendamento com o senhorio da casa onde estava instalada a Loj∴ e dei-lhe, como penhor da renda que se lhe devia, todos os tarecos que lá se encontravam, os quais poderiam ser levantados por qualquer cidadão do grupo que pagasse a divida!

Nunca mais tornei a receber noticias do Fausto quer oficiais quer particulares.

Na ocasião em que abriram a Universidade para actos apareceu-me um figurão que tinha sido secret∴ da Patria a sindicar dos meus actos!!!

Escusado será dizer-lhe que me recusei a dar-lhe explicações e que outro tanto fizeram os restantes obreiros.

Mais tarde aparece-me o Dr. Costa Pe-

reira, presidente da Portugal, investido de iguais poderes sindicantes; e então, a esse, todos demos as explicações necessárias afim de que podesse informar os altos poderes do que se passava. E todos nós resolvemos unanimemente, não mais cuidar de tal assunto, esperando somente que o amigo Fausto dissésse de sua justiça quando o processo fosse julgado.

Mas... no meio de tudo isto ha sempre impacientes que não teem a coragem precisa de esperar as ocasiões e perdem portanto as boas ocasiões de estarem quiétinhos!... E vai daí, um belo dia, mestre Pinto, todo ancho e vaidoso, em uma ocasião em que lhe passava á porta, chama-me: oh menino! anda cá home! Avec e zuc!... Vê lá isto que recebi hoje de Lisboa... Nisto passa-me para as unhas uma carta do amigo Fausto! Dizia ele, se bem me recordo:..." que havia de ser feita justiça a quem a merecesse... que estimava muito a todos e que de todos era muito amigo... mas que a justiça havia de ser feita... doesse a quem doesse... etc." E enquanto eu procedia á leitura da carta dizia-me mestre Pinto: "Ora vê tu que lembrança a do Fausto em me escrever quando o dever dele era escrever a ti ou ao

compadre (Evaristo) pois eram vocês os galos mais graduados da capoeira ..." Resposta minha: — "Pois sim, é verdade, mas é preciso atender a que qualquer de nós mantem o compromisso tomado de somente aguardar os acontecimentos enquanto que você houve por bem romper esse compromisso, pois que esta carta é uma resposta a outra sua!" — Berrou, barafustou, gesticulou e não sei mais o que fez para fazer-me acreditar o contrario. Coitado, ainda se julgava na caserna e iludir palermas!

Escusado será dizer que chamei logo a capitulo todos os outros companheiros, fazendo-lhes ver os inconvenientes da tolice do Pinto e que o admoestassem para que nunca mais tornasse a escrever para Lisboa pois que lá se podiam convencer que era encomenda nossa. Mas... o homem a nada se moveu e continuou sempre a escrever!

Ha pouco tempo, não posso precisar a data, torno a ser chamado por mestre Pinto para me mostrar uma outra carta do Fausto [1] que dizia: "... que por influencia sua o processo ia ser abafado e con-

---

[1] E' a do doc.º nº. 148

tava, muito em breve, com a amnistia geral, de forma que podiamos já reunir e fazer sessões procedendo a eleições de corpos gerentes e dum delegado á Grand.·. Loj.·. Simbol.·. e que fizessemos esse trabalinho quanto antes se queriamos aproveitar uma regalia qualquer que nos conferia uns tantos gráus de borla!...»

Mestre Pinto que só olhou para os gráus de borla ficou ancioso para que nos unissemos fazendo para isso altos esforços, o que não conseguiu porque, todos á uma, recusáram abafadelas de processos e amnistias porque, alem de vexatorio, ficavamos na mesma situação, de misturada com Virgilio e quejandos!!!

Ultimamente... (agora o melhor da obra) como o mestre Pinto visse que nada conseguia por aquela via achou por bem entender-se com um compadre dele, um tal Oliveira, alferes tarimbeiro do regimento aquartelado em Leiria, afim de organisarem uma nova Loj.·. composta de elementos da Patria. E, não sei porquê, aproveitando a ocasião em que eu estive na Beira Baixa onde me demorei uma semana, trabou de organisar um quadro para ser submetido á apreciação dos altos poderes, mas com exclusão do meu nome, dizendo a uns que

era por eu não querer mais saber daquilo, e a outros que era pelo facto de existir um grande processo contra mim e que só depois de eles organisados e instalados é que eu poderia entrar a instancias deles !!!!!...

Nestas condições todos se recusáram a formar o quadro que o homensinho pretendia e resolveram que organisariam uma nova Loj∴, sim, mas sómente com aqueles com quem sairam da Patria.

Isto foi o que me disseram no proprio dia em que cheguei de Castelo-Branco.

Mestre Pinto tem tentado justificar-se para comigo, para o que me tem mandado chamar por diversas vezes, mas nada tem conseguido porque lhe não dou ouvidos.

Aqui tem, pois, o meu Amigo tudo quanto sincera e lealmente sei com respeito ao assunto que abordou. Ha no meio de tudo isto qualquer caso misterioso que eu não conheço. Se o meu amigo alguma cousa sabe obsequeia-me dizendo-ma.

. . . . . .

Diga com brevidade alguma coisa. Está a dar meia-noite: são horas de encerrar os Ttrab∴

Vosso dedicado amigo — (a) J.A. Pereira de Vasconcelos.

Valença do Minho — 15 de dezemb.º

Tenho andado um pouco arredio de escriturações. Respondi ao Vasconcelos: agradeci-lhe a sua longa carta, expuz-lhe, resumidamente o que se passára comigo; fiz-lhe uns comentarios a proposito da intervenção do tal afferes Oliveira presado Amigo do Pinto dos Santos e seu ilustre Compadre; e terminava assim: «aqui tem o que houve; fiquei "vendo a questão, isto é: vendo que ha gros"sa tratantada seja onde fôr e seja com quem "fôr. Desvendar esse quid misterioso de q. "me fala, não no sei; mas, que diabo! ao "menos fiquei vendo o seguimento da ques"tão e que, no caso, ha pouca vergonha. Eu "vou aí pelo Natal e então falaremos; mas "escrevo tambem ao Pinto dando o dito por "não dito.»

Segue o não para o Pinto dos Santos:

Nº 162

Amigo Pinto:

Pedi-lhe, noutro dia, uma demorasinha para o meu sim ou para o meu não. Hoje vou liquidar o caso..

As cousas não seguiram os seus termos como deviam seguir; as cousas não foram

reguladas como deviam ser reguladas e por consequencia uma grande parte das razões que me levaram a aceitar o malh.: deixou de existir. Em vista disto, amigo Pinto, verdade, verdade: eu não devo aceitar o encargo que, muito honrosamente para mim, me quizeram confiar.

Gostaria muito se tudo fosse em boa harmonia; tudo correria muito bem na paz do Senhor. Mas assim... com scisão e de mais a mais, cá de longe, sem ver bem o fundo ás cousas, compreende que não posso aceitar.

Fica sem efeito a minha autorisação para ser regularisado. E eu fico mais uma vez convencido de que sempre tenho razão no que digo. Mais uma vez... Desculpe a vaidade mas é assim mesmo.

As cousas não seguiram o rumo que deviam seguir. Houve tempestade. Pois é melhor meter o barco no fundo do que ficar estropiado.

E até breve. Conto ir aí pelo Natal. Sem mais, etc. etc. — (c) [illegible]

Escrevi tambem ao José Sobral agradecendo-lhe a carta que me enviou em 19 do mês passado e contando-lhe o fracasso da empresa.

Valença do Minho — 18 de dezemb.º

Recebi uma carta volumosa do Pinto dos Santos que é muito curiosa e reveladora:

Nº. 163

Coimbra, 17 de dezembro de 1907.

Meu Ex.mo Tenente:

Saude e felicidades é o que sinceramente lhe desejo. Venho responder agora á sua presadissima carta de 16 e á anterior, isto rapidamente e sem subterfugios que eu, não sou para eles nem vale a pena.

Já esperava pelo seu não e esperava por ele porque, quando recebi a carta anterior, tambem soube que o Vasconcelos tinha recebido outra do meu tenente (1); nestas condições esperava pelo não e tambem me não admirou, verdade, verdade.

Agora vai saber, pondo de parte tudo o que sobre o assunto tinhamos combinado, o que se deu, o que motivou eu convidar o meu tenente para empunhar o mathete da nova loja e depois verá se eu sou leal e franco, se mentiroso e desleal.

Na Patria, o Vasconcelos levantou a le-

(1) Por inconfidencia do carteiro.

M.M. 11

bre do Vergilio Calado ser delapidador dos metais da mesma loja e, defendendo-se o Calado acusou tambem de muitas cousas o Vasconcelos, que ambos a meu ver teem culpas no cartorio, não ha duvida e portanto eu que vi tudo isto, falei com alguns amigos da loj.·. para arranjarmos um chefe que nos agradasse, não só pela nobresa de caracter, como pela firmesa de pulso; nesta altura tive conhecimento que o meu tenente estava a coberto e lembrou-me falar-lhe no assunto. Aceitou e eu, gostosa e arguthosamente apresentei o seu nome a todos com excepção do Vasconcelos que só tinha em mira o penacho de Ven.·. Todos ficáram satisfeitos e de boa vontade aceitaram.

Sucede, porem, que por descuido do Vasconcelos e doutros mais, a loj.·. foi suspensa dos seus trabalhos e todos nós andámos ás aranhas, escrevi para o Fausto, o Fausto para mim, até que me mandou dizer que estava tudo terminado e podiamos trabalhar, formar loja, etc. e tal.

Assim se fez, convoquei uns e outros e a cousa ia no melhor dos ventos. Vasconcelos, porem, teve conhecimento de que o não queriam por Ven.·. que havia oobr.·. que não entravam se ele entrasse, isto mesmo sem que ele fosse Ven.·. mesmo co-

no obreiro, fazendo-lhe aqui em minha casa acusações graves.

Eu, por mim, não tenho nada com isso, porque não assisti a essa sessão por ter que mandar o rapaz embora e eu ficar na loja como guarda externo ao balcão do meu estabelecimento.

Algum dos presentes, que não eu, disse o que se passou ao Vasconcelos e ele fez ... (inintelijivel)... dizendo que lho tinham anunciado de Lisboa, dizendo-lhe eu que não era verdade, etc.

Evaristo é muito amigo do Vasconcelos e só vai para onde ele fôr; João Machado, do Evaristo; e nas mesmas condições Antonio Justino da Costa e irmão, sem força nem energia para nada, hoje dum lado amanhã do outro, ventoinha, etc.; nestas condições, eu que entendo que forçado ninguem deve vir para aqui saltei por cima de tudo com os individuos que agora não vem ao caso dizer quem são, por isso que dantes falava ao chefe e agora não, mas gente de bem e de valor e formámos uma loja elegendo-o ao meu Tenente por chefe.

Não aceita, paciencia, cá nos governaremos conforme podermos, sentindo ainda a sua falta, mas o S∴A∴ nos ajudará na nossa tarefa e isto irá bem.

Portugal, Pro-Veritate e outras, abatem colunas; alguns dos elementos serão nossos (querendo a gente) dos principais, dos trabalhadores, de fé, fanaticos, já nos procuráram e por estes dias reuniremos e os aceitaremos ou repudiaremos.

O meu cargo na loja é o mais importante — Terrivel — já vê que sou um dos principais elementos e que toda a minha actividade e boa vontade, convergiram para um lugar importante, o do penacho. Tenho porem empenho em que isto se realise, e realisar-se-ha com certeza, despedaçando nós todos os obstaculos que se oponham á realisação do nosso plano.

Pelo lugar que ocupo deve ver bem que não foi a ambição que me tem feito trabalhar e portanto qualquer cousa que por ventura lhe digam sobre o assunto, póde V. Ex. verificar que é falso.

A' ultima hora, tenho a mania de meter no meu copiador toda a correspondencia que escrevo e arquivo toda a que recebo de maneira que em qualquer ocasião, posso provar sempre a sua boa fé.

Tudo quanto escrevo assino e de tudo quanto assino tomo inteira e completa responsabilidade. Faltam-me conhecimentos e dotes oratorios, é certo, mas sobeja-me a

honestidade, a lealdade e firmeza de caracter, nunca em caso algum me desdirei duma cousa que diga e nunca renegarei um acto que pratique. Se fôr incorrecto póde ser por falta de educação, se fizer asneira, confessa-la-hei e mais nada.

Percebo agora a razão porque me não retribuiu nem disse cousa alguma ao meu bilhete de parabens, mas que fazer! Valho tão pouco!!!

Esta longuissima tirada deve, com certeza, te-lo já massado e por este mesmo motivo vou terminar, antes porem, permita-me V. Exc. que lhe diga que dos elementos que assistiram á acusação do Vasconcelos, houve quem faltasse á sua palavra de honra, e isso é uma traição e os traidores sejam eles quem forem ocupam o lugar que ocupam na sociedade, devem ser banidos para sempre, e nós cá os pequenos isso fizemos e temos a convicção que procedemos bem e justamente.

Sem outro assunto permita-me V. Exc. que me subscreva com a maior lealdade e dedicação ... etc. etc.

(a) Antonio Mendes Pinto dos Santos.

Valença do Minho — 20 de dezemb.º

Esta ultima carta do Pinto, tinha, in-

falivelmente uma resposta. Estou hoje disposto a isso. Vamos lá a ela.

N.º 164

Amigo Pinto:

Antes de mais nada, um esclarecimento importante: não recebi bilhete nenhum seu, felicitando-me pela promoção. Se recebesse — como alguns recebi — teria respondido como a todos respondi, grandes ou pequenos, ricos ou pobres.

Então o Pinto, francamente, julga-me susceptivel dessas mesquinharias?

Esta deve chegar aí amanhã algumas horas antes de mim; mas em vez de dizer isto verbalmente, quero que disto fique um documento.

O Pinto expõe-me a questão cruamente como eu gosto sempre que as cousas se exponham; mas devo-lhe dizer o seguinte para que me façam justiça e não imaginem que procedo consoante influencias: eu tenho tantas razões para acreditar mais no Vasconcelos como para acreditar mais no Pinto; o Vasconcelos é um conhecido amigo bem antigo que me conhece desde pequeno e que me merece confiança; o Pinto que eu conheço desde que fui para o

23 tem sido para mim um homem trabalhador, honesto e que julgo igualmente digno de confiança. Uma diferença: com o Vasconcelos tenho mais, muito mais intimidade.

Na verdade eu quiz ouvir as partes; mas julga o Pinto que me limitei a ouvir o Vasconcelos? A minha policia — como o Pinto costuma dizer — trabalhou; e desse trabalho, que não doutra cousa, nasceu a minha resposta. Eis tudo.

Se disse que as cousas não foram bem, não quiz dizer que foi o Pinto o causador de elas irem mal. E com que razão o diria? Na verdade as cousas não foram como eu gostaria. Houve divergencias, mal entendidos, houve o tal pouco cuidáo, houve scisão? Haveria. Eu, porem, é que não quero, tendo amigos dum lado, ir pender para o outro, tendo pessoas que não quero ir desconsiderar, dum lado, ir pender para o outro.

E' uma colisão amigo Pinto.

O Pinto, viu-se bem, ficou magoado. Porquê?... Só se foi pelo tom de rudeza da carta; outra cousa não seria certamente. Mas eu estava de tão mau humôr...

Mas falaremos depois de amanhã, etc.

(a) Bolsia Pimenta

Coimbra — 23 de dezemb.º

Cheguei ontem a Coimbra, no gôso de licença. E hoje fui á loja do Pinto saber o que havia...

O homem levou-me á sobre-loja e aí, meio exaltado, meio sentido, expôr-me a questão, lançando sobre o Vasconcelos e sobre o Evaristo Cerveira as culpas. Disse-me que o Fausto de Quadros estivera cá na vespera e ante-vespera, tratar dumas cousas e que, como eu recusára o math.: lhe perguntara porque o não aceitava ele, Pinto dos Santos... Falou, falou, gesticulando, protestando a sua inocencia, resumindo tudo nesta frase:

— Isto é tudo uma questão de penacho!

— ?!...

— Sim senhor. O Vasconcelos não vai para parte nenhuma sem que se lhe dê o penacho. Aí esta tudo...

— Não será tanto assim, homem...

— Vá com isto, meu tenente.

E fiquei de ir lá, qualquer dia, para ver com atenção toda a correspondencia trocada acerca do assunto.

Estes diabos!...

A' noite falei com o Vasconcelos que me contou, mais ou menos o que dissera

na carta. E eu concordei com ele quando me disse que achava extraordinaria aquela pressa do Pinto dos Santos que andava a querer meter gente que não convinha, que a uns dizia uma cousa e a outros dizia outra, que enfim aquilo parecia ser tudo uma leria...

Mas não se falou mais porque apareceram pessoas extranhas.

Coimbra — 25 de dezemb.º

Seria meio-dia, bateram-me á porta dois homens que me queriam procurar. Mandei entrar.

Eram os dois amigos: o Alcantara e o Machado; o primeiro, o Francisco Mendes Alcantara, da fabrica de louça e presidente da federação operária; o segundo, o Francisco Machado, o funileiro empregado no estabelecimento do Madeira.

Abracei-os, mandei-os sentar e começaram então a dizer a razão da visita: com uma cajadada matavam 3 coelhos. Um, os parabens pela promoção; outro, as boas-festas; e outro (que me pareceu ser o principal) fazer nova declaração acerca da sua atitude para comigo.

Os homens, na verdade, sensibilisáram-me.

— Nós vamos para onde V.Ex.ª fôr...

E coubáram que o Pinto dos Santos os quiz agarrar, alegando que eu ainda reconsideraria e voltaria de novo a dizer que aceitava o math.·., mas que eles disséram positivamente que não, que em a Loj.·. estando instalada, em eu sendo o Mest.·. Ven.·. então aceitariam.

— Nós estamos ás ordens de V.Ex.ª...

Os homens, na verdade, parecem-me dedicados e são homens de palavra e de certa energia; coubei-lhes mais ou menos a historia das negociações, inteirei-os dos meus planos e lá foram satisfeitos.

Coimbra — 26 de dezemb.º

Falei hoje, acidentalmente, com um negociante daqui, Manuel Duarte Ralha, q. pertence á Loj.·. Pro-Veritate.

Falou-se, como por acaso, na nova loja de que eu seria Ven.·. e ele, pedindo venia, começou a dizer que o Pinto dos Santos era leviano de mais, muito trapalhão e disse-me, com ar de conselho, que eu extranhei:

— V.Ex.ª atenta a sua posição e categoria, precisa de ver com quem anda...

— Sem duvida...

Explicou que a frase não levava sobres-

crito, que era uma cousa sem intenção, mas que a dizia por me conhecer desde pequenito, desde creança...

— Estimo-o bastante e só lhe desejo bem...

Eu, depois de me despedir, fiquei scismando no que aquilo quererá dizer.

1908

Coimbra — 3 de janeiro

Como tinha prometido ao Pinto dos Santos fui ontem ver a correspondencia trocada acerca do caso.

Mostrou-me uma grande quantidade de cartas entre as quais, pelo numero, avultavam as do alferes Oliveira. Achei interessante tal leitura.

As cartas do Fausto de Quadros são as mesmas intrujices do costume, mas com ar de serias; as do Pinto para ele são os mesmos protestos de seriedade, lealdade, dedicação á nossa Aug.·. Ord.·., vontade inabalavel de trabalhar, etc.; e as do Oliveira são as mesmas cartas imodestas. (com um grande tom de modestia e inferioridade) atestando sempre o seu copioso trabalho, os seus serviços á Ord.·., a sua incansavel propaganda maç.·., a enorme

a inconfundivel, a imoredoura superioridade da sua Loj∴ em Leiria para a qual imensa gente, quase a cidade inteira, desejava entrar, a ponto de haver sessões em que apareciam propostas de admissão de pprof∴ em numero de 10 !...

Propriamente ao que importava, pouco vim a saber: ha atravez de tudo aquilo umas vagas acusações ao Vasconcelos, mas que se não definem com precisão, umas cousas que eu não percebi muito bem, uns pruridos de virtude que eu lhes não reconheço... e fiquei na mesma!

O Floro, que tambem estava, nos intervalos em que o Pinto saia para atender os freguezes, dizia-me sempre:

— Mantenha-se...

Eu, na verdade, não percebia ali varias cousas: a intervenção do Oliveira que vivia em Leiria; a reviravolta contra o Vasconcelos que eles diziam ser um caso "de penacho"; e a pressa enorme que eles (o Pinto, o Marques Méco que vai ser o Ven∴ da Loj∴ e outros) manifestam de «trabalhar, "de fazer alguma cousa...» Depois, perfeito manobrador, por detraz da cortina, aparece o tal Oliveira que em cinco meses fundou uma Loj∴ em Leiria e uma infinidade de Triang∴ em Alcobaça, Batalha, Mari-

nha Grande, Nazaré, Gois, Arpanil e por aí fóra... no Cairo, em Malta, no Egito... o demonio! É um verdadeiro semeador de triang∴ maç∴ o diabo do alferes!

Ora eu que sei quanto vale aquele «trabalhar» aquele zelo incansavel, fico-me a desconfiar.

— Hum!... aqui ha cousa!...

Isto não é negar aos homens vontade; mas é que tanta cousa em tão pouco tempo quando eu tenho visto que para se fazer uma coisita pequena a sério se encontra tanta dificuldade, tanto trabalho e tanto desgosto, dá vontade de desconfiar. E ele, o Oliveira, diz em todas as cartas que se tem o gr∴ 7º do rito francês foi porque lho deram e que não quere passar para o rito escossês para que se não diga que quére ficar com o gr∴ 18º. Isto, é claro, é para os papalvos, porque o 7º francês corresponde ao 18º escossês... Estou, pois, no meu direito de desconfiar.

E o Machado e o Alcantara diziam-me arteiramente:

— V. Eu. não repára que com o Pinto ficou a gente da Loj∴ Patria que é menos considerada?

Na verdade, eu já reparára; e já esta-

va resolvido a fazer o que o Floro resumiu, conceituosamente:

— Mantenha-se...

De modo que, terminada a leitura, e conversando com o Pinto, eu disse-lhe que continuava na mesma situação que expusera na carta: nem para um lado nem para o outro. E a intervista terminou por o Pinto dizer:

— Meu Tenente: sempre amiguinhos! Se entender que deve entrar na Loj∴, diga; e o math∴ é-lhe entregue logo. Senão, tudo como dantes. Quem fôr para Ven∴ ha de ir com essa condição: se o meu Tenente quizer entrar, larga logo o math∴... E estamos entendidos.

— Está bem, Pinto. Está bem...

E saindo da loja, fomos, eu, o Floro Henriques, o irmão Antonio e o comum amigo Nicolau da Fonseca, conscientes de que o nosso estomago necessitava de qualquer cousa, abancar a uma mesa do João Magrinho e ali, mais ou menos confortados, planeámos vagamente uma loj∴ maç∴ prometedora e util...

Seria uma loj∴ com mira principal na propaganda do Livre Pensamento; o seu templo, modesto, seria um templo destituido de simbolos maç∴, de enfeites litur-

gicos, e ornado apenas com retratos dos maiores livres pensadores e um ou outro quadro com scenas que fossem simbolos... A acção da loj.·. seria uma obscura, modesta acção propagandista, mas eficaz; não se traduziria em jantares e esperas nas estações de caminho de ferro... E depois, começámos a organisar o seu quadro: eu, seria, naturalmente, o Ven.·.; o José Soberal (leva-lo-hia, desta vez!) seria o 1º. Vigil.·.; o Alcantara, o 2º. Vig.·.; o Floro seria o Orad.·.; secretario, talvez o irmão do Floro, o Antonio Henriques; o Machado, o Tesoureiro; o Nicolau teria um cargo qualquer; levaria para lá o pintor Antonio José da Costa; e isto sem contar com o Vasconcelos e os seus: o Evaristo Cerveira, o escultor João Machado, o Antonio Justino da Costa, do Banco de Portugal e creio que mais dois.

O Floro, mesmo ficou de sondar o Vasconcelos a respeito da "questão do penacho". E sabendo o que houve, se resolverá se se ha de falar ou não a esse grupo.

E assim se planeou uma loj.·. maç.·. de livre pensamento, tendo como fito uma campanha obscura mas eficaz contra a reacção; assim se planeou a Loj.·. que talvez venha a ter na Maç.·. Portuguesa o

o nome de «R∴ Loj∴ Livre Pensamento.»

O que é, porem, verdade, é que amanhã volto para Valença; mas quando voltar não me esquecerei deste projecto que é, de facto, um belo, um lindo projecto.

Coimbra — 17 de abril.

Morto o Rei, caído o João Franco, restaurado o regime constitucional e transferida a minha pessoa para Coimbra e para o 23, pode-se continuar com este caderno ás voltas...

E agora ha que dizer.

Uma vez em Coimbra e falando com os interessados e com a vontade decidida de pôr em pratica planos antigos e que ainda ha bem pouco quase ficáram combinados, vi que a questão da Loj∴ do Pinho dos Santos é uma questão bicuda e encravada. Isto é: fica tudo em nada, os homens não conseguem a regularisação e o sonho maç∴ deles fica reduzido a zero.

O Alcantara mesmo deu-me a intender que a verdadeira razão do mau resultado fôra a minha recusa em aceitar o math∴. Coubavam comigo, queriam quem lhes garantisse uma certa seriedade e falhou-lhes o projecto... E sem mim, parece que não teem forças para levantar colu-

nas. Isto deu-me o Alcanbara a entender, numa conversa.

Seja, porem, como fôr, o que tenho é que tomar qualquer decisão. O Floro Henriques, com quem tenho, a tal respeito conversado, insinua-me o mesmo.

Isto, é claro, levou-me a aclarar a situação e a dizer ao Floro que aceitava um lugar nas ccol.·. da R.·. Loj.·. Portugal (a que ele pertence) se lá fosse aceite e se comigo fossem aceites dois homens que eu não largava: o Mendes Alcanbara e o Francisco Machado.

Como já aqui disse estes dois homens vieram pôr-se á minha disposição: pediram atestado de quite na Loj.·. Pro-Veritate e só embrávam para loj.·. maç.·. em que eu empunhasse o math.·. de Ven.·.. Acresce, que, noutro dia, encontrando o Alcanbara na Baixa com alguns amigos dele, disse-me á despedida:

— Eu já estou reservista, sr. Tenente; já tenho os meus papeis em ordem. Agora estou pronto para a chamada!

Isto, evidentemente, queria dizer que tinha já o seu atestado de quite e que estava ás minhas ordens.

De modo que, só irei para o Portugal se os homens forem comigo. Disse isto ao

Claro e este ficou de saber e de sondar. Parece-lhe que, quando a mim, não haverá dúvidas; mas quando aos outros... vai ver.

Assim, ouve-hombro, fui à casa do Alcambara falar-lhe no assunto. A conversa foi interessante e ele ficou às minhas ordens:

— Mas que vá para o fim do Inferno! Disponha do meu nome.

E ouve as coisas que me disse, a respeito da Pro-Veritate, causou-me o mal-estar que lhe causava o parecer que não o tratavam como de igual para igual.

— Eu sou um operário... E aí está tudo. E naturalmente verá que me não admitem na Portugal.

— Vamos a ver... vamos a ver.

A conversa durou quase duas horas. O Alcambara abriu-se em confidências e eu saí cada vez mais convencido de que é um homem sério nas suas convicções, honesto e capaz de tomar a peito qualquer negócio maçónico.

Subindo para casa, falei ao Machado fernileiro. A mesma coisa: o que eu fizesse estava bem.

— E olhe que sangue às ordens! Não se esqueça que sangue às ordens!

Coimbra — 20 de abril.

O Floro tem andado na sua missão. Quanto ao Alcanbara, parece que não ha duvida; mas quanto ao Machado houve quem lhes dissesse que bebia a sua pinga e quanto ao pagamento não era dos mais certos.

Não gostei.

Quem seria o da sensibilidade tão apurada que disse isto ao Floro? Não tenho idêa de ouvir dizer que ele não fosse pontual a valer; e quanto á pinga, encontrei-o uma vez, á noite, ao Arco de Almedina, com o Costa pintor, alegre, sem duvida; mas ás sessões da Loj∴ nunca faltou, atento e dando a sua opinião desassombradamente.

Por isso é que eu não gostei.

Coimbra — 20 de julho.

Passou-se tempo sem eu ter conhecimento de qualquer cousa. Cheguei a desconfiar que queriam livrar-se de mim quer de um lado quer do outro, pelo... esquecimento.

No entanto, não era verdade.

Graves cousas se davam: a questão da Loj∴ Redenção chegou ao auge; os Ss∴ das Lloj∴ Pro-Veritate, Perseverança e Portugal formáram uma especie de bloco para evitar

que a nova loj.·. Redenção levantasse colunas; esta, porem, tem como advogado o terrivel e brevemente celebre alferes Oliveira que ha um ano para cá tem feito levantar colunas a 22 lojas maç.·. espalhadas eficazmente pela superficie do país e um numero infinito de triangulos semeados e plantados por montes e vales... Neste mesmo curto periodo de tempo, tem trepado de tal forma o tal alferes, que ocupa um lugar proeminente no Cons.·. da Ord.·., possue por destinção o gr.·. 33º e mais cousas honrosas e tremendas!

Pois bem: com tal advogado, ocioso é dizer que a loj.·. que se organisa tenha probabilidades de vencer, como de facto parece vencer.

Ora, durante a guerra surda que se movia o Pinto dos Santos e companheiros nada me diziam, um pouco cabisbaixos, porque não tinham a certeza da vitoria; por outro lado o Floro, nada me dizia tambem porque via a sua loj.·. comprometida na questão e, por dignidade propria, arriscada a ir por agua abaixo.

Eis por que me via envolvido em tão comodo silencio.

Ha cousa de um mês, porem, comecei a divisar uma certa alegria no Pinto dos

dos Santos; um irmão do Floro, o Antonio Henriques, disse-me com certo ar triunfante que me queria falar; e o Pinto chegou mesmo a dizer-me, a proposito não sei de quê:

— Ando cá a pensar numa cousa...

— Então o que é?

— Em agarrar um sujeito que eu cá sei...

— Para quê, homem!

— Para nosso Veneravel.

— Então sempre levantam cabeça?

Ele então, exaltado, contou: o Oliveira tinha conseguido que se fizesse no Cons.·. de Ord.·. nova sindicancia, mas sem caracter oficial e que se encarregasse um Is.·. de confiança para, particularmente e sem dar nas vistas, indagar o que houve; que essa nomeação caiu no bacharel em direito Ovidio de Medeiros, Ven.·. da Loj.·. Germinal (cavalheiro pouco da minha simpatia e cuja vida é um conjunto pouco limpo de misterios); que por fim a Justiça (!!) triumfou e no Cons.·. da Ord.·. atenderam ás razões do sindicante; que as tres lojas já citadas se colocáram no dilema: ou elas ou a Loj.·. Redenção; que o Vasconcelos fôra irradiado e que, agora, agora... E acrescentava triunfante:

— Agora . . . é que se quere ver quem tem palavra! . . .

E terminava com a objurgatoria de caserna:

— Arre malandros!

Eu então, ainda amalucado com tanta cousa e amachucado com tanta pouca vergonha, perguntei:

— Mas então onde estão os principios de paz e harmonia que devem existir no mundo maçonico?

O Pinto não esperava pela pergunta; embezerrou um pouco.

— Olhe, Pinto amigo: vocês, afinal, querem subir e querem instalar-se, para fazer guerra aos outros . . . Ora assim, meu amigo . . .

— Oh meu tenente: então essa malandragem . . .

— Pois é isso mesmo: é esse malandragem.

E mudei de conversa.

O tal sr. Oliveira tem mexido tudo: quere-me parecer que é homem sem escrupulos e o que se vê é que lá conseguiu dispor os altos poderes a aceitarem uma cousa a que tanto tempo se recusaram. Ainda em começos de maio meu cunhado Costa Ferreira, que pertence ao Cons∴ da Ord∴

me dizia em Lisboa, duma forma categorica:

— Fique você certo de que não se funda Loj∴ nenhuma em Coimbra e muito menos com essa gente do sargento Pinto

E agora ∴ desmentem-se por qualquer razão de estado...

Passados dias, depois da conversa com o Pinto, o Antonio Henriques encontrou-me e disse-me que me queria falar; como vinhamos para a Alta, sentamos-nos no antigo Jogo da bola da quinta de Sta. Cruz e ali, ao fresco, o Henriques foi-me expondo vagamente a futura instalação da nova Loj∴ e que eu, certamente, não sabia nada do que tinha havido...

— Creia que, se soubesse tudo... dá-va-nos razão e viria ser o nosso Ven∴.

Eu observei-lhe cousas: a pouca seriedade do Oliveira, a leviandade do Pinto dos Santos, o facto de entrarem em som de guerra com as outras Loj∴ o que era contra os meus principios mmaç∴ etc. etc. Ele ouviu tudo, mas não se convenceu de todo.

Mas, o golpe mortal foi dado dias depois.

O Oliveira, o celebre alferes Oliveira, tinha vindo a Coimbra para assistir aos festejos da Rainha Santa e pediu-me, protoco-

larmente, uma conferencia. Até aqui andavam comigo cuidadosamente, com rodeios, com cuidados; mas agora, era ás claras: queriam uma conferencia!

E eu, como compete a pessoas de cotação e de alta responsabilidade, fui uma noite conferenciar com o Oliveira á loja do Pinto dos Santos.

Ele, o Oliveira, lá estava em ameno cavaco com o Ovidio de Medeiros, o Antonio Henriques e o Nicolau da Fonseca; subi com ele á sobre-loja onde estão armazenados os livros; e ali, sentados sobre caixotes, fumando uns cigarros baratos, começámos conferenciando superiormente.

O Oliveira expôz-me o que era a nova Loj∴ Redenção; o grande numero de bons elementos que tinha; o grande resultado que se esperava dela para a obra da Maç∴ portuguesa; a grande força que iria ter sobre Coimbra; mas...

— Mas... — dizia ele finamente — mas falta quem os dirija e quem lhes dê coesão... Falta-lhes o melhor que é a cabeça!

— Falta-lhes tudo... murmurei.

— Não ha duvida. E é em vista disso que lhe peço para aceitar o mall∴ da nova Loj∴.

Eu, então, tomei um certo ar de con-

centração e importancia; puxei duas fumaças; e, vagarosamente, comecei a expôr que não aceitava o math.·. porque a Loj.·. ia levantar colunas em guerra com as outras LLoj.·. do val.·. e eu, aceitando o cargo de Ven.·. ia, implicitamente, apoiar o procedimento anterior; já não tinha, ha mais tempo, aceitado, porque havendo lá dentro questões e melindres eu não queria ter, tambem, questões nem queria ir melindrar amigos e velhos companheiros pelo simples facto de não ceder á vaidade de ser Mest.·. Ven.·.; que não concordava com a maneira por que a Loj.·. ia ser instalada; e assim fui indo até concluir, categoricamente que não.

O ilustre Oliveira olhava espantado para mim: não compreendeu, certamente, tanta cousa linda que lhe disse...

Quiz ainda argumentar, mas ficámos no não.

E seriam onze horas da noite, subindo para casa com o Antonio Henriques, eu vinha a dizer-lhe o que fôra a conversa e que enquanto a Loj.·. estivesse sob a tutela do Oliveira, não tinhamos nada feito.

O Henriques ainda tentou:

— Não estará enganado a respeito dele?...

M.M.
14

— Talvez... mas o que lhe digo, e que não entro para uma loj∴ em guerra com as outras. E depois...

O Antonio Henriques arrebitou o nariz perante a reticencia.

— Depois... talvez lhes caísse o diabo em casa!

— Ora!...

— Ora?... Então o meu amigo julga que se eu entrasse para lá, consentia tutela extranha? Lá dentro, quem mandava eramos nós e... o Ven∴ havia de ser eu. Oliveiras a mandar lá dentro é que não.

— Sim... mas...

— E' isto, meu caro: não gosto do homem. O homem não é serio. E' um ambicioso e um trapalhão. O Pinto dos Santos não será ambicioso, mas é ainda mais trapalhão... E com dois tutores assim...

E com estas e outras acabámos a conversa e cada qual foi para sua casa.

Coimbra — 26 de julho.

O Flaro, hoje, encontrando-me, disse-me que soube pelo irmão Antonio que o Oliveira, o ilustre Oliveira, fizera a meu respeito, depois da conferencia o seguinte comentario:

— O rapaz está ainda muito verde...

Verde!... o imbecil!

Eu estarei verde, sem duvida: ele, porem, já estará a apodrecer.

Coimbra — 6 de agosto.

Hoje, passeando com o Floro e tendo caído a conversa em cousas maçonicas, disse-me ele:

— E' verdade! Prepare-se para uma surpresa!

— Jesus!

— Os homens da Redenção puseram fóra o Pinto dos Santos, vieram ás boas com as outras Lloj∴ e querem ir ter com o meu amigo para...

— Para?...

— ... Ven∴, naturalmente.

— Bom é isso.

— Pois fique sabendo, porque eles amanhã procuram-no.

As voltas que o mundo dá!

Coimbra — 7 de agosto.

Na verdade, hoje, o Antonio Henriques telefonou-me. Disse-me que me queria falar. Eu disse-lhe que estava ás ordens.

— Mas é novidade grossa?

— Não... Fina, novidade fina.

— Bom...

Coimbra — 10 de agosto.

Hoje, descendo do Quartel-General para a baixa, encontrei, á Sé Velha, o Floro Henriques.

— Sabe que ha grande novidade?

Mas eu sentia o calor dum sol aterrador; olhei para o lado e vejo a porta da Sé velha aberta e, com admiração do Floro, encaminhei-me para lá, segurei no pesado reposteiro de velha tapeçaria e disse:

— Podeis entrar no Templo, Pod∴ Ir∴ Confucio∴

E o Ir∴ Confucio entrou fazendo, para o altar-mór, o sinal simbolico da esquadria.

E então, sentados nuns bancos da capela-mór, estofados a veludo, ele contou-me a novidade: a loj∴ Redenção já estava instalada ha dois ou tres dias, mas tinham excluido do quadro o sargento Pinto dos Santos.

— Essa é boa!

— Foi excluido. E um dos que mais concorreram foi o Oliveira, o tenente Oliveira, o grande e ilustre Oliveira!

— Mas isso, afinal, é uma porcaria.

— No procedimento do Oliveira, só uma cousa se salva: foi o escrever ao Pinto

dizendo que só ele concorrera para que o seu nome fosse excluido; só ele e mais ninguem e ele só tomava essa responsabilidade.

— Que trapalhada... E agora?

— Agora... a loj∴ começa a funcionar, o Pinto ha de barafustar...

— Uma questão pórca!

— O que é não andar por caminho direito!...

E aquelas paredes e arcarias romanicas, duma grave e doce religiosidade, foram ouvindo uma serie de cousas gravemente irreligiosas e que certamente, nunca ali, naqueles bancos canónicos, foram pronunciadas.

Uma velhinha entrou e ajoelhou nos degráos da capela-mór; e a conversa ja se tinha desviado para a decoração do templo do Sagr∴ rito do gr∴ 33º no Oriente em Lisboa.

Por fim, saimos. Eu segui para o quartel e logo ao passar na Sofia, o Pinto dos Santos, á porta do estabelecimento, entregava ao caixeiro uma carta para o Oliveira que ia ser registada e com aviso de recepção.

— Ha novidade, oh Pinto?

— Hum!...

E olhou para mim, desconfiado.

— Você sempre me deitou um olhar! Que diabo é isso?

Ele então contou que tinha sido excluido do quadro; que ia fazer berrata para o Gr∴ Or∴; e que, se o não atendessem, ia para os jornais.

— Ui!... onde isso vai, homem!

— E' o que lhe digo.

— Vocês não querem crer que ha bruxas... Eu não lhe dizia: cuidáo, mucho cuidáo? O Pinto julga que ninguem pensa melhor que você?

— Venha o meu tenente com vagar que eu quero contar-lhe o caso.

E fui para o quartel pensando na instabilidade das cousas humanas...

Coimbra — 13 de agosto.

Fui, finalmente, procurado pelo Antonio Henriques: vinha pedir-me autorisação para me regularisar na sua Loj∴ que já estava instalada.

— E estão nas melhores relações com as outras LLoj∴? Os Veneraveis do val∴ foram á instalação?

— As relações... são boas; mas os Veneraveis não foram...

— Então, meu caro amigo: subsis-

tem as razões que ha pouco tempo apresentei ao ilustre Oliveira.

— Mas o Pinto saiu...

— Pois sim. Mas o Pinto não era a razão de eu não entrar. E mesmo, depois de a sua Loj∴ estar nas melhores relações com as outras, eu não aceitaria o cargo sem um entendimento com os Veneraveis das outras Lojas. E aí tem...

Ele disse-me, então, que sabia que as outras LLoj∴ desejavam que eu entrasse para a Redenção, para que eu fosse um traço de união entre uns e outros e para acabar de vez com o conflito.

Seria uma coisa muito linda; mas... não julgo cousa viavel.

Coimbra — 16 de agosto.

Fui á Loja do Pinto dos Santos para ele me contar o que houve. O homem, contou-me, com a mão sobre o coração e protestando a maior lealdade, cousas deveras interessantes e que me levaram á conclusão de que tudo aquilo é uma grande porcaria!

Mostrou-me cartas do Oliveira e entre elas a tal em que expõe as razões porque excluiram o Pinto do quadro da Loj∴ Afinal, tão bom é um como o outro...

Começam a descuberir-se cousa exquisitas; o Pinho dos Santos lança o seu rancôr todo coubra os outros chegando mesmo a dizer que o Oliveira teve em Africa uma casa de Merebrizes [1]; que o irmão do Floro, o Antonio, é um canalha; que o negociante Matos é um ladrão, etc. etc. etc.

Ao sair de lá, resolvi ir ter com o Floro e dizer-lhe que me propônha depressa para a Loj∴ Portugal. Fico, duma vez livre deles.

Pois se abé disseram que se eu não aceitei o cargo de Ven∴ foi porque andava a ver se a Loj∴ Portugal me dava mais!

Certamente, áquela gente tão virtuosa, eu não lhes convinha. Não penso mais em tal porcaria e vou para a Portugal.

Coimbra — 18 de agosto.

Hoje, por intermedio do Floro, o Dr. Fernandes Costa pediu para eu lhe ir falar; fui procura-lo no hotel Avenida onde jantava e ali me expôz a situação da Loj∴ Portugal de que ele foi o Ven∴ muito tempo e é ainda quase o protector. Disse-me

---

(1) Vide pag. 42-43 deste vol.

que por causa da questão (aqui relatada) com a loj.·. Redenção, a Portugal ia sair da obediencia e terminou por me pedir para eu entrar, para ver se se formava lá dentro um nucleo de gente nova.

Eu disse-lhe que já tinha formado tenção de entrar para a Portugal e o Floro ficou encarregado de me propôr juntamente com o Alcantara e com o Machado.

Coimbra — 15 de outub.º

Só agora volto ao assunto. Ha dois meses que tudo anda em ferias.

As tres lojas que tinham feito oposição á Redenção (e que são a Portugal, a Perseverança e a Pro-Veritate) sairam definitivamente da obediencia e formáram um grupo maç.·. independente em Coimbra.

Na Portugal, depois do periodo de ferias já houve sessão e o Floro já me propôz, ao Alcantara e ao Machado.

A mim e ao Alcantara todos aceitaram sem duvidas; mas ao Machado oposeram varias razões e de novo voltou a falar-se do seu gosto pela pinga. Não sei se será pretexto para o não aceitarem — o que é um entalão para mim.

A' cautela fui falar ao Alcantara; expuz-lhe o caso e ele concordou...

M.M.
15

— Não ha duvida, sr. tenente... Ele bebe... e aqui para nós que ninguem ouve, ás vezes, bebe bem...

— Mas durante os periodos alegres revela ou revelou alguma vez segredos maçonicos?

— Isso não.

— E' pois quanto basta. O homem póde entrar.

Coimbra — 24 de novemb.º

O Floro, encontrando-me, disse-me que tudo se prepára para receber de braços abertos os novos Ir.·. e deu-me parte de que entra no mesmo dia comigo o Vasconcelos e o Alcantara; e que, quanto ao Machado, na discussão houve duvidas, ainda, acerca da bebedeira e que resolveram deixar a discussão da sua admissão para depois de eu lá estar e o Alcantara.

Não gostei, mas o Floro disse-me que não fôra possivel outra coisa.

Voltei ao Alcantara, participei-lhe o caso; e ele, com um certo ar de agastado, disse-me que já esperava o facto porque a Loj.·. Pro-Veritate não informára muito bem do Machado. Assentámos, porem, em que aceitariamos o aviso para a sessão de entrada e que lá dentro, depois, seria

mos os advogados do Machado e fariamos tudo para que ele entrasse.

— Bebedeiras todos tomam, dizia-me o Alcantara. E até eu, sr. tenente, quando cá tenho desgostos a ralarem-me...

E eu, querendo corresponder á confidencia, acrescentei:

— E olhe, sr. Alcantara... tambem por cá...

E fizemos um gesto de camaradagem e de imposição de silencio...

Coimbra — 5 de dezembro

Saí hoje de casa para saber quando é a sessão. E' finalmente na 4ª feira, 9 de dezembro!

Lá vou eu entrar, de vez... — será de vez? — para uma loj.·.!

O Floro, quando lhe reproduzi, mais ou menos, as conversas com o Alcantara, disse-me que tudo se resolveria a bem porque nós advogariamos lá dentro a entrada do homem e todos, de certo, aceitariam.

Em todo o caso vou satisfeito. Na Portugal a gente é boa e seria; e já me tem parecido ouvir rosnar que conspiram para nas proximas eleições me elegerem Veneravel.

Será assim? Uma vez, numa ceia

com o Floro e o Gandarez, este escorregou com uma frase qualquer; eu puxei; e ele caiu em dizer:

— Pois o que é necessario é que os Senhores tomem conta daquilo!

— Então não teem lá quem os governe?

— Temos, temos... mas como V.Ex.ª...

... «Ex.ª» era eu... Tive de me mostrar modesto:

— Ora, ora...

Mas depois, voltando-me para o Floro que comia filosoficamente:

— Ora eu Ven.·. da R.·. Loj.·. Portugal, hein?... Este nosso amigo Gandarez!...

— E eu Orad.·., acrescentou o Floro, entre duas garfadas.

E disseram estas cousas com olhares de entendimento que me fizeram desconfiar — o que foi confirmado por uma outra frase, daí a pouco, que queria dizer que eles desejavam a minha entrada antes das eleições.

— Porquê?

— Sempre é bom...

A Resp ∴ Loj ∴ Cap ∴ "Portugal"

ao val ∴ de Coimbra :

1908 – 1915.

I.

Do caderno de apontamentos :

1908.

Coimbra — 9 de dezembro.

As portas da R.·. Loj.·. Portugal abriram-se-me hoje, finalmente, sem grandes formalidades liturgicas, mas na verdade com cordeais aparencias de amisade.

Reuni-me ao Floro e ao Alcantara, na Calçada; e subindo pelo Arco de Almedina, de novo entrei no velho casarão onde fui iniciado, então templ.·. da Loja Academia Livre — ha uns bons nove anos.

Bateu-se o sinal... a porta abriu-se como nas magicas e nós entrámos para a antiga e bem minha conhecida Sala dos Passos Perdidos onde alguns Ir.·. estavam em conversa.

O Ven.·. veiu receber-me, afavelmente: é o Dr. Augusto da Costa Pereira, bacharel em filosofia, conhecido pela alcunha de «o Prior». E' um excelente caracter

e, apesar dos seus quarenta, um excelente ~~[illegible]~~ rapaz.

Levou-me para um pequeno gabinete onde atenciosamente me expôs o desejo que ele tinha e toda a Loj.·., da minha entrada para o quadro; mas o desejo dele era a Junção final porque, de combinação com o Fernandes Costa, ia passar-me o malhete... O Fernandes Costa, fôra, durante anos, o Ven.·.; ele fôra substituí-lo; mas reconhecia-se sem forças mais competência. De forma que, em conclusão, combinaram entregar-me a chefia da casa, confiados etc. etc. palavras amáveis.

— Lugar aos novos...

E terminou por dizer que as próximas eleições falariam.

Depois, pedi licença, e fui abrir a passão; e fiquei eu, o Vasconcelos e o Alcantara a discutir qual de nós deveria falar na passão, em agradecimento.

Entretanto, o mestr.·. de cerim.·. veio chamar o Vasconcelos que pegou sobre, no seu rico frak preto, com jóia de diplomata; depois, fui eu chamado a lá entrar no Templ.·. por entre os II.·. eu já a ó ordem e, depois dos cumprimentos do ritual, subi ao altar do Ir.·. Ven.·. e ocupei a cadeira à direita que me foi indicada.

Depois, entrou o Alcantara que tomou o seu lugar nas colunas; e então o Mest.·. Ven.·. fez a discursata do costume, referencias amaveis, contentamento de todos, etc. etc. O Vasconcelos, solene sempre, lá teve de falar, agradecendo; e eu, a seguir, tive de dizer estas conceituosas e substanciosas palavras:

«— Meus Ir.·. Pedi a palavra para agradecer os amaveis cumprimentos do Ir.·. Ven.·. que, certamente, interpretam o sentir da Loj.·.; mas devo confessar que este momento é para mim, não direi solene, porque a frase é velha e estafada, mas um momento de certa atrapalhação...

«Não sou orador, tenho mesmo em falar, uma certa dificuldade; tenho, por isso, que resumir as minhas considerações num agradecimento simples, mas muito sincero; e peço a todos os Ir.·. que me ouvem que contem sempre comigo, pois me verão sempre trabalhador, e que sejam tão meus amigos como eu conto ser de todos.

«Quanto á minha orientação devo dizer que sendo a principal linha de conduta da Maç.·. o combate contra a reacção, nesse combate encontrar-me-hão sempre ao vosso lado de braços bem abertos;

mas, desde que, dentro das nossas fronteiras esse combate tem de tomar um caminho de política avançada, porque na política monárquica está uma das bases da reacção religiosa; e se, por certas considerações esta Resp.: Loj.: entender que deve seguir por esse caminho, eu, com o maior prazer vos declaro, meus IIr.: que irei para ele de braços ainda mais abertos.

«Devo dizer isto, porque alguns IIr.: não me conhecem. Tenho dito.»

Sensação!

E vi que foi com agrado que me ouviram. E até o Gandarez — caricato e ingenuo republicano! — arregalou os olhos!

E a sessão fechou com a reprovação do prof.: Augusto Gonçalves e Silva (o conhecido Governador civil de Castelo-Viegas) para entrar na Maç.:. Veiu a saber-se que era espião mandado pelo José Miranda, cacique reaccionador da terra.

Depois de encerrados os Trab.: houve os abraços do estilo e eu tive a satisfação de ser abraçado por todos com muestras de inteireza e simpatia.

Coimbra — 14 de dezemb.º
Fui hoje á 1ª sessão ordinaria da Loj.:

e na verdade gostei porque vi nas colunas 32 oobr∴ — o que é um pouco raro em Lloj∴ mmaç∴ E é de notar que a gente é, na verdade, boa.

Iniciaram-se dois comerciantes, rapazes republicanos; e o Floro Henriques falou acerca duma comissão para que foi eleito com outros Ihs∴ da Loj∴ para, conjuntamente com representantes das LLoj∴ irregulares, combinarem os meios de imediata e eficazmente combaterem a reacção que toma, na verdade, um grande incremento.

E é curioso que ha meses se fizeram as nomeações dos representantes e sómente os da Loj∴ Portugal tem feito alguma cousa. Os das outras... dizem que não estão para grandes cousas...

Coimbra — 22 de dezemb.º

Ontem, outra sessão regular, concorrida e agitada.

Tratou-se do combate contra a reacção, disseram-se cousas varias, chegou a haver discursos. Gostei.

E ficou resolvido que os dois Ihs∴ que foram comissionados para com as outras LLoj∴ assentarem as bases da campanha, fizessem sentir nessa comissão as vonta-

des dos II.·. que falaram; e, segundo as resoluções que tomassem, nós, depois, nos manifestariamos.

Gostei. Vi movimento, vi vontade. Não achei o ambiente estaguado das outras LLoj.·. nem o espirito de carneirada que é vulgar. Vi resolução e vi independencia.

Eu ocupei, nesta sessão, a cadeira de Orador; estive tomando apontamentos para no fim, conforme as regras, fazer uma razão de ordem e propôr o que ficou assente; mas o Ven.·., antes de me dar a palavra, resumiu tudo e ... zás! propõe o que eu queria propôr!

Fiquei com o discurso engasgado.

Fica para a outra vez.

No fim da sessão, falando com o Ven.·. acerca duma conversa que tive ha dias com o Fernandes Costa sobre a união das tres LLoj.·. irregulares do val.·. por meio dum corpo dirigente, ficou assente que amanhã nos reunissemos no templ.·. eu, o Ven.·. e o Floro e o Fernandes Costa para assentarmos numa base que se deve apresentar na proxima sessão.

Ora, como já aqui disse, o Machado funileiro, ficou com a sua admissão adiada porque os da Pro-Veritate lhe chamáram

bebedo... O Floro, para não levantar susceptibilidades pediu-me para não falar no assunto e eu resolvi hoje procurar o Machado.

Expuz-lhe o caso a nú e fiz um discurso. Disse-lhe que eu ficaria por ele, perante a Loj∴ mas...

O homem comoveu-se. Gesticulou e disse por fim que já tinha protestado não tornar a beber e não mais beberia... E então, depois que eu falava assim...

E parece-me que ficou resolvido o problema. O Machado entra para a Loj∴ e deixa de beber vinho.

Foi uma dupla conquista: para o S∴ Arq∴ do Univ∴ e para a Sociedade de Temperança...

Coimbra — 23 de dezembro

Reunimos, efectivamente, no Templ∴ da Loj∴ eu, o Ven∴ e o 1º Vigil∴. O Fernandes Costa e o Floro não apareceram.

Lemos o regulamento e fomos apontando, riscando, lembrando; houve conversa acerca de factos que tivessem relação e o Ven∴ contou-me algumas cousas interessantes da Loj∴ entre elas a acusação que se ia fazer a um Ir∴ que, pertencente ao Centro Republicano se tinha matriculado

clandestinamente no centro regenerador.

Não se leu tudo; na 2ª feira continua a leitura.

Coimbra — 29 de dezemb.º

Ontem houve sessão sem importancia, mas parece-me que o Machado está em máus lençois.

Os da Pro-Veritate chamam-lhe bebedo... E os da Loj.·. não querem lá o homem com medo (e com certa razão) de que o vinho o faça revelar segredos.

E eu é que me vejo entalado.

1909.

Lisboa — 9 de janeiro.

Tive hoje de mandar para Coimbra a seguinte pranch.·. porque o Machado certamente é proposto no proximo dia 11.

Nº. 165

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.

Pod.·. e Resp.·. Ir.·. Ven.·.

Na impossibilidade de estar presente á sessão da nossa Resp.·. Loj.·., por este meio

venho fazer saber aos nossos II.·. que estejam presentes aquilo que, de viva voz, desejava dizer acerca da proposta de filiação no nosso ⊡ do I.·. Francisco Machado.

Com esse I.·. trabalhei na Loj.·. Pro-Veritate durante tempos e, fóra dos trab.·. tenho conservado as melhores relações com ele; e e quer do tempo de trab.·. mmaç.·. quer das relações profanas, dele só posso dizer que poucos II.·. tenho encontrado que trabalhem com tanto amor e tanta dedicação; que, como caracter nunca tive ocasião de o pôr em duvida; e que os serviços que a Loj.·. Pro-Veritate lhe ficou devendo são de molde a q. só lhe agradeça e se reconheça devedora.

O I.·. Machado é um operario, um modesto operario; mas dentro da sua modesta posição tem o valor de todos os homens honestos e trabalhadores e que a serio e com dedicação se entregam ao trabalho tantas vezes improficuo de fazer valer as novas ideias e normas de justiça e liberdade.

Acreditai mais, Pod.·. e Resp.·. I.·. Ven.·. que estas minhas palavras não são uma simples formula retorica; os II.·. que me conhecem sabem que sou incapaz de me referir assim a um I.·. desde que o não considere digno de tais referencias.

Aceitai, C.·. e Resp.·. I.·. o abr.·. frat.·. e

e que o Supr∴ Arquit∴ do Univ∴ vos aj∴ e il∴

Traç∴ em Lux∴ oc∴ aos 9 de janeiro de 1909 (e∴ v∴)

(a) Nun'álvares, C∴ D∴ ✠

Coimbra — 15 de fevereiro

Afinal, apesar da minha pranch∴ anterior, o homem, o Machado, foi discutido mas muito maltratado.

A acusação de bebede subsiste e no proprio ⊡ da Loj∴ ha quem o tenha visto a tombar...

E esta?

Só a mim...

E' hoje a votação dele. Seja como fôr, o caso é bicudo. O Ven∴ nosso dia, falando-me em particular disse-me que achava o problema intrincado e perguntou-me como se havia de resolver. Eu declarei que não sabia...

E na verdade não sei.

Veremos hoje o que diz a votação. Por ela se fará obra e por ela ficará tudo resolvido.

Hoje, na sessão, meterei o seguinte documento no saco das proposições e que não deixa de ser curioso:

Nº 166.

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.

LL.·. e RR.·. JJ.·.

Tendo-me sido pedida uma informação acerca do nosso Ir.·. irregular Dr. Luiz da Silva Rosetta, profrosto nesta Resp.·. Loj.·., eu julgo do meu dever dizer que não tenho nesse Ir.·. a confiança necessaria para ser admitido no nosso quadro.

Este Ir.·. pertenceu á Resp.·. Loj.·. Academia Livre sendo exclusivamente composta de elementos revolucionarios e nela trabalhou até que o seu genio violento o fez ter uma questão, em sessão, com o Ven.·. de que resultou até ser insultado e ele sair violentamente do Templ.·. pelo que se instaurou um processo. Depois, tendo-se formado em medicina, filiou-se no partido progressista, pelo qual muito nos trabalhou com afan, chegando a pedir votos nas proximidades das igrejas nos dias das eleições como é do dominio publico; e durante o tempo em que militou nesse partido, arrefecendo os trabalhos revolucionarios da Loj.·. Academia Livre procurou desviar

alguns seus contemporaneos ou condiscipulos das suas ideias democraticas, facto este que se não é publico e notorio é do conhecimento de bastante gente de Coimbra.

Como clinico, tem abusado da sua profissão para fins menos serios, utilisando-a como arma politica e eleiçoeira.

Estes factos, não são só, CC.·. e MM.·. IIr.·. sabidos por mim; são conhecidos por numerosas pessoas e alguns são, como deveis saber, do dominio publico. Julgo-me pois, no dever, de vos declarar isto.

Aceitae, CC.·. e MM.·. IIr.·. o abr.·. frat.·. e que o S.·. A.·. do U.·. vos aj.·. e il.·.

Traç.·. em lux.·. oc.·. aos 15 de fevereiro de 1909 (e.·. v.·.)

(e) Nunalvares.

Coimbra — 16 de fever.º

O Machado, afinal, ainda ontem não foi votado. Faltava um documento...

Diabo!...

II

Mais documentos :

Nº167

Proposta :

Atendendo a que é de maior urgencia e de maior necessidade a instalação definitiva do Ven.·. Caes.·. para regularisação da mesma acção liberal ;

Atendendo a que os II.·. delegados das quatro Loj.·. autonomas poucas vezes se reunem e deliberam por falta de numero ;

Atendendo a que se assim se continuar tudo redunda em manifesto prejuizo para o fim que temos em vista ;

Atendendo a que os nossos Trab.·. não podem estar sujeitos exclusivamente aos serviços profanos de cada um ;

A Loj.·. Portugal propõe ao Ven.·. Caes.·. em inst.·. para que faça substituir os II.·. que pelos seus serviços e dedicações ffprof.·.

não poderam comparecer como a devida assiduidade.

Graç.·. ao Sup.·. Oc.·. a 23 de dezembro de 1909 (e.·. v.·.)

(a) Nunalvares
G.·. O.·. F.

N.º 168

Coimbra — S. c. em Montes-Claros, 3-março — 1910.

Meu caro Amigo:

Tenho estado de cama com influenza, mesmo por que hoje não posso comparecer á sessão. É bastante pesar minha em não ir pois desejaria estar presente para a votação dum tal Miranda [1] comerciante na Praça do Commercio que, de maneira alguma, nos póde servir!

Faço-lhe pois esta comunicação para q. combinando-se o amigo com algum dos nossos, ele possa ser rejeitado.

Ha um outro figurão nas mesmas condições: "Mario Pais Martins dos Santos, que é um refinadissimo Falsario e capaz

---

[1] Ernesto Marciar de Miranda.

de nos comprometer se tanto fôr do agrado dum irmão dele, um tal Augusto Pais de Celas, homem cheio de rancores contra os Republicanos.

Não sei se este tambem é votado hoje; á cautela, vai o aviso.

Um alvitre que me lembra: será melhor tratar-se em primeiro lugar da votação dos que são muito nossos e deixar a dos outros para o fim, não não os proponentes combinar-se e deitarem esfera preta nos que são bons!

Veja lá isso.

Leia como poder, pois é da cama que lhe escréve o que é — muito seu amigo

(a) J. A. Pereira de Vasconcelos.

Nº 169

A' Gl.·. da Hum.·.
V.·. J.·. L.·.
O Gr.·. Or.·. Português em Coimbra
A' Resp.·. Loj.·. Cap.·. Portugal neste val.·.

CC.·. e RR.·. II.·.

Levamos ao vosso conhecimento que neste Ven.·. Cons.·. se discutiu se era opor-

tuna reentrar na obediencia do Gr:, Or:. Lusitano Unido e, pouco, pois as condições.

Este Ven:. Pres:. pronunciou-se por que, em principio, era oportuno, e estabeleceu as seguintes condições:

1º. — Que aquele Or:., do modo que quizer mas por meio de um ou mais II:. bastante graduados, se entenda commigo, informando-se rigorosamente dos motivos por que nos separámos;

2º. — Que apresente á nossa consideração os quadros das RResp:. LLoj:. que neste momento, neste val:. estejam sob a sua obediencia para que possamos relacionar-los segundo criterio nosso;

3º. — Que aquele Or:. se informasse na expurgação do seio da Maç:. Port:. de todos os obr:. reaccionarios que nela trabalham;

4º. — Que sejam reconhecidos os munaç:. que hajam sido por nós iniciados depois da nossa separação, bem como munidos os gg:. por nós conferidos;

5º. — Que se mantenham as dignidades por nós eleitas com representação immediata no Gr:. Dist:.

6º. — Que segundo a Constituição se crie neste val:. a Loj:. Regional.

Ob:. e RResp:. II:. : foram estas as con

dições que a este Ven.·. Cons.·., onde estiveram presentes todos os seus membros efectivos, pareceram instantes e imprescindiveis para que a Maç.·. Autonoma de Coimbra possa dignamente reentrar na obediencia; resolvendo, todavia, este Ven.·. Cons.·. comunicar-vo-las para que vós, fazendo delas projecto, discutais o assunto, enviando-nos no minimo espaço de tempo compativel com a importancia da questão, as resoluções que sobre aquele o vosso Resp.·. ⊡ julgar mais convenientes.

Recebei, CC.·. e RR.·. II.·. as nossas cordeais saudações.

S.·. e F.·.

Traçado na Secr.·. do Ven.·. Cons.·. do Gr.·. Or.·. Português aos 13 de fevereiro de 1910 (e.·. v.·.)

O Secret.·. do Ven.·. Cons.·.

(a) Confucio, gr.·. 3º

Nº 170

Miranda do Corvo — 5 - VI - 910.

Meu Ill.mo Amigo: Nunca duvidei que V.Ill.ª bem como todos os nossos II.·. tomassem tanto a peito o meu infortunio, apenas houvessem dele conhecimento: pois sei que me honram com a vossa amisade e be-

nevolencia : recebi, pois, com o mais profundo reconhecimento, esta nova prova de estima que V.Ex.ª e nossos Ir.·. acabam de dar-me e apesar de ser em occasião tão triste, nem por isso deixa de me ser grata pela certeza que me dão de que V.Ex.as não esquecem desta vosso Ir.·. m.to am.º e obr.mo

(a) Manuel Pereira Barathão.

Nº. 171

Recebi da Ex.ma Senhora D. Felicidade Martins Ribeiro a quantia de 25$000 rs. (vinte e cinco mil reis) provenientes do aluguér do 1º. andar da casa nº. 10 da rua das Ferreirinhas e que se ha de vencer pela Páscoa de 1911.

Coimbra, 1 de outubro de 1910

(a) Balsânio Pimentel

Nº. 172

Dia 11 de novembro de 1910.

Para o meu Presado Amigo e Ir.·.

Agradecendo a amabilidade do seu cartão cumpre-me comunicar-lhe que oficialmente

nada posso acrescentar á Branch∴ enviada pela minha R∴ Of∴ acerca da admissão do José Soberal visto nada mais da sua Resp∴ Loj∴ nos ter sido pedido.

Particularmente, superfluo seria lembrar-lhe que a Resp∴ Loj∴ Pro-Veritate não podia dar outras informações dum Ir∴ que conspirou com um grupo de oobr∴, conspiração por ele confessada em sessão, para aniquilar a Loj∴ a que pertencia sem qualquer motivo insignificante ou de valia.

O meu caro Amigo e Ir∴ que fazia parte desse grupo, como nos declarou tambem, senão melhor do que eu poderá aquilatar das razões que nos assistem.

Sem mais, mande o que seu dedº. amigo e ir∴

(a) Armando Gonçalves.

Nº. 173

Exmo. Sm. Dr. Costa Pereira:

O que eu lhe queria dizer é pouco e digo-o rapidamente.

Durante o tempo que estive presidindo á nossa Loj∴ verifiquei a minha incapaci

M.M. 18

dade para o cargo. Em vesperas de eleições pedi a alguns Ils.·. que me não re-elegessem e escrevi até a um, nesse sentido, expondo razões.

Deu-se, porem, o caso que esses nossos Ils.·. julgando-me mal, viram no meu pedido um pretexto talvez de alardear modestia e a re-eleição fez-se.

Em pouco tempo, porem, deu-se uma prova de que ainda sou eu quem tem razão, isto é — que não sirvo para o cargo de Ven.·.

Saí do Templ.·. antes do fim da sessão levado por esse convencimento e não voltaria lá ou não diria nada se não fosse a consideração que me merecem todos os Ils.·.

Eu, positivamente, não sirvo para aquilo e os meus nervos andam muito sobresaltados ainda, para eu poder cumprir com a obrigação.

Peço-lhe, pois, o favor de transmitir á Loj.·. o meu pedido para nova eleição de Ven.·.

Sem mais, etc.

Coimbra — 9 de fever.º de 1911.

(a) Belisário Pimenta

Excellencia

Pela Liberdade que, tanto sangue custou na jornada memoravel de 5 de Outubro combaterão sempre, sem hesitações ou receio de sacrificios de qualquer natureza que sejam, os que agora vem respeitosamente perante V. Ex.ª.

Despertos do pesadêlo de ominosas trevas, rasgadas para sempre pelo facho sangrento da Revolução Triumphante, comprehendem os signatarios que, a obra de reconstrucção vae em principio apenas e reconhecem que, embora bem assente a pedra angular da nova nacionalidade, é mister que, o cimento das paredes do edificio seja seguro, e bem seguro, para que n'uma derrocada formidavel não sepultem para sempre esses que ora o levantam afadigadamente.

E precisamente porque o esforço do actual momento é gigantesco, e os obstaculos, a remover ainda, dos escombros do velho e derruido edificio são enormes, bem sabem os signatarios, a urgente necessidade que ha, do emprego de alavancas poderosas e resistentes.

Veem pois, offerecer a V. Ex.ª os seus esforços conjugados e harmonicos e insistir, com o respeito que o seu talento, dedicação e levantado caracter lhes impõe, mas ao mesmo tempo com'a firme consciencia filha de uma inabalavel convicção, sobre um ponto que, V. Ex.ª decerto nunca perdeu de vista.

N'uma palavra, permittimo-nos nós, os que vivemos entre os pequenos e anonymos rumores das mais variadas criticas, lembrar a V. Ex.ª que a firmeza é uma alavanca indispensavel depois de uma revolução, e só com ella se podem remover rapidamente os obstaculos da reacção sempre natural.

Dir-lhe-hemos mais Senhor Ministro e legitimo representante da vontade expressa do povo que, essa admiravel alavanca nunca pode surtir effeito verdadeiramente util, senão quando tem por fulcro a Opportunidade.

Tem V. Ex.ª dado elevadas e nobilissimas provas de firmeza e opportunidade desde o tempo em que na tribuna de combate, no Parlamento, era a sua voz vibrante das muito poucas que, no Portugal moribundo se ouvia ainda a trahir a vitalidade do seu organismo somnambulo, cataleptico talvez, mas nunca morto.

No actual momento em que, pela logica dos factos e por simples lei de coherencia, se manifesta a febre produzida pela virus da reacção bradamos bem alto, como bradaremos sempre: Firmeza!.

A OPPORTUNIDADE É EVIDENTE

Não deixemos ganhar tempo os inimigos da Liberdade. Naufragos que são, evitemos que lancem os dedos aduncos, das mãos crispadas no desespero capaz de todas as audacias, á derradeira tabua que, fluctúa perto e com o auxilio da qual pretendem salvar-se.

Que se afundem no abysmo aonde já desceram para a fermentação derradeira, a da podridão, os seus vicios e as suas protervias.

Por um erro de politica propria de quem perdeu por completo a coherencia moral com a derrota soffrida, commetteram os bispos portuguezes a imprudencia de trazer a publico uma pastoral retrogada, desrespeitosa e criminosamente offensiva ás leis da Republica e á tranquilidade do paiz.

Com esse gesto desvairado lançaram elles sobre os proprios hombros, a responsabilidade do rompimento inevitavel e fatal como o corollario mais logico e mais claro.

Mostrar indecisão n'este momento, tão evidentemente opportuno seria a nosso ver uma imperdoavel tibieza d'animo, seria como a consagração da sua allucinada audacia, uma justificação do seu procedimento illegal. Seria como classifica-lo de bom e recompensa-lo ainda em cima.

Ora a separação da Egreja e do Estado acaba de facto de ser iniciada por elles como pretensa manifestação de força.

Na verdade tanto julgaram a Egreja independente do Estado que na sua pastoral e em actos subsequentes manifestaram o mais absoluto despreso pelo poder civil.

Tem V. Ex.ª o pulso forte e a coragem dos triumphadores, e é por isso que lhe pedimos que corte a ultima fibra, faça estalar o ultimo fio que ainda conserva n'uma coherencia paradoxal essas duas entidades que nenhum principio de logica pode conservar unidas, que nenhum lemma politico pode, coherentemente confundir.

N'uma palavra é o povo do districto de Coimbra que, lhe pede Illustre Ministro que promulgue rapidamente, sem perniciosas delongas a lei de Separação da Egreja e do Estado.

Com uma simples pennada rematada por uma assignatura terá V. Ex.ª vencido o ultimo baluarte da reacção.

E' o que respeitosa e conscientemente pedem a V. Ex.ª os signatarios que, na ridente alvorada de 5 de Outubro, accordaram libertos do pesadello de ominosas trevas rasgadas para sempre pelo facho sangrento da Revolução Triumphante!.

Coimbra, 12 de Março de 1911.

Nº 174

C.·. e Pod.·. Ir.·. Ven.·. da R.·. Loj.·. Capitular Portugal

Tenho a honra de vos remeter a mensagem e folhas juntas para as Dig.es e Oblr.·. do vosso [∴] assinárem na que vai em papel melhor, e outras folhas para colherem as assinaturas dos pprof.·. (1)

Saude e Fraternidade.

Val.·. de Coimbra — 14 — março — 1911 (e.·. v.·.)

O membro de Ven.·. Cons.·.

(a) Aires de Saldanha.

Nº 175

Val.·. de Coimbra, 27 de abril de 1911 (e.·. v.·.)

A Resp.·. Loj.·. Cap.·. Portugal — Sob os auspicios do Or.·. Portuguêz envia — A' Resp.·. Loj.·. Cap.·. Pro-Veritate

CC.·. e RR.·. Ir.·.

Agradecendo a vossa franch.·. de 21 do

(1) A mensagem é o impresso junto.

corrente, responde esta Resp.: Loj.: que em virtude da orientação que tem seguido e por ter resolvido solenisar a promulgação da lei da separação da Igreja e do Estado, subrogando um donativo á Associação dos Enfermos de Coimbra, resolveu não nomear delegados á comissão das festas por nós promovidas pela publicação dessa lei. No entanto os seus obr.: tomarão parte nas manifestações que se fizerem.

Aceitai, ff.: o MM.: Ir.: o nosso abr.: frat.:

O Sec.: — (a) Almachuves — O Secr.: (a) Afonso Henriques.

Nº. 176

Figueira — 20 — maio — 1911.

Confidencial.

Meu Caro Cam.da

Na 2ª. feira fui aqui uma sessão branca com assistencia do Dr. Alfredo Magalhães. Pedi já em Loj.: licença para o convidar e que todos anuiriáram com toda a satisfação. Assistem as sessões da Loj.: de adopção.

Pode dar-nos o prazer da sua visita?

O Dr. Alfredo de Magalhães realisa, antes, uma conferencia.

Desculpe o escrever-lhe tanto á pressa. Cá o espero.

Seu cam.do e amigo

(a) Arminda Girão.

N.º 177

Coimbra — 18 — junho de 1911.

Ao Gr.·. Secr.·. Ger.·. da Ordem — Confidencial. — N.º 1.

Em resposta á vossa circular confidencial de 2 de junho, devo dizer-vos que a R.·. Loj.·. Portugal de certo estará disposta a auxiliar em tudo o Poder Governativo, mas necessita conhecer a circular de 19 do passado mês a que vos referis para poder dar cumprimento ao que nela se contem.

Peço, pois, que ma envieis com a possivel brevidade e que aceiteis o meu alr.·. frat.·.

O Ven.·. — (a) Nunalvares, gr.·. 18.º

N.º 178

Coimbra — 11 de julho de 1911.

Ao Gr.·. Secr.·. Ger.·. da Ord.·. — Confidencial. — N.º 2.

Acuso a recepção da vossa circular n.º 41 e justifico a falta á sessão do Gr.·. Cons.·. porque, no momento proximo, impossivel era comparecer, abeirando-se a minha qualidade de official do exercito e arregimentado. Não delegui em qualquer Ir.·. nosso a representação da minha Loj.·. porque ignorava o assumpto de que se tratava e não podia assim indicar qual a orientação que esse Ir.·. devia tomar.

Aproveito a occasião para, em nome de um Ir.·. do meu Resp.·. [⊡] pedir a interferencia dos corpos superiores a fim de fazer cessar um caso que é para ahi de importancia.

O Ir.·. Domingos Alvares da Cunha, antigo e dedicado maç.·. e republicano, actualmente official da secretaria da Inspecção da 2.ª Circumscripção escolar, tem direito, em virtude do art.º 158 da Lei de Instrucção Primaria a ser promovido a secretario, logar que se acha vago e para o qual já ha muito requereu a promoção.

Julgo justo o patrocinar-se esta pro-
moção porque não só o Ir.·. designado o me-
rece mas porque constou que um antigo
franquista, seu inimigo, procura algum tal-
vez obstar essa sua promoção.

Devo esclarecer que este lugar de oficial
que ocupa o nosso Ir.·. é preferido por um
outro Ir.·. da Loj.·. Redenção ao val.·. de
Coimbra e assim, com a referida promoção,
se iria beneficiar dois Ir.·. que não dignos do
auxilio que a Maç.·. lhes possa prestar.

Aceitae, [redacted] affectuosamente, o abr.·.
frat.·.

O Ven.·. — (a) Nunalvares, 18.·.

Nº 179

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.

Gr.·. Or.·. Lusitano Unido Sup.·. Cons.·.
da Maç.·. Portuguesa.

Val.·. de Lisboa, 12 de julho de 1911.

A Gr.·. Secr.·. Ger.·. da Ord.·. — A' Resp.·.
Loj.·. Cap.·. Portugal, ao Val.·. de Coimbra.

CC.·. e AA. Resp.·. Ir.·.

Acusando a recepção da estimada Gr.·.
de 18 do proximo passado, tenho o prazer de

vos responder ao respectivo conteúdo, incluindo nesta uma copia da circular de 19 de maio, conforme os vossos desejos.

Rogando-vos me releveis a demora q. houve em vos responder, peço-vos igualmente que aceiteis, CC.·. e RR.·. II.·. o meu abraço fraternal.

O Gr.·. Secret.·. Ger.·. da Ord.·. — [Lugar do selo] — (a) Antonio Joaq. Rib.º, 11.·.

Val.·. de Lisboa, 19 de maio de 1911.

Circular nº 37 — Confidencial.

[Copia] — CC.·. RR.·. II.·. — Tendo esta Gr.·. Chanc.·. informações seguras de que por breves dias as hostes reacionarias e outros elementos oposicionistas, aproveitando-se da excessiva fé das populações menos cultivadas e ainda dos projectos de gréve de algumas classes operarias, pretendem promover graves perturbações da ordem publica, chegando no seu arrojo a dizerem que contam para tal fim com alguns elementos militares; e tornando-se necessário para a segurança e progresso do País anular tão criminosos propositos; roga-vos o poder governamental que nos vossos vval.·. empregueis, a par da maior vigilancia nos manejos daqueles maus portugueses, a maxima propaganda contrarian-

do os seus fins. — Mais vos péde o poder governamental vos dignéis com urgencia ilucidar-nos sobre a disposição de espirito das populações dos vossos val∴ a fim de, com segurança, traçarmos o caminho a seguir no esclarecimento da verdade e na defesa da Patria e da Republica. — Aceitão, CC∴ e RR∴ II∴ o abr∴ frat∴ que vos envia — O Gr∴ Chanc∴ Ger∴ da Ord∴ — João Teixeira Simões, 32∴

Nº 180

A' Gl∴ do S∴ A∴ do U∴

Gr∴ Or∴ Lusitano Unido Sup∴ Cons∴ da Maç∴ Portuguesa.

Val∴ de Lisboa — 22 de julho de 1911 (e∴ v∴)

A Gr∴ Secret∴ Ger∴ da Ord∴ — Ao Caro e Resp∴ Ir∴ Vener∴ da Resp∴ Loj∴ Portugal ao val∴ de Coimbra.

Caro e Resp∴ Ir∴

Nesta Gr∴ Secret∴ foi recebida a vossa apreciada pranch∴ de 11 do corrente cujo conteúdo foi tido na maxima consideração.

Procurámos já congregar elementos para que seja deferida a pretenção que dese-

jaio a favor de um Ir.·. desse Quadr.·. sendo para nós motivo de grande satisfação o virmos a saber que a referida pretenção foi atendida.

Aceitão C.·. e Resp.·. Ir.·. o meu abraço fraternal.

(a) Antonio Joaq.ᵐ Rib.º [com selo branco]

Nº 181

Coimbra — 30 de julho de 1911.

Ao Gr.·. Secret.·. Ger.·. da Ord.·. — Confidencial — Nº. 3

Acuso a recepção da vossa pranch.·. de 22 do corrente e podeis crer que é com a maior satisfação que a agradeço. Já calculava que não era em vão que apelava para vós, a bem de interesses legitimos dos nossos Ir.·. — por isso, de novo agradecendo-vos mais esta prova de consideração peço-vos que aceiteis os protestos da minha estima e do meu reconhecimento:

O Ven.·. — (a) Nunalvares, 18º.·.

Nº 182

Coimbra — 2 de agosto de 1911.

Ao 1º Vigil∴ da R∴ Loj∴ Portugal — Confidencial — Nº 4.

Levo ao vosso conhecimento que me ausento hoje deste val∴ com licença do Ministerio da Guerra e da nossa Resp∴ Loj∴ ficando vós, por isso, fazendo as minhas vezes desde hoje.

Peço-vos, Pod∴ e Resp∴ Ir∴ que não falteis á sessão de amanhã e entrego-vos as ppranch∴ recebidas desde a ultima sessão a que dareis o destino que melhor vos aprouver.

Devo prevenir-vos de que da proposta do nosso Pod∴ e Resp∴ Ir∴ Confucio, feita na sessão anterior, só dei andamento a metade, porque a outra parte iria de encontro ao que está expresso no decreto nº 132 que eu recebi no dia imediato e de cuja doutrina vós dareis conhecimento á Loj∴ para que ela resolva convenientemente.

Aceitai, Pod∴ e Resp∴ Ir∴ o aler∴ frat∴

O Ven∴ — (a) Nunalvares, p∴ 18º∴

Nº 183

Apontamentos duma sessão conjunta de Veneraveis e alguns IIr.·. de todas as LLoj.·. do val.·.

Em 27 de outubro de 1911. Estiveram presentes: Manuel Antonio da Costa, Frederico Graça, Dr. José Cipriano Rodrigues Diniz, Floro Henriques, Belisário Pimenta, Cesar Diniz de Carvalho, Joaquim Pessoa, Francisco da Fonseca e Artur Vieira de Carvalho.

Presidiu Manuel Antonio da Costa.

Foram aprovadas as seguintes propostas do Ir.·. Floro Henriques:

1º — Nomear, de entre os presentes, uma comissão para ir ao Governo Civil cumprimentar o Governador Civil pela sua atitude nas questões que surgiram ultimamente em Coimbra a proposito da residencia do Bispo, de Eugenio de Castro, do Padre Antonio Pratas e do Conego Moreira em edificios que, pela lei da Separação já não podem habitar; instigar o mesmo Governador Civil a que prossiga prometendo, ao mesmo tempo, todo o apoio moral dos "Grémios" de Coimbra; e pedir-lhe ainda que faça uma convoca-

ção da imprensa local para orientar a campanha da mesma imprensa sobre o referido assunto. A comissão nomeada ficou constituida por: Manuel Antonio da Costa, Francisco da Fonseca, Belisario Pimenta e Octavio Cardoso, e foi resolvido que cumprisse a sua missão amanhã, 28, ás 12 h. do dia.

2º. — Que todos os mmaç.·. que colaboram na imprensa local ou que sejam capazes disso, tomem a iniciativa de escrever artigos, orientando a opinião em conformidade com as resoluções tomadas.

Resolveu-se comunicar as resoluções tomadas nesta ou noutras sessões, ás LLoj.·. do val.·. que não tiverem representantes ás mesmas.

Pelo Ir.·. Manuel Antonio da Costa foi apresentado á consideração dos presentes, a seguinte exposição:

« Os concelhos de Figueiró dos Vinhos, Castanheira de Pera, Ancião, Pombal e Pedrogam, desejam passar do distrito de Leiria para o de Coimbra, mas não querem, por motivos varios, tomar a iniciativa de pedir essa passagem, mas que, pedida ela por Coimbra, eles auxiliarão quanto lhes seja possivel. As distancias, as relações comerciais, as vias de comunicação, tudo

enfim é a favor dessa passagem. Relações comerciais com Leiria não teem nenhumas pouco importantes com Coimbra. Da Castanheira de Pera a Leiria são 24 leguas pelo erro, gastando um individuo que ali tenha que fazer, como sempre se tem nas pedes do distrito, só no caminho 2 dias gastando algumas dezenas de mil reis a mais do que a Coimbra. De Pombal, unico concelho a que nunca convinha por estar mais proximo de Leiria, não ha oposição a isso e estou autorisado a garantir que não só desejam a transferencia como a auxiliarão.»

Foi resolvido fazer um memorial ao Governador Civil sobre o assumpto para que este comunique o desejo destes concelhos, á comissão que está encarregada da organisação administrativa, e ao mesmo tempo lançar na imprensa estas noticias para se apalpar a opinião.

Foi resolvido mais que as seguintes sessões se realisassem nas salas da Loj.: Portugal; e que a primeira sessão se realise logo que qualquer dos membros veja a necessidade dela.

Nº. 184.

Ex.mo Sm.

Um caso grave me obriga a dirigir-me a V.Exc., mas para que justiça seja feita a quem a merece e para que a Maç.·. não sofra vexames de especie alguma, não posso deixar de o fazer. E' um caso um pouco grave, pois que á justiça substituiu-se a injustiça, o reu tornou-se autor e á vitima agravaram assim a sua situação. Mas, para elucidação de V.Exc. eu devo contar, nas suas linhas gerais, a grave questão que neste momento se debate no vale de Coimbra.

Em fins de maio preterito a Loj.·. Redenção resolveu intervir no caso Floro Henriques e enviou ou por outra, nomeou uma comissão para ir a Lisboa falar com o Ministro do Interior. Eu estive nessa sessão muito pouco tempo pois devia comparecer a certa hora no Centro Fernandes Costa onde se ia reunir o povo a convite meu. Tratou-se no Centro a questão e resolveu a numerosissima assembleia enviar a Lisboa uma comissão composta de 6 membros, se me não engano, no numero dos quais estava eu. Durante a sessão, no Centro, foi-me comunicado por Eduardo Gomes, simb.·. Breguet

que eu fôra escolhido pela Loj.·. Aceitei, como aceitei a delegação do povo reunido no Centro Fernandes Costa. Fomos a Lisboa, falámos com o ministro e regressámos no mesmo dia. O povo que tinha tomado a questão a peito, aguardava ancioso a nossa chegada. Esperáram-nos na estação e começáram a convergir para o Centro onde eu e os meus colegas, expusemos o que se havia passado na Capital. O sr. Octavio Cardoso tambem delegado da Loj.·. Redenção não assistiu a essa sessão por ter muito trabalho e por não ser delegado do povo ali reunido. Poucos dias depois, a 30 de Maio, vi, com grande surpresa minha, no jornal desta cidade — A Defesa — uma entrevista na qual o sr. Octavio Cardoso, que não assistiu á sessão e que não ouviu mais do ponto mais do longe, vem afirmar publicamente, num jornal que eu deturpára as palavras do ministro, com fins que ignorava. Quando li estas palavras fiquei indignado! Então Octavio Cardoso, delegado dum gremio secreto vem a publico, num jornal, {dizer} que é delegado desse Gremio?

Então esse homem que me chamava Ir.·. vai arrastar a minha dignidade pela lama dizendo que, com fins desconhecidos eu deturpára as palavras do ministro?

Então esse Homem que era meu Ir.:, que me não ouviu fazer a exposição do que se passára, porque foi para me cara, não teve o dever de ser leal e de se recusar a dar explicações para me ouvir?

Esse Homem não tinha o dever de ser leal visto que pertencíamos ao mesmo Grémio, eramos Ir.: e, neste momento, ambos delegados?

Esse Homem, como mais elevado em gr.: e mais antigo na Maç.: não tinha o dever de ser correcto e até de me orientar se eu não fosse por bom caminho?

Foi bom Ir.:? Não. Foi bom colega? Não. Foi bom delegado? Não, porque trouxe para o mundo profano o que só ao fôro intimo da Loj.: pertencia. Foi bom maçon? Não, porque tornou publica a existencia do Grémio Federação e não foi justo nem fraternal, como lhe cumpria! Delinquio ou não? V.Ex.: com o seu alto criterio resolverá.

Pois bem, a meu insulto e descredito publico a que ele me arrastou, respondi na Tribuna em 5 ou 6 linhas dizendo que o Sr. Octavio Cardoso mentira quando disse que eu deturpára as palavras do ministro. Lembrou-me a ocasião em Loj.: a o Ir.: Orador alegando que eu insultára publicamente um Ir.: do quadro, fadiu para mim pois

meses de suspensão. Pergunto agora: o Ir.·. Orad.·. leu apenas o meu desmentido? Mas se foi só isso que leu, qual foi o criterio que o determinou a pedir a minha suspensão se o desmentido não podia existir sem qualquer motivo que o justificasse? Havia ou não a intervista publicada na Defesa? Porque a não leu o Orad.·. que tão severo quiz ser para mim? E era justo o pedido que o Orador fizera? Sem duvida, porque não se agride um Ir.·. e não se tratam questões no mundo profano sem se haverem tratado dentro da loj.·.

Mas o Orad.·. só me viu a mim em 5 ou 6 linhas no fundo da terceira pagina da Tribuna, desmentindo e não insultando e não via ou não quiz ver perto de tres colunas contra mim, onde a dignidade dum homem sofre ataques de esquina, preparados e vibrados a ponta e mola!

Mas sejamos serenos. O Orad.·. foi elucidado de toda a questão e, escandalosamente, não se decidiu a reclamar contra o delinquente a pena que para mim tinha solicitado. Eu insultei em publico; ele, Octavio Cardoso, não? Eu tratei de me defender e em 6 linhas; ele agrediu-me em perto de 3 colunas! Eu, fui o segundo a aparecer em publico, ele o primeiro, o que

originou a questão que é afinal imoralissima. Abafou-se o caso deliberando a loj∴ que ela não podia ser tratada lá dentro porque, diziam, pertencia ao mundo profano. Ha aqui um caso curioso a notar = não era do mundo profano enquanto eu devia ser suspenso; passou a sê-lo quando á evidencia se demonstrou que Octavio Cardoso prevaricára. Isto é justiça? Isto é fraternidade e igualdade?

Para se apreciar como Octavio Cardoso procedia basta citar este facto = para protestar contra mim ou para se engrandecer perante o ministro, enviou-lhe um telegrama cumprimentando-o e dizendo-lhe em nome da loj∴ que esta se dava por satisfeita com as suas palavras. Logo que eu tive conhecimento disto, por um profano, tratei de averiguar se a loj∴ tinha reunido para tal fim extraordinariamente, se fôra deliberado, em sessão ordinaria, enviar tal telegrama. Nada apurei a não ser isto, que é bastante para avaliar as acções de O. Cardoso e do seu bloco dentro da Maç∴. Fui á Loj∴ e protestei contra tal abuso e revindiquei o direito de exigir responsabilidades a quem, tão insolitamente, telegrafa a um ministro em nome duma agremiação que tal não deliberou e nem para tal se reuniu! Deliu-

guiu? — Sem duvida. Pois o Orad.: a nada se moveu.

Deliberado, como foi, que a questão pertencia ao mundo profano, fui proibido de nela falar, até mesmo quando tratava de me defender. Mas, a certa altura, dominado pela paneleirha e vendo tudo perdido, resolvi pedir as convidadas das actas na parte relativa á questão. Foi isto, se não estou em erro, no dia 20 de julho.

A Loj.: deferiu por unanimidade o meu pedido e o secret.: ficou encarregado de mas passar. Um belo dia, foram, com Ir.: profano e, depois de varios trabalhos, assim se fez. No entanto, eu mantinha o meu pedido, queria a copia das actas e a ela tinha direito. O secret.: pouco experiente que é, e receando errar, perguntou para a Cpi.: Chanc.: se podia passar as convidadas ao que lhe responderam afirmativamente. Em vista disto, passa as convidadas e, em vez de as autenticar, e entregar-mas, num gesto de lealdade em que havia um bocadinho de medo, vai mostra-las ao Ven.: em exercicio que, abusando da sua situação de Ven.:, pondo de parte a questão moral e meu respeito por uma deliberação unanime da Loj.: mete os papeis na algibeira e recusa entregar-mos!

Mas é preciso dizer quem é o Ven.·. em exercício: é o profano Octavio Cardoso que, de novo, passa a ser juiz. O secret.·. indigitado, veio contar-me o caso e pedir-me que não faltasse á sessão pois lá queria dizer que cumprira o mandato da Loj.·. mas que o Ven.·. (Octavio Cardoso) lhe ficára com os documentos. Isto é extraordinario!

Agora não se trata da primeira vez; essa está passada e não póde reviver. Agora trata-se apenas da entrega ou não entrega das copias das actas. São ou não são minhas? São, e do direito que a elas tenho não abdicarei em caso algum, aconteça o que acceder.

No dia 6 do corrente reuniram-se alguns Irmãos numa das salas da casa onde está installada a Loj.·. Redempção e, a certa altura, o Ir.·. secret.·. faz a declaração de que tirára as certidões mas que mostrando-as ao nosso Resp.·. Ir.·. Ven.·. em exercicio (Octavio Cardoso) este lhe ficára com ellas e o impossibilitara, por tanto, de as entregar ao Ir.·. Cardoso (eu). Octavio Cardoso começou a tratar-me com aspereza, lamentando que a questão nunca cesse ao que respondi = Essa questão está passada a ser, que já uma vez fui proibido de nella falar, defendendo-me, não consentirei que nella se fale. Este meu

tão é outra e termina logo que deixe de abusar da sua situação e me entregue os documentos que só a mim pertencem e sem os quais daqui não sairei. = Octavio Cardoso, simb∴ Bernardino Machado, irrita-se mais ainda, bate com o punho nos papeis e declara congestionado = Pois não os leva! Se lhe tivessem sido passados quando os requereu eram seus e muito seus; agora não e não... = Seguiu-se uma discussão violenta porque eu não podia tolerar que o delinquente estivesse a ser juiz! Exigi os meus documentos com brandura enquanto me foi possivel; mas, dada a resistencia de quem me queixo, impuz-me, revindicando o direito que aos documentos tenho, baseado numa deliberação da loj∴ e por unanimidade. Octavio Cardoso por varias vezes quiz falar na velha e sanada questão, ao que me opuz, pois, neste momento, ha apenas isto = Dum lado eu a exigir os documentos que por direito me pertencem, do outro Octavio Cardoso que nesses documentos tem verpastadas, pelo seu incorrecto procedimento, a negar-se a entregar-mos transitando de reu a juiz! = E' esta a questão. Mas a discussão azedou-se e eu declarei muito categoricamente = « Os papeis são meus

porque os requeri no uso legitimo dum direito, porque a loj∴ resolveu por unanimidade que me fossem passados e porque o secret∴ os passou em termos. São meus e do direito que tenho a eles eu não abdicarei em caso algum. Ou eles veem para a minha mão ou eu sairei daqui aos bocados.» = Chegou-se ao rubro e eu a certa altura gritei-lhe: = «O Sr. é reu, não podia nem devia ocupar esse lugar fazendo-se juiz! Se fôsse honesto não pretenderia julgar-se a si mesmo! Resolva o que quizer ou o que quizerem, eu não abdico dos meus direitos sejam estes de que natureza forem!» = Mas como se estava aproximando o momento das violencias, o Ir∴ Marat (dr. Luis Rosete) levantou-se e saiu. Outros pretenderam imita-lo e eu num gesto de indignada mas justa revolta, fazendo valer as resoluções da loj∴ e pugnando pelos meus direitos puz-me entre a porta e deitando a mão á pistola, gritei-lhes furiosamente: = Daqui ninguem sái! Ou os meus papeis ou a morte! Não sáio daqui sem eles, suceda o que suceder! Isto é uma indignidade! Isto é um crime! Isto não é uma loj∴, é um antro! Ah! como a Maç∴ está mal de homens que bem a sirvam! Não saio daqui! = Isto não se passou em loj∴ ninguem es-

tava decorado e não havia colunas onde eu me acolhesse. Como alguns irmãos pretendessem sair antes de, recusei com firmeza, e tomei o corredor, sempre de dedo no gatilho. Seria uma calamidade tocar-me ao de leve que fosse, pois, perdido a noção das coisas e da situação eu esquecendo tudo a tudo estava resolvido e por isso conservava a distância daqueles que, como Judas, pretendiam dar-me o abraço fraternal. Alguns II.·. aproximaram de mim, tentando acenar-me e dizendo-me muito amigos. Eu alguns reconheci essa qualidade e esse direito, mas a outros não. Eto orad.·. disse eu, entre lágrimas raivosas, que esse homem me arranca = Você, Ribeiro, é um dos principais culpados disto tudo; você, Ribeiro, pediu 6 meses de suspensão para mim, que apesar me defendia numa grave e violenta acusação e envidecou quando viu que o criminoso era esse homem que aí está dentro ... ~~esse~~ esse homem a quem eu pensava tratar com afabilidade e até amizade, esse homem que de mau passou a ser juiz ... Foi você, Ribeiro, que para o salvar não teve escrúpulos de espécie alguma e não hesitou em me perder. O orad.·. quis explicar-se apoiando-se na sua boa fé, ao que eu respondi = Eu acreditar na sua boa fé, devo di-

zer então que Você foi arrastado, comido... Um outro que tentou aproximar-se de mim foi o Bastos da Fazenda, simb.·. Miguel Bombarda. A esse tambem repeli e se hoje ele não é um cadaver é porque um movimento do dedo trancou a pistola enquanto do chão apanhava uma bala que me tinha caído; senão, no momento em que lhe dei com a pistola na cara eu tinha-o fusilado; mas, apesar de puxar o gatilho, ele ficou vivo! a pistola estava trancada!

Guilherme de Albuquerque falou-me então nestes termos = Ouve-me. Sou teu amigo e entendo que deves aceitar o que te vou propôr. Octavio Cardoso não fica com os papeis; levo-os eu para meu poder e consulta-se o Gr.·. Or.·. e os papeis hão de ir ter á tua mão. Acedi e depois de ele me mostrar um envelope fechado e rubricado por diversas pessoas eu, conhecendo-os optimamente, disse-lhe: que te lacrem e monogramem esse envelope... tu mal sabes quem eles são!

Depois disto saí com Albuquerque.

Rogo a V.Ex.ª que não repare na forma da exposição, pois que, tendo de escrever isto a lapis para produzir copias com papel quimico, não me foi possivel fazer rascunho e isto não é, portanto, uma peça... literaria. Mas

M.M.
21

a verdade, pura e crúa, está aí e ponho-me á disposição de V.Exc. para esclarecer este ou aquele ponto que lhe ofereça duvidas.

Resumindo:

1º — Octavio Cardoso traiu para o seio do profano o que só a Loj.: pertencia.

2º — Telegrafou ao ministro em nome da Loj.: sem esta ter autorisado mesmo para tal reunido.

3º — A Loj.: absolve-o destes crimes maçs.: e sociais.

4º — Critica publicamente, num jornal um Ir.: um colega e um amigo.

5º — O que ele disse na imprensa, antes de chegar á mentira, foi o que eu contei, na essencia, no Centro Fernandes Costa.

6º — Faltou aos deveres maçs.: que lhe deu Grat.: para todos os obr.:

7º — Desprezou os codigos de just.: maç.: que proíbem questões profanas antes de serem tratadas dentro da nossa Aug.: Ord.:

8º — Atirou-se ao juiz sendo reu.

9º — Passou por cima da deliberação uma vez da Loj.: que deliberou que nos fossem passadas as convidadas.

10º — Que não devia ser ele o Ven.: em exercicio visto que ha 1º Vigilante.

11º — Na sala onde o conflito se deu não havia ccol.: mas ninguem estava declarado.

12º — Que o Orad.·. foi sempre, sempre, absolutamente parcial.

13º — Que suceda o que suceder, eu não abdico do direito que tenho ás certidões.

Aqui tem V.Ex.ª um caso grave e que dificilmente se resolverá, pois que se a Maç.·. é, como é, uma optima instituição, tem a servi-la, em grande numero, homens que só a deslustram, e prejudicam a sua obra. Eu, se o caso não fôr resolvido com justiça, cheio de magua e com imensa pena o digo, vejo-me obrigado a servir-me do panfleto para, em publico, me desagravar. Não cederei senão perante a Justiça austera e nobre e não me curvo a pedir favores quando estou convencido de que tenho direitos e por estes pugnarei enquanto poder. Farei tudo o que fôr possivel dentro da legalidade e dos bons principios, mas se justiça se não fizer eu, lamentando desde já a minha situação, neste caso, tornarei publica esta questão de imoralidade.

Cumpre-me declarar-lhe que me reservo o direito de usar desta carta quando e como o julgar oportuno.

Convencido de que expuz a verdade toda, subscrevo-me, com a mais elevada consideração

Coimbra, 15 de novembro de 1911
De V. Ex.ª muito at.º e v.or
(a) Francisco José da Costa Ramos, simb.·. Gastão, 14.·.

Nº 185.

Coimbra — 29 de novembro de 1911
Ao Grande Chancel.·. Ger.·. da Ord.·. — Confidencial — Nº 6
Envio-vos, devidamente preenchidos, os relatorios que enviasteis, acerca dos pprof.·. Luis José da Mota e José de Albuquerque.
O Ven.·. — (a) Nunalvares, 18º.·.

Nº 186

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.
Requerimento — Ao Sup.·. Cons.·. Ger.·. da Ord.·.

Francisco José da Costa Ramos, simb.·. Gastão, 14.·. do quadro da Resp.·. Loj.·. Redenção ao val.·. de Coimbra, tendo sido ilegalmente

suspenso, pois que não foi deliberada em ~~sessão~~ sessão maç.·. tal suspenção visto que:

1º — Os Ir.·. que resolveram suspende-lo não estavam decorados

2º — Reuniram numa sala qualquer e não templo.

3º — Não havia portanto colunas simb.·.

4º — A proposta de suspensão foi apresentada pelo Ir.·. Orad.·. Domingos José Ribeiro, simbol.·. Lutéro, 29.·. que, como se vê da circular que enviou aos Ven.·. deste val.·. e ao Pod.·. Ir.·. José Teixeira Simões é absolutamente parcial e portanto, suspeito, em absoluto.

5º — Presidiu a essa reunião o Ir.·. que motivou a questão de que se trata; outro, portanto, absolutamente suspeito e tanto que, de reu passou a autor e até a juiz! e

6º — Finalmente, essa reunião, ainda que fosse maç.·. era ilegal pois que, sendo reunião extraordinaria, não se comunicou nos avisos o assunto de que ia tratar-se como poderá verificar-se pelo aviso em seu poder.

Em nome da sã justiça, da fraternidade e dos bons principios mmaç.·. requere que se lhe faça justiça, levantando-se tão irrita e nula deliberação que afecta os seus mais sacratissimos direitos; requere tambem que se passe ordem á Resp.·. Loj.·. Redenção para que lhe sejam entregues as copias das actas

que em devido tempo requereu e que por unanimidade, a Loj∴ resolveu que lhe fossem passadas e que, nesta data e desde 6 de novembro preterito, se encontram em poder do Ir∴ Guilherme de Albuquerque, simb∴ Gorki.

Coimbra, 15 de dezembro de 1911.

E. R. Justiça.

(a) Francisco José da Costa Ramos.

Nº. 187

Copia duma pranch∴ a José Teixeira Simões a respeito do assunto da pranch∴ anterior.

Ex.mo Sm.

Uma triste noticia, debaixo da rubrica — consta que — chegou aos meus ouvidos. Vejo, Ex.mo Sm. que se assim é a Maç∴ é a negação da Justiça, a representante legitima duma seita que só vive da intriga reles e vil, a agremiação anti-liberal que coarcta o direito de defesa (que a toda a gente e em toda a parte constitue um dos mais invulneraveis direitos) a associação do mal e do desprestigio dos homens de bem.

Ah! Ex.mo Sm. eu, que nesta questão tenho sido uma vitima asquerosamente perseguida

e infamemente despresada pelos que se diziam meus Ir.·., estou profundamente desalentado com a falta de frat.·., de iguald.·. e de Justiça. Justiça, senhores maçons, justiça! Eu não vos peço mais nada! Desde que ela seja o que deve ser nobre e sobranceira a toda a malandrice de blocos maçonicos ou camarilhas intriguistas, eu aceito-a de bom grado.

Desculpe-me V.Eee. estas coisas e permita-me que volte ao principio. O nosso Ir.·. Guilherme de Albuquerque disse-me que <u>lhe constava</u> que me não davam os documentos que, por direito, só a mim pertencem. Sendo assim eu peço a V.Eee. um obsequio muito especial = dizer-me o que ha, de verdade, sobre o caso pois eu não quero fugir a linha que tracei e hei de seguir. E desta vez peço urgencia na resposta. E' me impossivel continuar por mais tempo nesta ilegal e imoral situação creada por uma camarilha que vive só da intriga e envergonha a Maç.·. que diga-se de passagem, já devia ter ordenado uma sindicancia, mas a rigor.

Uma pergunta = Os VVen.·. deste val.·. foram ouvidos? V.Eee. já conhece o conteúdo da celebre certidão das actas?

Para eu poder manter o que dizia na minha carta de 15 do corrente, rogo-lhe responda na volta do correio ao que é

Coimbra, s/c 20 de dezembro de 1911.
De V. Ex.ª m.to at.º e ven.dor
— (a) Francisco José da Costa Ramos.

Nº 188

« Inspecções rituais.

« . . . . . .

« Finalmente, o Pod.·. Irm.·. Eduardo Augusto Pereira teve de voltar a Coimbra por delicado convite das LL.·. Redenção e Estrela de Alva para assistir oficialmente á cerimonia da sagração do novo Templo das referidas LL.·. que se realisou em 27 de dezembro.

« O comovente interesse que este acto solene despertou vai descrito no seguinte traç.·. dos trabalhos da sessão e no discurso do Irm.·. Belisario Pimenta Ven.·. da L.·. Portugal, os quais vem confirmar o entusiasmo que lavra na ~~[illegible]~~ esclarecida cidade pelo desenvolvimento de uma instituição que é a sentinela vigilante da liberdade e a propulsora constante dum movimento que tende a firmar a ~~[illegible]~~ ~~[illegible]~~ felicidade publica nas solidas bases da paz e do trabalho.

. . . . . .

« Discurso do Ir.·. Belisario Pimenta Ven.·. da L.·. Portugal, ao V.·. de Coimbra.

« Minhas Senhoras e meus Ir.·.

« Como representante da M.·. L.·. Portugal — a que presido principalmente por favor exagerado dos meus companh.·. de Of.·. — eu quero, antes de mais nada, fazer-vos a afirmação de que muito grato me foi saber que as RR.·. LL.·. Estrela d'Alva e Redenção desejavam levar a efeito uma festa que por certo seria, como realmente é, uma festa brilhante e de alto significado.

« Devendo ser a Maç.·. uma escola de virtudes, tudo o que possa ou deva passar para o mundo profn.·. é justo que seja para que alguma coisa, embora simples, mas impressiva — razão porque a festa que se realisa agora, tocante e fraternal como é, nos deve encher de satisfação e trazer-nos incitamento. É' necessario que se dê a conhecer que a Maç.·. apesar de se ocultar, não se oculta para fugir á severidade das leis e á reprovação dos bons. Os nossos templ.·. estão fechados, é certo, mas para que se não saiba de onde brota o bem que nós fazemos.

« Eis, minhas Senhoras e meus Ir.·. os motivos que me levam a afirmar-vos a alegria e a satisfação da L.·. Portugal por a

festa que realisamos — festa de II.·. e de amigos, festa de confraternisação e alegria, que outra razão não teve, de certo, a lembrança de sagrar e inaugurar solenemente o templ.·. destas RR.·. OOf.·.

« Mas muito particularmente me é agradavel tambem patentear deante de vós todos a excelente impressão que causou em nós, OObr.·. da L.·. Portugal, o saber que presidia á festa o nosso Pod.·. Ir.·. Eduardo Pereira pois que o seu nome honrado e por todos os titulos respeitavel é sobejamente conhecido por nós; e se, nestas simples palavras lidas, eu não posso por forma alguma mostrar-lhe quanta consideração por ele temos, que ao menos o publico testemunho do nosso respeito e do nosso acatamento fique firmado aqui, entre amigos, por mim, que aquele quadro presido e que tão indevidamente e para mal da L.·. represento em qualquer parte.

« O nosso Pod.·. Ir.·. Eduardo Pereira é um velho amigo da Maç.·. de Coimbra, é um velho maç.·. que toda a vida tem trabalhado dentro da nossa Gux.·. Ord.·. pela solidariedade forte entre todos e para que a fraternidade não seja simplesmente uma figura de retorica.

« Estas razões bastariam para que nós

todos tivessemos por ele veneração e respeito, se não soubessemos que ele foi o mais leal cooperadôr da união das LL.·. deste val.·.

« A L.·. Portugal sabe-o bem; eis porque, Pod.·. e Pr.·. Ir.·. eu vos saúdo aqui, despretenciosamente, sem estilo, mas com a sinceridade com que a minha Of.·. usa empregar em todos os seus actos.

« E como eu estou aqui com alguns Ir.·. do meu quadro por convite atencioso e penhorante, eu não quero passar sem agradecer a gentilesa e a forma insistente por que foi feito o convite. Os Ir.·. da L.·. a que presido não veem trazer realce á festa que se realisa; somos simples trabalhadores duma grande obra onde nos cabe um modesto e despretencioso lugar — por isso mais nos cabe agradecer a forma por que fomos convidados.

« Terminando, minhas Senhoras e meus Ir.·., eu desejo que esta festa seja o inicio duma nova era na Maç.·. do val.·.; para os segredos dos nossos Templ.·. que ela seja o osculo da paz; para o mundo prof.·. que ela seja o leve desvendar dum misterio tenebroso doutras eras que afinal se transforma num alegre espanejar de luz.

« E depois, reparemos: estamos nos dias que se seguem ao solsticio do inverno.

«Já de longe, este tempo se festeja como o inicio de uma nova vida. E, bem vedes, é a natureza que renasce; é o Sol que de novo volta a dar força e a dar alentos; por toda a parte a natureza trabalha reconstituindo-se; uma harmonia inexplicavel paira por sobre tudo.

«Pois bem: vamos buscar exemplos á natureza que neste momento procura alentos fortes para vencer; e que o dia de hoje seja para nós todos o dia a que os antigos chamávam do nascimento do Sol invencivel.

«O Sol invencivel é esta luz que nos ilumina gloriosamente; a epoca é a melhor; a terra-mãe, esta boa terra portuguesa precisa do trabalho de nós todos; tudo renasce com força; lancemos, pois, meus II.·. á terra bem fecunda, a semente germinadora da Paz e da Alegria.»

Sup.·. Cons.·. do GGr.·. IInspect.·. GGer.·. do Gr.·. 33.·. do Rito Escocês Antigo e Aceito para Portugal e suas Colonias — Anuário dos seus trabalhos — 1910 e 1911. — de pag. 136 a 140. — [8.º de 190 pag. = Lx.ª 1912, Tip. Leiria].

Nº. 189

Lisboa, 7 - janeiro - 1912.

Meu presado amigo — . . . . . Felicito-o e congratulo-me com a sua reeleição para Ven.·. da Portugal. Fizeram eles muito bem. Ainda não tenho conhecimento da minha eleição para representante á Gr.·. Dieta por parte da sua Loj.·. Lisonjeio-me muito com o caso que hei de imediatamente agradecer quando tiver communicação oficial. Isto é por certo obra sua . . . — Um grande abraço, etc. — (a) Alfredo Eduardo da Cruz.

Nº. 190

Coimbra — 26 de janeiro de 1912

Ao Secret.·. do Cons.·. da Ord.·. — Confidencial — Nº. 7.

Respondendo á vossa pranch.·. nº. 119 de 20 do corrente entendo dever meu mostrar-vos a extranhesa que nos causou o facto de ter sido apresentado aos poderes superiores um protesto contra a iniciação

do prof.·. Alberto de Serpa Cruz, proposto neste quadro.

As informações dadas pelas LLoj.·. deste val.·. teem sido más; muitos II.·. do quadro desta R.·. Loj.·. igualmente teem dado más informações — de modo que não vejo motivo para que alguem se alarme a ponto de recorrer aos corpos superiores, manifestando assim uma falta de confiança na apreciação e criterio imparciais que eu tenho notado sempre nos II.·. que enchem as ccol.·. da Loj.·. a que presido.

Terminando, Pod.·. e R.·. Is.·. e afirmando-vos que sempre nesta Resp.·. Loj.·. se pugnou pelo bom nome e decôro da nossa Ordem e pelo escrupulo na admissão de pprof.·. lavro por esta forma o meu protesto pela desconsideração que veiu atingir todos os meus II.·. de Of.·.

Saude e Fraternidade.

O Ven.·. — (a) Nun'alvares, p.·. 18º

Nº 191

Lisboa — 3 de fevereiro de 1912.

Meu caro Amigo e Is.·. — Acabo de receber o seu cartão que muito lhe agradeço.

Reitero os meus agradecimentos pela minha imerecida nomeação. — Pertenço á Loj∴ Puresa nº 2 de que é Ven∴ o Hº Ir∴ João Evangelista Pinto de Magalhães. Endereço para este: Sociedade de sciencias economicas e sociais, Rua do Gremio Lusitano, 35. — O meu nome simb∴ é Egas Moniz 2º, gr∴ 18º — A respeito dos recentes acontecimentos tambem digo — Viva a Republica — porque ela saiu triunfante de mais uma tentativa de reacionarios. — . . . . . — Um abr∴ frat∴ etc. — (a) Alfredo Cruz.

Nº 192

Lisboa — 20 - abril - 1912.

Meu presado Amigo e Ir∴

Tendo sido apresentado um protesto contra a inic∴ do alferes do 23 José de Albuquerque, fui intimado a dar um informe acerca da qualidade do mesmo individuo e quaisquer factos que devam decidir acerca da sua admissão ou não na nossa Aug∴ Ord∴ Desejava dar um informe consciencioso todo sob o ponto de vista maç∴

Sei que ele não é, aí em Coimbra, bem

visto e foi essa a impressão que dele ti-
nha quando daí pai. Entretanto isso não
basta. Preciso, pois, que o meu Amigo que
vê bem as coisas, como sempre me provou, me faça a especial fineza de me in-
formar para eu assim regular o que decidir
escrever. Isto é urgente por isso peço me
responda o mais breve possível.

Vi que o nosso Chagas se reformou. Fez
bem. Talvez ele tenha tido boas razões. Ele
continua na Maç.·. ? É um excelente ele-
mento pelo que parece.

Abraça-o o seu amigo, etc.

(a) Alfredo Eduardo da Cruz.

Nº. 193

A' Gl.·. do S.·. A.·. do U.·.
L.·. E.·. F.·.
Do Ven.·. da R.·. Loj.·. Esp.·. Pro-Veritate
— Do Ven.·. do R.·. Loj.·. Portugal.
Val.·. de Coimbra, 23 de abril de 1912 (e.·. v.·.)

C.·. e R.·. Ir.·.

Tenho a honra de vos convidar para
uma nova reunião dos Veneraveis das
LLoj.·. deste vale de Coimbra, amanhã, 24,

pelas 21 horas, na secretaria desta Offic ∴.

Saude Paz Prosperidades.

O Ven ∴ — (a) José Inacio da Silva, 30 ∴

Nº. 194

Gr ∴ Or ∴ Lusitano Unido — Suf ∴ Cons ∴ da Maç ∴ Portuguesa.

Val ∴ de Lisboa, 29 de abril de 1912 (e ∴ v ∴)

O Gr ∴ Trib ∴ Maç ∴ Federal — ao Pod ∴ Ir ∴ Ven ∴ do R ∴ Loj ∴ Portugal ao val ∴ de Coimbra.

C ∴ e Pod ∴ Ir ∴

Desejando o Gr ∴ Trib ∴ pronunciar-se acerca do conflito suscitado entre o R ∴ Ven ∴ da R ∴ L ∴ Redenção Octavio Marques Cardoso e o R ∴ Ir ∴ Francisco José da Costa Ramos e não tendo no processo todos os elementos indispensaveis para se poder pronunciar definitivamente, resolveu que fossem ouvidos os Ven ∴ das Off ∴ desse val ∴ Portanto vos peço que sobre o assunto informeis fundamentadamente este Trib ∴

Esperando a vossa resposta, vos envio os meus fraternos de consideração

M.M.
23

de consideração e o meu abr.·. frat.·.

O Secret.·. — (a) Matos Ferreira, 30.·.

Nº 195

Ex.mo Am.º e Ir.·. Belisario Pimenta — Poderá amanhã 7 do corrente, ás 20 horas, comparecer na secretaria da R.·. L.·. Pro-Veritate para conversarmos com outros Ven.·. dalgumas LL.·. do val.·. sobre o assunto duma pranch.·. que recebemos da Secret.·. do Trib.·. Maç.·. ? — Se poder, desde já vos agradece — Coimbra, 6-5-912 — (c) Manuel Antonio da Costa.

Nº 196

Coimbra — 22 de junho de 1912.

Ao Ir.·. Ven.·. da Resp.·. Loj.·. Acácia (1) ao val.·. de Lisboa — Confidencial — Nº 8.

Existe ainda no antigo patio do convento de Santa Clara, hoje parada do quartel do Regimento de Infantaria nº 35, um

(1) Antonio Xavier Corrêa Barreto.

monumento á Senhora de Lourdes que ha
anos a reação levantou como desafio aos
pedreiros liberais da cidade — e que,
apesar de tudo, ainda lá se conserva intac-
to. Tem havido varias tentativas para o
desaparecimento daquela obra mas até ho-
je sem resultado; e por isso a Resp.·. Loj.·.
a que tenho a honra de presidir me encar-
regou de fazer saber ao Ilustre Ir.·. Ven.·. da
Resp.·. Loj.·. Acácia que seria uma alta satis-
fação para toda a maç.·. do val.·. e uma
alegria para todos os liberais da cidade, se do
ministerio da guerra baixasse uma ordem
para que da parada do quartel do regimento
de Infantaria nº 35 desaparecesse aquele
abastado de granito, sobre nós, pondo a reac-
ção clerical. E para que se não julgue que
a maç.·. deseja fazer desaparecer um mo-
numento que póde ser uma obra de arte,
a Resp.·. Loj.·. Portugal encarrega-me de
vos lembrar que ha em Coimbra um nota-
vel monumento "Machado de Castro", onde
aquele monumento ficaria excelentemente
como obra darte, boa ou má, limpando
a parada do quartel de um documento rea-
cionario que naquele sitio não tem justi-
vel razão de ser e mostrando assim á reac-
ção (que ainda vale muito) que o Ilustre
Ministro da Guerra não teme, de forma al

guma dar mais um certeiro golpe no poder do clericalismo. Aguardamos as vossas ordens, C.·. e Resp.·. Ir.·. confiando absolutamente nos vossos sentimentos liberais e pedindo-vos encarecidamente que vos não esqueçais do nosso desejo.

Saude e fraternidade.

O Ven.·. — (a) Belisario Pimento, 18.º

N.º 197

Val.·. de Coimbra — aos 27 de julho de 1912 (e.·. v.·.)

Ao Ven.·. Mest.·. da R.·. Loj.·. Cap.·. Portugal, do val.·. de Coimbra.

C.·. e R.·. Ir.·.

A Loj.·. Pro-Veritate fundou nesta cidade um periodico "A Humanidade" que conta já seis meses de vida com o fim de defender e desenvolver as ideias mmaç.·. fazendo propaganda democratica e social.

Querendo contudo esta Loj.·. espalhar a propaganda desses ideais e porque este bisemanario não é pertença exclusiva desta oficina mas sim de toda a maç.·. resolveu o comité de Direcção nomear-vos membro desse comité para que o vosso va

liosa auxilio venha ajudar-nos em emgreendimento de tão util fim, enviando-nos juntamente o nosso bilhete de identidade como representante deste jornal.

Os sessões ordinarias do ~~[illegible]~~ Comité são nas primeiras quintas feiras de cada mês, nas salas de redacção deste hi-semanario, esperando a vossa comparencia á primeira sessão a realisar no proximo dia 1 de agosto.

Enviando-vos o nosso abr.·. frat.·. desejo-vos — Saude, Paz, Prosperidades.

O Secret.·. do Comité — (a) João da Silva Filho, 1.·.

Nº 198

Veneravel Mestre.

Como o meu pouco tempo de trabalhos na maçonaria ainda não me ilucidou de factos que digam respeito a outro gráu que para mim seja que devem ser passar todos os maçons, podem ser discutidos nesta oficina, eis a razão porque franqueio e não trato do assumpto verbalmente. Se o Veneravel Mestre entende que o assunto deve ser discutido em sessão

rei á Loja o que se passa e que é o seguinte.

Sabemos que o profano Edgard de Moura Eloi pretendeu ser iniciado na Loja Pro-Veritate a cuja discussão de iniciação eu assisti mais alguns obreiros deste quadro sendo o profano rejeitado por motivos que já sabemos.

Qual não é o meu espanto quando ha dias por casualidade ouvi comentarios de um profano em que dizia tudo que se tinha passado na iniciação. Fiquei deveras surpreendido com o caso e outem novamente por um outro profano ouvi declarações identicas ás do primeiro.

Ora como a Maçonaria é uma sociedade secreta em que todos os maçons juram sob a sua palavra de honra guardar inviolavelmente o segredo maçonico e nunca dizer ou escrever o que poder ver ou ouvir nas assembleias maçonicas, eu quero lavrar aqui o meu mais vehemente protesto contra aquele ou aqueles que impudicamente faltam a um dos principais deveres do homem honesto e proponho que se assim o entenderem e fôr possivel, se trate de averiguar quem é o responsavel ou responsaveis de tais factos e que lhes seja dado o castigo merecido.

Coimbra — 1 de agosto de 1912.
(a) Malon.[1]

Nº 199.

Coimbra — 23 de agosto de 1912.

Ao Ir.·. Alfredo Pimenta, chefe do gabinete do Ministro do Fomento. — Confidencial — Nº 9.

Ha certa de dois meses, [redacted] esta R.·. Loj.·. teve a honra de franquear ao nosso C.·. e R.·. Ir.·. Antonio Xavier Correa Barreto pedindo que empregasse os seus esforços para que da parada do quartel do Regimento de Infantaria nº 35 (antigo pateo do convento de Santa Clara) fosse retirada a estatua da Immaculada Conceição ou Senhora de Lourdes, que ainda lá está e que já ali não tem razão de existir. Ora esta R.·. Loj.·. teve agora conhecimento de que a retirada dessa estatua depende do Ministerio do Fomento — Bellas Artes, porque o antigo pátio deixou de pertencer ao Ministerio da Guerra e passou a ser publico obedecendo a que dá comunicação a uma Igreja considerada monumento

---

[1] Alberto Viana, encadernador.

nacional. Nesta conformidade, a R∴ Loj∴ a que tenho a honra de presidir encarrega-me de pedir ao C∴ e R∴ Ir∴ Alfredo Pimenta para que se digne elucidar-nos acerca do assunto pois que os liberais deste val∴ desejam que desapareça de vez dum lugar publico um padrão bem claro da reacção religiosa. Esperando a atenção da vossa resposta, aceitai, C∴ e R∴ Ir∴ o abr∴ frat∴

O Ven∴ — (a) Belisário Pimenta.

Nº. 200

Republica Portuguesa — Ministerio do Fomento — Gabinete do Ministro.

Meu caro Belisário Pimenta:

Recebi a prancha maç∴ de 23 de agosto deste ano a que hoje respondo, não o tendo feito ha mais tempo pelos muitos afazeres que me embaraçam.

Vocês aí estão picados de um pouco de simbolofobia que não lhe fica bem, meu caro Belisário, porque é inteligente, culto. Mas como a estatua faça enguilhos, lá no nicho onde se encontra, a quem anda sempre de nariz no ar á procura de estatuas, tenho a dizer-lhe que é melhor di-

ripiram-se á Comissão do Arte Nacional que funciona no Ministerio do Interior pois todos os monumentos dela dependem e nela, só ela pode intervir. Falei com o meu ministro sobre o caso a ver se, por cá, alguma coisa poderia fazer-se mas viu-se que não.

Tem passado bem?

Ha que tempos que o não vejo! Cumprimentos a seus filhos.

Adeus, muitos abraços mç.·. e não mç.·. do seu muito amigo

(a) Alfredo Pimenta

Nº. 201

Coimbra — 3 de fevereiro de 1912.

Meu caro Alfredo Pimenta:

Muito obrigado pela sua resposta e pelos seus esclarecimentos. Darei deles conta á minha Loj.·. na proxima sessão e ela resolverá conforme entender.

A Grand.·. mç.·. que lhe escrevi, não reformou a minha opinião; assinei-a como Ven.·. da Loj.·., e, como tal, assino todas as grandezas que ela indica e como a orientação que ela deseja — conforme as

boas normas . . . constitucionais. Contudo, tenho-me na conta de não ser daqueles que — como você diz — andam de nariz no ar, simples simbolófobos, á cata de estatuas nos seus nichos ou nos seus pedestais.

O diabo, porem, é que, ácerca de um ano, faço serviço no quartel de S.ta Clara; e ao atravessar o antigo patio exterior, como não ando de nariz no ar, não reparo na estatua; mas, como ando, pelo contrario, de nariz muito abaixo do normal — esbarro diariamente com a base da coluna.

Se aos meus II.s da Loj.. causa enguthos o raio da Santa lá nos altos, a mim, pobre filosofo, causa enguthos o diabo do pedestal que me obriga a desviar da linha recta com que sempre intento, todos os dias, atravessar a parada.

Mas não lhe quero tomar tempo. Se a estatua está entregue ao Conselho de Arte Nacional está bem entregue; oxalá viva muitos anos e que o S.. N.. do U.. me dê paciencia para não esbarrar com ela todas as vezes que por lá passo.

Agradeço-lhe os cumprimentos, etc. etc.

(a) Belisário Pimenta

Nº. 202

Alocução proferida numa festa na R.·. Loj.·. Pro-Veritate em 6 de outubro de 1912.

Pod.·. Ir.·. Ven.·. e meus Ir.·.

Esta festa que, pelas aparencias, é uma festa maç.·. no fundo não passa de uma festa republicana. Não podia mesmo deixar de ser.

Foi na Maç.·. que se iniciou o movimento positivo para a revolução; e do Gremio Lusitano partiu a principal iniciativa.

Todos nós o sabemos; e por isso, a R.·. Loj.·. Pro-Veritate abrindo hoje as portas do seu templ.·. a todos os Ir.·. deste val.·. para confraternisarem como Ir.·., cumpriu um dever que sobre todos nós impende — isto é, comemorar as datas melhores da Republica para que dessa comemoração possa sair qualquer cousa que venha aperfeiçoar, que venha fazer progredir, a mesma Republica querida.

A Maç.·. portuguesa é hoje, pois, uma agremiação republicana, por isso que é uma agremiação essencialmente patriotica; e já que de dentro dos seus templos partiu a acção emancipadora, é dentro dos

mesmos templos que deve existir a vigilancia pela segurança da Republica e o trabalho insistente duma forte acção construtiva.

Para isso, meus II.·., a Maç.·. tem pouco que fazer visto que a Maç.·. deve ser uma escola de virtudes — pois tudo consiste numa boa escolha dos elementos que devemos receber nas nossas ecol.·. e na forte união que deve existir entre nós todos.

Eu tenho reparado que ultimamente, na Maç.·. do val.·. se tem procurado consciente e inteligentemente a maior união possivel. Esta festa vem prova-lo com brilho; e por isso, como Ven.·. da R.·. L.·. Portugal, congratulo-me por ver aqui, neste templ.·. magnifico uma sincera confraternisação de quadros, qual deles o melhor, qual deles o mais trabalhadôr; e congratulo-me por ver aqui uma reunião de II.·. todos dedicados, todos valiosos, embora cada qual dentro da sua esfera especial de acção e de competencia.

Agradeço em nome dos meus companheiros de of.·. o honroso convite que nos foi dirigido; e faço votos para que, pondo de parte sentimentalismos, fechando as portas dos nossos templ.·. áqueles em

quem não se reconhecer um sincero, grande e absolutamente provado amôr á Republica, trabalhando com alma pela conservação e prosperidade da mesma que é quase nossa filha — faço votos, dizia, para que nós possamos reunir muitas e muitas vezes, sempre com a mesma alegria de hoje para comemorar mais um ano da Republica que ha dois anos se proclamou com bem grandes sacrificios.

Tenho dito.

Nº. 204

Coimbra — 9 de outubro de 1912.

Ao P.·. e R.·. Ir.·. Antonio José dos Santos, Macéo —

Tendo a Resp.·. Loj.·. Cap.·. Elias Garcia convidado esta Of.·. a fazer-se representar na transladação solêne do falecido Ir.·. Heliodoro Salgado e não podendo Ir.·. algum deste quadro ir no proximo dia 13 a Lisboa assistir á cerimonia para que fômos convidados, rogo-vos, P.·. e R.·. Ir.·. para que tenhais o encomodo de representar esta R.·. Of.·. nessa solêne trasladação que é um

acto de justiça praticado á memoria do audáz Catalhador.

Desculpai o encommodo que sabe convosco vos vai causar, mas a R.·. Loj.·. Portugal muito se honrará com a vossa representação.

Saude e Fraternidade

O Ven.·. — (a) Belisario Pimenta, 18.

Nº. 205

Ao Ven.·. M.·. da R.·. L.·. C.·. Portugal

O Caes.·. da Ord.·. encarrega-me de avisar os RR.·. Ven.·. MMest.·. da RR.·. LL.·. desta val.·. de que, no dia 3 de Novembro chegam aqui o Sap.·. Gr.·. Mest.·. adj.·. e alguns membros do mesmo Caes.·. e que no dia 4 se realisará numa das Temp.·. uma sessão conjuncta de todas as Loj.·. para a qual os Ven.·. devem convocar os respectivos obr.·.

De combinação com o Ven.·. Mest.·. da R.·. Loj.·. Pro-Veritate está combinado que a sessão se realise no Temp.·. da mesma Loj.·. ás 4, ás 20½ horas. Está tambem combinado que, pelo menos, os Ven.·. Mestres ou algum por elles não em 3, esperar

os ilustres visitantes á Estação Velha, reuniendo na Estação Nova ás horas que vos serão comunicadas logo que eu receba resposta a um telegrama que amanhã vou enviar.

Saude e Fraternidade.

Coimbra — 31 — 10 — 1912

(a) Ven.·. Ir.·. Aires de Saldanha.

Nº 206 (1)

C.·. e Pod.·. Ir.·. Ven.·. M.·. da R.·. L.·. Cap.·. Portugal.

Recebi hoje outra fr.·. dizendo que a sessão conjunta só se realisará no dia 8 de novembro e que o Cons.·. da Ord.·. deseja ter uma hora antes uma conferencia com todos os Ven.·. a qual está assente que se realisa na secret.·. da Pro-Veritate.

Coimbra — 1 — 11 — 912.

Ven.·. Ir.·. e amigo

(a) Costa.

---

(1) Este doc.º é um cartão de visita.

Nº. 207

República Portugueza — Ministerio do Fomento — Gabinete do Ministro.

Meu caro Belisário:

O Costa Ferreira, meu cunhado e meu ministro encarrega-me de lhe dizer que procure o Paulo de Barros por causa da estatua da Virgem que Vossas augustias lhe faz. «Adeus. Está bem? Qualquer dia aí lhe poderá dar um abraço o seu am.º

(a) Alfredo Pimenta.

Nº. 208

A quebra do afeamento e remoção do monumento da Senhora da Conceição sita no adro do extinto Convento de Santa Clara. (1)

Algumas informações do que se passou officialmente sobre o Ministerio do Fomento e a Direcção das Obras Publicas de Coimbra.

---

(1) Aforramentos enviados ao Ministro feitos por letra do director Paulo de Barros.

— Em 2 de novembro, por determinação de S. Exª. o Ministro do Fomento foi chamado ao Ministerio o Director que compareceu no dia 4. A conferencia versou principalmente sobre a remoção daquele monumento, attendendo-se razões de ordem social e publica que bem a justificávam. O Sr. Ministro deu ao Director poderes para tratar desse assumpto com a possivel brevidade e como melhor entendesse.

Assim o fez o director sem perda de tempo, indo immediatamente ao local do Senhor da Serra, em Semide, concelho de Miranda do Corvo, por saber que algumas negociações e alvitres se tinham tornado ultimamente com a Commissão administrativa da capela do Senhor da Serra. Apesar da divergencia de opiniões sobre o local escolhido para o levantamento daquele monumento, se na capela do Senhor da Serra, se no adro do Cemiterio de Semide, ficou resolvido que fosse collocado á entrada do logar do Senhor da Serra em terreno afforiado que constituiria de futuro um largo magnifico com vasto horisonte para alargamento daquele concorrido local que a crença popular todos os annos enche com uma extraordinaria aglomeração de gente, que se comprime e aperta nos estreitos li-

mites actuais. Consegui que o proprietario do terreno escolhido o oferecesse de graça, o que já representava um grande beneficio.

Em 11 do mesmo mês de novembro deu entrada na direcção das obras publicas um requerimento da Comissão administrativa da Capela do Senhor da Serra dirigido ao Senhor Ministro do Fomento solicitando que lhe fosse entregue esse monumento para ser colocado em lugar apropriado, correndo todas as despesas por conta da referida Capela do Senhor da Serra.

Soube o director que, superiormente, se prometera aquela Comissão o subsidio de 300.000 rs. para a remoção do monumento de Santa Clara para o lugar do Senhor da Serra. O director, porem, já em Lisboa conferenciára com o Senhor Ministro, prometera levar a Comissão a fazer aquela remoção á sua custa. E assim se conseguiu.

Em 11 de novembro, isto é, no mesmo dia em que na direcção das obras publicas deu entrada aquele requerimento, o director informava muito favoravelmente, justificando a urgente necessidade de deslocar de junto do Quartel de Infantaria 35 aquela imagem religiosa, condenada se-

gundo consta, a desacato de maior e insultos da soldadesca iguara. Nessa informação o director propunha que por emquanto fossem fornecidos aquela Comissão os andaimes, guindastes, cabos e mais material preciso para se fazer o apparamento daquele monumento e depois a sua collocação na Capella do Senhor da Serra.

Em 30 do mesmo mês de novembro era ordem de serviço da Direcção Geral de obras publicas e minas, e assignada na direcção das obras publicas desde distrito em 4 de dezembro, foi communicado ao director que S. Ex.ª o Ministro do Fomento por despacho de 15 de novembro o autorisava a fornecer o auxilio a que se referia no seu officio de 11 do mesmo mês aquela Comissão administrativa para a transferencia do monumento da Senhora da Conceição, actualmente erecto em frente ao quartel do regimento n.º 35 para o local designado no citado officio do director das obras publicas.

Em 4 de dezembro, isto é, no mesmo dia em que na direcção das obras publicas dava assignada aquela ordem de serviço, communicou o director em officio á Commissão administrativa da Capella do Senhor da Serra, o despacho do Senhor Ministro do Fomento.

Aguardando, portanto, o director das obras publicas, depois do conhecimento deste despacho que a Commissão administrativa da Capella do Senhor da Serra lhe solicitasse o auxilio concedido para proceder aquela Commissão á alludida remoção do monumento, pois a direcção não tinha, agora, no assumpto, outra funcção a desempenhar.

Em 25 de abril do corrente anno[1], o Director Geral das Obras publicas e minas telegrafava ao director das obras publicas pedindo informações de ainda não ter sido feita aquela remoção. O director respondeu em telegramma informando: que tinha communicado em seu officio de 4 de dezembro á Commissão administrativa da Capella do Senhor da Serra o despacho do Senhor Ministro do Fomento de 15 de novembro, mas que até hoje aquela Commissão não fez ainda a remoção.

Nada mais ha officialmente, sobre o assumpto, mas mesmo particularmente o director pede dos motivos que a Commissão da Capella do Senhor da Serra teve para ainda não ter feito o apparamento, remo-

---

[1] Em 1913.

ção a levantamento do aludido monumento. A direcção agradece pó o pedido do auxilio.

Coimbra — 25 - 6 - 913.

Nº 209

Buarcos — 3 - dezembro - 1912

Mau Pod.·. Ir.·.

Recebi o vosso cartão comunicando-me o resultado do pedido feito a vós pelo nosso Pod.·. Ir.·. Gaspar dos Santos.

Novamente foi enviado aquele nosso Ir.·. meu outro memorial do interessado, Antonio Lino Arruelas para quem tambem vos peço dispensais a vossa valiosissima protecção.

Desejando não massar mais, rogo vos dignais aceitar os protestos da minha amizade com um abr.·. fraț.·. e ao vosso dispôr fica mesmo cantinho o vosso humil. de Ir.·.

(a) Antonio Gomes Pinto, Veriato, gr.·. 18º.·.

Nº. 210

Coimbra — 5 de dezembro de 1912 (e.·. v.·.)

Ao Pod.·. Ir.·. Presidente do Sob.·. Gr.·. Cap.·. dos Cav.·. RR.·. ✠ ✠ — Confidencial — Nº. 11.

Tendo recebido uma pranch.·. desse Sob.·. Gr.·. Cap.·. datada de 27 do mês findo, convidando-me para assistir á reunião do mesmo que se devia realisar em 30 do citado mês, venho extranhar-vos, Pod.·. Ir.·. que essa pranch.·. sómente chegasse a este val.·. no mesmo dia 30, acrescendo que nela se péde, com instancia, a minha comparencia.

Todos sabem que não é meia hora antes do ultimo comboio que nós podemos largar as nossas ocupações, de repente, sem prévio aviso ou autorisação; de mais, eu sou militar, e como tal tenho maiores dificuldades em sair repentinamente do val.·. como deveis compreender e saber — e por isso venho lavrar o meu protesto, sincero e forte por ver que nas secretarias do Gr.·. Or.·. se usa ainda esse velho processo de afastar das reuniões dos corpos superiores os Ir.·. da provincia.

O Ven.·. — (a) Bibi — Pimenta

Nº 211

A' Gl∴ do S∴ Arch∴ do U∴
L∴ E∴ F∴

A Resp∴ Loj∴ Damião de Goes — nº 349 — Envia — á R∴ Loj∴ Cap∴ Portugal — ao 15 de dezembro de 1912 (e∴v∴) — S∴ F∴ U∴.

CC∴ e RR∴ SS∴.

Incluso enviamos o folheto que encerra a resposta desta R∴ Loj∴ Damião de Goes, á circular nº 19 do Cons∴ do Ord∴ [1] esperando que vos digneis dizer-nos qual foi o parecer desta Resp∴ Of∴ á referida circular.

Aproveitando tambem a garantia que nos faculta a nossa Const∴ e desejando estreitar os laços de fraternidade que devem unir todos os mm∴ deliberou esta Resp∴ Of∴ por proposta do Ir∴ Marmontel, em sua sessão de 9 de dezembro de 1912, trocar os seus garantes de amizade com todas as oficinas da Obed∴ e assim foi nomeado seu garante de amizade junto desse R∴ Of∴ o seu obr∴ Ir∴ Balisário Pimenta, nomeação

---

[1] Circular que incitava a Maç∴ a promover um movimento a favor da defesa nacional.

que muito nos honra, se a tomardes na devida consideração.

Saude e Fraternidade.

O Secret.·. — (a) Fernando Campião, g.·. 15.°.

Nº 212

Coimbra — 19 de dezembro de 1912

Meu caro Ernesto Donato:

Ha dias mandei-lhe uma carta acerca duma local na «Humanidade». Sei que veiu sabado decurso mas calculo que teria dado conhecimento dela ao Ir.·. que o substitue. Ora no numero de hoje, 3ª pagina, vem uma curta noticia sobre o tribunal[1] em que de novo se accentua aquilo sobre que eu chamei a sua atenção — o que mostra bem que os meus reparos não mereceram a menor consideração, o que de resto é de justiça.

Ora para o querer pessoalmente melindrar porque não tenho razões para isso, nem o faria, comprazendo que me magôa

---

[1] Era o Tribunal militar para julgar os conspiradores monarquicos.

a sencerimonia com que fui tratado; e embora reconheça que não tenho autoridade para pedir atenções, tenho contudo o direito de devolver o bilhete de identidade com que me honráram porque está provado que o não mereço.

Queira o meu Amigo dar as suas ordens, etc. etc.

(a) Belisário Pimenta

Nº 213

Ex.mo Sr. Belisario Pimenta:

Ante-ontem á noite, o nosso comum amigo Ernesto Donato que esteve de cama, mostrou-me, como encarregado do noticiario da «Humanidade» uma carta que V. Ex.ª lhe escreveu a proposito duma noticia ali inserta.

A Humanidade que é um jornal de maçons devia, como tal, ter uma larga colaboração e uma grande tiragem, a bastante, ao menos, para lhe garantir uma vida desafogada. Infelizmente, porem, está sendo redigida apenas por uns tres ou quatro que enchem todas as colunas do jornal e nem sequer dispõe duma pequena quantia que

M.M.
26

lhe permita o luxo de pagar a um modesto reporter.

Nestas circumstancias e, como tenho a minha vida particular que me ocupa quase todo o dia e parte da noite, o que, de resto, succede a todos os que estão escrevendo na Humanidade, o noticiario é extraído dos jornais de Lisboa e a noticia a que V. Ex.ª se refére foi transcrita sem alteração duma virgula de O Seculo ou Diario de Noticias.

Devo confessar, porem, que não vi nela, como não vejo ainda «o intuito duma campanha de desconfiança e de descrédito contra um juri de que faziam parte tres maçons.» E a Humanidade que defendeu na 1ª pagina o Tribunal Militar sem que para isso fosse solicitada, que eu o saiba, pelo menos, quando estava sendo violentamente atacado na imprensa, não ia agora, numa simples noticia, lançar qualquer suspeita sobre a probidade de qualquer dos membros do juri se o proceder de algum fosse menos correcto ou menos justo, ou avolumar surrateiramente uma campanha de descrédito. Dir-tho-hia sem peias nem rebuços na mesma pagina em que defendeu o procedimento de todos.

Lamentando, como não posso deixar de lamentar, a interpretação dada, não

ás minhas palavras, mas ás palavras dos correspondentes dos jornais de Lisboa, lamentando que a Humanidade seja apodáda de menos correcta e leal para com maçons que fazem parte do referido Tribunal, quando não houve tal intuito, repito-o mais uma vêz, mais lamento ainda, permita-me a manifestação do meu desgosto, que nenhum desses maçons se lembrasse, uma vez ao menos, de informar o nosso jornal do que ali se passava no decorrer das audiencias havendo, de mais a mais, entre eles, um que faz parte do seu comité de redacção.

Creia-me, com viva simpatia etc. etc.

Coimbra — 19-12-1912.

(a) João da Silva Fialho.

Nº. 214.

Coimbra — 22 de dezembro de 1912

Ex.mo Sr. Belisario Pimenta: Por ordem do Presidente do Comité de redacção de A Humanidade, tenho a honra de convidar V. Ex.ª a assistir á reunião do referido comité que se realisa na redacção da Humanidade, na proxima 3ª feira, ás 21,5 h. — O secretario do comité — (a) João da Silva Fialho.

Nº. 215

Ch.·. Ir.·.

Já recebi de vossas beneficências mãos a quantia de 40.000 rs. que gastei desta maneira :

8 mens.es de folhetos, a 3.000	24.000
Renda de casa - 1.º mês	6.000
Mudança e alinhados	10.000

Eu já tenho 3 leccionações que me dão 10.000 rs. mensais, mas só uma delas se venceu já e ainda não a recebi. Nesta conformidade, permitam-me que lhes apresente esta nota de despesas certas e indispensaveis :

Renda de casa, 2º.	6.000
Mesa	21.000
Luz, lavadeira, etc.	1.800
Despesa	28.800

Deduzindo 10.000 de lições fico com uma despesa de 18.800

O 2º. mês de renda já está principiado (o pagamento é adeantado) e portanto não, para esta vez, mais 6.000 a juntar áquela verba. Se vos não faz diferença espero dever-vos a finesa de me abonar a importancia desta renda e para regularisar isto fico-lhe obrigado, quinzenalmente, 9.400

rs., mas, neste momento, necessario se me torna tirar da porta o representante do senhorio. E ficamos assim, recebendo hoje 9.400 para a quinzena começada hoje, mais a importancia da renda; só no dia 12 receberei os 9400 rs. da 2ª quinzena e assim por deante, 27 e 12 de cada mês.

Afectuosas saudações do vosso dedº Irº e amigo

Coimbra — 27 - dezembro - 1912

(a) F. J. da Costa Ramos.

Nº 216

C.·. e R.·. Ir.·.

De harmonia com a minha nota nº 3, de 27 de dezembro ultimo, depois de vos agradecer encarecidamente o vosso deferimento, venho solicitar-vos a finesa de me abonarem a 2ª quinzena daquele mês, pois do dia 12 por deante tenho vivido a credito nas mercearias. São, pois, 9.400 rs. que rogo me enviais e me digais, onde, daqui por deante, posso e devo apresentar estas notas que, como já vos disse, serão apresentadas em 12 e 27 de cada mês.

Abraça-vos frat.·. o vosso Ir.·. etc.

Coimbra — 3ª casa, 20 de janeiro de 1913.
(a) F. J. da Cosa Ramos.

Nº 217

Gr.·. Or.·. Lusitano Unido, etc.
O Poder Governamental — A todas as
RR.·. OOf.·. da Or.·.
Val.·. de Lisboa, 21 de janeiro de 1913 (e.·. v.·.)

CC.·. e RR.·. Ir.·.

Por um movimento expontaneo, digno do espirito que nos une como Ir.·., o Povo Maç.·. reunido no Pal.·. Maç.·. em 20 do cor rente, resolveu para bem da nossa Aug.·. Or d.·. derogar a Constituição de 1911, destituir o Sap.·. Gr.·. Mest.·. Adj.·. em exercicio e o Cons.·. da Ord.·. declarando em vigor a Cons tituição de 31 de dezembro de 1907 cujo art.º 4º. afirma e dispõe que « a Maçonaria exige "que ... etc. etc. »

Perante este acordão do Povo Maç.·. e pa ra que a vida da Maç.·. Portug.·. não sofresse solução de continuidade, foi necessario pu- blicar o Sap.·. Gr.·. Mest.·. adj.·. e o Cons.·. da Ord.·. deputados, sendo para aquele cargo eleito por aclamação o nosso Resp.·. Ir.·. obr-

tonio Xavier Correia Barreto que ocupava o cargo de presidente da Gr.·. Loj.·. em exercicio até áquela data; em substituição do referido Cons.·., eleitos, tambem por aclamação GG.·. SSec.·. GGer.·. os demais II.·. que esta assinam; e por este meio se vos dirijem como prova de solidariedade maç.·. e para bem da nossa Aug.·. Ord.·. e da nossa querida Patria. Aceitámos o encargo por dever maç.·. e para não agravar a situação.

O nosso Sap.·. Gr.·. Mest.·. efectivo Dr. Sebastião de Magalhães Lima foi já avisado telegraficamente em Lausana, deste generoso movimento que o Povo maç.·. acaba de realisar e que é tão conforme ao espirito maç.·. daquele Sap.·. Gr.·. Mest.·.

Renovados assim pelo Povo maç.·. todos os poderes sob o Grão Mestrado do nosso Sap.·. Ir.·. Dr. Sebastião de Magalhães Lima, vai ser organisado, tambem em harmonia com as resoluções tomadas na mesma ocasião e por unanimidade dos II.·. presentes, um Gr.·. Trib.·. Maç.·. Federal cujo regulamento será publicado dentro em oito dias para imediatamente aquele Tribunal entrar em funções que deverão terminar com a nova Constituição.

Recebereis, CC.·. e RR.·. II.·. um decreto para que seja eleita uma nova Gr.·. Dieta

antes de 15 de fevereiro proximo futuro, de modo que, antes do Congresso Maç.·. Nacional já esteja votada a nova Constituição e normalisados todos os poderes mmaç.·.

O Poder Governamental provisorio que representamos é extranho a toda a politica do mundo profano e até os que esta Branch.·. subscrevem seguem, no mundo prof.·. diversos partidos politicos. Por isso é nosso inabalavel intuito simplesmente trabar dos interesses da nossa Aug.·. Ord.·. q. tanto carece do cuidado de todos nós. Nesta disposição o novo governo far-se-ha sempre conforme os intuitos da Maç.·. e para isso nada fazemos sem ouvirmos e estudarmos as aspirações de todos nós que pois nossos Ir.·. por juramentos que a todos obrigam a sermos solidarios.

A Maç.·. é um campo aberto a todos os Ir.·. os quais devem respeitar as opiniões atheias porque nos espiritos mais avançados é que está o melhor estimulo do progresso que é afinal o fim da Maç.·.

A nossa unica politica será a politica maç.·. isto é, o respeito e a tolerancia para com todos para assim melhor conseguirmos realisar os progressos que caracterisam o espirito maç.·.

A Maç.·. Portuguesa tem de ser e ha de

ser a guarda avançada de todas as ideias generosas e emancipadoras dos preconceitos e da tirania.

O lugar de Gr.·. Tes.·. Ger.·. da Ord.·. fica a cargo do nosso R.·. Ir.·. João da Graça Teles de Lemos ao qual deveis dirigir-vos para todos os assuntos relativos á Gr.·. Tes.·. Ger.·. da Ord.·.

Certo de que encontrareis sempre em nós verdadeiros Ir.·. pedimos aceiteis com o aler.·. frat.·. os testemunhos do grande desejo que temos de nos aproximarmos de vós pois que só assim a Maç.·. Portuguesa será grande e digna do seu passado.

O Gr.·. Mest.·. Adj.·. Antonio Xavier Corrêa Barreto — O Gr.·. Orad.·. Ger.·. Antonio Carneiro de Moura — O Gr.·. Chanc.·. Ger.·. da Ord.·. Manuel Inácio Ferraz — O Gr.·. Tes.·. Ger.·. da Ord.·. João da Graça Teles de Lemos — O Gr.·. Secr.·. Ger.·. Garibaldi Alves Freire.

Nota: Por causa desta revolta, a Loj.·. Portugal recebeu muitas ppranch.·. impressas de varias Lloj.·. e Triang.·. Ficam na colecção respectiva dos documentos impressos.

M.M.
27

Nº. 218

Meu caro e Resp.·. Ir.·.
Confidencial.

Nestes dias em que todos se divertem[1] eu sofro moralmente com a minha situação que é cada vez mais precaria.

Até ha pouco tempo era o Gil que me entregava e com regularidade o vosso auxilio, mas desde que ele está de licença essa regularidade deixou de existir e não sei bem a quem me hei de dirigir para tal fim.

Na minha nota nº. 3 de 27 de dezembro ultimo, solicitei eu que esse auxilio me fosse entregue por duas vezes: a 12 e a 27 de cada mês. De dezembro só recebi a primeira quinzena, a de 12, mas não recebi a de 27. Já o meu Pod.·. Ir.·. poderá calcular como me tenho visto ha um mês a esta parte; tenho vivido em parte a credito na mercearia, mas de praso em praso, não satisfeito, já me envergonho de marcar praso novo, e para a praça tenho obtido alguns tostões por expedientes diversos, como a venda de alguns objectos de ouro e a penhora de outros.

---

(1) Era entrudo.

Apélo agora para o meu caro Ir.·. na sua qualidade de Presidente da Comissão que foi encarregada de me auxiliar para que me diga se foi tomada alguma resolução em contrario ou, se o não foi, a quem me devo dirigir e os termos em que o devo fazer.

Tenho urgencia na resposta porque, sendo hoje sabado e se a sua resposta me fôr desfavoravel, quero aproveitar o dia para mandar alguns dos meus poucos moveis para qualquer penhorista.

Esta carta «confidencial» é o tanto que nem eu lhe quero aparecer e mando aí o meu pobre Fernando que começa, assim, a ter a pratica da desgraça.

S/c — 1 - fever.º - 1913.

Seu Ir.·. det.º — (a) F. J. da Costa Ramos.

Nº. 219

Coimbra — 27 de março de 1913 — Ao Presidente da Comissão executiva do Cong.·. Maç.·. nacional.

Sendo-me impossivel comparecer no Cong.·. maç.·. nacional como tencionava deleguei a representação da R.·. Of.·. a que te-

nho a honra de presidir, no P.·. J.·. Flores Monteiro que no quadro ocupa o lugar de Orad.·.

Tenho, pois, a liberdade de vo-lo apresentar, declarando-vos gostosamente que se no verdade lastimo o não poder comparecer no Congresso, julgo-me feliz por ter feito com que a R.·. Loj.·. Portugal fique muito melhor representada por este nosso I.·. do que o seria pelo mesmo.

Faço votos sinceros para que do Congresso a nossa Obed.·. Ord.·. saia mais fortalecida e antecipadamente vos felicito e á comissão a que vão dignamente presidir pelo bom resultado dos vossos esforços.

Saude e Fraternidade.

O Ven.·. — (a) Belisário Pimenta

Nº. 220

Coimbra — 27 de março de 1913

Ao Pod.·. I.·. Antonio Maria da Silva, Ministro do Fomento.

Em junho do anno passado, esta R.·. L.·. dirigiu-se ao nosso C.·. R.·. I.·. Antonio Xavier Correa Barreto, ao tempo ministro da guerra, para que mandasse apear a esta-

Rua da Imaculada Conceição que existia e ainda existe, na parada do regimento de Infantaria nº. 35; este nosso Q.·. Ir.·., como a posse do largo onde está o monumento tinesse transitado para o ministerio do Fomento, fez retirar o seu collega desta pasta, o nosso Ir.·. Costa Ferreira dos desejos desta Q.·. Of.·. — que aliás representavam uma antiga aspiração dos liberaes da cidade.

Este nosso Pod.·. Ir.·. deu ordens nesse sentido para a direcção das Obras publicas do Districto e particularmente deu conhecimento ao pigiadario desta Grande.·., de que os nossos desejos iam ser satisfeitos; a seguir, uma commissão de irmãos desta Of.·. procurou o director das Obras publicas e pediu-lhe que agressásse a transferencia do monumento para o local indicado pelo nosso antecessôr, deligencia esta em que os referidos Ir.·. foram excellentemente recebidos e de que vieram cheios de promessas.

Mas... Pod.·. e Q.·. Ir.·.!

A estatua ainda lá está, na mesma, como documento bem claro de quanto entre nós póde a reacção — para que o director das Obras publicas, muito embora affirmasse que dentro em pouco ella iria abaixo, tenha feito alguma cousa no — sentido das ordens partidas desse Ministerio e dos de-

sejos pessoalmente manifestados pelo nosso Ir.·. Costa Ferreira.

A Loj.·. Portugal, pois, interpretando o sentir não só da Maç.·. mas dos liberais de Coimbra, pede-vos com empenho para que deis andamento ao nosso justo e legitimo pedido.

Convencida de que atendereis sinceramente o que nesta Branch.·. vos pede a R.·. Loj.·. Portugal, esta Of.·. pede-me para q. vos testemunhe a sua maior consideração e reconhecimento.

Saude e Fraternidade.

O Ven.·. — (a) Belisário Pimenta

N.º 221

Circular a todos os Ir.·. da Loj.·. Portugal:

C.·. e R.·. Ir.·.

A R.·. Loj.·. Portugal na sua sessão de 3 do corrente, considerando que a falta constante de Ir.·. sessões não é absolutamente justificavel, porquanto muitos deles são vistos a passear durante as horas das mesmas sessões; considerando que o resumido numero de Ir.·. que habitual-

mente concorrem a elas dá a impressão de que a Loj.·. está abandonada completamente; ~~[illegible]~~ considerando que a continuar assim este estado de cousas, será melhor abater ccol.·.; resolveu pranchear a todos os Ils.·. convidando-os a assistir ás sessões que se realisam ás quintas feiras, pelas 21 horas, para que esta R.·. Of.·. se não desprestigie pela falta de oobr.·. e não se veja obrigada a abater as suas ccol.·. que tantos bons elementos tem abrigado.

Coimbra — 4 de abril de 1913

O Ven.·. — (a) Nunalvares, p.·. 18.º

N.º 222

Coimbra — 30 de abril de 1913

Meu caro Amigo:

Rasão tinha V.Ex.ª quando ha dias me disse que eu nada arranjaria pela Maç.·. pois ha dias recebi um cartão do Dr. Diniz dizendo que depois de ter uma conferencia com uns Ils.·. que viu nada se podia arranjar. Eu tinha pedido muito (1:500$000 rs.) e francamente não esperava que se arranjasse tanto, mas sempre contava com uns

centos de mil reis. Estes centos de mil reis já me permitiriam tratar a minha vida em Lisboa para onde imediatamente iria com bons elementos de trabalho; claro que não ia trabalhar com a expansão que ha dias lhe disse mas iria de pouco em pouco, firmando-me especialmente em Lisboa e Coimbra. Não seria portanto um dinheiro absolutamente perdido mas que eu estou bem convencido seria pago dentro de dois anos.

Alguem ha dias falou nisto ao Cassiano e ele disse que não tomava a iniciativa disso mas que estava pronto a subscrever com uma importancia regular; estou convencido que o Dr. Angelo tambem subscreveria; meu compadre Antonio Lima tambem estou certo o faria e todos estes se o fizessem faze-lo-hiam com quantias regulares.

Fóra aqueles, não se poderia arranjar dentro das 4 lojas, 10 ou 20 Ir.·. que emprestassem, cada um, 20 ou 25 mil reis? Mas mesmo, quando os meus calculos falhassem muito, não se arranjariam, ao menos, 400 ou 500 mil reis? Se eu tivesse um amigo que tomasse essa iniciativa, estou certo de que seria facil.

Se o Pedro quizesse, reunindo a si

mais um ou dois amigos, amigos ~~[illegible]~~ seus, porque meus... francamente; olhe, o Guimarães, lembrou-me este e outro qualquer, poderiam fazer-me esta esmola porque, olhe, meu amigo, se esta tentativa me falha eu não farei outra porque mesmo não tenho a quem e, nesse caso, só me resta o suicidio em que tanto tenho pensado estes dias, e note que se me sujeito a pedir nestas circumstancias é porque me custa deixar na miseria 6 desgraçados filhos e ainda, repito, porque vejo a possibilidade de poder pagar porque conto em Lisboa com bons elementos para trabalhar independente do emprego se chegar a vir.

Eu digo atraz que se isto me falha só me resta o suicidio porque as minhas circumstancias assim o exigem. Imagine: estou ha dez dias de cama porque tive de mandar o fato que trasia vestido para o prego e as botas para o sapateiro. O João daqui a dois ou tres dias não poderá voltar ao Liceu porque tem os calções rotos de tal maneira que é uma vergonha; o Antonio que ainda ha pouco esteve 15 dias sem ir á aula por falta de roupa, interrompeu ontem de novo por falta de livros e calçado. Tenho uma pequena contribuição a pagar que se não pago por estes 2 ou 3 dias

M.M.
28

vem penhorar-me as camas e pouco mais que tenho em casa. Depois, uma luta de 4 anos fez-me [redacted] sucumbir, cancei de lutar; que me resta pois? Ou um pequeno auxilio que me dê alento noutra terra ou... um minuto de coragem, e pronto.

Eu digo-lhe acima que o Cassiano disse que estaria pronto a assinar, não porque eu lhe mandasse pedir qualquer cousa porque em caso algum o fazia; foi minha mulher que foi ver a sogra que estava doente e creio que ele chegando na ocasião falara nisso porque a sogra para aí encaminhou a conversa e deixe-me ser-lhe franco muito embora nas minhas circumstancias me fique mal ter caprichos — eu estimei que ele o não fizesse.

Veja, pois, meu caro Amigo, se me póde fazer esse sacrificio. Das importancias subscritas eu aceitaria letras a vencer daqui a 2 anos com o juro que entenderem e se as minhas circumstancias depois, me permitirem paga-las.

Olhe, desde que V.Ex. tomou a iniciativa tem que subscrever em primeiro lugar; póde subscrever com 50:000 rs. que não receberei, é claro.

Se conseguir isto, meu Amigo, devo-

the mais do que o meu futuro, se alguma cousa vier a ser, porque lhe devo a vida.

Desculpe-me e leia como podér porque não escrevo a sangue frio.

Amigo muito obrigado

(a) J. Gomes Moreira.

N°. 223

Ill.mo Amigo e Sr. Rimenta

Estive hoje com o Sr. José Henriques Pedro que me disse ter falado com V.Ill.ª sobre um pedido que lhe fiz e que V.Ill.ª se mostrára muito interessado pela realisação desse pedido pelo que lhe estou muito grato.

Tambem me disse o Sr. Pedro de que, porem, era impossivel o que eu queria, que as LLoj∴ iam reunir-se e que elas, conjuntamente, subscreveriam, mas que não contasse que essa subscrição fosse alem de 10 ou 20$000 rs. cada uma.

Sejam quais forem as consequencias que daí resultassem, eu não aceitaria qualquer quantia que não representasse um emprestimo, que me colocasse na obrigação de a pagar, e que me não permitisse guiar-me os primeiros passos para tentar lan-

çar-me em Lisboa, já não digo mais longe por isso exigir maior quantia.

Aquela quantia representaria uma esmola que eu só aceitaria se estivesse impossibilitado de trabalhar e para eu me não ver na necessidade de a regeitar o que seria uma acção pouco bonita, eu peço-lhe para suspender quaisquer trabalhos que nesse sentido tenha preparado.

Num momento de desvairamento, lembrei-me da possibilidade de tal coisa e escrevi ao meu amigo Pedro; eu julgava alguns amigos e correlegionarios por mim e que eles fossem capazes de fazer pelo menos a decima parte do que eu já fiz. Que belo exemplo os monarquicos estão dando aos republicanos! A um rapaz afeiçoado que ha pouco estava para falir, irremediavelmente perdido, vem imediatamente um talaesa dar-lhe a mão e salvou-o. Ao Costa Pinto, durante o tempo que esteve preso, nada lhe faltou em casa e já tem capital para tentar vida em qualquer parte. Etc. etc.

Enfim, lutei até poder, sem encomodar ninguem; agora que pedi auxilio, falta-me... Desculpe V.Ex.ª e renovo os meus agradecimentos etc.

(a) J. Gomes Moreira

Nº 224

Coimbra — 13 de junho de 1913.

Pod.·. e H.·. Ir.·. Dr. Armando Gonçalves:

Como não pertenço ao comité de redação da Humanidade tomo a liberdade de, por este meio, levar ao vosso conhecimento o profundo desgosto que me causou a publicação do artigo «A igreja de S. Bento» no nº 139 de ontem daquele jornal.

Não conheço os serviços que o nosso Ir.·. Luis Rosete tenha prestado a Coimbra; sei porem, que muitos e incontestaveis teem sido aqueles que o prof.·. Antonio Augusto Gonçalves tem prestado toda a sua vida, colocando-se, por isso, numa situação somente digna de simpatia, de respeito e de confiança.

E' pena, pois, que «A Humanidade» venha com um artigo assim, empregando expressões respeitantes áquele prof.·. que são completamente injustas e bastante incorrectas.

Esta pranch.·. Pod.·. e Hum.·. Ir.·. é apenas a expressão do meu desgosto que eu não posso deixar de vos manifestar lealmente, visto que sois o director do jornal; e aproveitando a ocasião para vos chamar a aten-

ção para uns sueltos de caracter mais ou menos pornograficos que uma ou outra vêz aparecem e que deslustram um orgão duma loj∴ maç∴ — rogo-vos, Pod∴ e Ilum∴ Ir∴ que, desculpando a franqueza, recebeis o abr∴ frat∴ etc. etc.

(a) Belisário Pimenta, p∴ 18º

Resposta:

« Teima.[1]

« Criaturas limpas... por fóra, continuam a chamar-nos sujos... por dentro, teimando em criticar os nossos écos, por menos observadores das boas regras da moral e das boas normas da educação.

« Pode ser assim, mas tambem póde não ser. E como A Humanidade é um jornal que inscreveu no seu cabeçalho, como sub-titulo Pro-Veritate e que tem dito sempre que só trabalha para o Bem pelo prazer de praticar o Bem, pretendendo acertar, tanto quanto caiba no esforço daqueles que o fazem, justo seria que aqueles que o não fazem e que só censuram, ajudassem um pouco esse esforço, um bocadinho que fosse

---

(1) Local ou eco no nº 141 da A Humanidade, de 18 de junho de 1913.

com o proprio esforço, que mais não podes-se ser, orientando, se é que sabem para que lado fica o norte.

Mas... se a humanidade é assim!...

Nº 225

(Telegrama) — Côrtes — Lisboa — 27[1] — 15/50 — Questão resolvida telegraficamente nosso favôr — Cesar e Gil.

Nº 226

Sessão nº 20 da R.·. Loj.·. Cap.·. Portugal aos 3 dias do mês de julho de 1913 (e.·. v.·.)

. . . . . .

O Ven.·. Mest.·. apresenta a seguinte moção que é aprovada: « A R.·. L.·. Portugal reunida em sessão ordinaria apreciando os acontecimentos que teem agitado a opinião da cidade de Coimbra resolveu prach.·. ao Cons.·. da Ord.·. rogando com instancia o seguinte: 1º: informar o Governo de que são

---

[1] De junho de 1913.

falsas as informações que tem respeitantes ao caracter reacionario do movimento, informações enviadas de certo com um fim que não é positivamente o de manter o socego e tranquilidade neste val∴; 2º empregar todos os esforços para que a Coimbra se dê toda a espécie de compensação possivel para o prejuiso que lhe advem das ultimas medidas, tanto mais que a cidade nada tem lucrado depois da proclamação da Republica, estando aliás sempre vigilante, com a maior dedicação, durante todos os movimentos reacionarios; 3º fazer sciente o governo do desgosto que este R∴ ⊡ tem por ver a forma menos correcta como procedeu, fazendo sentir o valor moral de tal facto para o prestigio da Republica; e 4º instar urgentemente com o governo para que não empregue violencias como tudo leva a crer, pois que factos destes só se solucionam com serenidade; certos de que o Pod∴ Cons∴ da Ord∴ se esforçará para que tudo se encaminhe para bem, a Loj∴ Portugal afirmando os seus principios inabalaveis de dedicação republicana, afirma tambem os seus principios inabalaveis de solidariedade com os protestos de Coimbra.

. . . . . .

Nº 227.

Trabalhos do Conselho da Ordem — Sessão de 4 de julho de 1913. — Presidencia do Ir.·. Goulart de Medeiros, vice-presidente.

. . . . . .

Leu-se uma franch.·. da Resp.·. Loj.·. Portugal ao val.·. de Coimbra acerca dos acontecimentos ultimamente ocorridos naquele val.·.

O Ir.·. Aparicio,[1] achando justo que a Coimbra sejam dadas compensações que não será dificil encontrar, entende tambem que não se deve impôr ao resto do país como o seu procedeu sobre a creação d'outra faculdade de direito. Sobre o assumpto falaram os Ir.·. Dr. José de Padua, Teles de Lemos, Andrade, Vasconcellos e Presidente resolvendo-se aguardar os acontecimentos.

. . . . . .

[Do Boletim Oficial do Gr.·. Or.·. Lusitano Unido, nº. 7 a 9, julho a setembro de 1913, a pag. 72)

---

[1] Mateus Lourenço Aparicio.

Nº 228

Trabalhos do Conselho da Ordem — Sessão de 7 de julho de 1913 — Presidencia do Ir.·. Goulart de Medeiros, vice-presidente.

Presentes: os Ir.·. Goulart de Medeiros, Dr. José de Padua, Teles de Lemos, Julio Pinto, Aparicio e Andrade, secretarios.

O Ir.·. Presidente informa dos motivos porque pediu esta reunião, á qual assiste o Ir.·. Belisário Pimenta Sec.·. da Loj.·. Portugal ao val.·. de Coimbra.

Este Ir.·. informa largamente o Cons.·. das causas do conflito da cidade de Coimbra com o Governo e relata os esforços empregados para se obter resultado.

O Ir.·. Presidente entende que o Cons.·. deve ser arbitro na questão dos grotestos de Coimbra.

O Ir.·. Aparicio diz que se o Grão-Mestre não puder intervir, poderá o Ir.·. Padua entender-se com o Ir.·. Dr. Affonso Costa.

Nesta altura entra o Sap.·. Grão-Mestre Adj.·.[1] a quem o Ir.·. Presid.·. expõe o assunto concordando ele com a resolução tomada.

Resolve-se, de acordo com a proposta do

---

[1] Dr. José de Castro.

Ir.·. Presidente que o Gr.·. Mest.·. Adj.·. seja arbitro na questão em nome do Gremio Lusitano.

Ás 24 horas foi encerrada a sessão.

[Do Boletim Oficial cit. pag. 173].

Nº 229

Sessão nº 21 (extraordinaria) da R.·. Loj.·. Cap.·. Portugal aos 8 dias do mês de julho de 1913 (e.·. v.·.)

. . . . . .

O Ven.·. Mest.·. diz os motivos que o leváram a convocar extraordinariamente a sessão, dando conta dos seus trab.·. junto do Gr.·. Or.·. no sentido de resolver o conflito de Coimbra, motivado pelo desdoberamento da faculdade de direito, esclarecendo que os dignitarios do Corpo Supremo da Maç.·. the renderam homenagens e deferencias, como representante deste ⊡ que muito o penhoráram. O Gr.·. Mest.·. Adj.·. aconselhou-o, atendendo ás suas relações pessoais, a consultar sobre esta deligencia o Ministro da Justiça que amavelmente o atendeu, apresentando-o ao Presidente do ministerio (Ir.·. Afonso Costa) que manteve intransigen-

cia no sentido de dar imediata solução ao conflito. Por este motivo resolveu expôr á noite, ao Cons.·. da Ord.·. a inutilidade dos seus esforços; no entanto, o Cons.·. da Ord.·. não quiz abandonar o cáso, propondo uma arbitragem que o Sap.·. Gr.·. Nest.·. Adj.·. aceitou de bom grado pedindo-lhe que voltasse para Coimbra dar conta aos Ils.·. do val.·. para que nesse sentido trabalhassem. Aprovada pela Loj.·. esta solução, encerrou-se ritualmente a sessão, etc. etc.

Nº 230

Lx.ª — 10 — VII — 913

Ex.mo Sm.

Respondo á sua presadissima carta o seguinte:

1º: C'-me gratissimo ser util a Coimbra.

2º: Representando o Gremio Lusitano estou pronto a ser o medianeiro entre o Governo e as Comissões representantes dos interesses de Coimbra, de resistencia, etc. e isto com o fim de quebrar qualquer aresta que este estado de agitação possa ter produzido e preparar um acordo.

3º: E' essencial que eu receba poderes de todos os corpos que se dignarem tomar-me como medianeiro, indicando claramente as bases dentro das quais aceitam a mediação.

4º: Com respeito á comissão administrativa careço base (?) igual de poderes e de indicações.

E' inutil dizer que os nossos Ss.·. me teem aqui á sua disposição e muito particularmente V.Ee. de quem tenho o prazer de assinar-me

Amigo certo e Ss.·. m.to ded.º e obrig.do

(a) José de Castro.

Nº 231

Coimbra — 23 de julho de 1913

Ee.mo Dr. José de Castro:

Deve já ter sido tomado á conta de incorrecção da minha parte, o eu não ter ainda acusado a recepção da carta de V.Ee. Queria contudo dizer qualquer cousa de positivo e isso tem sido dificil porque não tem sido possivel remover umas certas dificuldades.

Por uma pranch.·. que a Loj.·. Portugal

enviou para o Cons.·. da Ord.·. deve V.Ex.ª já saber que uma comissão de II.·. estuda as bases que se devem apresentar a V.Ex.ª e sobre as quais V.Ex.ª fará tudo quanto podér a bem deste val.·.

Creio que irá amanhã tudo em branch.·. para o Cons.·. da Ord.·.

E por agora, limito-me a tornar a agradecer a V.Ex.ª todas as atenções e a declarar o meu reconhecimento pela excelente boa vontade que em V.Ex.ª reconheci. E desejando que me dê sempre as suas ordens, peço que disponha da minha insignificancia e que creia que, com muita consideração me assino etc. etc.

(a) Belisário Pimenta

Nº. 232

Ao Cons.·. da Ord.·. — Val.·. de Coimbra, 25 de julho de 1913.

Considerando que durante os ultimos acontecimentos de Coimbra foi aprovada por aclamação numa das reuniões do comercio e industria uma moção que junto (1) vos

ouviamos e que não provocou o menor pro-
testo depois que foi conhecida pela cidade;

Considerando que um certo numero de
cidadãos pertencentes quase todos á R.·. Loj.·.
Redenção desde val.·. acceitaram os cargos da
commissão municipal administrativa, tendo
até alguns delles trabalhado para que a mesma
commissão se organisasse rapidamente com
Ir.·. nossos;

Considerando que, segundo nos consta,
na ultima sessão daquela Of.·. houve pessoas
violentas contra estes Ir.·. e outros que lhe
reprovaram o seu procedimento de que re-
sultou estes ultimos, um grande numero,
deixarem o seu afastado de onde;

Considerando que estes factos vieem trazer
uma grande perturbação á vida pacifica e har-
monica do nosso .·. do val.·. tanto mais que
nos consta igualmente que a R.·. Loj.·. Perse-
verança vai, por identicos motivos abater
colu.·.

Considerando ainda que a R.·. Loj.·. Portu-
gal que se mostra forte e capaz de bem servir
a nossa aug.·. ord.·. e que tem trabalhado sem-
pre pela paz e pela união não só do nosso .·. no
val.·. como tambem no mundo prof.·. — não
póde ficar indifferente perante o desprestigio
imminente das nossas oof.·. tanto mais que
já um jornal se referiu a estes factos anor-

mais duma forma muito franca correcta;

Mas considerando tambem que esta A.·. Of.·. não pode, por motivos de dignidade, manter boas relações com a A.·. Loj.·. Redenção onde ficáram os Ir.·. que aceitaram os cargos já referidos e outros que apoiam essa atitude;

A A.·. Loj.·. Portugal chama a atenção do Cons.·. da Ord.·. para todos estes factos pelas consequencias funestas que daqui podem vir e para que, ponderando as causas com o seu subido criterio, resolva como entender.

Que o Sup.·. Arq.·. ab. ab.

O Sec.·. — (a) Nunalvares, g.·. 18.º.

Trabalhos do Conselho da Ordem — Sessão de 31 de julho de 1913 — Presidencia do Ir.·. Andrade.

Presentes os Ir.·. Andrade, Julio Pinto, Dr. José de Padua e Teles de Lemos.

. . . . . .

Foi tambem lida uma cor.·. de L.·. Portugal ao Val.·. de Coimbra, anuindo as bases das comparações pedidas pela cidade e outra da L.·. Trabalho ao Val.·. do Funchal e

e ainda outra da L∴ Harmonia ao val∴ da Guarda. Foram todas tomadas na devida consideração.

{Do Boletim Oficial cit.º — pag. 180-81.}

N.º 234.

Lisboa, 9 de outubro de 1913.

Meu Ill.mo Amigo:

Encontrando-me em Lisboa a tratar de obter o deferimento de uma pretensão que tenho no Ministerio das Finanças, foi resolvido de acordo com o nosso Ir∴ Antonio José dos Santos pedir a protecção do Grão-Mestre da nossa Ordem. Para isso é necessario que eu apresente uma prancha da minha Loj∴ reclamando essa protecção.

Vinha, por isso, pedir a V.Ill.ª a especial finesa de me mandar a referida prancha, na qual como já disse a Loj∴ pedirá para mim a protecção indispensavel do nosso Grão-Mestre. E' urgente a apresentação, desse documento, e por isso muito me obsequiava V.Ill.ª entregando a prancha ao portador, ou enviando-ma para aqui amanhã de forma que eu a possa entregar no dia 11.

Crente de que V.Ill.ª e os restantes

M.M.
30

obreiros do nosso quadro não me negarão o que lhes peço, desde já apresento os meus sinceros agradecimentos.

Se precisar que aqui lhe faça alguma coisa, queira dispôr do

De V. Ecc.ª am.º, Ir.·. dedicado

(a) Mario Temido (José Falcão)

Nº 235

Meu caro Belisário

Está entre nós o ir.·. Francisco Sanchez Gathardo, professor superior (periodista) de Madrid. Está refugiado e carece, quanto antes, emigrar para a America. Roga o nosso auxilio monetario e por isso lhe peço que, por telegrama, apenas esta receba,[1] dê a competente autorisação para que do cofre da beneficencia se auxilie aquele nosso Ir.·.

Seu amigo certo,

Coimbra — 15 — 10 — 1913

(a) Floro Henriques

---

[1] Eu estava na Figueira da Foz

N.º 236

Meu Ilm.º Amigo:

Tendo de sair amanhã no comboio da manhã para Aguedа, onde me demorarei até sabado, não posso assistir á sessão de 5.ª feira. Pedia, por isso, a V.Ex.ª a especial fineza de, na proxima sessão, apresentar aos nossos Ir.·. o meu pedido.

O Gil Gonçalves está já orientado sobre o que pretendo e caso seja necessario ele esclarecerá o ⊡. Pedindo desculpa apresento a V.Ex.ª os meus agradecimentos.

De V.Ex.ª obrigado e Ir.·. dedicado

Coimbra — 28 — 10 — 913

(a) Mario Tavares.

N.º 237

Cidade da Praia — 31 — novembro — 913

Meu querido Obreiro:

. . . . . .

Para que o meu Ven.·. Mest.·. saiba o q.· devo de fazer com respeito á minha situação deixe-me dizer-lhe uma coisa.

A maç.·. em Cabo Verde é uma coisa

muito ridicula; os associados apregôam aos sete ventos a sua qualidade. Muito fóra do seu fim principal e unico; e não ha fedêtho que vagabundeie pelas ruas desta terra que não esteja lá metido. Essas ôcas e estouvadas creançolas servem-se da Loj.·. para fazer partidinhas de carnaval a qualquer timida creatura — dizem eles com muita gracinha. E ainda creio que ha por lá cavalheiro com o moral muito duvidoso. O Gr.·. Oriente não lhe liga a menor importancia; quando quere tratar de algum assunto trata-o com amigos e Ir.·. isolados e não com a Loj.·. daqui.

. . . . . .

Seu ded.º amigo etc.

(a) José Fernandes Duarte.

Nº 238

Relatorio anual da Loj.·. Portugal.

A Resp.·. Loj.·. Portugal ao val.·. de Coimbra, continuou com os seus Trab.·. regularmente durante o ano civil de 1913, com a interrução costumada dos meses de verão em que se suspendem os Trab.·. por causa da

saida dum grande numero dos seus Ir.·. para fóra do val.·.

Realisou 34 sessões; e se mais não realisou fóra daquela temporada, deve-se dizer que foi porque alguns dias houve em que o numero de Ir.·. que se juntavam para Trab.·. era inferior ao necessario para a abertura da sessão. Este facto originou até uma circular que se enviou a todos os oobr.·. do ⊡ com uma moção aprovada em sessão de 3 de abril na qual se apelava para o bom nome e prestigio da Loj.·.[1] mas que não deu o resultado desejado pois que as sessões continuáram a ser pouco concorridas.

No entanto alguma cousa se procurou fazer a bem da nossa Aug.·. Ord.·. e para isso concorreu não só a qualidade dos oobr.·. do ⊡ que, embóra pouco assiduos, são, quando é necessario, deligentes e dedicados, mas tambem o estado prospero do cofre da Loj.·. que está, felizmente, em estado de poder ser bem util.

Houve ocasião de socorrer alguns Ir.·. nossos — como por ex.º o Ir.·. da R.·. Loj.·. Redenção Francisco José da Costa Ramos que por motivos meramente politicos foi exonerado do lugar que tinha e com que sustentava a fa-

---

[1] Ver doc.º n.º

milia; e se o auxilio não foi completo foi porque, posteriormente, alguns II.·. do ⊡ não concordáram com a decisão tomada.

Houve ocasião de auxiliar a familia dum obr.·. do ⊡ que falecem e que deixou em más circumstancias a esposa e duas filhas que recebem do nosso cofre uma pensão mensal; foi esse obr.·. o Ir.·. Saturnino Grant que a todos se impunha pela seriedade e intransigencia dos principios avançados que professava e cuja falta sinceramente lastimamos.

Temos sempre auxiliado e acompanhado as instituições de beneficencia e de caracter liberal deste val.·. de Coimbra — tais como o Jardim-Escola João de Deus, a Crêche de Coimbra, a Colonia maritima para creanças pobres, a Cantina escolar Bernardino Machado, etc. assim como temos auxiliado as afirmações de principios liberais e democraticos — como por exemplo concorrendo com 60$000 rs. para os ultimos trabalhos para a inauguração da estatua de Joaquim Antonio de Aguiar (velha aspiração dos liberais de Coimbra) e conseguindo o apeamento da estatua da S.ª de Lourdes (obra da reacção) que estava no largo do convento de S.ta Clara e para o que, principalmente, concorreu a persistente dedicação do Ir.·. do ⊡ Cesar Diniz de Carvalho.

Da melhor vontade esta Loj.·. se prestou

a cooperar na tentativa de fundar no val.·. uma delegação da Tutoria da Infancia, tentativa proposta pela D.·. Loj.·. Cap.·. Pro-Veritate numa sessão branca realisada no seu Templ.·. em março do corrente ano. Foi eleita uma comissão para estudar o assunto mas creio q. não reuniu ainda.

Não temos descurado tambem os trabalhos internos, os trabalhos propriamente da nossa Aug.·. Ord.·. como não temos descurado os deveres que a disciplina maç.·. nos impõe. Assim, quando se deu o lamentavel caso de 20 de janeiro e que Ih.·. do val.·. de Lisboa nos quiseram arrastar para o movimento sedicioso, que por muita razão que tivesse, não podia por forma alguma ser aceite por bons mmaç.·., a Loj.·. Portugal protestou contra ele e repeliu os pedidos de solidariedade que lhe foram dirigidos e, longe de se acolher a um silencio comodo, á espera de ver quem vencia, definiu logo a sua linha de conduta.

Assim tambem, animada pelo mesmo espirito de disciplina consciente e de dedicação pela Ord.·. cooperou nos trab.·. do Congresso maç.·. nacional; e nessa altura teve o Ven.·. ocasião de expôr aos delegados da Comissão executiva do Congresso quais os sentimentos que animávam a Loj.·.

Ainda, tambem, inspirada nos princi-

pios de páz e harmonia que deve haver não só entre II.·. mas tambem no mundo prof.·. esta R.·. Loj.·. procurou intervir, com o fim unico de o solucionar, a bem e com honra, o conflito gráve que em julho se deu em Coimbra por causa da creação duma faculdade de direito em Lisboa. O Ven.·. foi a Lisboa com o generoso fim de fazer com que a Maç.·. portuguesa imposésse o seu prestigio para lançar na questão a paz necessaria; e se é justo confessar que foi excelentemente recebido pelo Cons.·. da Ord.·. e pelo nosso Sap.·. Gr.·. Mest.·. adj.·. que mostráram excelente boa vontade e que tiveram palavras de louvôr para a atitude de Coimbra, não é menos certo q. aquele corpo superior da Ord.·. foi duma insólita incorrecção para com este ⊡ pois que não se dignou sequer a acusar a recepção das ppranch.·. que lhe foram enviadas a seguir ácerca do assunto.

E' certo que a atitude posterior da cidade de Coimbra devia ter modificado a maneira de ver do Pod.·. Cons.·.; mas é tambem certo que isto não é razão para que uma Loj.·. que sempre foi correcta, disciplinada, cumpridôra, com um ⊡ digno e valioso, com serviços prestados e confessados, receba a desconsideração de não ter sequer uma resposta negativa — tanto mais que as palavras ou-

vidas pelo Ven.·. na reunião do Cons.·. de forma alguma podiam supôr que a incorrecção iria tão longe como foi.

Aqui, pois, fica o nosso protesto contra tal facto que muito nos magoou como Ir.·. dedicados e correctos que sempre temos sido.

De resto, a Loj.·. continua a trabalhar — sciente do que póde valer e fazer; e se é licito deixar uma referencia especial, deve-se dizer que a secretaria da Loj.·. a cargo do Secr.·. adj.·. (por ausencia justificada do Secret.·. efectivo) é digna dessa referencia pelo cuidado, competencia e zelo com que tem sido dirigida — no que indubitavelmente auxilia imenso a proficuidade dos trab.·.

Val.·. de Coimbra — 31 de dezembro de 1913 (e.·. v.·.)

O Ven.·. — (a) Nunalvares, p.·. 18.º

Nº 239

Relatorio duma sindicancia a proposito duma manifestação politica.

CC.·. e MM.·. Ir.·.

O inquerito ordenado pela M.·. Loj.·. Portugal em seguida á proposta do nosso Ir.·. Lu-

Lubero deu o seguinte resultado que resumidamente vamos expôr:

No dia 31 de janeiro ultimo saiu do Centro Evolucionista de Coimbra uma manifestação que, segundo se dizia, tinha, apenas, por fim, saudar a Camara Municipal. Esta manifestação seguiu ordeiramente pela rua Ferreira Borges, sem vivas ou gritos que podessem provocar protestos.

Em frente, porem, do estabelecimento do nosso Ir.·. Bruja, um prof.·. soltou um viva ao Dr. Affonso Costa — o que foi outra causa de, da parte dos manifestantes, haver protestos que se exteriorisáram por vivas mais intensos ao Dr. Antonio José de Almeida e por mortes á «formiga branca» e abaixos ao Dr. Affonso Costa.

Os syndicantes devem ponderar nesta altura, que não era aquele dia um dia proprio para manifestações que não fossem feitas á memoria dos mortos de 1891; e que indo na manifestação dois Ir.·. desta [illegible], estes Ir.·. deviam procurar por todos os meios evitar que ela se transformasse em manifestação partidaria, já não tanto pelo facto de haver Ir.·. ou outros partidos, mas principalmente para não agravar a perigosa tensão que ha actualmente na nossa sociedade politica e para não quebrar a trista

solenidade daquele dia. Infelizmente, não sucedeu assim; e por muito que nos custe apontar faltas, devemos dizer que um dos Ir.: a que nos referimos, o Ir.: Adriano Viegas da Cunha Lucas ia na manifestação para dar vivas, é certo, mas também para procurar obstar a que eles fossem bem claramente por vidarios; e que o outro Ir.:, o Ir.: Antonio Lopes Xisto, ao ouvir o referido viva do prof.: fez cára, exaltadamente, com alguns manifestantes que increpávam o prof.: referido com pragas á «formiga branca» e abaixos ao Dr. Afonso Costa.

Estes foram os factos que se explicam no momento pela paixão politica que é de todos os tempos e infelizmente irremediavel; o que parece é lamentavel é que os nossos Ir.: (não só os dois referidos, mas outros quaisquer que na manifestação fossem) não empregassem todos os seus esforços para evitar a manifestação ou, pelo menos, para que ela tomasse o caminho em que depois a paixão politica domina e é humanamente irrefreavel — tanto mais que os factos se deram provocados por um viva ao Dr. Afonso Costa, viva que corresponderia, é certo, á paixão partidaria de quem o soltou mas em tudo igual á paixão partidaria de quem na manifestação soltava vivas ao Dr. Antonio José de Almeida.

A manifestação seguiu, rua do Visconde da Luz abaixo; e no largo 8 de maio foi recebida com uma pequena contramanifestação que soltava morras ao Dr. Antonio José de Almeida — facto que igualmente lamentamos porque mostra intolerancia e mostra que republicanos num dia como aquele, manifestaram desejos de morte a um dos mais prestigiosos homens da Republica; e o facto assume mais gravidade se dissermos que nesses morras se salientaram Ir.·. da R.·. Loj.·. Redenção deste val.·. — que assim faltaram, a nosso vêr, á missão pacificadôra e aos propositos de tolerancia e harmonia que devem igualmente animar todos os menaç.·.

São factos lastimaveis os factos averiguados e aqui expostos resumidamente; no entanto, parece-nos não haver motivo para a sindicancia continuar e muito menos para ser transformada em processo maç.·. — pois que o sucedido é mero reflexo das paixões politicas do mundo prof.·. e não houve, de qualquer lado, intenção ou proposito, de ferir a qualidade de menac.·. dos chefes politicos visados.

O Ir.·. Lopes Xisto, categoricamente afirmou aos sindicantes que se algum morra deu ao Dr. Afonso Costa, o fez irreflecti-

damente e que os abaixos a este estadista nada tinham com a sua qualidade de maç.·. significando unicamente reprovação a muitos dos seus actos politicos. Tambem terminantemente declarou que nos seus morras á «formiga branca» nenhum desejo havia de morte a qualquer individuo mas sim ao grupo assim denominado, grupo que considera distinto da Carbonaria.

Alem disto tudo, devemos lembrar que o exemplo dos Ir.·. que ocupam os postos superiores da Ord.·. e os que ocupam os postos superiores da politica, não tem sido digno de imitação — o que inconscientemente provoca uma certa brandura na disciplina do povo maç.·. e a falta de coesão que nele se observa constantemente.

E como julgamos proficuo o bom exemplo dos de baixo, em oposição ao máu exemplo dos de cima, tomamos a liberdade de lembrar que (neste momento em que se procura a pacificação da familia portuguesa e que nisso se encontra especialmente empenhado o nosso Ven.·. honorario Dr. Bernardino Machado) — a Resp.·. Loj.·. Portugal conscia da sua dedicação maç.·. e dedicação republicana, deve dar por terminado o incidente e pedir ao Ir.·. Ven.·. que faça sentir aos Ir.·. acima visados, em nome do ⊡,

quanto é funesto um caso semelhante e quanto a nossa Ord.·. teria para ganhar em que eles se coibissem o mais possivel de exteriorisar as suas paixões politicas, mormente se nessa exteriorisação vão atingir II.·. nossos, quer eles sejam prestigiosos no mundo prof.·. quer eles sejam simplesmente modestos e obscuros obr.·.

Val.·. de Coimbra — 8 de fevereiro de 1914 (e.·. v.·.)

O Ir.·. relator — (a) Nunalvares, 18.º.·.

Nº. 240

Coimbra, 9 de março de 1914.

Ao C.·. e Resp.·. Ir.·. 1º Vigilante da R.·. Loj.·. Portugal:

Tomo a liberdade de vos pedir o favôr de apresentar á nossa R.·. Loj.·. um pedido meu para que me sejam concedidos uns 60 dias de licença. O meu estado de saude, conquanto pareça bom, obriga-me contudo ao afastamento temporario dos Trab.·. motivo porque vos envio esta pranch.·. — afirmando, no entanto, e sempre, os protestos da minha gratidão para com todos os nossos II.·. e da estima pessoal para com cada um em

particular. Aceitai, CC.·. e RR.·. Ir.·. o meu alt.·. frat.·. etc. etc.

(a) Nunalvares, g.·. 18º.

Nº. 241

A' Gl.·. do S.·. A.·. do Univ.·. etc.

Val.·. de Coimbra — 14 de março de 1914 (e.·. v.·.) — A Resp.·. Loj.·. Cap.·. Portugal — Ao Ir.·. Ven.·. Mest.·.

C.·. e R.·. Ir.·.

Comunico-vos que esta R.·. Of.·. em sua sessão ord.·. de 12 do corrente, resolveu por unanimidade conceder-vos a licença requerida e bem assim lançar na acta um voto de sentido pesar pelos motivos que vos obriga a abandonar os trabalhos — embora temporáriamente — desejando-vos o mais rapido restabelecimento.

Com o nosso frat.·. abr.·. aceitai C.·. I.·. os nossos protestos de verdadeira estima e consideração.

O 1º. Vig.·. — (a) Cesar Diniz de Carvalho 6º. — [Lugar do selo] — O Secret.·. Gil Pereira Gonçalves, g.·. 4º.

Nº. 242

Gr.·. Or.·. Lus.·. Unido
Val.·. de Lisboa, 21 de março de 1914 (e.·. v.·.)
O Cons.·. da Ord.·. — Ao Pod.·. Ir.·. Belisário Pimenta — Ao val.·. de Coimbra.

C.·. e Pod.·. Ir.·.

Escrevo-vos esta franch.·. ao mesmo tempo que escrevo ao nosso Pod.·. Ir.·. Floro Henriques sem intenção de vos melindrar, mas unicamente no desejo louvavel de afastar ao Congresso a realisar no Porto, todos os obstaculos que se levantem.

A 2 de novembro p.p. resolveu-se nesse val.·. que fosse o nosso Pod.·. Ir.·. Floro Henriques quem relatasse a tése Iª. Tendo aquele Pod.·. Ir.·. escrito em fins de janeiro que se via na impossibilidade de fazer o relatorio pelas justissimas causas que apresentou, fui a esse val.·. mandado do Cons.·. da Ord.·. afim de resolver o assunto e foi resolvido por maneira satisfatoria; ficando encarregados do relato aquele nosso Ir.·. e o Pod.·. Ir.·. Fernando Lopes tendo nós assentado que no dia 1 de abril estariam as provas em meu poder e que, anteriormente á proporção que fossem escrevendo me iriam enviando o que houves-

pa. Em 17 do corrente escreveu o nosso Pod.·. Ir.·. Flaro Henriques dizendo que apesar de toda a boa vontade de ambos ainda não fôra possivel emitir nada sobre a tese e o fim é o ultimo periodo: « uma coisa, porem, posso "garantir: pa não poder emitir a minha tese, "terei elementos para me justificar perante os "nossos IIr.·.. »

Perfeitamente de acôrdo, mas o que não é possivel por forma nenhuma, e todos vem que fazer justiça, é deixar de apresentar o relatorio pelo qual as oof.·. vem insistido constantemente; seria, de parte do Maç.·. do Porto, que tem levantado obstaculos, uma razão para depreciar o meu modesto trabalho de organisação que eu, por amor á nossa Sup.·. Ord.·. tão comprovado, tenho exercido até ao sacrificio.

Peço-vos que junto aos nossos MM.·. Ir.·. Flaro Henriques e Dr. Fernando Lopes e mais alguem que julgardes conveniente, resolvam por forma a meu ofensa para ninguem, que o relatorio seja apresentado ou me permitam resolver com o nosso M.·. Ir.·. Presidente, por forma a apresenta-lo de maneira, que no Porto não possam dizer que houve desconto da parte da Comissão ou não providenciar.

Escrevendo com esta franqueza e since-

ridade, espero que os meus Pod.·. Ir.·. vejam com bons olhos o que eu não sei esclarecer melhor.

Se fôr conveniente a minha ida aí, peço-lhe o favôr de um telegrama para o Grémio dizendo apenas «<u>venha</u>»; em todo o caso peço para me não deixarem sem resposta.

Aceitai o abr.·. fraf.·.

O Secretario da Comissão Executiva — (a) Salvador José da Costa, 2o.·.

Nº. 243

Coimbra — 13 de abril de 1914.

Meu Irmão:

Sobre o assumpto de sua carta, em vista do receio manifestado, tencionava conversar com os VVen.·. das outras Loj.·. afim de se proceder a uma acção comum para assim dar mais força, indo aí uma comissão a Lisboa se assim se julgasse conveniente. Infelizmente, porem, de falhar-lhes, soube pelo Ernesto Donato que chegou no sabado de Lisboa e que estando no ministerio com o Bernardino, ele lhe disse sobre a igreja de Alhandra, que estivessem descançados porque era ponto assente

que a igreja de Alhandra era para os rebeldes e hereges de arte e o Salvador para os beatos; palavras dele.

Depois desta informação ainda falei com o Armando Gonçalves e o Mota sendo todos de opinião que não haveria prejuízos para receio em face de mais esta declaração.

No entanto, na próxima sessão, apresentarei á nossa Loj:. o assumpto, esperando que novamente se insista pela rapida solução do mesmo.

Saudações ao seu dispor, o seu Ir:. e am.º

(a) Cesar Diniz de Carvalho.

Nº. 244

Meu Amigo:

Tenho comunicar-lhe que a nossa Loj:. agravou que mais uma vêz fosse gracheado ao nosso Ir:. Bernardino Machado pelura a urgencia na solução definitiva da Igreja de S. João de Alhandra.

Aguardamos, pois, o resultado.

Seu Am.º e Ir:.

Coimbra — 19 - abril - 1924

(a) Cesar Diniz de Carvalho.

Nº. 245.

Meu Irmão:

Recebido o seu cartão de felicitações aos nossos II.·. cumpre-me o dever de, em nome do ⊡ agradecer a lembrança e interesse por uma aspiração tão justa e para a realisação da qual a nossa Loj.·. bastante concorreu.

Pena foi que só depois de lamentáveis acontecimentos se visse a necessidade de fechar esse antro [1] onde positivamente tomaram força e arrogancia para o que acaba de se dar; porque, apesar dos denunciados e falsas aparencias com que elas tentam afrontar o movimento, não resta duvida que ela foi acentuadamente de reacionarios e monarquicos e como tal de bandidos e cobardes, pois só assim se podem classificar homens que para mobino ou pretexto, para a mais pequena provocação, abriram de noite a gente indefesa, não olhando a sexo ou edade, bastando só a aparição dum vulto no meio da escuridão.

Resultados de inconfessaveis transigencias e excessivas condescendencias.

---

(1) Igreja de S. João de Alhandra.

Sempre ao seu dispôr o que é Ir.·. e Amigo

Coimb.ª — 6 de junho de 1914 (e.·. v.·.)

(a) Cesar Diniz de Carvalho.

Nº 246

A' Gloria da Maç.·. Universal

Gr.·. Or.·. Lusitano Unido.

Sob.·. Gr.·. Cap.·. de Cav.·. RR.·. ✠ ✠

Traç.·. ao Val.·. de Lisboa, 15 de julho de 1914 (e.·. v.·.)

Ao Cap.·. Portugal — Val.·. de Coimbra.

O Sob.·. Cap.·. tendo em atenção os serviços prestados pelo R.·. Ir.·. Cesar Diniz de Carvalho á nossa Aug.·. Ord.·. votou a sua elevação ao Gr.·. de Cav.·. R.·. ✠ ao abrigo do artigo 194 do Reg.·. Geral.

Saude e Fraternidade.

O Chanc.·. do Sob.·. Cap.·. — [Lugar do carimbo do Sob.·. Gr.·. Cap.·.]

(a) Proudhon (?) Cav.·. Ros.·. ✠

Nº 247.

Coimbra — 15 - agosto - 1914.

Ao deixar Coimbra, pesa-me deste meio para renovar os meus agradecimentos pela forma amavel como fui recebido e tratado por V.Exª. e aproveito a ocasião para oferecer o meu limitadissimo prestimo em Lisboa para o que necessitar.

Rua Luz Soriano, 5

(a) Francisco Luis Ramos.

Nº 248

Ao Ven.·. Mest.·. — S.·. e F.·. S.·.

Pelo nosso guarda ext.·. envio a correspondencia que Ir.·. nossos de ⊡ ⊡ dirigiram, pessoalmente me vossa entregue.

Como tenho de ir a Lisboa no proximo dia 3 de outubro, regressando no dia 12 do mesmo mês rogo-lhe a mesada de assinar a inclusa ordem de pagamento para as despesas nela inscritas. A importancia destinada ao Cp.·. Tesour.·. (40$00) será entregue por mim evitando-se assim despesas com a emissão e registo do vale.

Se alguma coisa precisar de lá, disponha sempre de quem o abraça e é amigo certo e dedicado

Coimbra, 25 de setembro de 1914

(a) Gil Pereira Gonçalves.

Nº 249

Apontamentos sobre a sessão do Cap.·. da Loj.·. Portugal em 22 de outubro de 1914.

Estiveram presentes: Nunalvares, presidente; Rodrigues de Freitas, Orad.·.; Brotero, 1º Vig.·.; Capitão Leitão, 2º Vig.·.; Abilio Roque, secret.·.; Marius e Danton.

Foi presente a pranch.·. de 24 de setembro, do Cons.·. da Ord.·. que nomeava o Ir.·. Ven.·. da Loj.·. Redenção membro honorário do mesmo Cons.·. nos termos do art.º nº 374 do Reg.·. Geral. O Presid.·. expôz que sendo o Ven.·. da Redenção (o Ir.·. Luis José da Mota) pessoa a quem não competiam essas honras e pessoa que não devia inspirar confiança a uma Loj.·. de velhos republicanos como era a Loj.·. Portugal, o Cap.·. deveria talvez pedir ao Cons.·. da Ord.·. para reconsiderar e tentar fazer ver ao mesmo corpo superior da Ord.·. que ha em Coimbra Ir.·.

que, pela sua idade, serviços á nosso Aux∴ Ord∴ e dedicação á Republica, deviam merecer mais a honra conferida. Acrescentou o Presid∴ que sabia que a escolha fôra insinuada pelo nosso Ir∴ secret∴ Gil Pereira Gonçalves o que reputava grave.

Falárom sobre o assunto os Ir∴ Rodrigues de Freitas, Abilio Roque, Capitão Leitão, Brotero e Marius que, mais ou menos foram de parecer que se acatasse a ordem superior e resolveu-se, por fim, submeter a pranch∴ á sanção da Loj∴ na proxima sessão.

Nº. 250.

Exmo. Sm. Piccienta

Coimbª. — 23 de outubro de 1914.

Quando da conversa havida hoje de manhã entre nós sobre a nossa Loj∴ eu expuz a tenção de talvez comparecer na primeira sessão ou a renovar o meu pedido de licença ou retomar os Trab∴ Isto supondo que o meu Amigo já tivesse determinado a convocação dos nossos Ir∴ para a reabertura dos Trab∴ da Loj∴.

Soube depois pelo guarda ext∴ que não havia recebido quaisquer ordens nesse senti-

do e por essa razão não posso eu fazer essa convocação porque a meu ver, só depois da reabertura dos Trab.·. e da Loj.·. tomar conhecimento da minha resolução, no caso de reassumir o lugar, eu poderei dar ordens.

E' isto o que me parece legal e por esse motivo entendo que a não querer o meu Amigo abrir os Trab.·. o deve fazer o 2º Vig.·. devendo por isso tomar ele conta da papelada em que me falou.

Desculpe a via de que me sirvo para esta, mas não me é possivel procura-lo hoje. Creia-me com toda a consideração o que se subscreve

(a) Cesar Diniz de Carvalho.

Nº 251

A R.·. Loj.·. Vulcano, nº 359 ... etc.

Nº 79 — Val.·. de Lisboa, 10 de novembro de 1914 (e.·. v.·.)

Envia á R.·. Loj.·. Portugal — Ao val.·. de Coimbra.

CC.·. e RR.·. II.·.

Desejando esta of.·. estreitar tanto possivel (sic) as suas relações de fraterni-

dade maç.: aclamou o nome do ober.: do ⊡ dessa Resp.: Of.: o Resp.: Ir.: Belisário Pimenta como seu verdadeiro garante de amizade nesse val.:

Muito honrada ela se julga com esse facto, certa de que lhe não recusareis emprestar o brilho da vossa representação.

Com as nossas melhores saudações ch.

O Ser.: — (a) Francisco Luis Ramos, gr.: 25.

[Junto, o diploma, com a mesma data, de garante de amizade].

Nº 252

Meu caro Belisário:

Coimbra — 11 - nov.º - 1914.

Tenho tido tanto que fazer que não tenho podido escrever-lhe tão mais tempo como era meu dever e meu grande desejo.

. . . . . .

O meu abraço não é correspondido tão grande como lhe deve parecer pois que só na passada 5ª feira, 5 do corrente, é que houve a 1ª sessão. Não houve na 5ª-feira 29 de outubro devido a um mal entendi-

do filho da minha ignorancia. Logo que recebi a sua carta e a papelada procurei o secretario e combinei com ele sessão para a 5ª feira seguinte (29 de outubro). Eu fiquei supondo que não era preciso mais nada para que ela se realisásse; ele julgou que eu fizesse a convocação ou desse as minhas instruções ao Melo.

Cheguei á Loj∴ e dei com o nariz na porta pois que ninguem tinha sido avisado.

Foi uma arrelia enorme que tive porq. nesse dia podia demorar-me o que não sucedeu no dia em que houve a sessão; abri esta e tive logo que entregar o math∴ ao José Gonçalves para vir para casa serrar até perto das 3 da madrugada. Soube o que lá se passou mas, como bem compreende, só por alto.

Não o posso, pois, informar como desejava, isto é, com conhecimento directo.

Parece que, quando foi da leitura da Branch∴ do Cons∴ da Ord∴ fazendo a comunicação que sabe[1] o Gil pediu a palavra sobre ela e leu á Loj∴ qualquer arrazoado expondo os motivos porque não tinha proposto o meu amigo e tinha sido forçado a propôr o Mota, terminando por pedir que a sua expo-

---

[1] Vide o doc.º nº 249.

sição ficasse na acta e dela fosse enviada
cópia ao meu Município.

O Sen.·. que, a essa altura era o Oliveira Marques disse, com aplauso da Loj.·. que não concordava que a coisa ficasse na acta. O Marques da camissaria deu uma fraca no Gil e parece que outros também lhe disseram que o procedimento dele tinha sido uma desconsideração para a Loj.·.

Parece que todos (segundo deduzi) acháram que a questão ficou liquidada não indo para a acta o arrazoado do secr. V.·. mas lhe dando esta comunicação alguma a este respeito. Parece que ele alegava em sua defesa não só os motivos que o Gandarez tinha dito mas os reforçava dizendo que o meu Ilus.· era barbaro facioso pois não perdia ocasião de dar vaia em tudo o que não fosse unionismo.

Pode-lhe parecer extranho (mas é a verdade) o dizer-lhe que tenho tido desejo de falar com o Oliveira Marques e colher dele impressões e informações, mas que não tenho tido ocasião para o fazer! Pois é verdade.

Preria mais ou menos o resultado e se a coisa assim continua não me agrada e procurarei ocasião de me safar.

Será raro ir, daqui em deante, as

sessões por causa do muito serviço que tenho mas mesmo que tal motivo não existisse, a raridade seria a mesma.

Creiè-me sempre, velho am.º m.to dedicado etc.

(a) J. C. Alves Sobral

Nº 253

Ill.mo Sm. Belisário Pimenta:

Desculpe a impertinencia, mesmo cá de longe. Como se pensou em reunir o Cap.·. da Loj.·. Portugal para ser conferido o gr.·. 7.º ao nosso Ir.·. Cesar Diniz de Carvalho conforme a ordem vinda de Lisboa, deparou-se com a falta da Franch.·. que veiu de Lisboa dirigida ao cap.·. para aquele gr.·. ser conferido; e como certamente V.Ill.ma se esqueceu de a cá deixar ou entregar, venho pedir-lhe para daí dar as suas ordens á pessoa que no cap.·. o substitue afim deste reunir sem que seja a pedido como aqui se pretende.

Eu e o Gandarez dirigimos-nos ao Ir.·. Gaspar dos Santos para ele fazer a convocação; ele ficou de nos dar a resposta e ontem diz não a fazer mas que a pedissemos

nós ao Dr. Costa Pereira ou a outro qualquer Ir.·. que no Cap.·. tenha lugar.

Espero, pois, que V.Exc. dará o devido andamento a este assunto como é de justiça.

Aqui estou ao dispôr de V.Exc. e sou, com toda a consideração, etc. etc.

27 – novemb.º – 1914

(a) Antonio Marques.

N.º 254

Meu Prezado Amigo:

Estimo a sua saude e faço votos para que esses ares democraticos de Castelo-Branco em breve se purifiquem.

. . . . . .

Como era logico, corremos com o Mota e por proposta minha fez-se sentir ao Cons.·. da Ord.·. que não tivessem sido ouvidas as Lloj.·. sobre aquela nomeação e que no val.·. de Coimbra havia velhos mmaç.·. com um velho passado de republicanos e de livres pensadores.

Isto, naturalmente, vai dar que falar pois o Cons.·. da Ord.·. é capaz de tudo e terá que ser mandado á m.... por alguns ooler.·. desta of.·. que julgavam que a prater-

nidade que se usava cá dentro não fosse de ponta e mola.

. . . . . .

Disponha sempre do seu amigo e correlegionario m.to am.o e obrig.do

Coimbra, rua das Covas, 27 — novembro — 1914.

(a) Eduardo Guerreiro.

N.º 255

A' Gl.·. da Maç.·. Univ.·.

Val.·. de Coimbra, 28 de novembro de 1914 (e.·. v.·.)

A Resp.·. Loj.·. Cap.·. Portugal — envia ao Pod.·. Ir.·. Ven.·. Belisario Pimenta.

C.·. e R.·. Ir.·.

Tendo esta Of.·. resolvido avisar pela 2ª. e ultima vês os Ir.·. devedores de joias e quotas a Loj.·. a entrarem com as respectivas importancias — sob pena de irradiação — e encontrando-se nessas circumstancias com o debito de 19$00 o Ir.·. Augusto Casimiro dos Santos que julgamos vos ter escrito sobre esse assunto, rogamos-vos, Pod.·. Ir.·. o favor de nos esclarecerdes se assim é

para não haver precipitação da nossa parte.

Agradecendo-vos a resposta, aceitai o nosso abr.·. frat.·.

Pelo Ven.·. (a) Cesar Diniz de Carvalho, gr.·. 7º C.·. D.·. ☩ — (Lugar do selo) — O Secret.·. (a) Egil Pereira Gonçalves, gr.·. 4º

Nº 256

Amigo e Sr. Pimenta:

Acabo de receber a sua carta e surpreende-me o teres-lhe escrito sobre a reunião do Cap.·. depois de eu lhes ter dito que, quem devia mandar reunir era o Dr. Costa Pereira e, não querendo ele tratar do assunto, seria o Oliveira Marques

Diziam que era para inteirar o Cesar no gr.·. 7º.

Perguntei quem tinha feito a acta e se tinham assinado o livro de presenças? Disseram que não e eu então disse que não tomava conta do cargo de secret.·. do Cap.·. ou por outra que não o reassumia sem haver outra reunião pois não estava resolvido a andar atrás de um e outro para assinarem o livro de presenças, tanto mais que não tinha assistido á reunião e

não sabia quem tinha lá estado e pelo mesmo motivo não assumia a responsabilidade da acta, isto é, de a fazer.

Aí tem o meu Amigo o que se passa comigo.

Porque se não dirigiram eles aos Ih.·. q. lhe indiquei?

. . . . . .

Seu amigo e obrig.do
Coimbra — 3 - dezemb.º - 1914
(a) Gaspar dos Santos

Nº. 257

A' Gl.·. do S.·. A.·. do Univ.·.
L.·. E.·. F.·.

Val.·. de Castelo-Branco — 8 de dezembro de 1914 (e.·. v.·.)

C.·. e R.·. Ir.·.

Venho rogar-vos a finesa de transmitir ao nosso Resp.·. ⊡ o meu desejo de que me seja concedido o atestado de quite pelo que me confesso reconhecido.

Com a maior consideração pela nossa R.·. Loj.·. peço tambem para transmitir a todos os Ih.·. da of.·. o meu abr.·. frat.·.

Saude e Fraternidade.

m.m.
34

Ao Resp.·. Ir.·. 1º Vig.·. da R.·. Loj.·. Cap.·. Portugal ao val.·. de Coimbra.

O Sen.·. — (a) Belisário Pimenta, C.·. R.·. ✠

Nº 258

Amigo Belisário:

Coimbra — 11 ÷ 12 — 1914

Recebi a sua carta de 30 do p.p. a que só agora respondo não só porque tem continuado o muito serviço e portanto a respectiva falta de tempo mas tambem porque, não tendo eu voltado ás sessões tive primeiro que me informar do que se tem passado.

Não foi isso tarefa muito facil e o que consegui saber não sei se será a expressão exata da verdade. Aí vai o que apurei.

Na sessão seguinte, depois da leitura da acta, na qual só se mencionava que tinha sido lida, entre outra correspondencia, uma Branch.·. do Cons.·. da Ord.·. notificando a nomeação do Mota (isto porque a Loj.·. deliberára que nenhuma alusão se fizesse na acta á discussão havida relativamente ao assunto) depois dessa leitura, dizia eu, pediu a palavra o Gaspar para pedir indica-

ções sobre o que se tinha passado relativamente a essa nomeação e obtidas elas, extranhou que o Cons.·. não nomeasse outra pessoa e que o Gil fosse indicar pessoa extranha á Loj.·.. Este quiz dar explicações e depois requereu, o que foi aprovado, que o assunto fosse dado para ordem do dia da sessão seguinte.

Nessa sessão foi, a requerimento do Marques da Camisaria, resolvido que não mais se discutisse o assunto ficando sem efeito a ordem do dia marcada.

Foi isto o que consegui apurar sabendo tambem que na primeira sessão varios censuráram o procedimento do Secret.·. havendo até quem se admire de ele se conservar no lugar depois do que lhe disseram na Loj.·. em plena sessão.

Sendo assim parece que não tem o am.º Belisário motivo aparente para pedir o seu atestado de quite, visto que o procedimento do secret.·. foi condenado pela maioria da Loj.·.

Eu sou dos que veem no procedimento tanto do secret.·. como mesmo no do Cons.·. da Ord.·. sectarismo politico mas reconheço tambem que a questão da Loj.·. é unicamente [redacted] com o primeiro, não se podendo repontar com o Cons.·. e ten-

do-se, portanto, de gramar o decreto. Quanto ao secret.·. como a Loj.·. não apoiou a sua maneira de proceder tambem me parece que não haverá motivo suficiente para retirada sem factos ulteriores que deem um motivo bastante. Pode ser que, se eu tivesse assistido ás sessões tivesse outra opinião. Pode ser tambem que a minha actual opinião seja devida ao facto de eu estar absolutamente alheado de ideias politicas partidarias sendo contudo um convicto republicano mais dificil talvez de andar para traz do que outros que se manifestam por uma forma algo radical...

Por aqui me fico (na epistola) e aqui fico (em Coimbra) ao seu dispôr como velho e dev.º amigo etc.

(a) José Soleral

Nº. 259

Amigo e Sr. Pimenta

Acabo de receber a sua carta que agradeço e a circular.

Visto ter o rascunho das actas (2 ultimas) em seu poder, é possivel que eu reassuma o cargo de secretario tanto mais que é urgente fazerem-se as eleições.

Sentimos que tenha pedido o seu atestado de quite e, particularmente, achava melhor que o meu am.º o retirasse, pois póde vir de um momento para o outro para aqui e depois como simples obr.·. visto que consegui que fosse eleito ven.·. o massadôr Ir.·. Oliveira Marques e em quem votáram democraticos, já ficáva á vontade.

Digo particularmente porque faço parte de uma comissão encarregada de lhe pedir oficialmente para o retirar.

Fará o que entender, mas era mais um que ficava para, deixe-me assim dizer, tirar a côr politica que lhe quiséssem dar.

Mostráram mesmo desgosto, com o seu pedido, alguns democraticos.

Os meus cumprimentos e mande o seu am.º etc.

(a) Gaspar dos Santos.

N.º 260

Meu Ex.mo Amigo:

Coimbra — 16 - dez.º - 1914.

Recebi a sua presada carta no sabado passado sentindo muito que ainda aí permaneça sem esperanças de sair desse desterro que co-

nheço muito bem. No dia 3 deste mês, depois de me ter informado com varios Ir.·. do modo como a Loj.·. resolveu a questão levantada pela nomeação do inspector, vigia (?) ou como lhe queiram chamar, mandei ao Ven.·. uma prancha em que lhe rogava que apresentasse á Loj.·. o meu pedido de atestado de quite.

Se a minha saude o permitisse, não sairia sem dizer aos Ir.·. da Loj.·. Portugal que ajudei a nascer e amparei em momentos dificeis, como ela antigamente respondia aos desmandos e atrevimentos dos corpos superiores.

Infelizmente não posso faze-lo e apesar da dedicação que lhe tenho não quero continuar lá pois afigura-se-me que, com o meu silencio forçado, por causas independentes da minha vontade, mesmo assim, tenho parte no que lá se resolva.

Já vê, pois, o meu amigo que não me devia causar admiração o que me diz na sua carta.

Isto vai muito mal e o pior é que os republicanos de sempre os que sempre se sacrificáram pela Republica, são hoje postos de parte pelos parvenus que apenas querem tratar de si e pouco se importam que ela vá bem ou mal desde que as suas exigencias sejam satisfeitas.

Se lhe pudér ser util, disponha com a maior franqueza do que se subscreve com estima e consideração am.º dev.º etc.

(a) Augusto da Costa Pereira.

Nº 261

Ill.mo Sr. Capitão

Estimo que esteja de saude e toda a sua Ill.ma Familia. Agradeço as atenções de V.Ill.ª e nunca esquecerei a forma por que sempre me tratou, e creia V.Ill.ª foi com desgosto que soube da sua resolução.

Não fui despedir-me de V.Ill.ª no dia da sua partida por não saber porque, caso contrario, tinha pedido licença ao meu chefe, queria dar-lhe um abraço de despedida mas só o soube ao outro dia pelo sr. Vasconcelos.

Agradeço os seus oferecimentos e não tenho duvidas de me utilisar deles se um dia precisar porque conto com um amigo (desculpe V.Ill.ª este tratamento mas V.Ill.ª autorisa-me a isso com o tratamento que me tem dado). Peço-lhe desculpa de só hoje lhe escrever pois recebi a sua carta no dia 21 (domingo) estive de cama todo o dia e ontem tambem, mas a razão não é só essa, é que

por muito grazioso a escrever o esse S. Exª.
que desculpará.

Creia-me sempre seu amigo de S. Exª.

Coimbra — 21-12-914

(a) A. Barros de Melo.

Nº. 262

Meu Exmº. Amigo e Sr.

Coimbra, 28 do 12 de 1914.

Muito estimo que V. Exª. tenha festas felizes e que goze boa saude.

Acuso a recepção da grazada carta de V. Exª. que muito reconhecido agradeço e vejo comprovar a boa amizade e primeira estima que sempre me dispensou e nunca esquecerei. As razões que levaram V. Exª. a pedir o seu afastado de ahi bem adivinho-as e creia que, se ainda lá me conservava era por causa de V. Exª. Agora pái, eu teria muito grazer em o acompanhar mas, infelizmente as minhas circunstancias pecuniarias bem me não permitiram por esperando pois devido á crise do trabalho e falta de saude, não tenho eu dia as minhas provas sendo-me quase rigorosamente impossivel pagar do grau.

Na ocasião em que possa sair com o atestado de quite, fa-lo-hei.

Faço votos para que não seja longa a permanencia de V.Ex.ª aí. E disponha de quem, conhecedôr do honrado e digno caracter de V.Ex.ª se assina com toda a consideração e estima

Velho e sincero amigo obriz.do

(a) Antonio Francisco Mendes Alcantara.

Nº 263

Ao Ir.·. Ven.·. da R.·. Loj.·. Vulcano, ao val.·. de Lisboa.

Val.·. de Castelo-Branco — 11 de janeiro de 1915 (e.·. v.·.)

Pod.·. e R.·. Ir.·.

Recebi, com muitissimo agrado, a vossa pranch.·. nº 79 de 14 de novembro do ano findo em que me era participado que a R.·. Loj.·. Vulcano me dava as honras, no val.·. de Coimbra, de seu garante de amisade.

Venho agradecer-vos tal honra, muito sinceramente, tanto mais que ela partiu de Ir.·. que eu não tenho o prazer de conhecer; peço-vos, porem, Pod.·. e R.·. Ir.·. que participeis ao vosso ⊡ que eu não posso aceitar a honra conferida por isso que ha cerca de

meu mês pedi, na minha of.·. não só a minha demissão de Ven.·. como também o meu afastado de mim.

Da mesma forma, porem, fica o meu reconhecimento; e desse reconhecimento, como da minha estima e consideração, eu desejaria que fosse por vós, Pod.·. e R.·. Ir.·. dado conhecimento a todos os Ir.·. do vosso ⊡ para meu peso, igualmente, o meu pinchero ab.·. frat.·.

E vós, Ir.·. Ven.·. aceitai os protestos da minha estima pessoal e da minha consideração do que me assino, ab.·. fr.·.

(a) Belisário Pimenta, p.·. 18°

N°. 264

Do Ir.·. 1° Vigil.·. da R.·. Loj.·. Capitular Portugal ao val.·. de Coimbra.

Val.·. de Carballo-Branco — 11 de janeiro de 1915 (e.·. v.·.)

C.·. e R.·. Ir.·.

Tendo recebido a franch.·. que junto vos envio[1], devo informar-vos de que enviei ao ⊡ da R.·. Loj.·. Vulcano os meus agradecimen-

---

[1] Era o doc.° n°. 251.

tos, dizendo, ao mesmo tempo, que não podia aceitar as honras que me conferiram por isso que pedi, na R.·. Loj.·. Portugal o meu atestado de quite.

Creio, porem, que a honra não era para mim mas tão somente para o ⊡ dessa Loj.·.; e por esse motivo vos envio a pranch.·. junta n.º 79 daquela oficina afim de que a R.·. Loj.·. Portugal possa, tambem, devidamente, agradecer.

Com a minha consideração, apresentai a nossos Ir.·. o meu ater.·. frat.·.

(a) Nunalvares, p.·. 18.º

N.º 265

Ao Pod.·. Ir.·. Belisario Pimenta

Comissionados pela Resp.·. Loj.·. Esp.·. Portugal, para junto de vós insistirmos para que retireis o vosso pedido de atestado de quite, vimos dar cumprimento a esse mandato, pedindo-vos com instancia, que atendeis á nossa solicitação, continuando a fazer parte do nosso ⊡ e honrando-nos com a vossa presença e com as vossas luzes, quando da vossa volta a este val.·.

Este nosso pedido é feito não apenas

pró forma, mas com toda a sinceridade e nele somos interpretes do sentir da nossa Resp.·. Loj.·. que muito pesarosa ficou quando tomou conhecimento da vossa pranch.·.

Esperando com anciedade uma resposta favoravel ao nosso desejo, apresentamos-vos os nossos cumprimentos e saudações e subscrevemos-nos com muita consideração e estima vossos Ir.·. e amigos muito dedicados

Coimbra, 13 de janeiro de 1915

(aa) Antonio de Oliveira Marques — Gaspar Santos.

Nº. 266

Coimbra — 13 - I - 915.

Ex.mo Sr. e meu Resp.·. Ir.·.

Reforçando o pedido feito na pranch.·. junta, espero que V. Ex.ª se digne atende-lo, o que me deixará muito satisfeito e reconhecido.

. . . . . .

Aguardo as ordens de V. Ex.ª subscrevendo me com muita estima

Cr.º ven.dor m.to grato

(a) Ant.º de Oliveira Marques.

N.º 267.

A' Gl.·. da Maç.·. Univ.·.
L.·. J.·. G.·.

Sall.·. de Coimbra — 5 de fevereiro de 1915 (e.·.v.·.)

A Resp.·. Loj.·. Cap.·. Portugal nº. 215 — ao-ria do Resp.·. Ir.·. Belisário Pimenta, C.·.D.·.
✠ — Castelo-Branco

C.·. e D.·. Ir.·.

Temos a honra de vos comunicar que es-ta of.·. reunida em sessão ord.·. de 4 do cor-rente, aprovou por aclamação a seguinte Proposta:
— Esta Of.·. reunida pela primeira vêz de-pois de ter conhecimento da atitude nobre e honrada tomada pelo obr.·. desse ☐ Belisá-rio Pimenta, perante o recrutamento mili-tar de 20 de janeiro ultimo, resolve lançar na acta um voto de louvôr a esse Resp.·. Ir.·. que, como os princípios da nossa solidariedade lhe deve ser manifestado. ——————

E', Pod.·. Ir.·. mais um acto de justiça a acrescentar aos muitos já realisados por es-ta Resp.·. Of.·. e que nós, como seus dignitá-rios, encarregados de o transmitir, muito gostosamente o fazemos.

Aceitai, C.·. Ir.·. o nosso aber.·. frat.·.

O Ven.·. — (lugar do selo branco) — (a) Antonio d'Oliveira Marques, C.·. R.·. ✠, 20º. — O Secret.·. — (lugar do carimbo da Loj.·.) — (a) Gil Pereira Gonçalves, gr.·. 4º.

Nº. 268

Lagos — 11 de fevereiro de 1915.

Meus caros Amigos e bons Ir.·.[1]

Antes de mais nada, muitas desculpas vos peço por não ter respondido logo á vossa amavel carta de 13 de janeiro findo; não foi menos consideração a falta de resposta, mas ela tão somente foi motivada pelos ultimos acontecimentos em que, a meu pesar, me encontrei envolvido.

Agradeço-vos penhorado a forma atenciosa e sincera por que tentais demover-me do meu proposito de afastamento de Ttrab.·. e, exatamente porque vejo a vossa sinceridade e amisade, julgo que não devo ocultar-vos a minha sincera maneira de pensar.

Já de ha muito pensáva em me reti-

---

[1] Resposta ao doc.º nº. 265.

nar da nossa Resp.·. Loj.·. e só não o fazia porque eu todos os II.·. que a compunham eu via atenções e provas de consideração que me compensavam do desgosto que tinha pela influencia bem visivel, embora talvez inconsciente, da politica profana nos nossos trab.·.

Por isso continuei á frente da nossa Resp.·. Loj.·. bastante contrariado, é certo, mas procurando equilibrar tanto quanto possivel as correntes contrarias que, uma vêz por outra, se procuravam chocar, e cujo choque me diz a consciencia eu evitei algumas vezes.

Ultimamente, porem, as cousas modificaram-se e eu vi claramente que não só a politica entrára nos nossos trab.·. mas que a minha presença era considerada como de pouca monta — razões mais do q. suficientes para eu me afastar.

Dois casos se deram que chegam para demonstrar o que digo: a elevação ao gr.·. 7.º do nosso Ir.·. Cesar Diniz de Carvalho que eu, por forma alguma, podia aceitar, e ultimamente o procedimento do nosso Ir.·. secret.·. para com a Loj.·. e especialmente para comigo que eu imaginei possivel de qualquer forma mas que a Loj.·. assim não entendeu, tanto mais que consistia no

lugar que ocupava. E' certo Plod.·. e RRerp.·. Ir.·. que nem todos pensam da mesma forma; mas tambem é certo que devemos respeitar as maiorias — e por isso eu me retiro.

Demais, meus Ir.·., a minha vida, ultimamente, tem sido tão cheia de desgostos e contratempos, tão cheia de imprevistos, que eu não sei se me deixarei ficar por aqui, neste Algarve bonançoso, em frente desta deliciosa baía onde a tranquilidade das aguas talvês me traga á minha agitada vida um pouco de tranquilidade que preciso. Eu sinto, cada vêz mais, a necessidade do afastamento; eu não sou, cada vêz mais me convenço, uma creatura capaz de andar onde anda muita gente; e que sitio melhor que este, em frente ao mar, sentindo que o mundo está longe, para um repouso de algum tempo, de muito tempo talvês, procurando a saude para o côrpo e saude para o espirito ?!

Desculpai, meus Ir.·. esta forma intima com que vos escrevo; mas os dois signatarios cuja amisade estimo e considero, não levarão a mal que eu assim entre em considerações meramente subjectivas.

Creiam que muito lastimo o não ace-

der aos vossos desejos; a vossa amisade talvês me devesse obrigar ao contrario; mas ha cousas a que não posso ceder — e essas são as que já referi e que eu não posso aceitar como correntes. Creiam que muito o lastimo — mas acreditai que este meu proposito é ainda uma prova de que me mantenho exteriormente em concordancia com o que penso.

De novo agradeço as vossas atenções todas e a boa e excelente vontade de me fazerem voltar a Arab∴ e de novo peço desculpa de não ter respondido á vossa carta — falta que, como disse, foi motivada pelos acontecimentos ultimos que por fim me atiráram até este extremo do país.

Afirmando a minha muita estima e consideração e renovando os meus agradecimentos, subscrevo-me etc. etc.

(a) Belisário Pimenta.

Nº. 269

(Para o Ven∴ da Loj∴ Aurora do Herminio, ao val∴ de Castelo-Branco).

Val∴ de Lagos — 22 de fevereiro de 1915 (e∴ v∴)

C∴ e R∴ Ir∴

Tomo a liberdade de vos pedir o favor de transmitir aos RR∴ Ir∴ que constituem o ⊡ da R∴ Loj∴ a que tão dignamente presidis a minha sincera saudação e o meu profundo reconhecimento.

Enquanto estive nesse val∴ eu só recebi de vós e de todos os Ir∴ que compõem a of∴ provas de muita estima e de muita consideração, provas que eu não esqueço e a que sempre procurarei fazer justiça seja em que campo fôr. Essas provas, porem, redobráram nos ultimos dias da minha permanencia em Castelo-Branco quando um lamentavel incidente me fez sair do val∴ duma forma tão violenta.

Não esquecerei tudo isso — e por tudo me confesso muito e muito reconhecido.

A vós, Ir∴ Ven∴ e a todos os Ir∴ da vossa Resp∴ Loj∴, sem excepção, eu envio o meu abr∴ de reconhecimento, abr∴ de bom amigo e de dedicado republicano que muito prazer teria em poder ser prestavel um dia se prestimo poderei ter em qualquer parte.

Creia-me, C∴ e R∴ Ir∴ amigo etc.

(a) Belisário Pimenta, p∴ 18º

N°. 270

A' Gl.·. da Maç.·. Univ.·.
L.·. I.·. F.·.

Val.·. de Coimbra — 25 de fevereiro de 1915 [lugar do selo branco] — (e.·. v.·.).

A Resp.·. Loj.·. Cap.·. Portugal n° 215 — Sob os auspi.·. do Gr.·. Or.·. Lus.·. Un.·. Sup.·. Cons.·. da Maç.·. Portuguesa — envia — A todos os maçons regulares. ——————

Atestado de quite n° 19.

CC.·. e RR.·. II.·.

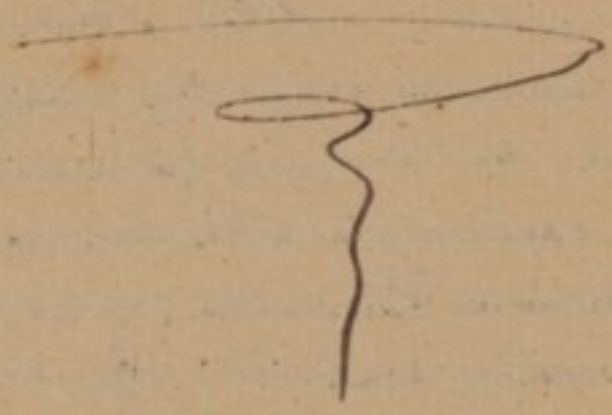
Nos oficiais da Resp.·. Loj.·. Cap.·. Portugal n°. 215 ao val.·. de Coimbra, fazemos saber a todos os que conhecem a V.·. L.·. que o nosso C.·. Ir.·. Belisário Pimenta, gr.·. 7, se acha quite com o cofre desta R.·. Ofic.·. e que cumpriu todas as disposições regulamentares até o dia 18 de fevereiro de 1915 em que se despediu deste quadro por lhe não ser possivel continuar a coadjuvarnos nos nossos trabalhos e que é digno da estima e consideração fraternal de todos os maçons. —

E para constar se passou o presente sem emendas ou rasuras e por nós assinado e selado. ——————

Traç.·. em Coimbra, aos 25 dias de feve-

fevereiro de 1915 (e∴ v∴) ——————

O Ven∴ (a) Antonio de Oliveira Marques, C∴ D∴ ✠ — O 1º Vig∴ (a) Cesar Diniz de Carvalho gr∴ 7º C∴ D∴ ✠ — O 2º Vig∴ (a) Manuel Neves Baraba, gr∴ 6º — O Orad∴ (a) Flaro Henriques C∴ D∴ ✠ — O Secret∴ (a) Gil Pereira Gonçalves, gr∴ 4º — O Tes∴ (a) Joaquim Pessoa dos Santos, gr∴ 6. — O Chanc∴ (a) Domingos Alvares da Cunha, gr∴ 6∴



Restos...

N.º 271

Coimbra, 23 de março de 1915

Meu presado am.º e Ir.·.

Julgo não ter ainda acusado a recepção da sua carta de 11 de fevereiro dirigida ao nosso Ir.·. Gaspar dos Santos e a mim, na qual V.Ex.ª não atendendo aos nossos rogos, por motivos que expõe e que nós acatamos, insiste pelo seu atest.·. de quite.

Como nos cumpria, demos conta da nossa missão junto de V.Ex.ª; e a nossa Resp.·. Loj.·., bem apesar dos Ir.·. presentes, resolveu mandar passar o atest.·. que aqui incluo assim como uma nota do seu debito até á data na importancia de esc. 3$10.

Tambem depois recebi a sua muito presada carta de 13 do mesmo mês. Dela destaco as felicitações que V.Ex.ª me envia pela minha eleição a Ven.·. da R.·. Loj.·. Portugal as quais agradeço, tendo-as como imerecidos favores que devo á sua boa amisade e á boa harmonia que entre nós sempre reinou como deve sempre haver entre

bons II.·. Posteriormente ainda, recebi enviada daí por V.Ex.ª uma circular do nosso Ir.·. Domingos Pires Barreira recomendando uma sua publicação "A Maçonaria e a Guerra".

E agora permita-me que lhe apresente as minhas desculpas e me justifique pela demora no envio do documento incluso.

. . . . . .

De V.Ex.ª Ir.·. ded.º e amigo muito grato
(a) Ant.º de Oliv.ª Marques

N.º 272

A' Gl.·. da Maç.·. Univ.·.
L.·. E.·. F.·.

Val.·. de Castelo-Branco, 9 de abril de 1915 (e.·. v.·.)

A R.·. Loj.·. Aurora do Herminio, n.º 374

C.·. e D.·. Ir.·.

Todos os II.·. desta Loj.·. a quem foi dado conhecimento da vossa prancha de 22 de fevereiro ultimo agradecem reconhecidos as vossas saudações e amaveis referencias, sentindo sobremaneira a vossa ausencia, e especialmente lamentamos a forma vio-

lenta e acintosa por que nos privaram da vossa companhia e fraternal colaboração.

Certos, porem, estamos, de que a intransigencia e justeza do vosso caracter serão em toda a parte uma honra para a Maçonaria, pelo que todos os Ih∴ desta Of∴ vos enviam o seu abr∴ frat∴.

Saude e Fraternidade.

O Ven∴ — (a) Francisco Guilherme de Castro.

Nº. 273

Presado Ir∴

E' com grande satisfação que acabo de ler nos jornais a sua reintegração no regimento 23, em Coimbra, donde em tempo foi afastado por perseguições.

Desejo que volte a ocupar o seu lugar de trabalho junto de sua familia e na cidade que lhe rende a mais justa consideração e estima.

Será tambem com prazer que o verei retomar o seu lugar e trabalho junto da Loj∴ Portugal da qual é um obreiro prestimoso e assim continue contribuindo para o engrandecimento e gloria da Ordem

e da Republica. Peço para aceitar o meu abraço fraternal com as provas da minha profunda estima e reconhecimento pelos seus serviços.

Lx.ª — 28 de maio de 1915

(a) Franc.º Luis Ramos ∴
do Cons.∴ da Ord.∴

Nº. 274

Meu caro Ir.∴

Lisboa — 27 - 7 - 915

. . . . . .

Mandei-lhe dizer pelo Maia Pinto para dizer ao Dr. Fernando Lopes que estou farto de escrever, mandar recados, cartas registadas, o inferno! sem que tenha sido digno de uma resposta, o que, dadas as circunstancias de parentesco... já não é aceitavel e nada justifica.

O assunto é o Congresso aí; o Cons.∴ não quere que se faça; mas é um erro e se daí teimassem com certeza se conseguia mas assim, sem responderem e sendo já tempo de tratar do assunto, é duro.

Se não queriam o Congr.∴ aí, para que fizeram por isso? Deixassem então que se

fizesse no Funchal. E em qualquer dos casos
pedia, ao menos, uma resposta.

. . . . . .

Seu Ir∴ amigo e obrig.do
(a) Salvador José da Costa.

UNIVERSIDADE DA MADEIRA BIBLIOTECA